



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE
E INCLUSÃO

ADRIANO PINHEIRO DE ANDRADE SANTOS

PROCESSO DE INCLUSÃO NO CINEMA: NARRATIVAS(AUTO)
BIOGRÁFICAS DE UM SURDO NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN

MOSSORÓ/RN
JUNHO - 2019

ADRIANO PINHEIRO DE ANDRADE SANTOS

**PROCESSO DE INCLUSÃO NO CINEMA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS
DE UM SURDO NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Linha de Pesquisa de Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ/RN

JUNHO – 2019

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S237p SANTOS, ADRIANO PINHEIRO DE ANDRADE
PROCESSO DE INCLUSÃO NO CINEMA:
NARRATIVAS(AUTO) BIOGRÁFICAS DE UM SURDO NA
CIDADE DE MOSSORÓ-RN. / ADRIANO PINHEIRO DE
ANDRADE SANTOS. - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO NORTE - UERN, 2019.
215p.

Orientador(a): Profa. Dra. ANA LÚCIA OLIVEIRA
AGUIAR.

Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. (AUTO)BIOGRAFIA. 2. NARRATIVAS. 3.
INCLUSÃO. 4. CINEMA. 5. SURDEZ. I. AGUIAR, ANA
LÚCIA OLIVEIRA. II. Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte. III. Título.

**PROCESSO DE INCLUSÃO NO CINEMA: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS
DE UM SURDO NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação. Linha de pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Prof.^a, Dr.^a, Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação

DEFESA DE DISSERTAÇÃO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr.^a Ana Lúcia de Oliveira Aguiar – PhD em Educação
Orientadora – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Avaliador Externo – Universidade Rural do Semi-Árido - UFERSA

Prof.^a, Dr.^a Dr.^a Normandia de Farias Mesquita Medeiros
Avaliadora Interna – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus, a luz do universo, o ser supremo que nos dá o dom da vida. Aquele que nos concede a chance, dia após dia, de nos tornarmos seres humanos evoluídos em busca de paz, justiça, igualdade, caridade e amor.

Obrigado, Senhor!

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai, Supremo de todo universo, responsável pelo sopro da vida que vive em nós. Pela força inesgotável da fé a qual nos enche de amor, esperança e perseverança. A luz eterna da bondade e da misericórdia. Amor interminável.

Aos meus irmãos, Denise, Frank, Jime, Luciana, Juliano, Marcele, Marla e Elis. Agradeço a Deus por ter a dádiva de ser irmão de vocês. Agradeço por tudo que fizeram por mim, pois eu sou parte de todos vocês e vocês fazem parte de mim.

Aos meus sobrinhos, Giovana, Alexander, Júlia, Alexandre e André.

A minha linda e amada Mãe Marina. Mestra divina de minha vida, força inspiradora de luz e amor. Abençoado seja seu ventre... Te Amo incondicionalmente. Que Deus te abençoe sempre.

A minha avó Etelvina (*in memoriam*), pelo amor insuperável, por tanta determinação, coração grandioso e que além de avó, foi minha outra Mãe. Agradeço a Deus por ter sido seu neto. Saudades eternas, Te Amo!

Ao meu Pai José Pedro, nosso Tatá (*in memoriam*). Exemplo de sabedoria e amor. Exemplo de sacrifício em favor dos filhos. Obrigado por tudo feito por nós, seus abençoados filhos. Deixou a semente do bem dentro de mim. Estará sempre comigo. Hoje mora nas estrelas. Um beijo do tamanho do universo. Te Amo, Cabeção!

A minha linda esposa Gabrielly, por seu companheirismo, sua dedicação, sua entrega, sua capacidade incansável de acreditar em mim. Pela inteligência e seu dom da palavra. Obrigado por seu amor. Amo-te para sempre!

As minhas filhas, Sofia e Aurora, a primeira pela sabedoria e ensinamentos, a segunda por iluminar o meu caminho como o nascer do dia. Amo vocês até os confins do universo.

A Minha indescritível orientadora, Prof^a Dr^a. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Por jamais desistir de mim. Pela capacidade que tem de transformar tudo ao seu redor, com o dom da palavra e amor. Agradeço pela contribuição acadêmica e humana. Obrigado por seu olhar, seu toque, seu abraço. Agradeço pelo amor fraterno com sua palavra - ora dura, ora amorosa - mas necessária. Obrigado por existir em minha vida. Amo-te, Aninha!

A minha querida amiga mestra Micaela. Sou grato por ter torcido sempre por mim. Agradeço pela contribuição na correção de meu projeto de pesquisa para entrada no Mestrado. Agradeço ao seu marido Gledson (Gleicinho) pela força e amizade sincera!

Aos Amigos e Amigas do mestrado, Charles, Euclides, Eliane, Francinilda e Silvana. Obrigado a vocês por tudo que fizeram por mim, jamais esqueerei. Cada um contribuiu para minha formação no Mestrado, bem como na vida. Grande abraço!

A minha tia Kika (*in memoriam*), minha terceira Mãe. Agradeço pelos ensinamentos, por ter feito parte de minha vida. Por me mostrar que, mesmo diante das adversidades da vida, sempre foi forte. Te amo para sempre!

Obrigado a Wiksendeles, pela amizade e por ter se tornado meu outro irmão. Agradeço por ter me ensinado como lutar diante das dificuldades da vida. Tenho gratidão a ti por me transformar a cada dia em uma pessoa melhor.

Aos amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memória, (Auto)Biografia e Inclusão (GEPEMABI). Pelas conversas e discursões pertinentes em prol da construção do conhecimento e o amor pela educação.

A Stênio, pela grande amizade, grandiosa proatividade e ajuda, por todas as vezes que solicitei. Abraço, amigo!

A Rita, intérprete de Libras, pela indispensável ajuda, sem ela não seria possível chegar até aqui. Nunca esquecerei! Abraço!

Aos professores e professoras do POSEDUC por todos os momentos de (auto)formação. Obrigado pela imensa bagagem de conhecimento que carregam com vocês e repassam com amor. Obrigado, UERN!

Às professoras da banca, Prof.^a Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim, Prof.^a Dra. Lia Matos Brito de Albuquerque e Prof.^a Dra. Normandia de Farias Mesquita Medeiros, Prof.^a Dra. Rosa Maria Barros Ribeiro, que de maneira grandiosa aceitaram participar da banca e contribuíram para minha aprendizagem e crescimento pessoal. Agradeço ao Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, que em dado momento do súbito afastamento da Profa. Dr.^a Lia Matos, por motivo de saúde, abraçou a nossa dissertação e aceitou ser parte dessa banca. Orgulho de poder contar com a presença de todos na construção de minha formação. Abraço Fraternal!

À Adiza pela atenção, profissionalismo, educação e sensibilidade de sempre. Agradeço pelas orientações da parte burocrática e a inesgotável paciência. Obrigado.

A todos que de forma direta e indireta torcem por mim e auxiliam na caminhada da vida. Amigos e amigas, muito obrigado!

RESUMO

As questões sobre o respeito em relação ao outro é compreendida como indispensáveis para redefinir as prioridades essenciais da sociedade. Os valores efêmeros atrelados à ideia de que existe uma superioridade de seres humanos sobre outros deve dar lugar ao apreço a ideia de igualdade e respeito. As pessoas com deficiência, existentes na sociedade, buscam por direitos iguais, onde prevaleçam equidade e justiça e a participação inclusiva no meio social. O direito de participação dos surdos na sociedade está garantido pela Lei Brasileira de inclusão/LBI, Nº 13.146/15, na qual o sujeito com deficiência auditiva tem o amparo da lei para frequentar, participar, usufruir, com direito de ir e vir, em quaisquer espaços sociais. Da mesma maneira, em ambientes de diversão e lazer, tal como, espaços de música, teatro e cinema. Essa pesquisa visa, como objetivo geral, compreender como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema, centrado na história de vida de um sujeito e é norteadada pela pesquisa (auto)biográfica de pesquisa. Em filmagem, foram realizadas sessões (auto)biográficas com um surdo, peça central da pesquisa, e seus familiares. A fundamentação teórica foi norteadada em Levi-Strauss (2011), Josso (2010), Freire (1987, 2002), Halbwach (1990), Geertz (1989), Brandão (2007), Gil (2008). As narrativas baseadas na vida do sujeito surdo buscaram ressignificar momentos que permaneceram, por algum motivo, inativos em algum lugar de sua mente. As dores, as angústias, as superações e alegrias, proporcionaram uma reconstituição de uma versão do “eu” mais destemido e com objetivo de enfrentar os percalços da vida ancoradas nas vicissitudes apresentadas em seu caminho. A capacidade de se reconstruir, dia após dia, partiu do despertar da condição de oprimido e da decisão de refazer o rumo de sua vida. Na autoformação construída no processo de autoconhecimento foi possível propiciar uma nova maneira de enxergar as oportunidades do mundo ao redor e ao mesmo tempo trabalhar o protagonismo que existe no íntimo do indivíduo.

Palavras-Chave: (Auto)biografia. Narrativas. Inclusão. Cinema. Surdez.

ABSTRACT

The issues of respect for each other are understood as indispensable to redefine the essential priorities of society. The ephemeral values attached to the idea that there is a superiority of human beings over others should give rise to the appreciation of the idea of equality and respect. People with disabilities, existing in society, seek equal rights, where equity and justice prevail and inclusive participation in the social environment. The right of the deaf to participate in society is guaranteed by the Brazilian Inclusion Law / LBI, No. 13,146 / 15, in which the hearing impaired subject is protected by law to attend, participate, enjoy, with the right to come and go, in any social spaces. In the same way, in environments of amusement and leisure, such as, spaces of music, theater and cinema. This research aims, as a general objective, to understand how the process of inclusion of the deaf in the cinema, centered on the life history of a subject occurs and is guided by the (auto) biographical research of research. In filming, biographical (self) sessions were conducted with a deaf person, the research centerpiece, and their relatives. The theoretical basis was guided by Levi-Strauss (2011), Josso (2010), Freire (1987, 2002), Halbwach (1990), Geertz (1989), Brandão (2007) and Gil (2008). The narratives based on the life of the deaf subject sought to re-signify moments that remained, for some reason, inactive somewhere in their mind. The pains, the anguishes, the surpasses and joys, provided a reconstitution of a version of the most fearless "I" with the purpose of facing the mishaps of life anchored in the vicissitudes presented in its path. The ability to rebuild, day after day, began from the awakening of the condition of the oppressed and the decision to remake the course of his life. In the self-training built up in the process of self-knowledge it was possible to provide a new way of seeing the opportunities of the world around and at the same time working the protagonism that exists in the intimate of the individual.

Keywords: (Auto)biography. Narratives. Inclusion. Movie theater. Deafness.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Passeio em família na cidade Tibau/RN.....	34
FOTO 2: Feira de ciência no Colégio Vasconcelos.....	39
FOTO 3: Quadrilha Estilizada Pedra Cristalina.....	41
FOTO 4: Dia da colação de grau – UERN.....	42
FOTO 5: Juramento, colação de grau.....	45
FOTO 6: Passeio em família no bairro Bom Jesus.....	51
FOTO 7: Filmadora Super 8 e projetor do meu pai.....	52
FOTO 8: Casamento dos meus pais.....	55
FOTO 9: No trabalho - TCM.....	59
FOTO 10: Ilustração do Livro dos Espíritos.....	61
FOTO 11: Lucas Agostinho - documentário.....	63
FOTO 12: Alunos do POSEDUC na gravação do documentário.....	64
FOTO 13: Vovó Etelvina.....	68
FOTO 14: Minha tia Kika, sentada entre meus irmãos.....	69
FOTO 15: Wiksendeles de Souza Santos.....	71
FOTO 16: Eu e meus irmãos.....	73
FOTO 17: Casa de Jorismar, Sítio Campanha, Campo Grande /RN.....	82
FOTO 18: Wiksendeles brincando com a “baladeira”	85
FOTO 19: Wiksendeles durante a entrevista.....	89
FOTO 20: Wiksendeles em contato com as mídias sociais.....	98
FOTO 21: Wiksendeles e seu pai, Antônio dos Santos “Custela”	102
FOTO 22: Wiksendeles na construção de uma barraca. Sítio Campanha, Campo Grande/RN.....	105
FOTO 23: Confraternização. Primeiro módulo de Libras.....	111
FOTO 24: Wiksendeles com sua prima Gabrielly e sua tia Azenilda.....	114
FOTO 25: Sítio Campanha, Campo Grande /RN.....	126
FOTO 26: Time de Futsal da Associação de Surdos de Mossoró.....	129
FOTO 27: Aula do curso de LIBRAS, no CAS Mossoró. Atividades da comunidade surda.....	130
FOTO 28: Entrevista com Wigna de Souza Santos, irmã de Wiksendeles.....	144
FOTO 29: Wiksendeles, sua mãe Maria Clara e sua irmã Wnara Souza, durante as entrevistas.....	145

FOTO 30: Wiksendeles, durante a festa de sua sobrinha, Alice, com amigos surdos.....	147
FOTO 31: Datilologia ou Libras do nome Wiksendeles.....	148
FOTO 32: Ações da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN.....	160
FOTO 33: Wnara de Souza Santos, irmã de Wiksendeles, durante sua narrativa.....	162
FOTO 34: Wiksendeles em família. Segundo dia das narrativas.....	164
FOTO 35: Sítio campanha. Campo Grande/RN.....	166
FOTO 36: Árvore, Sítio Campanha – Campo Grande/RN.....	173
FOTO 37: Momento de afeto e carinho de Wiksendeles com sua mãe.....	178
FOTO 38: Wiksendeles durante a sessão de entrevistas.....	181
FOTO 39: Cinegrafia, minha outra paixão.....	186
FOTO 40: Wiksendeles, sessão de entrevista.....	187
FOTO 41: Sítio Campanha. Lugar de infância.....	189
FOTO 42: Sítio Campanha. Zona Rural de Campo Grande/RN.....	192

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADVM	Associação de Deficientes Visuais
ANCINE	Agência Nacional de Cinema
APAE	Associação de pais e Amigos dos Excepcionais
ASMO	Associação de Surdos de Mossoró
CAS	Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CONSUNI	Conselho Universitário
CORDE	Coordenadoria de Educação Especial
DAIN	Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas
DER	Departamento de Estradas e Rodagens
DNER	Departamento Nacional de Estradas e Rodagens
FAFIC	Faculdade de filosofia e Ciências Sociais
FURRN	Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte
FE	Faculdade de Educação
IFRN	Instituto Federal do rio Grande do Norte
INES	Instituto Nacional da educação de Surdos
LIBRAS	Lei Brasileira de Inclusão
LSE	Legendagem para Surdos e Ensurdecidos
MEC	Ministério da Educação
NAEIN	Núcleo de Assistência a educação Inclusiva
NEPAE	Núcleo de Estudo Pesquisa e Extensão Sobre Pessoas com Necessidades Especiais
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
ONU	Organização das Nações Unidas
POSEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação

PROEG	Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
PROPEG	Pró-Reitoria de Pesquisa
TCM	Tv Cabo Mossoró
UERN	Universidade do Estado do Rio do Grande do Norte
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido
VHS	Home Video System

SUMÁRIO

O FILME DE NOSSAS VIDAS: RESQUÍCIOS DE MIM E DE UM SUJEITO SURDO.....	16
1. CONHECER A MIM: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE UMA VIDA.....	29
1.1. Meu senso de igualdade: o autoconhecimento a partir do entendimento do outro.....	33
1.2. Uma projeção lançada na parede: uma história de memórias, vivências e formação.....	49
1.3. Meus questionamentos do mundo: o desenvolvimento de uma personalidade inacabada diante do mundo real.....	59
1.4. Aceitação do “eu” como ponto de partida, norteado pelo estudo (auto)biográfico.....	65
2. SURDO, MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS. (AUTO)BIOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE AUTOCONHECIMENTO E INCLUSÃO.....	75
2.1. Entendendo-se a si mesmo como sujeito surdo.....	77
2.2. Barreiras atitudinais no seio familiar vencidas pela capacidade de Autoconhecimento.....	95
2.3. Busca do autoconhecimento a partir da (auto)biografia: a descoberta do eu.....	108
2.4. Despertar do sujeito da condição de oprimido: primeiro enfrentamento do mundo.....	120
3. PROCESSO DE INCLUSÃO DO SURDO NO CINEMA: AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA.....	134
3.1. Relação passado e presente: trajetória cinematográfica de um surdo.....	139
3.2. A Lei Brasileira de Inclusão é um bem necessário: chão, caminho, esperança.....	154

3.3. Uma tela expandida a sua frente: dura realidade, mera ficção.....	172
3.4. Do <i>plongée</i> ao contra- <i>plongée</i> : o melhor filme de sua vida.....	185
 A HISTÓRIA DE UM FILME SEM OS CRÉDITOS FINAIS.....	 202
 REFERÊNCIAS.....	 213

O FILME DE NOSSAS VIDAS: RESQUÍCIOS DE MIM E DE UM SUJEITO SURDO¹.

Durante o crescimento de nós mesmos como sujeito social, passamos por vários momentos que nos proporcionam escolhas, as quais devemos seguir. A compreensão de cada lapso de tempo de nossas vidas nos propicia a união desses vários instantes que se interligam e começam a fazer sentido, no entanto isso acontece quando nos atrevemos a olhar para o passado e rebuscamos coisas as quais deixamos lá atrás por algum motivo. A ousadia de entender aquilo, antes não compreendido, é fazer o passado ressignificar o entendimento do nosso presente. Uma missão difícil, embora não impossível.

No decorrer de meus primeiros anos de existência, me deparei com uma família de muitos irmãos. Essas interações com diversas pessoas, desde pequeno, me provocaram várias sensações. Ao mesmo tempo em que estava arrodado de informações, decorrentes de várias personalidades diferentes, também me sentia protegido e representado pelos meus irmãos mais velhos. Posso afirmar que minha formação é dotada de vários conceitos, vindos de diversas partes e, com o passar do tempo, moldei-os de acordo com a construção de minha personalidade. Apesar de muitas influências e opiniões divergentes, tratei de acoplar a mim apenas o essencial para minha construção pessoal. Estilos, gostos, escolhas, foram transformados com base numa aceitação definida pelo meu caráter, no decorrer dos anos de minha vida.

Nesse momento, inicio minhas palavras com relação ao trabalho aqui apresentado e reconheço o quanto nada escrito até esse instante não seria possível sem a pesquisa (auto)biográfica. Embora tenha o conhecimento acerca de minha história de vida, a organização de todos os “retalhos” que compõem minha existência foi responsabilidade da metodologia (auto)biográfica de pesquisa. Sabemos por que passamos na vida, porém não entendemos os motivos. As dores, as angústias, alegrias e tristezas são decorrentes de escolhas as quais fazemos e o retorno que a vida nos dá. Entendo isso agora, graças a (auto)biografia, responsável por me dar o suporte inicial para o meu caminhar durante a pesquisa.

¹ Essa presente dissertação objetiva compreender como ocorre o processo de inclusão de surdo, no cinema, na cidade de Mossoró/RN, a partir de narrativas (auto)biográficas, baseadas na vida do sujeito Wiksendes de Sousa Santos, objeto central desse trabalho. Com base nas histórias de vida do sujeito, narradas nas linhas desse trabalho, as narrativas nortearam a compreensão de como ocorre a inserção do surdo no cinema. Desse modo que entendemos, essa pesquisa expande um leque de possibilidades para futuros questionamentos acerca do processo de inclusão do sujeito surdo no cinema.

A compreensão de minha vida significou o ponto inicial desse trabalho de pesquisa. Intitulado por **Processo de Inclusão no Cinema: Narrativas (auto)biográficas de um Surdo na Cidade de Mossoró/RN**, essa dissertação traz como objetivo, compreender, a partir de narrativas (auto)biográficas, o processo de inclusão de surdos no cinema na cidade de Mossoró/RN. Esse tema surge de uma necessidade de compreender como esse processo ocorre, pois o sujeito central dessa pesquisa comunga da mesma indagação quanto a inserção do surdo no cinema.

Antes de adentrarmos na história de vida de Wiksendeles, sujeito dessa pesquisa, é relevante fazermos uns parênteses sobre a viabilização desse trabalho, no que diz respeito a condução dos estudos do mesmo. Diante da busca por compreendermos os objetivos da pesquisa, trazemos o consentimento legal do estudo, através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, resolução 510/16.

A resolução 510/16 traz em seu bojo um aparato de atribuições legais que condicionam os caminhos da pesquisa científica no sentido justo, ético e com respeito à liberdade humana, em particular, dos sujeitos envolvidos de maneira direta no decorrer da pesquisa.

Durante todo o desencadeamento dos caminhos da pesquisa, os sujeitos foram esclarecidos, de maneira devida, sobre todas as possíveis vertentes que surgiram durante essa dissertação, traçadas desde o início e no decorrer dos trabalhos. De acordo com a resolução 510/16, deve-se garantir aos sujeitos da pesquisa toda liberdade de pensamento, de opinião e o direito de opinar e decidir o que entra ou sai da dissertação ao longo da pesquisa. Do mesmo modo, todas as dúvidas dos envolvidos no trabalho, devem ser esclarecidas para não ocorrer problemas ou danos aos sujeitos partícipes da dissertação e por consequência não trazer impasses na concepção da pesquisa científica.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido traz, de modo explícito, que os objetivos e os procedimentos utilizados na pesquisa devem conter o detalhamento dos métodos a serem utilizados, informando cada detalhe da participação dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Frente a isso, o nosso trabalho de pesquisa explicita ao sujeito central dessa pesquisa todos os caminhos e metodologias aplicadas nesse trabalho científico.

Ratificamos que o sujeito surdo, Wiksendeles de Sousa Santos, personagem central dessa presente pesquisa, bem como seus familiares, estão cientes desde o início dessa dissertação sobre os possíveis desdobramentos e caminhos desse trabalho. Foram garantidas de forma diplomática e amigável, os direitos de liberdade de expressão dos

participantes, assim como o consentimento de utilização de sua imagem e falas de suas narrativas para a concepção das páginas da dissertação. Da mesma maneira, asseguramos o direito de controle de sua fala e imagem contidas nessa pesquisa, ao garantir o direito do que entre ou sai do conteúdo desse trabalho de pesquisa.

Toda construção do presente trabalho segue as normas contidas no Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, resolução 510/16. Assim, a busca de uma harmonia entre os sujeitos da pesquisa e o trabalho dissertativo são essenciais para que sigamos o melhor caminho para um respeito mútuo entre pesquisadores e objeto de pesquisa. A garantia de estarmos na direção certa do objetivo traçado depende da consonância entre os objetivos do trabalho de pesquisa e o desenvolver de uma metodologia científica amparada nos dispositivos legais. Ambos, metodologia e objetivos, são elementos indispensáveis na pesquisa e devem ser norteadas na ética e na garantia dos direitos humanos, de modo que não fira princípios e o livre direito de pensamento.

Ao retornar à explanação da apresentação dessa dissertação, após enfatizar a resolução 510/16, é primordial seguir os passos, ancorados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido, a fim de legitimar as linhas produzidas nesse trabalho e também assim como as situações narradas pelo sujeito de nossa pesquisa. Como veremos a seguir.

Wiksendeles² de Sousa Santos, sujeito surdo, dentre vários outros deficientes auditivos, o qual tive o prazer de conhecer desde que iniciei o meu relacionamento com minha esposa, Gabrielly Thiciane dos Santos, prima de Wiksendeles. Essa aproximação entre mim e Wiksendeles, significou o surgimento de uma grande amizade, pois em pouco tempo o considerei como mais um irmão em minha vida. Em cada momento nosso de conversa, eu me inteirava com fatos da vida de Wiksendeles e assumia, aos poucos, suas angústias e suas lutas diante de uma sociedade que parecia funcionar para os ouvintes e insistia em restringir a participação dos surdos de alguma forma. Essa afirmação feita, mesmo radical, decorreu de uma primeira impressão da exclusão social das pessoas com deficiência por parte da sociedade. É evidente que em um dado momento construí uma nova visão com base numa diferente interpretação dos fatos.

² Nome de batismo do sujeito da presente pesquisa. Este nome foi dado por Azenilda Maria da Conceição, tia de Wiksendeles, na tentativa de criar um nome o qual se assemelhasse com as iniciais de suas irmãs, Wigna e Wnara. Dessa forma, fez uma lista de nomes e diversas combinações. No experimento de vários nomes, surge “Wiksendele”. No entanto, no momento do registro, a mãe do sujeito da pesquisa, Maria Clara acrescentou o “S”, assim, surge o nome Wiksendeles.

Percebi o quanto não estou aqui para julgar a sociedade, mas para interpretar o que acontece na mesma e, com base nessas novas impressões pessoais, auxiliar na inclusão das pessoas com deficiência no meio social.

O equilíbrio o qual adquiri durante o processo de construção desse trabalho – em que representou a passagem de um eu revoltado com a realidade surda para um novo “eu” resolvido a apaziguar os ânimos – propiciou um momento ímpar do meu íntimo. É como tivesse surgido outra versão de mim, com sede de luta, porém com artifícios diferentes forjados no amor, na paz e no poder da palavra. A responsabilidade de ter surgido esse derradeiro “eu” foi da pesquisa (auto)biográfica, pois sem ela a interpretação da minha história de vida jamais seria possível, pelo menos da maneira como aconteceu. A harmonia interior do meu ser fez com que eu pudesse olhar com sensibilidade a história de vida de Wiksendeles. Ajudei-me para poder ajudá-lo.

Foi essencial um novo recomeço de mim para dar partida tanto a minha vida, quanto a minha interpretação da existência de Wiksendeles. Mas como entender a busca do passado como forma de compreensão do presente? O passado nos dá o suporte para interligarmos o início da nossa história a nossa vida atual. Afinal, não somos ninguém sem o passado. Renegar o que fomos é abdicar o que somos hoje no texto e no contexto de nossas vivências e experiências.

A minha ligação com Wiksendeles não foi por acaso, logo quando me reconstruí, encontrei a ligação entre mim e Wiki³. A minha empatia com a história do sujeito dessa pesquisa data mesmo antes de Wiksendeles ter nascido. Quando fiz usufruto da metodologia (auto)biográfica percebi de maneira despretensiosa como minha tia, Maria Pinheiro da Silva, carinhosamente chamada de Kika, era uma peça fundamental do encaixe do quebra-cabeça de minha vida. Pessoa surda, assim como Wiksendeles, passou por momentos difíceis na vida. Acometida pelo sarampo na infância, sua audição foi comprometida no decorrer da vida e, de forma gradativa, perdia a capacidade de ouvir.

Apesar de vivermos um momento de avanço para pessoas com deficiência, garantido pela constituição de 1988, a Lei Brasileira de Inclusão, LBI, nº 13.146/15, apenas inicia a sua construção em 2002 e sua validação em 2015. A realidade que a lei propiciou ocorre contemporânea a minha tia. Lembro-me das dificuldades que Kika atravessou ao longo de sua jornada. A aceitação própria de sua condição surda mexia

³ Abreviação do nome de Wiksendeles. Forma carinhosa usada, por parentes e amigos.

com seus ânimos e da mesma forma com sua perspectiva de vida em relação ao enfrentamento da sociedade. Apesar de minha tia transparecer felicidade, na maioria dos momentos de sua existência, demonstrava também muita preocupação diante de uma realidade dura e que, por vezes, desfalecia. Ao notar isso, a família dia após dia estava ao lado dando a força necessária para Kika encarar os percalços da vida.

É evidente que durante a construção desse trabalho, ao me reencontrar com minha história, pude compreender muitas passagens de minha vida as quais não conhecia. Embora seja parte de mim, pareciam distante os acontecimentos de minha infância. Estavam guardados em algum lugar de minha cabeça onde eu não conseguia encontrar. Minha “regressão” ao meu passado, através da “máquina do tempo” da metodologia (auto)biográfica, aproximou a mim a minha história. E assim eu me compreendi melhor. Desse modo, pude entender com mais propriedade as variantes e caminhos de minha vida. Isso foi providencial para compreender que Kika e Wiksendeles estão interligados e não se mostram possíveis de separar um do outro. O contexto de vida de ambos foi distinto um do outro, porém a luta por inclusão na sociedade se mostrava semelhante. Cada realidade se mostrou específica dentro de uma época, em uma sociedade e com armas existentes em cada momento histórico.

É essencial não só compreender a vida de Kika e Wiksendeles, mas também é preciso fazer uma leitura do contexto social. O que está ao redor do sujeito explica o contexto do indivíduo e a localização como ser humano perante a sociedade. Ninguém vive sozinho na vida sem influências de uma conjuntura que o circunda. Dessarte, não podemos construir um trabalho de dissertação sem buscarmos teóricos embaixadores durante a pesquisa. Dentro dessa ótica, trouxemos para a pesquisa Halbwachs (1990). O autor nos mostra como se torna essencial a influência da coletividade na construção de nossa história de vida. A ideia de Halbwach consiste na afirmativa de que a memória individual existe sempre e a partir de uma memória coletiva, logo todas as lembranças são construídas dentro de um grupo específico. Desse modo, ao trazer essa ideia para o trabalho, pude entender, tanto minha vida quanto a vida do sujeito dessa pesquisa: Wiksendeles. Esse norte guiado pela ideia de Halbwachs me fez atentar para a noção de quanto significativo é a coletividade na construção de uma memória, pois ela só existe a partir de diversas outras lembranças. Diante desse motivo, encontrei em Wiksendeles muito de minha tia Kika e, assim, pude perceber o quanto as duas histórias são indissociáveis.

Antes mesmo de procurar o entendimento da vida de Wiksendeles, pensei o quanto era necessária uma compreensão antropológica do que antes ocorrera com as pessoas com deficiência na sociedade. Fiz esse questionamento a mim mesmo “como falar de um sujeito surdo sem antes entender sua condição na sociedade bem antes de nossa atual realidade?”. Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, minha orientadora e também antropóloga, agiu rápido e foi enfática “É importante que se entenda a conjuntura. Não podemos falar do hoje sem entendermos o ontem”.

Assim, em minhas leituras, me deparei com uma afirmação de um autor e antropólogo Levi-Strauss (2011, p.28) “as sociedades são feitas para mudar, é o princípio de sua estrutura e funcionamento”. Frente a esse pensamento, por decisão conjunta entre mim e a minha professora, estabelecemos Levi-Strauss como um dos autores dessa dissertação. Essa afirmação do autor nos remete a diversas ideias para uma construção de um pensar direcionado a inclusão. É motivador quando ouvimos que a sociedade, em sua estrutura, é feita para mudar, porque insinua, a meu ver, o quanto nós somos responsáveis por essas mudanças. Por isso, se em algum momento histórico a pessoa com deficiência não foi incluída na sociedade, hoje podemos ser a base estrutural dessa mudança, através de um repensar sobre inclusão e por meio de uma reeducação direcionada através de uma incansável discussão sobre inclusão no nosso dia a dia.

Quando nós reconhecemos os erros em nossas escolhas e atitudes, vislumbramos um presente com um novo olhar em relação ao próximo. Esse olhar sensível ao outro deve prevalecer em todas as nossas decisões, pois a sociedade não está estruturada para incluir só uma parcela do corpo social, e cada um que vive e procura seu espaço ao sol. Nossa missão como ser humano é lutar por uma sociedade mais igualitária e com equidade. Podemos iniciar esse processo com um despertar perante a vida e que nos dê a noção de estarmos dentro de um sistema social condicionado às amarras e vícios e que propiciam um desequilíbrio arrebatador entre os indivíduos da sociedade. Existe uma vida a qual vivemos e outra vida que desconhecemos. Ao acordarmos para uma nova fase de consciência, percebemos como a vida que vivemos anterior a nossa nova consciência é dotada de distorções e isso nos condiciona a nos conformarmos com a condição de vida imposta por uma sociedade dividida e hierarquizada. Diante dessa realidade, trazemos Freire (1987) e sua ideia de que vivemos em uma sociedade de pessoas opressoras e outras oprimidas, e só podemos perceber através de um despertar condicionado por outros indivíduos libertados antes.

Igualmente, esse pensamento de Freire (1987) está ligado de maneira intrínseca a causa da inclusão social. Mesmo que Freire (1997) não tenha escrito a sua obra, também direcionada à causa da inclusão de pessoas com deficiência, seu pensamento permeia em outras esferas, por estar contido na luta pela condição de despertar as pessoas oprimidas, diante de uma sociedade com a existência de opressores como o autor enfatiza em sua obra “Pedagogia do oprimido”. Assim como muitos de nós que vivemos na condição de oprimidos e podemos despertar para outro estado de consciência, as pessoas com deficiências também estão aptas a acordar do estado inerte em que vivem. Inerte porque carregam, por muitas vezes, a ideia de que não são capazes de ser ou fazer além dos limites a eles impostos pela sociedade.

Ao chegarmos para Wiksendeles para iniciar esse trabalho, nosso objetivo além *de compreender como acontece o processo de inclusão do surdo no cinema*, agrega outro objetivo, que também não está nos objetivos específicos e que, aqui, denomino objetivo “periférico”, pois é o de emergir o sujeito da pesquisa como um ser capaz de perceber sua relevância na sociedade. À procura por uma compreensão da vida de Wiksendeles, percebemos uma extensão da vida de outras milhares de pessoas com deficiência ou não. A história retratada aqui se expande até a pessoa mais comum, em um canto mais longínquo de nosso país, seja pessoa com deficiência ou não. Assim como representa o grito de toda uma comunidade surda em busca de uma inclusão social, por vezes lhes é tirada e, por lei, é seu direito.

É essencial frisar que ao chegar ao sujeito dessa pesquisa, tínhamos convicção da capacidade que tinha como potencial a bandeira de luta para toda uma comunidade. A vida lhe impôs diversos obstáculos os quais serviram para aprendeu a saltar com suas próprias forças e motivadas pelo apoio de sua família. A postura adotada após sua fase de infância foi providencial para um enfrentamento em relação a sociedade. A decisão de estudar e buscar uma nova condição de vida lhe beneficiou, pois através do seu conhecimento sobre a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/15 – LIBRAS, conseguiu dar uma guinada nos rumos de seus objetivos de vida. A determinação de Maria Clara, mãe de Wiksendeles e de suas irmãs, Wigna Santos e Wnara Santos, é evidente. Bem como seu pai, Antônio dos Santos, foi preponderante na ascensão de Wiksendeles na condução de sua vida.

As diversas visões e ângulos que pudemos ter desse sujeito pesquisado, ao longo da pesquisa, foi possível pela confiança tida da parte dele para adentrarmos na vida do sujeito desse trabalho. A aproximação que tive por fazer parte de sua família, me deu

sensibilidade de entender o melhor momento para um posicionamento ou pergunta em relação a vida do sujeito. O mergulho que fiz na vida de Wiksendeles, na concepção dessa dissertação, foi motivado não só por objetivos traçados antes, mas pelo caminho percorrido na construção desse trabalho. Sentimentos, afetos, emoções, descobertas, reconstruções, autoformação, novos olhares.

Talvez no início, antes das pesquisas e das narrativas, o trabalho tinha elementos que parecessem um amontoado de ideias organizadas em atender, apenas, aos objetivos. No entanto, no decorrer da construção, nos envolvemos de tal maneira que a vida de Wiksendeles e as nossas vidas pareciam uma só. Cada instante junto a Wiki, uma nova descoberta e uma página de sua vida se desdobrava a nossa frente. Nesse instante da pesquisa, trouxemos Geertz (1989), pois a ideia de entrar no mundo do outro, carrega o pensamento do autor. A relevância de ser aceito do habitat do sujeito da pesquisa é essencial para o desenvolvimento de uma pesquisa científica. Semelhante o que aconteceu com Geertz (1989), na inserção da cultura do povo Bali, onde adentrou no mundo e nos costumes da comunidade balinense, durante nossa pesquisa usamos práticas semelhantes à do autor, para compreendermos com maior “eficácia” o mundo do sujeito central da pesquisa, Wiksendeles de Sousa Santos.

O entendimento da realidade do indivíduo pesquisado é de fundamental relevância para escrita dessa dissertação, porque cada palavra e expressão usada nesse presente trabalho permeia o universo da pessoa com surdez, no sentido de buscar um termo mais adequado e que exprima a essência do surdo. O mergulho feito na vida de Wiki configura uma submersão em nós mesmos, em razão de podermos, ao longo do trabalho, compreender como nós somos e nos reinventamos a cada dia. Ao mesmo tempo, percebemos o quanto a inclusão de pessoas surdas é uma realidade crescente e todos são responsáveis por lutar pela inclusão, justiça e equidade.

Quando entramos na história de vida de Wiki, através da metodologia (auto)biográfica, pudemos compreender sua vida, através dos relatos obtidos de uma trajetória vinda desde a sua infância. Em alguns momentos, Wiksendeles se apresentava como uma criança tímida e sem uma compreensão de si, em outro momento, da fase de adolescência a fase adulta, percebemos uma ruptura no processo de formação. Esse acontecimento foi marcado por uma mudança de postura por parte do sujeito e essa escolha foi determinante para uma autoformação de um momento novo de existência.

Ao nos depararmos com o entendimento da necessidade de compreender a vida de Wiksendeles a partir de seus relatos de vida, trabalhamos Josso (2008), onde em seu

pensamento, existe a ideia de que, nós sujeitos sociais, podemos nos autoformar a partir de relatos de nossa vida. As experiências que carregamos, ao longo da existência, são elementos que nos move e nos transformam em diferentes períodos de nossa vida. Do mesmo modo, percebemos essa transformação na trajetória de Wiksendeles, motivadas pela capacidade de se posicionar perante suas escolhas e caminhos a seguir. Ao invés de ficar estagnado aguardando algo acontecer, Wiki resolveu se mover e dar a volta por cima e cada decisão tomada no rumo de uma nova realidade para sua vida, condicionou outras portas que se abriram de outras possibilidades.

É notório que um trabalho de dissertação traz consigo objetivos científicos que devem estar em consonância com a relevância social. A busca por interpretações da vida de Wiksendeles de Souza Santos, com objetivo de compreender, não só sua vivência, mas também das outras pessoas com surdez, no que se refere à inclusão no cinema, são de relevância de todos nós que formamos a sociedade. Um trabalho científico não se resume a um indivíduo, uma família ou um grupo. É de caráter social e por isso buscamos, de maneira incansável nessas páginas, compreender que o reconhecimento e respeito pelo outro é respeitar a nós mesmos. É enxergar no outro a nossa imagem como ser social e capazes de lutar em comunhão e em busca da inserção e participação de todos do meio social.

Nesse instante introdutório do presente trabalho científico, expomos a tentativa de poder explicar uma ideia geral sobre os caminhos a percorrer na dissertação. A apresentação explícita e retrata os fatos narrados aqui, tornam reais os arcabouços que sustentam os objetivos a serem esclarecidos no decorrer da pesquisa, desde de seu ponto inicial, até o desenvolver de uma dissertação alicerçada na concretização do caráter científico. As tentativas de compreendermos o mundo do outro nos trás uma visão preocupada na busca por inclusão de todos perante a sociedade.

Nas linhas iniciais que formam o prelúdio desse trabalho, as narrativas de vida de Wiki, molduram toda a extensão da presente dissertação. A história contada até aqui, demonstra como perpassou cada momento da vida do sujeito da pesquisa até a fase adulta. Os instantes narrados por Wiksendeles fomentaram e estruturaram as páginas desse trabalho.

É evidente que as narrativas filmadas durante as sessões de entrevistas puderam estabelecer uma interpretação que, nós produtores da pesquisa, acreditamos estar em maior consonância com o passado e presente da vida do sujeito. É notório como a afirmação que fazemos não se torna uma verdade absoluta, mas uma interpretação de

uma vertente entre múltiplos olhares da vida do sujeito da pesquisa. Esperamos que a ideia inicial dessa dissertação aguace os questionamentos daqueles leitores das páginas da presente pesquisa. Esperamos, contudo, que a visão sobre o sujeito surdo, pessoa central do trabalho, ganhe amplitude e faça cada um de nós ouvintes ou não ouvintes, instrumentos de luta a favor da inclusão. O mergulho na vida de Wiki, deve ser também uma imersão em nós mesmos, com o objetivo de procurar no nosso íntimo as respostas para dúvidas antes escassas por falta de conhecimento e que hoje deu lugar a sapiência de compreender o outro. Isso sim é inclusão.

Assim sendo, o trabalho divide-se em três capítulos. Três momentos em que nos descobrimos como ser humano passíveis de falhas, embora dotados da capacidade de se reerguer e se autoformar, quando necessitamos ou somos incitados a mudança.

No primeiro momento, no capítulo **Conhecer a mim: narrativas (auto)biográficas de uma vida**, faço um apanhado inicial de minha vida. A busca de um sujeito com bases e raízes de uma vida. As pessoas participantes de minha formação, pais, irmãos e amigos são elos interligados para dar sentido a uma história passada, mas condicionada por interpretações para compreender o meu presente. Recriei-me com um olhar mais profundo de mim. Diante disso, ao conhecer a pesquisa (auto)biográfica, vi o caminho para me deparar comigo mesmo. Com base nesse método, mergulharei no meu próprio universo, trazendo de volta a minha história de vida, pois entendi o quanto o passado traz elementos de nosso próprio entendimento. Todo o significado da minha história está intrinsecamente ligado ao meu presente. Neste capítulo, reconheço-me como nunca o fiz antes. Cada escolha tomada, cada rumo determinado por mim hoje é parte de como eu me formei como sujeito. Logo fotos, documentos, histórias orais de meus familiares, tudo faz parte da construção desse capítulo e durante essa reconstrução de mim, reencontro Maria Pinheiro da Silva (Kika), amada tia. Essa mulher com surdez e elo de meu passado me aproxima do sujeito dessa dissertação, Wiksendeles de Sousa Santos.

No segundo capítulo **Surdo, memórias, vivências e descobertas. A (auto)biografia como instrumento de autoconhecimento e inclusão**, dou relevância de conhecer o sujeito da pesquisa. O indivíduo pesquisado é uma pessoa com deficiência auditiva, e esse capítulo explana o seu mundo e suas vivências, dando um melhor entendimento de seu núcleo familiar, assim como seus amigos surdos, os quais compõem o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS e a Associação de Surdos de Mossoró - ASMO.

Através do método (auto)biográfico trabalhamos o protagonismo do sujeito dessa presente pesquisa, de maneira que compreendemos seu convívio com a família e sociedade ao entrar no mundo do “outro”. A aplicação do método (auto)biográfico deu um direcionamento dos fatos acontecidos na vida do sujeito da pesquisa e fez com que Wiksendeles se reconhecesse como um sujeito e dono de sua própria vida. A (auto)biografia como instrumento de autoconhecimento e de inclusão também trouxe Wiki para uma maior visibilidade na sociedade, porque a pesquisa deu projeção a vida de uma pessoa com surdez. Isso significa que mais pessoas com a mesma deficiência são também projetadas como indivíduos de relevância social. A cada oportunidade de conhecer mais a vida de Wiksendeles, vimos a necessidade de poder ajudar ou dar nossa contribuição para a inclusão, através de nossos esforços como pessoas capazes de viver em comunhão e igualdade.

O terceiro o capítulo **Processo de inclusão do surdo no cinema: audiovisual, como ferramenta auxiliar na pesquisa (auto)biográfica** é o momento em que objetiva nosso entendimento de como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema. Os anseios, perspectivas que construíram uma visão mais detalhada de seu percurso de vida de Wiksendeles e a busca de seu lazer até o cinema. Fizemos uso do método (auto)biográfico como ferramenta auxiliar nessa pesquisa.

Neste capítulo não tratamos apenas sobre o desenvolvimento de uma visão mais ampla em relação ao processo de inclusão de um surdo no cinema. Percebemos também como a comunidade está na construção de um caminho inclusivo para a inclusão do surdo na sociedade, assim como sua inserção no cinema. A luta é ampliada a todas as pessoas surdas engajadas nesse processo de inclusão. A sociedade impõe limitações para qualquer cidadão, ouvintes e não ouvintes, de modo que compreendemos a relação conjunta do todo social reconhecida como determinante na reconstrução de um novo olhar para a inclusão social. Entender o que pode ser feito para a inclusão desses surdos seja realidade e como ela pode ocorrer de maneira mais justa.

No que se diz respeito à utilização do audiovisual no auxílio das narrativas, produzidas em nosso trabalho, essa ferramenta trouxe um eficaz desenvolvimento para a documentação das narrativas feitas com o sujeito da pesquisa e seus familiares. O uso da filmagem foi indispensável na documentação de narrativas e histórias de vida de Wiksendeles e demonstrou a importância da utilização dessa técnica na pesquisa (auto)biográfica durante a concepção das entrevistas, e ainda enfatizou a interpretação dos sujeitos no instante da produção escrita dessa dissertação.

Durante o decorrer do trabalho, ocorreu a junção de minha história de vida com a história de Wiksendeles de Sousa Santos. Não pude desvincular a minha trajetória de vida aos acontecimentos do percurso de Wiksendeles. Ao voltar ao meu passado, me enxerguei de uma forma ímpar. Refiz outra leitura de mim e isso me aproximou ainda mais de Wiki. Apesar de minha tia Kika ser surda, não consegui, de forma imediata, compreender a empatia sentida de mim pela história de nosso sujeito pesquisado.

Durante toda a minha infância e parte de minha vida adulta, minha tia Kika esteve presente na minha existência. Quando conheci Wiksendeles, levei-me ao passado, embora inconsciente, pois não percebi de imediato, e vi a afinidade entre duas pessoas surdas partes da minha vida. Muitos elementos se tornaram consistentes, no decorrer do trabalho com o método (auto)biográfico, e foram moldados com passos intercalados. Logo a minha história estava clara a minha frente e entrelaçada à história de vida do sujeito Wiksendeles. A organização dessas ideias e informações foram as responsáveis por um olhar mais sensível de minha parte em relação a história de Wiki.

Percebemos como nada na vida acontece de forma isolada e só compreendemos isso quando paramos e fazemos a leitura de todos os detalhes de forma compassada e atenta. As vicissitudes que permeiam a nossa vida são ferramentas substanciais para um aprimoramento pessoal e deixamos, às vezes, adormecidos no nosso íntimo. Foram necessárias inúmeras leituras sobre autores, no decorrer da construção desse trabalho científico, para poder atentar àquilo importante ao meu redor. Igualmente, foi preciso uma leitura de mim para que eu pudesse me enxergar em terceira pessoa e observar a minha vida fora do meu corpo. Passei a compreender as páginas dessa história, lidas uma por uma e interpretadas de jeito cuidadoso, e só assim será construído o todo de determinada história de vida: depois do aprofundamento em nós mesmos para entendermos melhor quem somos. Eu olhava para o passado e conhecia apenas o enredo de mim, hoje sei a minha história do princípio e meio, o fim ainda não chegou. Escrevo minha história e cada capítulo e página desse trabalho sobre a trajetória de um sujeito surdo, faz parte de um novo momento de minha história, por ora, intrínseca ao processo de inclusão de um surdo no cinema, tema central desse conjunto de escritos.

Ao chegar às linhas finais do terceiro capítulo, percebemos que tudo escrito foram interpretações de uma história de vida. Em evidência, as narrativas nos fizeram seguir um caminho ou várias vertentes e visões. Isso não configura certezas absolutas de um olhar sobre a vida de um sujeito, são vários pontos de vistas. O ser humano é subjetivo e sua vida e suas escolhas também o são. Somos seres falhos, com

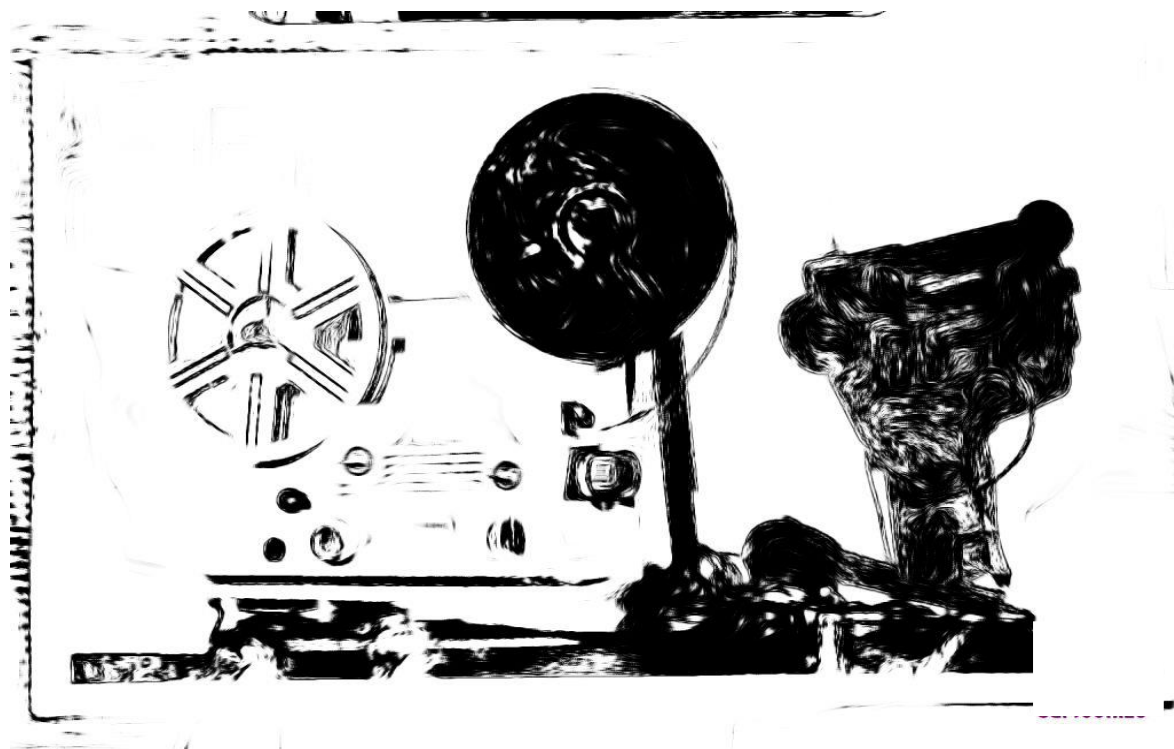
sentimentos, vontades e pensamentos diversos, com objetivo de interpretar outro sujeito, também com falhas e dotado de subjetividade. São interpretações com base em reorganização de memórias de vida narradas por um sujeito. Um trabalho longe de uma superficialidade e requer atenção, zelo e competência.

No terceiro capítulo não chegamos ao fim. Não é nossa pretensão, nem mesmo é possível. As interpretações da vida de Wiksendeles são inúmeras, infinitas. Não somos e nem seremos os últimos a buscarem a compreensão da vida de Wiksendeles. Talvez proporcionamos os primeiros passos de uma jornada. Como propomos para substituir a palavra “fim”, “Dias intermináveis” soou de maneira adequada no fechamento das linhas finais dessa dissertação. De modo que nenhuma pesquisa se consuma no ponto final da última frase de um trabalho científico. Na verdade, é um início de um novo pensar, de um outro olhar na perspectiva de compreender um sujeito.

Os caminhos são múltiplos como um sujeito com suas especificidades. A vida é cíclica, o caminho continua a frente e o tempo não para. Viver está além da escrita e de modo algum para no ponto final. Transcende o presente, objetiva o infinito. Os dias são intermináveis...

CAPÍTULO 1

CONHECER A MIM: NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DE UMA VIDA



Criança: a premissa de todos nós. A essência da vida.

Adriano Pinheiro de Andrade

Desde o nosso nascimento, do primeiro contato com nossos pais, irmãos, pessoas mais próximas de nós, damos os passos iniciais para nossa trajetória de vida. As influências, as palavras, as vozes de nossos pais ecoam em nosso íntimo e ressoam até os dias de hoje. Quando crescemos e olhamos nossa trajetória de vida a que fomos submetidos e nos transformaram naquilo visto no espelho, percebemos o poder do alicerce. Ele nos torna únicos. Viver sem olhar para o passado é possível, porém nos distancia de quem somos no presente.

Toda a personalidade moldada ao longo dos anos é construída na nossa infância e adolescência. Aprendemos com o passado e essa aprendizagem vai além de nossa imaginação. Fecho os olhos. E a cada mentalização de minhas experiências vividas, contemplo-as como se estivesse revivendo cada minuto. O cheiro, o som, as sensações, a música, o grito das crianças. Os lapsos de felicidade e surtos de tristeza. O choro e os risos. Minha mãe, meu pai e minha avó. Minha tia, meus irmãos, meus amigos. Todos fazem parte de mim. E eu, com certeza, sou parte deles.

Nestes escritos, tenho a incumbência inicial de explicar e de falar de mim⁴, mesmo que seja uma tarefa nada fácil. O propósito de poder me conhecer melhor, não faz com que essas linhas, cheias de palavras, fluam e deslizem de maneira leve. Posso eleger esta ação como uma das coisas mais difíceis já feitas em minha vida, embora seja para falar de momentos vividos de minha infância, de minha adolescência e até chegar a minha vida adulta. Cada percalço, cada contorno ou retomada, foi decidido e realizado da maneira considerada a mais correta, levando em conta, claro, meu estado de espírito, meu amadurecimento, minhas transformações e também de acordo com cada instante vivido.

Meu objetivo é entender cada pedaço de mim, cada decisão tomada e quais ações foram determinantes para eu ser quem sou hoje, como pessoa, como ser humano e como cidadão ainda em construção.

Quando não nos conhecemos de verdade tomamos decisões errôneas e nossas escolhas nos põem diante de circunstâncias difíceis de serem contornadas. Não estou aqui afirmando que já me conheço por completo. Reafirmo que não. E quando percebi

⁴ No decorrer desse trabalho, o texto foi escrito em duas pessoas verbais, consideramos que o trabalho traz momentos de narrativas de experiências pessoais do autor da dissertação e, em outros momentos, construções coletivas realizadas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa. Desse modo, se justifica o uso da primeira pessoa do singular para marcar o posicionamento do autor e a primeira pessoa do plural para representar as ideias construídas junto com a orientadora e sujeitos da pesquisa. É importante lembrar que em outros momentos é usada a terceira pessoa do plural no sentido amplo em que insere a sociedade como forma de relacionar sujeito versus todo social, já que a metodologia (auto)biográfica reconstrói a memória individual a correlacionada a vivência coletiva e em grupo.

que não sabia nada de mim? Não foi quando pessoas disseram suas impressões sobre mim. Nem mesmo quando fiz o Curso de História. Isso, de maneira teórica, me daria certo embasamento por entender um pouco as estruturas sociais, através do estudo da história. Também não foi quando casei, nem quando nasceu a minha amada filha Sofia e tive o mágico prazer de ser pai. Não foi em nenhum desses momentos. Eles foram instantes específicos e compuseram um todo. Construíram meu caráter e me estruturaram como pessoa, ainda cheia de defeitos e virtudes e, ainda, em formação. Temos um conceito de nós mesmos e nele fazemos um parâmetro de nossa personalidade. Elaboramos um molde, decidimos como devemos agir e definir cada momento, escolhemos o que devemos falar e esperarmos que os outros nos aceitem.

Como consegui perceber a consciência de ainda não saber quase nada sobre mim? Quando eu vi no outro a possibilidade de me encontrar. Na Faculdade de História, no início do curso, tive os primeiros contatos e questionamentos sobre quem eram os conquistadores e quem eram os conquistados e começamos a discutir e enxergar o outro. Debatiam sobre os conquistados no Brasil, tendo como exemplo, os indígenas. Na concepção histórica, quem contou a versão dos índios em relação aos fatos? Tive os primeiros esclarecimentos sobre a ideia de olhar para o outro e entendê-lo. Enxergar o outro era nada mais que nos colocarmos no seu lugar.

De maneira gradativa, ficou mais claro que não teríamos uma ideia de quem somos, realmente, sem entender que uma construção de nós depende do olhar para o outro. Sem entendê-lo, não entendemos a nós. Compreender o outro é compreender a nós mesmos. Essa busca de me entender partiu dessa concepção do outro e é objetivo essencial desse primeiro capítulo. Apesar de uma breve iniciação de como olhar para a necessidade do outro, anos depois do término da faculdade, percebi que a visão que eu tinha do outro era meramente superficial e o processo para compreendê-lo era lento e gradual.

Foram exatos onze anos para eu ter ideia de que eu nada sabia sobre o conceito do outro. Para ser mais preciso, e porque não dizer realista, hoje estou tendo ideia que nada sei de certeza. Quanto mais aprendemos algo, mais percebemos o quanto precisamos aprender. Foram onze anos longe da faculdade e, ao retornar, vi que nossa vida acadêmica não é a graduação apenas. Essa é só o começo da caminhada, um passo inicial. Durante as disciplinas em caráter especial com a profa. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, vi através da pesquisa (auto)biográfica a nossa autoformação a partir da ideia do outro. A construção singular-plural, na qual nós nos encontramos nos outros e eles em

nós.

Nesse primeiro capítulo, ousou falar de mim. Aqui, procuro analisar a mim, através de um entendimento do outro, para dessa maneira me entender. Somos sujeitos de nossa própria história e como contá-la sem descobrir quem somos? Procuro aqui através da purgação, compreender como o passado e o presente estão interligados e que o hoje é um reflexo do passado com todas suas nuances. Decisões, resoluções de problemas, palavras ditas, palavras não ditas, erros e acertos, idas e vindas o que passou e o que ainda vamos passar.

Nesse espaço, falo de mim, quem fui e o que eu ainda posso ser. Aprender a aprender. Porque não dizer: reaprender. A partir de minha história de vida, e com auxílio do método (auto)biográfico, mergulhar em mim e extrair do que eu tenho as reflexões para saber quem sou. Como poderia ajudar o outro sem antes ajudar-me? Preciso me compreender para ajudar o outro e lutar para que cada um seja capaz de fazer emergir o seu potencial interno. Cada indivíduo é sujeito principal de sua história de vida.

Nesse intento, busco entender a mim e fazer emergir a minha história de vida a partir das experiências de minhas memórias e vivências. O interesse refletido dentro de mim para que eu almejasse a desenvolver um trabalho sobre surdez esteve durante anos no meu seio familiar. Minha tia Maria, carinhosamente chamada de Kika, tinha deficiência auditiva e convivi com ela da minha infância até a fase adulta. Este tema, embora atrelado à minha história, surgiu como desejo após eu conhecer a pesquisa (auto)biográfica. Pude ter noção do que realmente teve significação na minha formação. Logo na minha fase adulta, conheci o sujeito o qual seria meu objeto de estudo, Wiksendeles de Sousa Santos, primo de Gabrielly Thiciane do Santos⁵.

A surdez esteve presente em minha história desde quando eu era criança e continuou presente na minha vida quando adulto. A minha aproximação dessa realidade sobre surdez me fez refletir ao longo do tempo. Quando conheci a pesquisa (auto)biográfica, os elementos constitutivos de minha vida, tiveram um significado. Minha tia Kika e Wiksendeles, duas referências, duas significativas histórias de vida, dois momentos distintos de minha existência, enfim se encontraram. Somaram à minha experiência com cinema e tv. Primeiramente, com meu pai, um cinegrafista amador e amante do cinema. E mais adiante, na TCM – Tv a Cabo Mossoró – onde trabalho hoje.

⁵ Amiga, companheira, esposa e responsável por eu ter conhecido Wiksendeles de Sousa Santos, o sujeito dessa pesquisa.

Com a adição desses elementos, cinema e surdez, busco as interpretações de uma vida, da história de um surdo. Busco entender como sua vida na infância dá sentido ao seu presente. Almejo compreender como ocorre o processo de inclusão desse surdo e seu acesso ao cinema, ancorado pela pesquisa (auto)biográfica.

1.1 O meu senso de igualdade: o autoconhecimento a partir do entendimento do outro.

Sou filho de José Pedro de Andrade, mais conhecido de forma carinhosa como “Tatá”, e Marina Pinheiro de Andrade. Meu pai nasceu em Areias – PB, lugar peculiar também chamado de “Brejo de Areias”. Minha Mãe é natural de Currais Novos – RN. Quando se casaram na década de 1960, ambos eram jovens. Mamãe tinha 17 anos e meu pai pouco mais de 20 e constituíram uma família de 9 filhos. Daqui citados do primogênito até ao nono filho: Denise Maria, Frank Andrei, Jime, Luciana Léa, Juliano, Adriano, Marcele, Marla e Elis. Com exceção dos três primeiros filhos que nasceram entre Angicos e Currais Novos, os demais são naturais de Mossoró – RN.

Eu nasci em Mossoró no dia 19 de abril de 1976. Minha família foi essencial para o meu desenvolvimento. Não só no lado psicomotor, mas também de desenvolvimento mais direcionado às artes, sobre o qual falarei mais adiante. Com os irmãos mais velhos, sempre tive referências e eles me ajudaram a entender as diferenças. Nove irmãos, nove cabeças em divergência. Essa experiência me ajudou a olhar para os lados, para cima e para baixo. Para onde eu voltava meus olhos, tinha irmãos (risos). Com pensamentos diferentes, opiniões contrárias, visão de mundo específica e crítica.

Meu pai é de origem negra, pele morena e minha mãe de pele mais clara, na nossa região, também conhecida como “alva”. Assim, há uma nítida miscigenação, uma bela mistura de olhos, cabelos e peles entre nós. Como podemos ver na foto abaixo, um momento captado do seio familiar. Um momento de lazer na praia de Tibau – RN, no ano de 1978.

Foto 1 – Passeio em família na cidade Tibau/RN.



Fonte: Álbum de família, 1978.

Eu costumo estabelecer o marco inicial de minhas memórias: quando eu tinha seis anos de idade. Nessa idade, pedi a minha irmã mais velha, Denise, para fazer um desenho de uma pessoa, pois eu gostaria de reproduzi-lo, e o fiz. Na minha lembrança, esse foi meu primeiro desenho. A partir daí, não parei mais de desenhar. Era o meu principal lazer, bem como assistir televisão e brincar de super-heróis com meus irmãos. Apesar de haver, em alguns momentos, desavenças de irmãos, logo meu pai, com sua autoridade, contornava o problema. Era uma família grande e unida, porque meus pais sempre pregavam a união e a igualdade dentro de casa. Se fosse comprar picolé, teria que comprar para todos e se não tivesse o suficiente, era dividido entre nós. Foram as minhas primeiras experiências com a ideia de igualdade. Era necessário ter consciência que morando sob o mesmo teto com várias outras pessoas, precisávamos fazer o nosso convívio ser mais satisfatório possível. Diante disso, Josso (2008, pág. 25) afirma:

O trabalho de pesquisa a partir dos relatos de vida, ou melhor, dos relatos centrados sobre a formação, efetuados na perspectiva de evidenciar e questionar heranças, continuidades e rupturas, projetos de vida, múltiplos recursos, ligados às aprendizagens da experiência etc., esse trabalho de reflexão, a partir de uma descrição da formação de si (pensante, sensível, imaginante, comovendo-se apreciando, amando)

Duas palavras pequenas, mas de significado amplo: **Igualdade e outro**. A vivência em família não seria real e justa sem absorvermos uma consciência sobre essas duas palavras. Ambas estão intrinsecamente uma na outra. Hoje, tenho a ideia do

significado dessas palavras e vejo que, na minha realidade, praticava a coexistência desses termos: igualdade e outro.

Minha infância foi feliz. Meu pai e minha mãe sempre fizeram o possível para que tivéssemos o necessário, contudo, durante os anos de 1980 e 1990, as coisas não foram nada fáceis para nós. Nos anos 1980, para ser mais preciso, passamos “necessidades”. A família era grande, tempos de uma inflação astronômica. Não tínhamos uma das três refeições diárias, outros dias, só tínhamos uma. Na época, apenas meu pai trabalhava, minha mãe sempre foi dona de casa. Meus irmãos mais velhos eram adolescentes ou outros eram crianças e só estudávamos.

Minha avó morava também conosco e ajudava no orçamento da casa com sua aposentadoria, o que não era expressivo. Lembro-me quando os três mais velhos estudavam no Colégio Diocesano Santa Luzia. A mensalidade atrasava e meus pais fazendo de tudo para proporcionar o melhor estudo para eles. Recordo-me como Pe. Sátiro Cavalcanti cobrava, das 3 mensalidades apenas duas, deixando a terceira com gratuidade. Ele geralmente fazia essa grande caridade, quando mais de dois filhos, da mesma família, estudavam no Colégio Diocesano. Meu pai falava que nunca esquece tal generosidade por parte do Pe. Sátiro e reforçava dia a dia o quanto ele é um homem bondoso e caridoso.

Meu pai trabalhava na época no Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), hoje DER, Departamento de Estradas e Rodagens, era funcionário público. Durante os anos 1980, com a inflação e os demais problemas da economia brasileira, nossa família, assim como várias outras, passaram por uma grande desestruturação financeira. Eu não entendia muito bem o que acontecia, entretanto, mesmo sendo criança, percebia que não era uma situação confortável para nós, principalmente para os meus pais, que viam todos os seus filhos naquela circunstância. Essa realidade perdurou até meados dos anos 1990, porém, apesar de tudo, não nos abalamos emocionalmente. As nossas bases familiares eram muito fortes. Os laços de amor, de respeito mútuo e a vontade de esperar dias melhores, nos deram forças para superar aqueles anos difíceis.

O contato na minha infância com tantos irmãos ajudou a construir minha personalidade. Parece evidente, mas as coisas vão fazendo sentido e, depois de muito tempo, percebemos o valor da nossa formação. Meu irmão Frank, um dos mais velhos, um homem muito inteligente que passou no seu primeiro vestibular para enfermagem, ainda quando a UERN era Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte (FURRN), até então era uma instituição a qual se pagava para estudar. Frank ligado

também ao teatro, à leitura e à música me ajudou a enxergar um mundo mais lúdico. Um rapaz criativo, ele desenhava, construía maquetes, elaborava cartazes, abria letra, fazia pinturas com extrema facilidade. Com o tempo, eu aprendi também de forma relativa e rápida os dotes do desenho, foi apenas uma questão de tempo. Jime, mais um dos mais velhos, também desenhava, além de ser muito questionador do mundo a sua volta. Era um entusiasta da ciência. Falava de grandes gênios da humanidade e foi através dele que ouvi a primeira vez nomes como, Albert Einstein (1879-1955), Carl Segam (1934-1996). Ele indagava sobre as estrelas, o universo e se perguntava sobre o porquê de nossa existência. Jime ajudou-me a ser um indivíduo crítico, pensante e questionador. Herdei essas boas referências dele.

Denise a mais velha dos irmãos, era uma segunda mãe. Cuidava com dedicação de cada um de nós, enquanto minha mãe estava nos afazeres domésticos. Denise se doava com muito carinho e amor. A sua dedicação e suas orientações eram sempre preciosas e nunca as esquecerei. Os gestos de amor dos meus irmãos me fizeram entender como o meio em que eu vivia estava repleto de sentidos e me formaram como ser humano e como cidadão. Sem tais gestos, não seria possível ser quem sou. Assim, vejamos o que afirma Gil (2008, p.20):

O ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia. Ao longo dos séculos, vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas.

Pela observação o ser humano adquire grande quantidade de conhecimentos. Valendo-se dos sentidos, recebe e interpreta as informações do mundo exterior.

Olha para o céu e vê formarem-se nuvens cinzentas. Percebe que vai chover e procura abrigo. A observação constitui, sem dúvida, importante fonte de conhecimento.

Eu tinha um sonho enquanto criança: queria me tornar um grande desenhista. Estava com quase 11 anos, meu desenho estava mais aprimorado. Na escola, meus colegas me rodeavam para ver o que eu desenhava, eles achavam incrível. Meus amigos de sala pediam meus desenhos ou insistiam para que eu desenhasse no caderno deles. Eu ficava orgulhoso, me sentia importante por tais pedidos. Eu criava as minhas próprias revistas em quadrinhos e meus próprios personagens, era o único entre eles que tinha essa habilidade.

Os professores me chamavam ao quadro nas aulas de ciências para desenhar as células, enquanto nas aulas de geografia fazia rios, o planeta Terra, árvores e animais.

Essas ilustrações facilitavam na aula dos professores e os proporcionava uma melhor explicação, mas esse meu desejo foi frustrado pela falta de apoio por parte do meu pai. Ele dizia que não teria futuro algum trabalhar como desenhista. Para ganhar dinheiro com desenho teria que ser muito bom. E que de um entre mil teria probabilidade desse sonho dar certo.

O engraçado é que o meu pai era desenhista, projetista. Desenho arquitetônico, só que não tinha formação universitária. No tempo quando ele entrou no DNER aprendeu essa função, o ensinaram na prática. Ele se tornou uma referência, até mesmo para arquitetos formados contemporâneos ao meu pai. Muitos deles o procuravam para pedir algumas orientações. Papai também aprendeu fazer topografia, levantamento e medição de terrenos. Era um homem que, apesar de quase nenhum estudo, se desenvolveu muito bem na vida. Papai fez levantamento de diversos bairros de Mossoró, parte do Alto de São Manoel, Barrinha, Aeroporto, Abolições e Sumaré. Mesmo meu pai tendo uma grande relação com desenho, sabia o quão difícil seria para mim viver de arte, ainda mais naquela época, anos oitenta e noventa do século XX. Mesmo assim, foi frustrante para mim não realizar o sonho de ser um desenhista, esse fato mexeu comigo e viria a contribuir para uma inibição de minha personalidade.

Eu era uma criança muito tímida e isso atrapalhava muito meu desenvolvimento. Eu comecei meus estudos e já no primeiro ano do fundamental, aprendi a ler e a escrever no decorrer dessas séries. Não fiz o jardim como a maioria das outras crianças, pois eu tinha medo. Minha mãe me deixava na escola e eu chorava para não ficar. Por duas, vezes eu fugi da escola e mamãe, percebendo a seriedade do que aconteceu, me tirou do jardim de infância, por temer acontecer algo mais grave. Entrei na escola anos depois. Não tive dificuldades no aprendizado, pois meu desenvolvimento foi satisfatório. O empecilho que tive em relação a disciplinas, foi nas matérias que continham cálculos, porque eu tinha grande deficiência em matemática. Esse fato é historicamente dramático. Meus primeiros professores dessa matéria foram insuficientes e isso prejudicou ainda mais meu aprendizado nessa disciplina.

Ao fazer uma interpretação de mim, posso dizer que meu mundo era bem particular, uma vez que não era muito parecido com garotos de minha idade. Nunca aprendi a jogar futebol, como a maioria dos garotos. Preferia estar em casa, desenhado, criando meus próprios brinquedos de papel. Pegava caixas de papelão, cola, cartolinas, lápis de cor e criava carros, castelos, bonecos de papel e desse jeito explorava e estimulava minha imaginação. Meu pai não tinha dinheiro para comprar brinquedos

para todos os filhos, portanto eu não iria esperar para que um dia a situação financeira, lá de casa melhorasse. Dessa forma, tomava a frente e construía meus brinquedos e no mesmo instante em que me divertia, desenvolvia minha capacidade psicomotora.

Dentre diversos fatores ligados à minha infância e impulsionadores da minha (auto)formação, a televisão esteve muito presente na minha vida. Eu tinha muita fascinação pelo universo da TV. Desenhos, filmes da sessão da tarde, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, novelas e até mesmo uma série científica a qual passava nas manhãs de domingo na Rede Globo, intitulada “Cosmos”, apresentada pelo astrônomo e astrofísico norte-americano, Carl Sagan, marcaram a minha infância. Todos serviram de elemento formador e norteador de minhas preferências futuras.

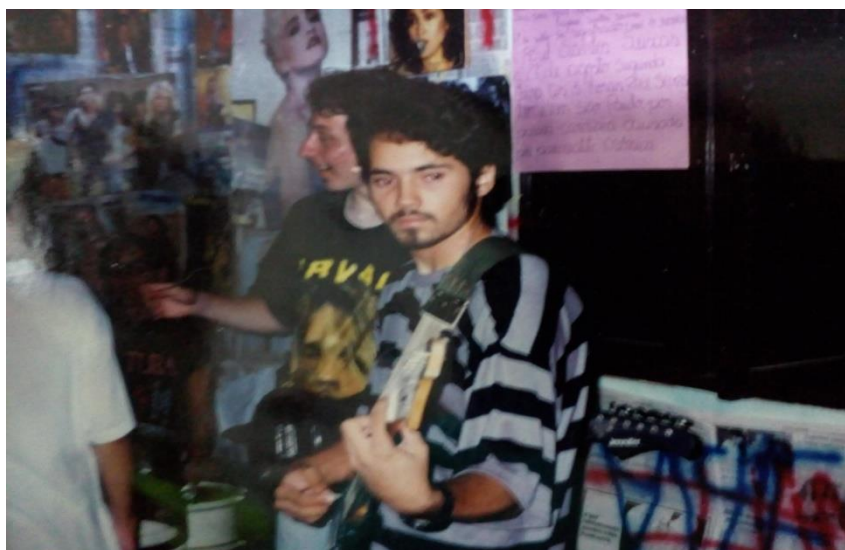
É importante lembrar que, assim como a televisão, o cinema preenche um espaço significativo dentro de minha história de vida. A minha admiração pela tela do cinema vem, ainda, na minha infância, através de um hábito do meu pai, de uma paixão particular por filmes de Faroestes. Era frequente a ida de meu pai ao cinema. Ele nos levava com frequência e esse fato foi determinante para aumentar meu interesse pela sétima arte. Hoje, a paixão que eu tenho por filmes está enraizada no meu íntimo e entendo que essa mesma paixão é extensiva a qualquer indivíduo, pois é um direito de todos a usufruir do lazer do cinema.

Quando eu era criança, lembro-me que minha tia “Kika” pedia para aumentar o volume da Tv para suprir a sua baixa de audição. Ela queria entender o que os personagens dos filmes e das novelas estavam dizendo. Com o tempo, ela perdeu sua audição por completo. Diante disso, aprendeu sozinha a fazer leitura labial, essencial para preencher a sua falta de audição. Eu vivi o drama de minha tia e de certa forma sofria junto a ela. Porém a luta pela inclusão de surdos no cinema só viria quase vinte anos depois ao conhecer Wiksendeles de Sousa Santos. É como se eu tivesse uma segunda chance para levantar a bandeira da luta pela inclusão, já que minha tia falecera há quase quatro anos. É como eu tivesse ressignificando a minha vida hoje com um ponto no passado inconcluso e no presente voltou a fazer sentido.

Envolvi-me com música na minha adolescência. Ainda na infância tive contato com o Rock and Roll e esse foi o estilo que desenvolvi um gosto muito particular. O rock não é apenas um estilo musical, mais uma ideologia, ou estilo de vida, que critica os males da sociedade e sua caracterização de desigualdade. Aprendi a tocar guitarra, violão, e despertei um interesse pela composição. Atrevi-me a escrever canções e participei de algumas bandas de rock durante esse período de adolescência e juventude.

Nesse período, descobri uma leitura mais crítica de ideologia, marxista, anarquista, entre outras que fomentavam o pensamento punk. Nasceu um grande interesse em cursar História, já que eu fazia leituras contínuas de livros dessa natureza. As discussões entre amigos, na calçada lá de casa, eram fervorosas e significativas para estruturação de um senso de criticidade. Família, faculdade, amigos, cada peça com sua relevância na construção de nossos saberes.

Foto 2. Feira de ciência no Colégio Vasconcelos



Fonte: Arquivo pessoal, 1994

Em 1998, saí de Mossoró e fui morar em Martins – RN, na casa meu irmão Frank. Fui com objetivo inicial de passar apenas um período e por diversos fatores morei lá por quase cinco anos. Conheci uma moça e namoramos, ficamos noivos por mais ou menos dois anos. Mas a cidade não proporcionou o que eu almejava como profissional. Apesar de um clima ameno e perfeito para se morar, sem falar no aconchego da cidade, não via perspectiva de um futuro o qual eu desejava. Durante os anos que morei em Martins, prestei vestibular para História. Fracassei vários anos até que em 2002 fui aprovado e retornei a Mossoró para estudar. Meu relacionamento não vinha bem já há algum tempo e meu retorno para cidade agravou ainda mais ocasionado o término. Dediquei-me então de corpo e alma a graduação de que tanto ambicionava.

O Curso de História me atraía muito e apesar de existirem algumas fragilidades, eu estava me realizando. Professores me marcaram, de maneira profunda, como: Lemuel Rodrigues, ainda professor do curso atualmente, Emanuel Pereira Brás, João Araújo, José Adeildo. Aprendi a admirar esses e outros na minha carreira acadêmica. Participei

do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA), onde o professor Dr. Valdeci dos Santos Júnior estava à frente desse projeto de extensão. Fiz parte de seu grupo de pesquisa por um ano e meio. Foi um grande aprendizado, de modo que a dissertação de mestrado do professor foi sobre o estudo das diversas pinturas rupestres distribuídas em vários sítios arqueológico, encontrados na região de Santana do Matos – RN. Por esse período, estudei alguns materiais, artigos, livros específicos em arqueologia, alguns deles em espanhol, determinados por meu professor, com objetivo de tentar o mestrado em arqueologia no estado de Pernambuco, pois a UERN não dispunha de mestrado nessa área e era meu grande desejo.

No ano de 2002, minha irmã Marla Pinheiro, idealizou e lançou uma quadrilha junina estilizada para se apresentar durante as Festas Juninas de Mossoró. Eu participei desse grupo, juntamente com outro irmão, Jime e Elis, como forma de suporte a Marla. A quadrilha se caracterizava por músicas regionais e enfatizava o cangaço como tema central, com temática modificada a cada ano de apresentação. Diferente das outras quadrilhas, levantávamos uma bandeira de músicas regionais, dando profunda importância a nossa cultura, mais inserida nos ritmos e danças nordestinas, precursoras: Coco, ciranda, maracatu, malhação do Judas, cavalo marinho, entre outras.

Amávamos aquela quadrilha, pois todos os elementos ali inseridos representavam o que mais desejávamos. Nós não nos importávamos com a competição, em não chegar à final ou mesmo sermos campeões. O que queríamos era dançar e o prazer de pisar naquela arena todos os anos. A maioria das pessoas não entendia a essência de nossa quadrilha, uma vez que a nossa quadrilha “Pedra Cristalina” era diferente das demais consideradas modelo para o festival de quadrilhas. Apesar dos esforços que fazíamos para sair às apresentações todos os anos, diante do fato de não termos apoio algum e todo o investimento tirarmos do próprio bolso, enxergávamos a urgência de parar, por não termos mais condições de mantê-la. Dançamos de 2002 a 2009, mas foi suficiente para ficar nas nossas lembranças, os dias bons quando dançamos com a nossa quadrilha. Tenho infinitas saudades.

Foto 3. Quadrilha Estilizada Pedra Cristalina.



Fonte: Arquivo pessoal, 2003.

No ano de 2004, conheci minha esposa Gabrielly Thiciane dos Santos. Ela assim como eu, participava do mesmo projeto de quadrilha estilizada. Nesse contexto cultural, eu a conheci e após alguns anos, nos casamos. Ela adorava dançar e quando foi convidada por minha irmã, aceitou sem titubear. Gabrielly tinha quinze anos quando a vi pela primeira vez, apesar de sua idade, já era uma mente admirável. Articulada, inteligente, contestadora, bonita por fora e por dentro. No início, eu tinha receio de começar um namoro com alguém tão jovem. Fiquei preocupado com seus pais, o que poderiam achar do relacionamento e se aprovavam ou não. Eu tinha vinte oito anos e ela decidiu não contar para os pais dela a minha idade, pelo menos, um mês foi segredo. Dava até para esconder, pois apesar da minha idade aparentava ser mais jovem, sem falsa modéstia. Após algum tempo ela contou aos seus pais minha idade e eles aceitaram de forma aberta e encararam de bom grado. Fazendo um parâmetro de meus relacionamentos anteriores, com Gabrielly a realidade demonstrava um rumo distinto dos outros. O sentimento que cresceu em nós, o respeito mútuo, a vontade de construir uma vida juntos, era de total interesse de ambos. No final do primeiro ano de namoro, noivamos e no segundo ano de relacionamento, casamos. Foi o ponto de partida para uma nova responsabilidade mais que prometia ser anos “maravilhosos” de sonhos e esperanças.

Foto 4. Dia da colação de grau - UERN



Fonte: Arquivo pessoal, 2006

Voltando no tempo, tive durante a infância e adolescência algumas privações no sentido profissional. Meu pai não nos incentivou, na juventude, a trabalhar logo cedo. Seria uma forma de cada um ganhar nosso próprio dinheiro e se desenvolver como pessoa, enfrentando a vida e seus percalços. Talvez por ser tão protetor e apegado a nós não queria que saíssemos de perto dele. Dizia sempre que não iria soltar um filho para trabalhar em qualquer canto e ganhar um “mísero” salário mínimo. Perguntava-me diversas vezes se meu pai estava certo ou errado. Talvez a sua superproteção nos tenha deixados seguros do mundo.

Anos depois, nós tínhamos uma aparente dificuldade de sair de casa e procurar trabalho. E cada oportunidade de surgia de emprego, ele criticava da mesma forma de sempre. Colocava empecilhos e barreiras até que desistíamos e ele venciamos mais uma vez. Mas quando comecei o relacionamento com minha esposa, precisei procurar um emprego e consegui, rompi uma barreira pessoal, apesar de ter vinte e sete anos de idade, somente naquele momento consegui trabalho. Diante de fatos sobre experiências de vida, responsabilidades e transformações que nos trazem bagagens através das vivências podemos citar Turner (1974, p.117): “A experiência da vida de cada indivíduo o faz estar exposto alternadamente a estrutura e a Communitas, a estados e a transições”

No ano de 2005, um amigo de infância chamado Wendell Abreu estava trabalhando em uma nova empresa instalada em Mossoró desde 2001. O Sistema Oeste

de Serviço, conhecida por TCM, Tv Cabo Mossoró, ele me informou que surgira uma vaga de assistente de estúdio. Foi a primeira vez na minha vida que tentei um emprego. Fiz a entrevista e no outro dia Estella Maris, filha de Dr. Milton Marques, telefonou-me dizendo que eu estava contratado. Era tudo o que eu mais queria naquele momento, além de estar ingressando em meu primeiro emprego, entrava para o ramo de televisão, ambiente com que sempre tive afinidade desde criança. Foi uma oportunidade de desenvolver um trabalho mais profissional, munido de um certo conhecimento nessa área, porém de forma amadora.

Percebo o quanto cada escolha feita na minha vida se relaciona com o presente e meu desejo de compreender a inclusão do surdo. Esse conhecimento profissional foi determinante para que despertasse em mim o desejo de produzir documentários de pessoas com deficiência. O interesse pelo tema de compreender a inclusão do surdo no cinema partiu de experiências de documentários de que participei e produzi. Esses documentários me aproximaram ainda mais do tema inclusão.

Meu pai possuiu diferentes câmeras filmadoras. Lembro-me desde minha infância de sua primeira filmadora, uma Super 8mm (milímetros). O filme era em rolo e cada um filme variava entre quinze e vinte minutos. Não existia edição, precisava ser gravado na hora, acionado ou pausado o botão “REC” de acordo com a necessidade de quem estivesse operando, no caso, meu pai. Com a tecnologia de fitas “VHS” nos anos 1980 e 1990, meu pai foi adquirindo novas câmeras mais modernas e eu meus irmãos acompanhamos esse processo. Papai gravava muita coisa do nosso cotidiano, documentando desde coisa mais simples aos detalhes mais sutis. Naquele momento, parecia uma bobagem, mas foi primordial aquela maneira de guardar aqueles instantes. Era nossa história em vídeo, a documentação de uma trajetória de nossa infância até nossa fase adulta.

O tratamento da ideia de memória de infância deve ser entendido como uma construção particular da mente da criança que vê o que está ao seu redor, mas também está contido o conjunto de sensações coletivas formadoras de suas memórias. Toda a construção do meu estudo passou por um processo de amadurecimento, mesmo eu não percebendo. A surdez de minha tia “Kika”, as experiências de vida junto ao cinema e as filmagens em família. Os cuidados de meus pais com igualdade, amor, carinho e justiça são valores que estão correlacionados com o tema proposto pelo trabalho de inclusão de surdos no cinema. Estas memórias foram construídas ao longo do tempo e foram resgatadas neste estudo a partir das vivências. Diante disso, trago Halbwachs (1990,

p.62), com citação sobre a valorização das memórias, que são essências para entender nossa formação:

[...] desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interesse pela significação das imagens e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões, todas, pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo[...]

Diante da citação de Halbwachs, é possível entender como esses símbolos e imagens vão fazer sentido ao longo da vida, reconstruindo memórias com, cada vez mais sentidos para nós. Não é possível nossa mente regatar lembranças com ausência de imagens, pois elas compõem a nossa memória. No cinema onde eu frequentava, nas câmeras de meu pai as quais registravam cada instante vivido, a minha tia e sua surdez, todos esses são elementos, imagens e composições substanciais para formação das minhas memórias e que fazem sentido no meu presente. Da mesma forma, ocorreu com a minha vontade de cursar História. Foi através do cinema, assistindo ao filme Indiana Jones, que surgiu o desejo de ser historiador e arqueólogo. O cinema foi de fato preponderante em outras escolhas feitas em minha vida, como o desejo de trabalhar na área de TV, escrever roteiros e produzir filmes.

Terminei meu Curso de história no ano de 2006, deveria ter sido um ano antes, mas por decorrência de duas greves enfrentadas na UERN, conclui no ano seguinte. Durante os dois últimos anos de faculdade, comecei a trabalhar na TCM e foi bem difícil conciliar as duas coisas: estudo e trabalho. Mesmo com dificuldades, terminei o curso de maneira regular. Foram noites de estudos intensos, dormindo tarde e madrugando para estudar. Não fiz parte da festa de formatura, porque não tive dinheiro suficiente para custear as despesas. Mesmo trabalhando, eu era assistente de estúdio, ainda não ganhava muito bem. Fui forçado a abrir mão da festa tão sonhada pela maioria dos formandos. Apesar de tudo, estava bem tranquilo, pois o que eu levava em conta era o meu curso, meu diploma e o orgulho de ser professor de História, o meu maior desejo. Fui sempre um rapaz simples, não no sentido literal da palavra, mas de origem pobre. Minha família ensinou o que realmente tem valor: o que somos e não o que temos. Trago esse ensinamento até hoje.

Foto 5. Juramento, colação de grau.



Fonte: arquivo pessoal, março de 2006.

Estava com o diploma em mãos e poderia, enfim, lecionar e fazer o que eu mais almejava naquele momento. Embora, no meu trabalho na Tv, ainda caracterizava um desejo meu interno de aperfeiçoar meus conhecimentos sobre cinegrafia, cinema e tudo envolvido nesse universo. Imaginava que eu podia mais. Alguns sonhos nesse ramo, ainda me seduziam, me deixava interligado a uma necessidade de permanecer onde eu estava. Depois que me formei, o período de 2006 a 2016 não ingressei na educação. Com exceções de poucos contratos em que aceitei em escolas públicas. Mesmo gostando do que eu fazia trabalhando de cinegrafista, sentia muita falta dos estudos. É como se eu tivesse deixado um pedaço de mim pelo caminho e isso me incomodava e me deixava fora de mim.

No primeiro semestre de 2016, a Faculdade de Educação (FE) ofertou, através do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), o edital para aluno especial de mestrado de caráter não regular. O edital exigia uma carta de intenção e a exposição do porquê do desejo da vaga a qual era ofertada. Falei com minha esposa, fizemos a inscrição e mandamos a carta de intenção. Apenas eu consegui, minha esposa não. Fiquei triste por ela, mas a mesma sorriu, olhou para mim e disse que seria a minha chance de retornar à universidade, era o que estava desejando há muito tempo. Olhei para ela, agradei e emocionado a abracei.

No primeiro dia de aula, eu estava entusiasmado, porém inquieto, porque não tinha ideia de como seria o meu retorno à UERN, a minha velha e sempre casa. Achei impressionante a garra e a vontade de estar no mestrado. Foi o primeiro contato com a

profa. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar. Ela era de pouca estatura e emanava de seu íntimo uma luz grande, a qual nunca vira antes em outro professor. Não que não tenha visto isso em outros mestres, mas a professora Ana era diferente. O amor com que ela estava ali em pé, nos falando, era indescritível. No decorrer da aula, ao descobrir seu currículo, sua formação, fiquei ainda mais admirado. Como uma pessoa com graduação, especializações, mestrado, doutorado e prester a concluir um pós-doutorado podia ser tão simples? Não acredito que existam tantas pessoas iguais a profa. Ana Lúcia. Pelo menos eu jamais havia visto alguém parecido. O carinho pela professora crescia a cada dia, era inevitável. Da mesma maneira era o apreço dela por mim.

Com as aulas que se seguiam e a explanação da professora citando seus diversos autores, eu tinha uma impressão de que nunca seria capaz de chegar àquele estágio intelectual. Hoje ainda tenho essa mesma impressão (risos). Os autores por ela citados, em sua maioria, eu não os conhecia. Walbwachs, Geertz, Josso, Hegel, Norbet Elias, Marcel Mauss, Carlos Rodrigues Brandão, entre outros os quais aprendi a admirar. Um dos que já tinha lido e, para mim, já se tornara um ícone, era Paulo Freire. Eu não tinha conhecimento profundo de sua obra, e ainda não o tenho, embora possa dizer que entendo um pouco mais da grande importância dele para o ensino do Brasil e de outros países mundo afora. Agradeço isso a Profa. Ana Lúcia, pois Paulo Freire jamais deixou de fazer parte de suas aulas durante todo processo de aprendizagem desenvolvido perto dessa professora. A mesma fez sempre questão de emanar a luz “freireana” pelas paredes da sala de aula e fora delas também.

Durante essa primeira disciplina da Profa. Ana Lúcia tive a primeira experiência com a pesquisa (auto)biográfica. O exercício de fazer uma autoanálise de mim mesmo e a partir daí entender o que se passa no meu íntimo através da história de vida, e dessa maneira vivenciar a história do outro, é fascinante. A busca por sujeitos de origem mais humilde e fazer com que sua importância social seja significativa para história coletiva é algo extraordinário.

No segundo semestre de 2016, novamente inscrevi-me no programa na disciplina em caráter especial, graças a Deus, fui aprovado. Nessa seleção, não houve carta de intenção, pois foi exigido uma prova escrita. O conteúdo da prova foi o livro **“Pedagogia do Oprimido”** de Paulo Freire. E a disciplina foi norteadada pelo autor, como uma maneira de nos aprofundarmos no Patroado da Educação do Brasil.

Conclui a segunda disciplina apostando muito no sonho de entrar no mestrado como regular. Quando estava ainda cursando como aluno especial de mestrado, a Profa.

Ana Lucia perguntou-me se eu não tentaria o mestrado regular no primeiro semestre de 2016. Eu olhei para ela e sorri, como se agradecesse o convite e a grande força dados naquele momento. Olhei para ela e disse que não tentaria ainda, porque estava voltando à universidade e retomando o ritmo há quase dez anos deixado para trás por mim. Precisava de mais um tempo, talvez outra disciplina em caráter especial.

A professora compreendeu a minha semente plantada e acreditava no instante certo dela crescer. Ela sorriu de maneira serena, olhou no fundo dos meus olhos e disse que não admitia a minha negativa na seleção e, portanto, contaria comigo no próximo ano. Estava com minha esposa naquele dia e nos despedimos da Profa. Ana e entramos no carro. No caminho, minha companheira Gabrielly comentou como tinha gostado da Profa. Ana e a achara muito verdadeira, serena. Naquele instante, perguntei a ela se eu teria chance de entrar no mestrado. Gabrielly disse para eu tentar e crer na chance, porque se dependesse da profa. Ana para me preparar, eu estaria pronto. Minha esposa ainda completou que Ana Lúcia é uma professora dos sonhos de muitas pessoas e que há chances na vida que não devemos desperdiçar. Aquela era a minha chance. Afinal 2017 foi o ano do meu ingresso no mestrado.

Em 2017, foi lançado o edital do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN). Eu não cria na possibilidade de ingressar no mestrado regular. Sabia da grande dificuldade. Ser aluno especial já fora para mim uma grande vitória. Eu vi o quanto, na disciplina especial, tudo se demonstrava bem puxado, quiçá o mestrado regular com todas suas atividades, aulas, seminários, projetos de extensão, dissertação, orientação entre outras várias tarefas.

Conversei com minha esposa mais uma vez e tinha decidido que não participaria ainda, pois duvidava de minha capacidade e assim faria no próximo ano. Ela me olhou e afirmou que aquele era o momento, uma vez que eu já tinha cursado duas disciplinas e teria competência de ingressar. Coloquei mais empecilhos. Para fazer a primeira etapa – a da prova escrita – seriam necessárias leituras de duas obras. A meu ver, não teria tempo hábil para estudar aqueles livros. Coloquei as desculpas mais descabidas. Gabrielly, minha esposa, olhou para mim e disse “Adriano, você conseguiu cursar duas disciplinas em caráter especial, mesmo dizendo que nunca ia conseguir. Se você não tentar e acreditar em você, nunca vai conseguir. A chance é agora e o que tiver de ser será, acredite!”. Diante daquela fala, parei, olhei para minha esposa e balancei a cabeça demonstrando que concordava.

No mesmo dia, baixei os livros para estudar e me preparei para o dia da prova.

Fiz e fiquei aguardando o resultado de maneira despretensiosa. No dia em que saiu a lista dos aprovados da primeira fase, eu não estava me lembrando, quando uma amiga me ligou parabenizando pela aprovação da primeira fase. Eu não acreditei. Agora, viria para frente a entrega do projeto de pesquisa. Eu já tinha algum material encaminhado desde o segundo semestre de 2016, quando ainda estava em andamento minha segunda disciplina especial. Como não era muita coisa, tive que correr contra o tempo para modificar e acrescentar pontos no projeto e entregá-lo no prazo determinado pelo edital.

Mais uma vez estava sem acreditar na minha capacidade, minha esposa mais uma vez deu força na parte de formatação e pontuação do texto. Micaela Ferreira, uma amiga, mestra e professora substituta na Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), deu-me substanciais orientações após eu ter concluído o projeto. Finalmente, no prazo, enviei o trabalho.

No dia do resultado eu trabalhava e de maneira incessante olhava o celular, abria o site da UERN para ver se tinha saído o resultado. Quando baixei o arquivo, meu nome estava lá no site do POSEDUC. Saí do estúdio de gravação onde trabalho e deixei o assistente em meu lugar tomando conta das câmeras. Fui correndo para festejar sozinho, sem acreditar.

Preparei-me para entrevista da próxima fase. Li dezenas de vezes os autores trabalhados e o projeto com intuito de estar bem preparado para etapa a qual considerava a mais difícil de todas. É evidente como a estruturação do projeto requer pesquisa, leitura e produção, porém pegar tudo isso e apresentar argumentos na frente das professoras doutoras provocava ansiedade. Carecia de muita responsabilidade e preparo emocional. Reconheço que no dia da entrevista não me saí bem. Não fui seguro e nem mesmo coerente. Atropelei as palavras, minha boca ficou seca e não me lembro de quase nada do que eu disse, entretanto, mesmo assim passei, novamente sem acreditar (risos).

Minha felicidade transbordava, quando saiu o resultado dessa etapa. Após essa sequência de fases, estava de fato no mestrado. Faltava agora a prova de proficiência. Fiquei a tarde inteira em casa com minha esposa e minha filha. Andava por todos os cantos da casa e olhava para o computador a todo instante. Já eram 17h e não havia saído o resultado. Estava apreensivo. Liguei para o departamento da Faculdade da Educação duas vezes e eles disseram que sairia a qualquer momento.

Precisei sair de casa com urgência para ir ao caixa eletrônico e quando eu voltei, minha esposa havia dito que Sofia estava na cama com uma dor no peito, achei estranho

e ao mesmo tempo fiquei preocupado: minha filha sorria deitada na cama. Aproximei-me e quando abri sua blusa, tinha um bilhete escrito: “Parabéns, papai, o senhor foi aprovado”. Essa foi uma das maiores alegrias em minha vida. Eu estava de fato no mestrado em educação. Dias depois, estava marcada a data da prova de proficiência, percebi o quanto precisava de ajuda, pois vinha estudando pouco espanhol. Entrei em contato com Francergildo, um amigo professor de Língua Espanhola que prontamente me ajudou. Marcamos uma aula em minha casa para eu receber o auxílio necessário para a prova. Eu estava há quatro dias da avaliação. O problema é que não acreditava na aprovação das etapas anteriores do mestrado. Com a ajuda de Francergildo, fiz a prova e passei com a nota mínima necessária para aprovação. Obtive média sete. Essas são memórias que ficaram em minha mente, serviram de estímulo para minha vida e minha história.

Surgia uma nova fase a minha frente, um novo desafio a seguir. Um passo que eu tanto desejei e achava que nunca ia chegar. De fato, as disciplinas do mestrado em caráter especial me deram ainda mais certeza de inserir no tema inclusão. Eu já desejava produzir mais documentários com essas características. As disciplinas as quais estudei com a profa, Ana Lúcia, diante de seu vasto conhecimento em obras e autores que fomentaram ainda mais minha vontade de mergulhar no mundo da inclusão. O método (auto)biográfico, o estudo das vivências humanas, o entendimento do outro, acenderam a chama para que eu engendrasses uma formação de caráter a partir das vivências. Tudo isso fortaleceu a minha escolha pela busca do entendimento da inclusão do surdo cinema.

1.2 Uma projeção lançada na parede: uma história de memórias, vivências e formação.

O que são memórias, afinal de contas? Como podemos definir o conjunto de lembranças responsáveis pelo nosso arquivo mental e pessoal?

Halbwachs (1990) considera que as lembranças podem ser, a partir da “vivência” em grupo, reconstruídas ou simuladas. Afirma também que a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são construídas em um grupo específico. A lembrança, de acordo com o autor é uma imagem engarrafada em outras imagens.

No conceito de Halbwachs, podemos iniciar um entendimento da formação de

nossa própria memória. Não é nada fácil, mas compreender a nossa vivência em família, nos dará, de início, uma noção daquilo que podemos interpretar a nós mesmos, baseada na ideia que nossas memórias são parte da memória coletiva.

Já havia citado o quanto meu pai tinha um fascínio pelo cinema durante sua juventude e assistia a filmes com muita constância, portanto era raro entre filmes faroestes produzidos entre os anos 1950 e 1970, haver um o qual ele não tenha visto. Em meados dos anos setenta, meu pai adquiriu sua primeira filmadora. Meu pai era desenhista arquitetonico do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens e também topógrafo, portanto tinha salário considerável, pelo menos para aquela época, no entanto ainda precisou de um imenso esforço para comprar sua câmera. Foi a uma loja, pediu uma câmera vinda de São Paulo, considerada famosa na época, a Super 8mm. Junto com ela, comprou também um projetor, no qual se exibia o que havia sido filmado, projetando na parede. Papai enviava os filmes para serem revelados em São Paulo, porque aqui não dispunham de tal tecnologia e passava quase um mês para o material retornar.

Meu pai não concluiu nem o nível primário de estudo, pois fez até a segunda série do Ensino Fundamental I. Em casa, minha mãe o ensinou a ler, um tipo de complemento para o seu desenvolvimento. Quando surgiu a oportunidade de ele trabalhar, entrou no DNER e lá conheceu algumas pessoas que o ajudaram e o ensinaram o ofício de desenho arquitetônico. Esse ofício ele aprendeu de maneira majestosa. Papai era um homem inteligente, com o poder de “mexer” com tudo que podemos imaginar. Elétrica, mecânica de automóvel, marcenaria, instrumentos musicais entre outras coisas, fazia um pouco de tudo.

Sempre teve um grande senso de humor, até palhaço de um circo inventado pela família, na cidade de Currais Novos/RN, ele se apresentou. O palhaço tinha o nome de “Votz”⁶. Histórias as quais ele conta e todos da família não cansam de escutar. Papai e o irmão de minha mãe, seu cunhado, faziam apresentações nas rádios, uma dupla de violões com as músicas mais tocadas da década de 1960. Participou também de concursos de bandas na época da jovem guarda. O nome de sua banda era “Os Apaches”. Nunca ficaram em primeiro lugar, porém já foram vice-campeões em concursos por cidades do interior do Rio Grande do Norte.

Meu pai trabalhava em Angicos/RN, onde nasceu a primeira filha Denise. Um

⁶ Interjeição de origem, provavelmente, nordestina. Usada geralmente em situações na qual a pessoa se vê surpreendida, contrariando algo que entendia ser de um jeito e acaba sendo de outro.

ano depois, mamãe e ele foram transferidos para Currais Novo/RN e lá nasceu o segundo filho do casal, Frank. Passado mais um ano, ele retornou para Angicos e nasceu seu terceiro filho, Jime. Os três mais velhos da família são como o ditado popular, uma escadinha com um atrás do outro. Anos depois, em meados da década de 1970, meu pai era transferido de modo definitivo para a cidade de Mossoró/RN, onde mora até hoje.

Papai tinha uma mania de registrar tudo o que acontecia, fosse com a máquina fotográfica ou com a filmadora. Gostava de colocar todos nós dentro de um carro e chamar a família mais próxima, primos, cunhados e tias para irmos a passeios. Lá filmava a família em suas atividades comuns, brincando, conversando, até cliques ele fazia com meus irmãos. Levava o toca fitas e eles dublavam as músicas saídas do gravador. Era um registro em família através do qual ele tinha a consciência de guardar tudo para ficar para posteridade.

Foto 6. Passeio em família no bairro Bom Jesus



Fonte: Arquivo pessoal, 1978.

Com os meus irmãos mais velhos, Frank e Jime, meu pai produziu um filme faroeste em Super 8mm. Um fato não tão comum entre as famílias da época, do século XX. No filme, participaram meus primos para compor o elenco. Não existia um roteiro, todas as falas eram combinadas antes das cenas. Existia um sonoplasta, mas esse era qualquer um dos atores que não estivesse em cena. Colocava músicas e efeitos no gravador na hora em que estava sendo gravada determinada cena do filme. Claro que o filme ficava cheio de falhas, de modo que não existia edição, assim como era filmado ficava. O que valia mesmo era o divertimento, todos os envolvidos gostavam de atuar e

de se ver na tela do cinema. Quando o material filmado voltava de São Paulo/SP, onde o filme era revelado, meu pai chamava todos para assistir. Montava o projetor, passava a fita por entre as engrenagens do aparelho, ligava e ao apagar as luzes, a cena surgia na parede como se fosse mágica.

Eu era criança nessa época, mas consigo lembrar de todos nós sentados no chão da área da minha casa. Era sempre muita gente – umas vinte pessoas talvez – entre irmãos, primos e vizinhos que ficavam em pé olhando do portão. A área lá de casa não comportava todos. Quando o filme começava, era uma sensação única. Nós ríamos com as cenas, nos divertíamos e sentíamos orgulho, porque eram pessoas de nosso convívio ali na tela e não atores estrangeiros que só conhecíamos pela televisão. Cada cena de luta e tiro nos arrancava suspiros e gargalhadas, não eram as produções de Hollywood, mas eram as produções de meu pai, um homem comum, e de meus irmãos, pessoas simples, sem compromisso algum em serem estrelas de cinema ou da televisão, pois essa nem era pretensão de ninguém.

Foto 7. Filmadora super 8 e projetor do meu pai.



Fonte: Álbum pessoal, 1980

Papai também fez alguns registros os quais considero importante para a história da cidade de Mossoró/RN, entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980. Filmava os tradicionais desfiles do dia 07 de setembro e 30 de setembro como também algumas atividades no Colégio Diocesano Santa Luzia. Nos filmes de rolo em Super8, meu pai tem guardado imagens da participação nos desfiles da época de Pe. Sátiro

Cavalcanti Dantas ainda jovem e de alunos desconhecidos para nós, mas não menos importante para o registro histórico da cidade.

Na minha mente de criança e que trago até hoje, ficou cada registro desses acontecimentos. Cada foto-filme passado na minha frente, através daquilo exibido na parede lá de casa, ficou fixado na minha memória. Eu tinha entre dois e quatro anos, mas tudo ficou marcado como uma cicatriz na minha mente. Não poderia, hoje, desvincular da minha história de vida, nem que eu quisesse, a importância do cinema na minha história, não só o estrangeiro, mas o que era feito pelo meu pai e meus irmãos. Essas memórias fazem parte de minha aprendizagem de vida, dos meus saberes familiares e das construções formadoras de quem eu sou.

Segundo Brandão (1981), aprendemos mesmo quando não queremos. Da mesma forma, são as convivências e aprendizados em família. Cada pessoa que faz parte de nosso convívio tem uma influência sobre cada uma de nós. Somos parte de cada um deles, mãe, pai, irmão e irmãs. Todos são necessários para a nossa formação como indivíduo singular baseado na relação coletiva. Geertz (1989, p.149) faz uma análise do meio social, de sua origem as suas formas.

O pensamento humano é rematadamente social: social em sua origem, em suas funções, social em suas [formas, social em suas aplicações. Fundamentalmente, é uma atividade pública — seu habitat natural é o [pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade. As implicações desse fato para a análise antropológica [da cultura — minha preocupação fundamental aqui — são enormes, sutis e insuficientemente apreciadas.

A minha mãe, Marina Pinheiro de Andrade, luz da minha vida, a áurea constante espalhada para todos os lados. Ela é o início do filme de minha vida. Mulher forte, destemida, capaz de enfrentar qualquer coisa pelos filhos. Nunca trabalhou fora de casa, sempre esteve presente na nossa vida. Incansável, dona do lar, não diferente das mulheres do seu tempo. Não se pode analisar um tempo sem um contexto histórico.

Década de 1960, a sociedade estava condicionada a um modelo de família no qual a mulher se casava para constituir família, reproduzir e cuidar dos filhos e do marido. Ela fez isso, ao pé da letra, se casou aos 17 anos com meu pai com suspeita de gravidez, e isso seria inadmissível para alguém da época. Mulher solteira com filho? Teria que ser abafado, escondido da sociedade. E qual seria a saída? Casar é evidente. A criança precisaria de um pai, um nome e uma família, pois era necessário estar

amparada. A sociedade não perdoaria se não ocorresse conforme as suas regras. Assim minha mãe fez. Dançou conforme a música. Pelo menos, existia um sentimento entre ela e o meu pai. Esse fato, de alguma maneira facilitou ou justificou o convívio e o “compromisso” do matrimônio entre os dois.

Minha mãe teve nove filhos e perdeu uma criança entre o quarto e o quinto filho. Seu papel de mãe foi cumprido com evidência. Soube criar todos, sem distinção. Com apreço, carinho e o amor, que são características da maioria das mães. Era também costureira. Durante sua juventude, costurava para a época de carnaval, produzindo roupas para meu pai, cunhados, primos, tias e tios. Eles se vestiam de cangaceiros, para participarem de um bloco de carnaval o qual eles brincavam todos os anos. Esse seu ofício de costurar sempre foi presente em sua vida. No decorrer de toda minha vida, vi minha mãe costurar tanto para nós como para amigos ou vizinhos, tudo isso sem cobrar um centavo, ela fazia porque gostava. Toda roupa de apresentação escolar, vestidos de minhas irmãs, adereços de roupas, ela fazia questão de colocar suas próprias mãos para fazer. Também cortava os cabelos de todos lá de casa. Não me lembro de, na minha infância e adolescência, ter cortado meus cabelos em algum salão. Na vida adulta e até hoje, ela ainda corta os meus cabelos. Talvez por tradição, não existe outra explicação. Eu telefono para lá e pergunto se posso ir cortar o cabelo e ela nunca disse um não.

Explanando aqui a personalidade de minha mãe, percebo o quanto, diante de todas as suas falhas e das adversidades da vida, considero-a uma mulher centrada, forte como uma rocha. Vi, por vezes, ela se alterando por causa de nós, má criação de criança, coisas que acontecem para quem tem filho, ainda mais se tratando de nove crianças com suas personalidades próprias. Os defeitos são inerentes aos seres humanos, meus pais, assim como todo mundo, são passíveis de falhas. Levando em conta toda trajetória de vida deles, a educação a qual tiveram de seus pais e a que eles proporcionaram à nossa criação, considero-os vencedores. Os acertos na nossa criação ultrapassam os erros. Estamos hoje encaminhados para a vida. Dos nove irmãos, cinco são formados em nível superior. Agradecemos todos os dias por vocês ainda existirem na nossa vida, pois os valores herdados de vocês têm um valor imensurável. Amamos vocês para sempre, papai e mamãe.

Foto 8. Casamento dos meus pais.



Fonte: Arquivo pessoal, anos 60.

Quando meus pais chegaram ao Alto de São Manoel, a nossa casa era de conjunto, construídas iguais em seus modelos. Com o tempo, meu pai foi alterando a casa, modicando os cômodos, ampliando para uma família maior. Mamãe conta que perto de meu nascimento, papai construiu um quarto para a minha chegada. Eu nasci naquela casa do bairro Alto de São Manoel no Conjunto Walfredo Gurgel. Não em maternidade ou hospital, como a maioria das pessoas. Minha mãe fazia questão de fazer o parto de todos os filhos em casa e assim foi realizado seu desejo. Chamava sempre uma parteira conhecida. Quando perguntei várias vezes o porquê, ela dizia que não queria ir para ambientes de maternidade, gostava da comodidade de seu lar. Minha avó materna sempre estava presente para auxiliar no parto quando um de nós ia nascer. Nos anos 1970, minha avó morou em Natal e Currais Novos, mas no fim dessa mesma década, veio morar conosco e foi uma experiência de amor que nunca mais esquecerei e mais adiante farei o devido registro.

Voltando um pouco para mim, eu sempre me indagava, durante minha adolescência, sobre tudo que estava ao meu redor. A observância nas desigualdades entre as pessoas me incomodava de maneira intensa. Sabia da existência de um modelo econômico em que subjugava as pessoas. De um lado, pessoas poderosas e do outro, a maioria da população sem condições de, no mínimo, se manter. Minha família havia passado por isso, conforme já foi aqui citado. Na adolescência, tive aproximação com a leitura de teóricos responsáveis por me proporcionarem uma explicação para os meus questionamentos. Via na televisão os movimentos sociais e protestos de pessoas descontentes com o rumo do país e ficava mais interessado ainda na inserção de uma

luta pela liberdade e igualdade das pessoas. Mas eu era adolescente e me achava impotente, insignificante perante tantos problemas por que a sociedade passava. Ainda que eu não tivesse o hábito da leitura, talvez por meus pais não lerem livros ou não tivessem esse costume por falta de estudo, engendrei na literatura em quadrinhos.

Na década de 1990, no meu auge de leitura de revistas, colecionava várias revistas de super-heróis. Muitos podiam achar uma falta de tempo essa espécie de leitura, no entanto tentava buscar uma forma de praticar o ato de ler em algo atrativo para mim. Hoje, entendo o quanto estava no caminho correto. Com as novas práticas educacionais, o construtivismo, a multidisciplinaridade, como forma de usar artifícios periféricos da realidade do jovem, como instrumento da educação, percebi que podíamos aprender, a exemplo, sobre História ou sobre ética através dos gibis e assim sempre poderia estar contido algo de bom, apesar de os super-heróis serem personagens fictícios.

A história do capitão América, por exemplo, está inserida no contexto da Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, foi testado em soldados norte-americanos uma substância hormonal que ampliava a capacidade muscular do soldado. Nesse contexto, nasceu o Capitão América. Então, fazendo um estudo na época da faculdade de História na disciplina Psicologia da Adolescência, descobri que os anabolizantes foram aperfeiçoados nessa conjuntura. Era usado pelos americanos e pelos soldados nazistas. O personagem Homem-Aranha, apesar de ter “poderes” adquiridos por uma aranha afetada por energia nuclear, não se aproveitava de sua força para lucrar ou se aproveitar da situação. O personagem sempre estava em dificuldade financeira, era fotógrafo de um jornal para poder se sustentar e pagar suas despesas. Diante disso, podemos perceber valores de ética que eram discutidos, mesmo que o personagem não exista.

Na busca de uma ideia mais densa sobre o construtivismo, no Brasil para ser mais exato, veremos um trecho de uma entrevista de Paulo Freire, durante os anos 1990, na Escola Cooperativa Educacional da cidade de São Paulo. O vídeo é transcrito para um texto por Juliana Vieira (Youtube, início dos anos 1990).

Eu acho que dei também uma séria contribuição à estruturação do que se vem chamando de construtivismo no país. Agora, vejam bem, um dos centros dessa perspectiva construtivista é o gosto pela liberdade. Não é só o gosto, é o gosto seguido da vontade de ser livre. Posso dizer com outras palavras: no construtivismo, temos o processo de conhecer, o conhecimento, como uma produção social. E aí Vygotsky

traz quase tudo. Quer dizer, o conhecimento se dá socialmente, se produz socialmente, tendo, porém, uma dimensão individual, que é a da decisão do indivíduo que produz socialmente o conhecimento. Não se pode esquecer a presença do indivíduo. Em alguns construtivistas, se encontra isso com mais ênfase, em outros, com menos ênfase. Mas a liberdade de conhecer e a liberdade de buscar caracterizam um certo gosto democrático que há no construtivismo. Agora vejam: essa perspectiva democrática, de respeito à consciência produtora de conhecimento, se choca com as tradições autoritárias da sociedade brasileira.⁷

Completando o raciocínio, Paulo Freire ainda em outro trecho de uma entrevista em vídeo e extraída para o texto, continua sua análise sobre construtivismo e a busca pela liberdade e o não aprisionamento do pensar a educação.

Então, no fundo, o construtivismo é uma proposta utópica – no sentido bom da palavra, e não em nenhum sentido negativo –, é uma utopia de liberdade, quer dizer, é uma aventura criadora da liberdade e necessariamente se choca ou é “chocado” pelas tradições autoritárias de que a nossa formação nos impregnou. Vejam, por exemplo, como é muito mais fácil a persistência na prática educativa de hoje, início dos anos 90, de repetir procedimentos do começo desse século, do que aceitar, inclusive, certas iniciações tímidas dos movimentos de Escola Nova.

Nesta entrevista, Freire demonstra em seu raciocínio que a relação do aprender engloba uma diversidade de formas agregadas ao ensino. O aprender está além de livros e da simples condução de uma aula por um professor. Outras categorias tais como arte, música, vídeo e o entendimento da vida dos alunos são maneiras adjacentes, que completam a construção do aprendizado. A aproximação do professor na vida do aluno, entendendo o que se passa com cada um deles é essencial para o ensino fluir naturalmente e ter uma maior eficácia. O seio familiar diz muito sobre o aluno. A família é o espelho do sujeito, portanto é necessário entender de onde ele veio, para se ter uma ideia de como trabalhar seu aprendizado.

A minha vivência junto às minhas práticas de convívio familiar são aspectos que considero formadores de minha personalidade. Chegamos à escola com um modelo de personalidade, moldado, em primeiro momento, pela família. Deparamo-nos com um mundo muito diferente do que estávamos acostumados em nosso seio familiar. Essa

⁷Este texto é uma transcrição editada da fala do Professor Paulo Freire na Escola Cooperativa no início dos anos 90. A iniciativa de destacar o trecho final de sua longa conversa com pais e educadores da escola foi motivada pela relevância e atualidade de sua abordagem sobre o construtivismo, tema pouco comum em suas falas e textos escritos. Aqui está o link da fala original: <https://youtu.be/1K4WlrJirzU> A transcrição foi feita por Juliana Vieira e a edição por Rosaura Soligo.

relação com outras pessoas se torna um choque de início, embora seja o nosso primeiro contato com o outro. Diante disso, a oportunidade do estudo (auto)biográfico me fez enxergar caminhos antes não visto. É como se tudo vivido na minha trajetória não tivesse sentido. Como se fosse um emaranhado de acontecimentos soltos que a metodologia (auto)biográfica organizou para o melhor entendimento de minha própria história.

Com a (auto)biografia, desde o momento de certa aproximação e entendimento com este método, comecei a me entender um pouco mais. Ainda não é suficiente, no entanto estou na busca por um aprimoramento com muita cautela. A minha nova realidade agora no mestrado é um direcionamento para frente, para a busca do meu autoconhecimento e a partir desse ponto procurar o entendimento do outro.

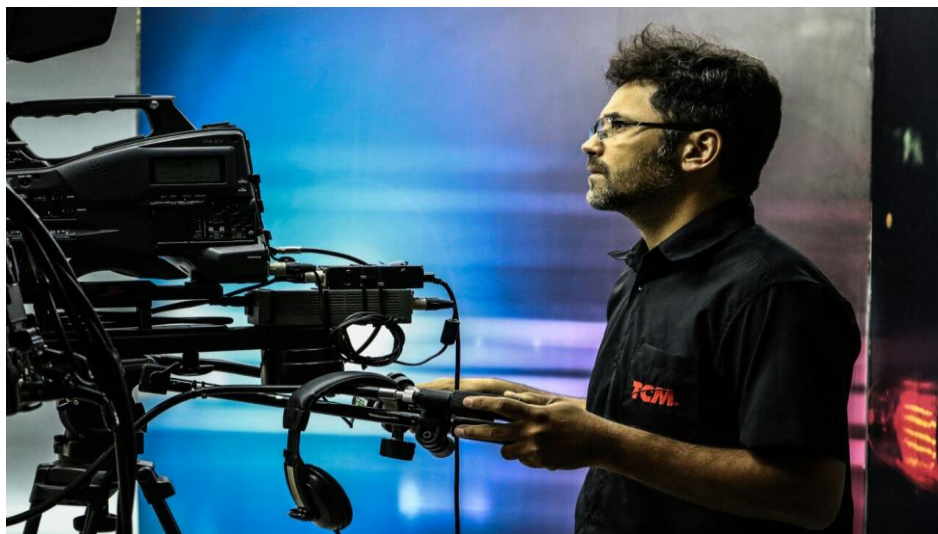
A questão tratada nesse tópico intitulado “Uma projeção lançada na parede: uma história de memórias, vivências e formação” contém termos com os quais convivi desde pequeno. Dessa maneira, quando uso o termo “projeção”, faço uma alusão à imagem de um projetor lançada na parede e à minha vida. Jamais posso desvincular a imagem do cinema das minhas memórias. Essas imagens ajudaram a formar a minhas construções de mundo e fixaram, em algum lugar do meu cérebro, o desejo permanente de estar perto da imagem em movimento. Podendo somar um certo conhecimento que eu tenho de técnicas cinematográficas com a pesquisa (auto)biográfica será de grande valia para a pesquisa.

Trabalhar operando uma câmera nunca foi meu desejo inicial, o contato com a filmadora existia, porque meu pai sempre possuiu filmadora, mas eu queria produzir filmes e atuar, ao mesmo tempo, nunca quis estar atrás da máquina. Meu irmão, Juliano Pinheiro que hoje trabalha comigo na TCM, trabalhava no ramo de filmagens, nos anos 1990. Fez diversas coberturas de casamentos e festas de aniversários. Eu ia com ele, às vezes, como seu assistente, mas não me sentia confortável. Somente quase quinze anos depois, surgiu a vontade de trabalhar na área de Tv⁸. Comecei e, aos poucos, juntei as

⁸ Sou cinegrafista há treze anos, tenho muito orgulho disto. Apesar de toda minha trajetória, deixei o sonho de ser professor para trás por uma década. O mestrado hoje representa a retomada triunfante de um novo caminho a seguir. Vejo se formar, à minha frente, um novo horizonte de possibilidades e a educação será a ferramenta que proporcionará essa nova retomada. Meu curso de História, minha experiência com cinegrafia, somado à pesquisa (auto)biográfica e toda vivência acadêmica será o encontro de diferentes fases de minha experiência de vida. A profa. Ana Lúcia representou o elo entre essas fases. Como ela sempre diz “o bom da viagem é a viagem” e aqui estou, aqui estamos. Agradeço pelo carinho, apreço, determinação, garra de uma professora que ama ser professora. Nos passa uma luz de amor pela profissão e no momento tão difícil e histórico que passa o nosso Brasil, pessoas como, Ana Lúcia nos “enche de gás” para olhar para frente e segui sem medo.

peças de minha vida. Todos os meus experimentos estavam ali na minha frente.

Foto 9. No trabalho, TCM.



Fonte: Arquivo Alexandre Fonsêca, 2017.

1.3 Meus questionamentos do mundo: o desenvolvimento de uma personalidade inacabada diante do mundo real.

Na infância, vivi os melhores anos de minha vida. Eu custei a acreditar que minha infância estava no fim. Não aceitava o fato de estar em crescimento e ter que deixar a minha infância para trás. Posso afirmar que fui a criança mais feliz do mundo, brinquei até não podia mais. Estava com treze anos e não sabia se eu era criança ou adolescente. Ao mesmo tempo em que eu queria brincar com os brinquedos de papel e caixas de papelão os quais eu mesmo produzia, queria falar sobre determinados assuntos relevantes e que ainda não estavam claros para mim. Religião, ciência, questões sociais que me faziam refletir se existia justiça no mundo ou não. Questionamentos como “Quem é Deus?”, “De onde Ele veio?”, “Quem escreveu a Bíblia e em quais circunstâncias?”, “Existe vida fora da terra?”, “Quais os limites do universo?” faziam parte do meu repertório. Iniciei, de maneira gradativa, a construir uma avalanche de indagações sobre tudo ao meu redor.

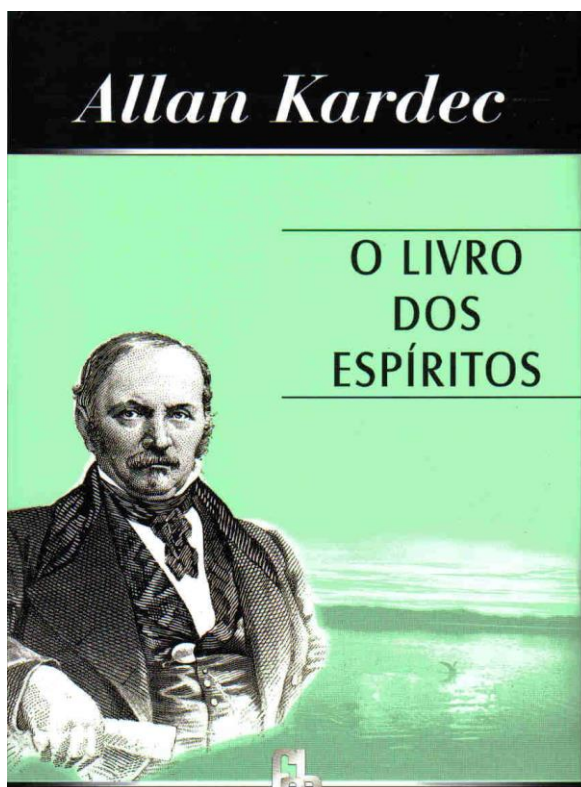
A religião de minha família era Católica Apostólica Romana. Minha mãe e meu pai foram batizados nessa igreja. Entre os irmãos, foram batizados até o quarto filho, os quatro mais velhos, os outros cinco mais jovens não tiveram o batismo. Na crença

popular, pode-se dizer que nós somos pagãos. Eu não fui batizado, não tive o hábito de ir à igreja, muito menos fazer a primeira comunhão feita pela maioria das crianças. Eu não me importava nem um pouco com o batismo. Tinha a ideia de que Deus, tão bondoso que era, segundo todos falavam, não me julgaria por não ser batizado segundo a religião católica. Nem meu pai e nem minha mãe, apesar de serem católicos, nos forçavam ir à missa. Essa liberdade para nós era confortável e a considero importante por eu ter criado um discernimento próprio e uma ideia sobre religiosidade.

Ainda nos anos 1980, próximo a nossa casa, no Conjunto Walfredo Gurgel, meu pai conheceu o sr. Carvalho Jr. Este homem apresentou ao meu pai a fundamentação da doutrina espírita e o convidou para ir a um centro espírita Kardecista, como chamam em algumas ocasiões, a doutrina de Alan Kardec. Foi a primeira vez que tivemos contato com a doutrina espírita. Na época, meu pai me levou junto com meu irmão Juliano para assistir à uma palestra espírita. Isso se repetiu algumas vezes. Eu não compreendia muito bem aquelas práticas e até ficava receoso, pois aquela religião, talvez por ter o nome espírita, me assustava um pouco e me distanciou de início de um aprofundamento mais consistente dessa doutrina. Após algum período, conforme o tempo foi passando, fui me envolvendo com a doutrina. E logo toda a família, aos poucos, foi assimilando os conceitos doutrinários dessa religião.

Pela primeira vez, depois de algum tempo de questionamentos na minha adolescência e estudando a doutrina de Alan Kardec, consegui clarear na minha mente indagações que antes não eram respondidas por outras religiões. Vida inteligente em outros mundos, o Big Bang, vida após a morte, reencarnação, imortalidade do espírito. Fui me abstendo de outras religiões, de maneira natural e dando cada vez mais espaço a “doutrina de Chico Xavier”, a maior representatividade do espiritismo no Brasil.

Foto 10. Ilustração do Livro dos Espíritos.



Fonte: Internet (agosto de 2017⁹)

O discernimento sobre justiça e igualdade foi sendo moldado por valores que adquiri na minha vida. Meus pais, os laços de família, o ato de saber repartir tudo que tinha entre meus irmãos, a doutrina espírita e seu embasamento no amor e na caridade construíram uma base sólida. Diante disso, quando via pessoas nas ruas pedindo ajuda, dormindo em praças, sentadas em calçadas, me incomodava a cada instante.

O curso de História me trouxe cargas de informações as quais me nortearam como um indivíduo crítico. Fundamentações com leituras dos clássicos da Antropologia como Levi Strauss (2011), Carl Marx (1987) e da História como Perry Anderson (1995), Eric Hobsbawm (1994). Bem como o estudo de autores brasileiros como Caio Prado Jr (2011) e Bóris Fausto (1994), estes também foram determinantes para um olhar crítico. As aulas em sala eram muito proveitosas, mas as discussões fora da sala de aula, com meus colegas de curso, foram essenciais e de um rico aprendizado.

Nos passos descritos neste tópico, traço elementos determinantes para formação de minha personalidade. A religião, a formação acadêmica, a inquietação como sujeito com as desigualdades sociais vistas todos os dias na minha frente, tudo isso influenciou.

⁹ Acesso em Agosto de 2017 em: https://http2.mlstatic.com/livro-dos-espirtos-kardec-D_NQ_NP_568425-MLB25449592204_032017-F.jpg

Esse tópico está desenvolvido basicamente para mostrar minha inquietação diante do mundo. Um mundo com uma realidade dura, na qual procuro uma forma de me reconstruir como pessoa. Estou há muito tempo tentando me entender e com os teóricos Freire (1987), Halbwachs (1990), Geertz (1989), Josso (2008), entre outros, percebo quanto ainda tenho muito para me formar como cidadão e como ser humano. Eles me mostram caminhos os quais eu ainda não explorei. Tenho mais certeza de que não sei de quase nada nessa vida. Sou um ser humano inacabado e vou ser até o fim de minha vida. Somos todos passíveis de erros e acertos, como também somos capazes de nos reconhecer como indivíduos com personalidades em constante transformação. A cada momento, procuro me entender para que, dessa ação, eu retire algo novo do que eu vivi.

A vida é determinada por escolhas e eu escolhi me reconhecer como um intérimo aprendiz. Quando olho para trás e vejo minhas vivências, entendo como sou hoje um reflexo de diversas fases de minha vida. A minha paixão por temas como o cinema, por exemplo, é a reconstrução do que vivi, logo me formei com experiências vividas e até hoje presentes, como nunca, em minha história. A projeção que eu faço do meu presente é da necessidade de entender mais do universo da inclusão do surdo e viabilizar a possibilidade desses sujeitos serem ouvidos mais pela sociedade. Decidi então fazer mais pela comunidade surda e esse passo inicial foi dado quando resolvi fazer esse trabalho.

Há uns cinco anos, me inseri em algumas produções audiovisuais ligadas a pessoas com deficiência. A convite e em companhia de Fábio Oliveira, um amigo da área de televisão, produzi um documentário sobre uma pessoa com deficiência visual, repórter da rádio difusora. Achei o trabalho incrível e a vontade de fazer algo parecido aumentava mais. Quando tive contato com a Profa. Ana Lúcia Aguiar e a Metodologia de Pesquisa (Auto)biográficas, tudo começou a fazer sentido. Contar a história de vida de pessoas comuns, partes de nossa existência, na importância coletiva, observando o sujeito singular e seu valor, era tudo que eu queria fazer. Então, ao término da primeira disciplina do mestrado em caráter especial, precisávamos produzir um vídeo o qual exaltasse a importância do sujeito à margem da sociedade e trabalhasse sua relevância do mesmo para o corpo social. O sujeito escolhido era um cadeirante, chamado Lucas Agostinho. O trabalho foi emocionante. A produção do documentário foi um dos maiores filmes já feito havia feito e apesar da simplicidade do local onde gravamos – um espaço em frente à Secretaria da Faculdade de Educação – (FE) – o personagem que estava em cena superou todas as expectativas. Deu uma lição de amor, esperança e

persistência e selou em mim um compromisso pela causa dessas pessoas com deficiência, mas que são vencedores desde o dia do nascimento.

Meses após essa primeira fase de gravação, fui com minha equipe, formada pelos alunos do mestrado em caráter especial, à cidade natal de menino Lucas. Na cidade Baraúnas/RN, entrevistamos a família, o pai, a mãe, os irmãos e os amigos com objetivo de acoplar ao filme e complementar sua história de vida para deixar documentado sua linda e louvável trajetória.

Foto 11. Lucas Agostinho documentário.



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Nesse mesmo semestre, outros alunos que estavam cursando uma disciplina em caráter especial me procuraram. Jansen Klauss, um amigo que conheci em outra ocasião de aluno especial e Francenilda Honorato, também amiga e um doce de pessoa, por quem tenho muito apreço. Estavam chegando ao término da disciplina e queriam que eu produzisse um documentário com um uma pessoa com deficiência visual, Thiago Queiroz. Eu já o conhecia de outras oportunidades em eventos, Estudos sobre a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, Nº 13. 146/15, rodas de conversa, caminhadas de protesto em função da busca de seus direitos, entre demais eventos. Thiago Queiroz é um incansável lutador da causa da inclusão. É membro do conselho da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – (ADVM)

O documentário foi produzido de forma singela. Gravamos na Sala Multimídia II, na Faculdade de Educação. Pegamos o depoimento da sua história de vida. Desde a infância até a fase adulta. Nesse primeiro momento, pudemos conhecer melhor sua

trajetória, o que ele vivenciou, suas dificuldades na vida particular e na sala de aula. Thiago tem baixa visão e enxerga por apenas um dos olhos. O processo de perda de visão é degenerativo, isto é, com o passar do tempo, sua visão vai ficando cada vez mais baixa. Hoje, Thiago Queiroz enxerga apenas 5% do olho esquerdo. Não existe como barrar o avanço de sua perda de visão. Conforme o tempo vai passando, chegará um momento em que perderá sua visão totalmente.

Thiago consegue se adaptar, mesmo com baixa visão, a algumas funcionalidades do dia a dia. Como andar de bicicleta, se inserir nas redes sociais, através de programas que o auxiliam e facilitam sua inserção nas mídias eletrônicas, na leitura e na sua escrita. Na atualidade, ele cursa Direito e almeja se especializar nas causas de pessoas com deficiência.

Foto 12 – Alunos do POSEDUC na gravação do documentário.¹⁰



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Fazendo aqui uma análise de minha história de vida, observo como, a cada página virada, me percebo melhor. O presente traz uma realidade mais centrada na lógica, na qual através da (auto)biografia, podemos entender cada momento que passamos na existência nesse mundo. Sair de mim para me enxergar de fora é um exercício cauteloso. Temos o costume de observar as outras pessoas, apontar suas falhas. Observar como são e como vivem. Atribuímos a elas a responsabilidade de

¹⁰ Thalita, Eliana, Francinilda, Thiago, Marta, Risalva, Klaus

nossas falhas. Devemos fazer um exercício, nos purgando de nossas imprecisões. A partir desse ponto, podemos nos ver e nos colocarmos no lugar do outro.

Juntando cada pedaço de minha trajetória, vejo o quanto tenho a fazer em relação à inclusão. Minhas memórias de família, baseadas na minha formação, me deram um parâmetro para seguir. Crenças e princípios os quais me seguem durante toda a minha vida, constituem quem eu sou e devo aplicá-los agora de maneira efetiva. Nada na minha vida foi por acaso. Hoje entendo que não. São as vicissitudes de minha vida fazendo sentido.

Na época de criança, os amigos também foram determinantes na formação de minha personalidade. Costumávamos nos perguntar como nós seríamos no futuro. Naquele momento, eu não tinha ideia nenhuma. Não sabia direito quem eu era, pois eu estava em formação. No presente, ainda não sei o que me tornarei, pois estou em um processo constante de aprendizagem, embora hoje eu tenha um norte e detecte cada fragmento de mim e o que eu tenho que fazer. Apesar de me indagar sobre as coisas do mundo, não tinha maturidade o suficiente para me ver como me enxergo agora. Cada momento na vida tem sua revelação.

1.4 A aceitação do “eu” como ponto de partida, norteado pelo estudo (auto)biográfico.

Para entender um pouco do mundo externo, precisamos compreender quem somos e aceitar de onde viemos, ou seja, conhecer nossa pertença e nossa origem. Meu pai, minha mãe, meus irmãos, minha avó, meus parentes próximos e meus amigos, sou o reflexo de todos eles. Tudo visto e aprendido foi devido a um convívio diário. Em repetidas vezes, nós conversamos, discutimos, nos conciliamos, criamos barreiras protetoras em nós mesmos, quando não aceitamos a condição do outro. Na maioria das vezes, somos egoístas por natureza. Achamos que todos podem errar menos nós. Nessa ideia errônea, passamos anos de nossa vida aprisionados a um pensamento individualista. Até um dia aparecer algum dispositivo, cuja função seja nos libertar dessa condição de escravidão de nós mesmos.

A leitura seria o primeiro passo para essa libertação de nosso ser. Essa condição de aprisionamento, que há muito tempo carregamos na existência, limita nossa capacidade de questionar e entender os acontecimentos ao nosso redor. Através do conhecimento se processa a libertação do homem. Seria uma libertação dos homens

com outros homens, coletivamente. Não existe libertação sozinha, assim como não acontece uma mudança sem a forma conjunta de indivíduos que buscam interesses comuns. Freire (1970, p. 30) afirma:

A ação libertadora, pelo contrário, reconhecendo esta dependência dos oprimidos como ponto vulnerável, deve tentar, através da reflexão e da ação, transformá-la em independência. Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho, também não é libertação de uns feitas por outros.

A relação de nós e o “outro” precisa existir, senão não haverá um caminhar coletivo. A sociedade é um conjunto de acontecimentos coletivos e singulares os quais se relacionam de maneira inseparável.

A pesquisa (auto)biográfica deu-me um rumo. Essa metodologia pode ser usada, de início, em nós mesmos, como autoconhecimento. Depois desse método, entendo que não se pode construir um trabalho de biografia de qualquer sujeito, sem compreender quem somos. Ao acontecer isso, podemos nos ver em terceira pessoa, saindo de nós mesmos e nos observando, como se fôssemos outro indivíduo. Não é uma tarefa fácil, no entanto com o exercício constante é possível ter um resultado satisfatório.

Quando reporto-me à minha infância, vejo o quanto foi relevante uma base familiar sólida. Por experiência própria de quem tem uma família com nove irmãos, cada um com seu pensamento e personalidade diferentes. Como estava rodeado todos os dias por muitas pessoas, eu não tinha a noção de como era complicado para meus pais a tarefa de criar nove filhos e todos estarem bem encaminhados na vida. O contexto era adverso, mas nós éramos unidos. Poderíamos até discutir ou brigar, porém não ficávamos sem nos falar, pois meus pais tomavam a frente, exigindo que nós nos conciliássemos.

Mamãe e papai tinham um auxílio muito expressivo de minha tia “Kika” e de minha avó Etelvina Olegário. Além delas, minha irmã mais velha Denise ajudava na criação dos filhos mais jovens. Sempre estávamos juntos, fosse assistindo televisão, conversando na sala, no quarto ou almoçando juntos, ali existia um laço muito forte entre nós. Do contrário disso, eu via famílias vizinhas com seus dois ou três filhos, porém não existia união entre eles, brigavam o tempo todo, ficando dias sem se falar.

Minha avó Etelvina foi uma criatura adorável, uma verdadeira mãe para nós, mas como a maioria das avós, em algumas situações, encobria algumas coisas erradas que fazíamos, ficando do nosso lado até mesmo quando estávamos sem razão alguma. Minha avó era uma mulher muito generosa. Não tinha nada que ela possuísse, que não dividia entre nós. Não parava nem um segundo. Sempre estava para lá e para cá. Ora lavando roupas, ora lavando a louça, cozinhando e passando roupa. Acordava todos os dias às quatro horas da manhã, parecia que não cansava nunca. Ela se preocupava muito com todos nós. Todos os dias pela manhã esquentava nosso leite e antes que acordássemos, saía de rede em rede dos filhos mais jovens aos mais velhos com a mamadeira de leite.

Essa generosidade de minha avó ficou marcada dentro de mim. É tanto que não consigo ver uma avó gritando com um neto ou o neto respondendo-lhe sem esquecer como a minha era uma criatura amável e jamais faria conosco uma coisa dessas. Na minha vida adulta, minha avó adquiriu diversos problemas de saúde – como diabetes, osteoporose, problemas de pressão – e na década de 2000, precisou colocar um marca passo. Mesmo frágil e debilitada era lúcida. Eu costumava chegar lá na casa do meu pai e já com meus trinta e pouco anos, entrava no quarto de minha vó, subia na cama dela e dizia em seu ouvido o quanto a amava. Ela ria e dizia o mesmo. Ela alcunhava-me de “branco”, uma forma carinhosa a qual jamais esquecerei. A ida dela ao médico era cada vez mais constante. Ia, internava-se, melhorava, voltava para casa. Um ciclo que se intensificava. Mas no ano de 2008, em meados do primeiro semestre, ela se internou e por complicações de suas várias doenças, partiu para o outro plano. Foi um dos dias mais tristes de minha vida. Saudades eternas, vovó.

Foto 13. Vovó Etelvina.



Fonte: Arquivo pessoal, anos 1990.

Eu considerava minha tia “Kika” como minha terceira mãe. Lembro-me que ela sempre morou conosco. Ela jamais se casou. Teve apenas um namorado na vida. Quando meus pais se casaram, minha tia veio morar junto à minha mãe, sua irmã. Kika foi acometida por um forte sarampo durante a sua infância e isso afetou sua audição. Anos após o acontecido, ela ficou com baixa audição e conforme o tempo passava, perdia ainda mais sua audição. Até que chegou um ponto em que não ouvia nada. Antes, aumentava o som da televisão para escutar, mas chegou um momento de sua surdez se tão acentuada que poderíamos aumentar o volume da Tv e não fazia mais diferença. Minha tia se envergonhava de sua surdez. Com nossa família e parentes mais próximos ela não se importava tanto, porém não queria que outras pessoas de fora soubessem que ela possuía esse problema. Por ela não escutar, sempre achava que nós estávamos falando mal dela. Ela adquiriu uma “cisma” e saía raivosa do ambiente. Estávamos acostumados com tais inconstâncias dela, portanto, levávamos na esportiva e até brincávamos.

Kika era uma criatura generosa, nos anos 1990, trabalhava em uma lavanderia. Lá tinha uma dúzia de lavadeiras que lavavam e passavam o dia inteiro, para ajudarem no orçamento da casa. Quando chegava meio dia, eu ou meu irmão Juliano íamos de bicicleta deixar o seu almoço na lavanderia, onde ela trabalhava. Isso durou mais ou

menos uns dez anos. A cooperativa de lavadeiras se extinguiu e ela deixou aquele local. Ficou em casa ajudando nos afazeres domésticos.

Minha tia foi a primeira pessoa que eu conheci que tinha deficiência. Na época, anos 1980, não existia um suporte para pessoas surdas como nos dias de hoje. Antigamente, a surdez era tratada como uma “patologia” e as pessoas surdas eram isoladas ou excluídas do grupo social. Na década de 1980, a medicina esperava ou tentava curar os surdos e torná-los mais próximos possíveis das pessoas ouvintes. (RODRIGUES; ANTUNES, 2003. Apud, Beltrami e Moura, 2015).

Foto 14. Minha tia Kika, sentada entre meus irmãos.



Fonte: Arquivo familiar, 1979.

No ano de 1980, houve um Congresso de Professores Surdos em Milão e lá discutiram um melhor método para a educação dos surdos: a língua de sinais, o oralismo ou a mista (MOURA, 2000). Na votação, venceu o método oral com uma proposta de fazer com que os surdos aprendessem leitura labial. Após esse congresso, diversos países ficaram proibidos de ensinar Libras aos surdos, inclusive o Brasil.

Apenas na década de 1990, houve um avanço significativo na educação dos surdos. Uma vez que várias escolas aderiram à educação bilíngue com a LIBRAS, ficando essa reconhecida como a língua principal dos surdos, a língua portuguesa oral e/ou escrita considerada como a segunda língua para os surdos (KUCHENBECKER; THOMA, 2011).

A acessibilidade não funcionava em muitos aspectos, pois existia uma falta de cuidado por parte dos ouvintes com as pessoas surdas. E isso eu sempre ouvia da parte do indivíduo objeto de estudo deste trabalho. Ele reclamava sempre dos momentos de lazer, principalmente quando ia ao cinema. A quantidade de filmes legendados era sempre menor que os filmes dublados, estes sempre foram em maior número. É como se existissem apenas ouvintes, nem surdos e nem cegos.

Apesar da Agência Nacional de Cinema – ANCINE ter regulamentado, na sua Instrução Normativa Nº 128/ 2016, normas e critérios que regulamentam o provimento de recursos de acessibilidade visual e auditiva nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica, percebemos uma falta de agilidade na execução dessas ferramentas que irão auxiliar as pessoas com deficiência auditiva. Da mesma forma, a LBI no seu art. 3º, inciso terceiro, aborda a Tecnologia Assistiva, representante de um “arsenal de ferramentas a serviço dos não ouvintes ou mesmo na inclusão de pessoas com deficiências”. Refiro-me a legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS.

Diante dessa problemática, vi-me na obrigação de engajar-me na luta das pessoas com surdez. Já com produções de documentários nessa área de inclusão, sentia a necessidade de fazer mais pela inserção dessas pessoas na sociedade. O início de minha luta para ajudar as pessoas com deficiência iniciou-se com a garra de Wiksendeles. Sempre via nele um ser humano doado de corpo e alma pela luta das pessoas com deficiência. Ao perceber a minha ligação com ele e seu problema com a surdez, fui me reportando ao passado a cada instante.

Quando a Profa. Ana Lúcia Aguiar trabalhou o método da (auto)biografia conosco, fui fazendo o autoconhecimento de minha vida. Aproximando-me a cada momento de minhas lembranças, vi que minha relação com surdez não era por acaso. Estava todo o tempo no meu seio familiar e não havia me atentado para isso. A minha tia Kika foi minha primeira experiência com deficiência e surdez. Ela vivenciou sua deficiência em um momento crítico para quem era surdo. Superou todas suas limitações e criou suas próprias maneiras de se comunicar conosco. Aprendeu a leitura labial através de sua técnica específica. Diante de um mundo cheio de adversidades, encontrou maneiras de se adaptar aos duros golpes da realidade. A vida de minha tia foi louvável. Ela sofreu tanto sem nossa percepção de notar, entretanto, apesar desse problema enfrentado por Kika, ela era feliz conosco. Lembro-me de instantes agradáveis ao seu lado. Ela cantava músicas de sua época de criança. A sua voz fanhosa ainda ecoa dentro

de mim, suas gargalhadas dadas no momento dos episódios das novelas ficaram nas minhas lembranças. Onde você estiver, Kika, um beijo fraterno e caloroso igual aos que você dava em mim. Eu te amo!

Diante desse enorme carinho por minha tia, anos depois, percebi que minha aproximação com Wiksendeles não seria por acaso. A ligação que eu tinha com a deficiência auditiva na minha infância voltou a fazer sentido no presente. Agora tenho outra chance de lutar pela inclusão dos surdos. Coisa que, de forma lamentável, não poderia fazer mais por minha tia. Levo em conta a minha falta de formação no quesito inclusão, pois não tinha ideia da causa.

Foto 15. Wiksendeles de Souza Santos.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017

A foto de Wiksendeles representa um momento de luta pela inclusão do surdo. É como tivesse aberto outra possibilidade, um novo tempo. A chance de poder fazer o que não pude antes por minha tia “Kika”. No presente, vejo-me mais consciente da causa da inclusão, compreendo o quanto minha tia sofreu. Acredito que foi mais difícil do que imaginei. Ela era uma mulher forte, pois não era fácil ter uma deficiência auditiva em uma época sem suportes necessários para pessoas com essa limitação. Eu poderia ter feito mais por ela, tenho essa sensação, embora não tivesse nenhuma ideia de como ajudar uma pessoa com surdez. Eu não tinha suporte para tal enfrentamento. Naquela época, eu não entendia a pesquisa (auto)biográfica. Esse método que conheci recentemente foi como uma luz de um candeeiro em uma noite escura. Representa agora

a minha aproximação com meu passado. A chance de colocar cada acontecimento no seu devido lugar.

O passado foi ótimo, mas o presente é melhor ainda. Entendo a transformação. Mudanças são necessárias para podermos nos conhecer. Conseguir perceber os erros é tão incrível quanto poder resolvê-los. O amor e o respeito a si próprio são importantes, assim como o achar do “eu” também. Poder dividir essa descoberta com o “outro” é melhor ainda.

Depois de tanto tempo, era inimaginável poder falar de mim com estivesse olhando para outra pessoa. Esse método traz o sujeito a uma condição de importância e o faz emergir como personagem principal de sua vida. Ser crítico e analítico faz-me achar o “eu” antes perdido no espaço e no tempo. Não damos a devida importância para aquilo já passado em nossa vida. Era como se fosse algo que não precisava estar refutando. Como se o passado precisasse ficar lá, de tal modo que não pertencesse mais a nós. Como um historiador, eu deveria saber disso, no entanto, como tratei a História convencional como importante, desmereci a minha própria narrativa, como se fosse sem relevância. Essa valorização do sujeito comum, defendida pela (auto)biografia, é a base de sustentação para os indivíduos em busca da sua função histórica. Josso (2008) vê a importância dos trabalhos de pesquisa com base nos relatos de vida e a aprendizagem com base nessas experiências. Há um trabalho de reflexão de si mesmo que seria essencial para uma relação da nossa vida singular, a partir de um entendimento plural. Ambos se relacionam e se completam o singular se vê no plural e vice-versa.

Hoje, no método (auto)biográfico, existem alguns suportes para sua aplicação, por exemplo: a filmagem como ferramenta no registro de momentos, de uma entrevista; o conhecimento na área de cinema, tem idílica relevância para o que proponho nesta pesquisa. No decorrer de minha participação na TCM, adquiri subsídios, que darão suportes para minha atividade no mestrado. A experiência que obtive durante os treze anos trabalhados na TCM (Tv Cabo Mossoró), valerá principalmente, na construção das entrevistas. O vídeo auxiliará na escrita do texto, podendo me valer da imagem em movimento, facilitando uma interpretação precisa dos acontecimentos narrados e transferidos para o texto com melhor precisão.

Durante esse mês de escrita desse primeiro, posso afirmar o quanto conheci outro “eu”. Uma parte de mim nunca vista antes. Ao mergulhar no meu íntimo, pude me ver no “outro”. Essa é objetivo central da narrativa (auto)biográfica. Como descobrir o caminho do outro se não encontramos nem a nossa própria trajetória?

Devemos enveredar por esse caminho da procura constante por nós mesmos. Aos poucos, estou compreendendo que deve ser feito na pesquisa. Passei dez anos inerte, depois do término da minha faculdade e estou me encontrando após todo esse tempo. Agradeço à profa. Ana Lúcia Aguiar por dar-me essa chance de ouro de aprender a aprender. Agradeço por ter me apresentado a pesquisa (auto)biográfica, pois esta é a oportunidade de eu me encontrar de novo. De fato, antes eu estava perdido e consegui voltar aos trilhos de minha jornada. A subida é íngreme, mas não desistirei. Assim como fiz na infância, nada foi fácil e nada será fácil, não desistirei. Estou aqui e eu vou até o fim.

Foto 16. Eu e meus irmãos.



Fonte. Arquivo, pessoal, 1979

Essa imagem representa a luta pelo presente e o passado, é o motor construtor de nossa memória e nossa história de vida. Antes, na pesquisa (auto)biográfica, não via nada além de fotos. Hoje, vejo fotografias em movimento. Elas falam, elas se movem.

A surdez e o cinema são partes de mim. Somos aquilo que nossa história de vida nos determina. Na minha infância, o cinema e a surdez estavam sempre presentes. Essa pesquisa sobre a vida de um surdo e o cinema, tão presentes na minha vida, determina as minhas escolhas. É uma união entre a minha relação com o cinema e a deficiência auditiva. São os pontos centrais de minha pesquisa, assim como também de minha vida.

No presente, entendi a necessidade de compreender o outro. A (auto)biografia ajudou a me questionar como sujeito, como agente de minha vida, fazendo-me entender a minha existência. O objetivo desse trabalho é compreender o processo de inclusão do surdo no cinema na cidade de Mossoró/RN assim como também é objetivo desse capítulo aceitar o meu “eu”. Os passos percorridos no meu tempo de infância até o meu presente.

Minhas vivências são também minhas experiências as quais devo levar em conta na reconstrução do meu ser. No mundo do outro, vejo a possibilidade de auxiliar-me para vida. Um olhar mais cauteloso para a causa do outro é o primeiro passo de entendimento dos sujeitos com deficiência. Precisamos nos achar como pessoa e, a partir disso, trabalhar no outro indivíduo de modo que poderemos compreender melhor o surdo em sua realidade e seu enfrentamento perante um caminho, que se deve seguir, sempre com a cabeça erguida.

CAPÍTULO 2

SURDO, MEMÓRIAS, VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS. A
(AUTO)BIOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE
AUTOCONHECIMENTO E INCLUSÃO



Foi a primeira coisa que existiu, o silêncio que ninguém ouviu...

Arnaldo Antunes

Neste capítulo, temos como objetivo, buscar interpretações de uma vida. Um sujeito que trás consigo a capacidade de se auto afirmar como o responsável por suas escolhas e seus atos. Primeiro, olhei para o meu próprio passado para entender que sou capaz de me enxergar de uma maneira diferente do que antes via. Fui refutando cada página de minha infância, minha existência. Resignifiquei algumas coisas, outras não. Aquilo que eu não consegui interligar com meu presente, de fato, não eram minhas e não me pertencem mais, só ao meu passado. Fiz uma avaliação de mim, um balanço do que passei, do que vivi. Olhei para atrás, na minha infância, toquei feridas, me machuquei, me perdoei. O que eu não me desculpei deixei no esquecimento do meu íntimo. Quando me senti preparado para continuar, percebi a era hora de ajudar a reconstruir e ressignificar também o passado de Wiksendeles. Busquei primeiro ajuda para mim, para depois tentar fazer com que ele se encontrasse também.

Nesse momento de escrita, entra a relevância de conhecer o sujeito da pesquisa. O Wiksendeles de Souza Santos é uma pessoa com deficiência auditiva. Explanaremos o seu mundo e suas vivências, dando um melhor entendimento sobre seu núcleo familiar, assim como seus amigos surdos, os quais compõe o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS) e a Associação de Surdos de Mossoró (ASMO). Através do método (auto)biográfico será trabalhado o protagonismo desse sujeito, afim de entendermos melhor seu convívio e entrar no mundo do “outro”, o objetivo da pesquisa.

A família de Wiksendeles de Souza Santos, seus pais, irmãs, seus primos, tios e amigos serão enfatizados, neste capítulo, como indivíduos determinantes na vida e desenvolvimento de sua personalidade, desde sua infância até sua fase adulta. As narrativas (auto)biográficas de sua vida nortearão o capítulo. Essas memórias guardadas por muito tempo serão contadas e enfatizadas com o objetivo de conhecer suas vivências e descobrir passo a passo o que foi responsável pela atual formação de Wiksendeles como pessoa adulta. Esse estudo tem a pretensão de entender melhor o que se passou com ele na infância e de como se tornou indivíduo conhecedor de sua trajetória de vida em sua fase adulta. Com base na importância de resgatar uma memória da infância, Halbwachs (1990, p. 62) afirma que a memória se divide entre um conjunto de impressões pessoais e diversas correntes de pensamentos coletivos.

Nessa etapa da pesquisa, nos deparamos com grandes dificuldades, no que diz respeito a aproximação do nosso sujeito da pesquisa, Wiksendeles. Não porque ele não tenha dado margens para este estreitamento entre nós, sujeitos no processo de pesquisa,

mas devido a diversos afazeres, dentro de sua comunidade surda, o que faz com que Wiksendeles esteja inteirado, como nunca, no seu processo de crescimento como sujeito protagonista de sua história. Isso nos deu o norte, pois o que buscamos na pesquisa é entender o quanto é preciso mostrar para a sociedade que a pessoa com surdez está mais ativo do que nunca, dentro do meio social. Dessa maneira, entendemos estar no caminho certo perante a complexidade de uma pesquisa científica e isso nos deixa eufóricos. Diante uma aproximação mais profunda na vida de Wiksendeles de Souza Santos, percebemos o quão é essencial o mergulho em sua vida e com base nesta vivência, dar um parâmetro da vida de outros surdos.

2.1 Entendendo-se a si mesmo como sujeito surdo.

Silêncio. O que significa o silêncio? Como podemos defini-lo? É possível? Minha interpretação do silêncio não é absoluta e nem tenho pretensão que seja. É apenas minha humilde opinião. Por isso exponho, sem medo ou receio e de maneira simples, o que penso e assumo toda a responsabilidade, se estiver errado. A pesquisa talvez caminhe nesse sentido, com erros e acertos toleráveis no processo. Achismos transformados em ideias e ideias à procura de respostas. Diante das nossas inquietações, rumamos ao entendimento daquilo não sabido. Por esse motivo, atrevi-me a dar uma concepção da ausência do som.

O silêncio. Esse mesmo silêncio perpassou toda a existência de Wiksendeles, do seu nascimento até o seu presente. A busca em compreender a vida dele é também a possibilidade de sentirmos na pele cada instante que o sujeito da pesquisa sentiu. Como podemos ter ideia do que Wiksendeles passou se não nos colocamos em seu lugar? Como saber o sentimento do outro, sem passar pela vivência de Wiki? Em particular, penso que não seria possível sem sentir na pele o que o sujeito da pesquisa enfrentou na vida. O que é nascer sem escutar? Como é ser alguém que nunca ouviu? Não podemos explicar, exatamente, porque nós, ouvintes, não nascemos assim. Podemos nos colocar no lugar do surdo e, no mínimo, entendê-lo.

Compreender o mundo como deve ser igual para cada um, sem restrições, separatismos, desigualdades e superioridade de uns sobre os outros. Wiksendeles é surdo, de fato uma deficiência, contudo não o faz incapaz e limitado por isso. Nós seres humanos, dotamos das mais diversas limitações, no entanto somos capazes de fazermos outras. O exemplo disso é Wiksendeles. O silêncio pairado em seus ouvidos é o

combustível que aguça seus outros sentidos. Uma espécie de compensação natural pela falta de audição. Não sou surdo, como Wiksendeles, mas tenho a obrigação de entender o seu mundo. Suas certezas, dúvidas, receios, suas metas e seus sonhos. Como entender aquilo que não somos? Precisei de estratégias...

Quando tapamos nossos ouvidos, abrimos os olhos e observamos o balanço das árvores, percebemos que, o impulso do vai e vem das folhas é o vento. Mesmo sem escutarmos, pois nossos ouvidos ainda estão tapados, notamos o vento, mesmo assim, presente. O vento se apresenta de várias maneiras e é possível notá-lo na natureza de outras formas, com outras várias leituras. Sentimos o vento, no nosso corpo, na nossa pele e isso nos dá diversas sensações, quando está quente ou quando o vento está frio. Mesmo quando não temos um de nossos sentidos, o mundo não deixa de ter significado. Outros sentidos como a visão, o tato, o olfato, as sensações, se aguçam e suprem a “falta” da audição.

É isso que acontece com as pessoas com deficiência auditiva. O fato de não ouvirem, não os fazem menos capazes que nós ouvintes. A significação das coisas, são vastas, estão por toda parte, basta que percebamos para a serventia de cada uma delas. Através das simbologias dos gestos, os surdos se comunicam e entendem o mundo que os rodeiam. A LIBRAS – Lei Brasileira de Sinais, caracteriza sua língua mãe. É através delas que os surdos se sobressaem perante a sociedade, é de fato, sua comunicação.

Voltando nosso olhar um pouco no tempo, buscamos certo entendimento de nossa realidade presente no que se refere à inclusão. Com a Antropologia, poderemos traçar uma base consistente e entender um pouco mais o indivíduo social e como a pessoa com deficiência perpassou ao longo desse percurso social. Dessa maneira, Levi-Strauss (2011), afirma que as sociedades são feitas para mudar e isso seria o princípio de sua estrutura. Tais mudanças da sociedade, afirmadas pelo autor, serão tratadas nesse tópico. Será construído um olhar voltado às diferenças do passado e dos dias atuais, no que diz respeito à sociedade de inclusão.

Entender de forma básica a estrutura social para direcionar os acontecimentos atuais é determinante para redirecionarmos nossas ações com relação a inclusão de pessoas com deficiência. Com o estudo da Antropologia e sua proposta de atuação como ciência, buscamos respostas para os diversos questionamentos levantados nessa pesquisa em relação a inclusão e o desejo de fazer melhor pela inclusão para um dia ser uma realidade diária em nossas ações. Strauss (2011) traz uma visão mais humana e igualitária, quando aborda a questão do indivíduo em sociedade. Esse é um dos pontos

que consideramos relevantes para pesquisa, uma vez que tem o objetivo de entender o processo de inclusão do surdo no cinema, buscar o valor humano, seja qual for o indivíduo, e firmar a importância de sua história de vida.

A Antropologia surgiu em um momento oportuno para abordar questões sobre as relações dos indivíduos em sociedade. Um olhar voltado para o ser humano com os seus sentimentos, suas vivências dentro do núcleo social, suas individualidades que juntas dos grupos formam o todo. O período pós Segunda Guerra trouxe um alerta para a sociedade em relação a “supremacia” de um determinado povo sobre o outro.

As questões da “superioridade” de “raças” despertaram no olhar dos cientistas sociais uma valorização de que os seres humanos são iguais perante às leis, bem como diante da vida. Esse período pós-guerra desencadeou as lutas pela libertação das regiões coloniais, até então tomadas por governos imperialistas e sua política expansionista. Existia um controle colonial por parte de países da Europa Ocidental, na década de 1950, sobre grandes partes territoriais do globo. Era um processo geopolítico excludente baseado em uma hierarquia racial.¹¹ Diante dessa conjuntura, atentemos para um texto lançado por Levi-Strauss no ano de 1952, intitulado “Raça e História”. Strauss (2011, p. 01), inicia com a seguinte afirmação:

Falar da contribuição das raças humanas para a civilização mundial poderia assumir um aspecto surpreendente numa coleção de brochuras destinadas a lutar contra o preconceito racista. Resultaria num esforço vão ter consagrado tanto talento e tantos esforços para demonstrar que nada, no estado atual da ciência, permite afirmar a superioridade ou a inferioridade intelectual de uma raça em relação a outra, a não ser que se quisesse restituir sub-repticiamente a sua consistência à noção de raça, parecendo demonstrar que os grandes grupos étnicos que compõem a humanidade trouxeram, enquanto tais, contribuições específicas para o patrimônio comum.

Frente a isso, vemos certa crítica a esse pensamento de existir alguma “raça”, civilização ou povo superior a outro. Strauss nota que há diversidades das formas culturais humanas e que essa mesma diversidade apenas terá sentido se estiverem relacionadas entre elas. “De maneira que se não se relacionassem, não haveria nem

¹¹ O texto Raça e História foi publicado em 1952 pela Unesco, diante de um contexto pós-II Guerra, da mesma maneira de outros textos que visavam acabar com o racismo e uma xenofobia, crescentes e enraizados no meio social e devido um contexto criado, também, pelo nazismo, característico desse período. O pensamento antropológico surge como uma válvula de escape na busca de igualdade entre as diversas manifestações culturais dos povos. Desse modo desmistifica o que se entende como certo, errado, superior, inferior, e que separado indivíduos de uma mesma sociedade.

mesmo a percepção da diversidade”. Ao trazer esse pensamento para nossa pesquisa, notamos como a busca por um entendimento do outro parte de um pressuposto de que não existe uma superioridade de nós ouvintes em relação aos surdos. O olhar antropológico nos faz compreender que toda diferença existente na sociedade, constitui as manifestações diversas do nosso convívio em sociedade. A compreensão do outro, deve partir de um olhar fraterno nas questões das diferenças. Quando nos enxergamos, em algum momento, superiores a outras pessoas, falhamos como cidadão, pois não somos capazes de nos solidarizarmos com a dor do outro. A humanidade se constrói da maneira mútua, com todos e para todos.

Ainda relacionado à importância às diferenças, Lévi Strauss (2011, p.07) pontua:

Todos negligenciavam, e até mesmo se recusavam a ver, as diferenças que, porém, são essências desde que se trate de estudar o homem. Pois como devia dizer mais tarde Jean- Jaques Rousseau, “é preciso primeiro observar as diferenças para descobrir as propriedades.”

A palavra *diferença* é mais ampla que o seu sentido denotativo. Por trás dela, há abrangência a várias respostas para tantas perguntas entraves sociais durante muito tempo. Questões como a superioridade das raças, por exemplo, só existem quando não entendem ou buscam compreender que fora a vaidade de nosso ego, existem pessoas ao nosso redor e elas pensam, tem desejos e sentimentos. Assim, é necessário, no mínimo, termos entendimento das diferenças, pois se elas existem é por que não somos a única verdade. As diferenças nos fazem mais ricos, logo a riqueza de muitos olhares e interpretações só nos faz mais fortes.

Com o passar dos anos, em meados do século XIX e no decorrer do século XX, a Antropologia foi emergindo como uma ciência importante para trabalhar a interpretação do indivíduo social, através da observação dos sujeitos perante a sociedade. Os antropólogos perceberam a importância individual de cada sujeito, cada povo, suas especificidades que compõe a totalidade e forma a base da sociedade. Essa visão mais ampla do sujeito conseguiu enfatizar a significância do indivíduo o qual passou a ser visto como pessoa, com desejos, pensamentos e ideologias a seguir. A Antropologia trouxe a sociedade mais próxima da humanidade. Fez com que o seu humano fosse notado e compreendido, fugindo da ideia de que o diferente deve ser desprezado por não seguir o padrão social. O indígena, o negro, as pessoas que tinham

deficiência, ou que estavam a margem da sociedade, na visão antropológica, passaram a “ser pessoas”.

Métodos foram surgindo para dar um maior suporte para o autoconhecimento. A própria pesquisa (auto)biográfica nos dá a possibilidade de extrairmos, da história de vida do sujeito, um entendimento mais aprofundado do objeto de pesquisa. E dessa maneira, amplia nossa compreensão de uma vida e de como ela se processa na sociedade frente às adversidades. Nesse ensejo, podemos solucionar as melhores saídas para a participação do sujeito com deficiência na sociedade, no ato de garantir o seu direito.

Cada um de nós procura o seu espaço na sociedade, nossa participação ativa nas decisões na vida, desde o núcleo familiar até nos depararmos com elementos externos como outros grupos, com seus pensamentos, crenças e ações divergentes da nossa origem familiar. Assim como procuramos nosso entendimento, as pessoas com deficiência, assim, também o fazem. Em relação ao surdo e baseada na vida de Wiksendeles de Souza Santos, núcleo central dessa pesquisa, partimos na jornada de entendê-lo como sujeito da pesquisa e de sua vida, ao mesmo tempo em que buscamos fazer com que ele também se encontre como indivíduo primordial e protagonista de sua vida. Percebemos, durante a construção dessa dissertação, um Wiksendeles que jamais desistiu de si, nenhum só momento.

Cada palavra das linhas desse trabalho busca sentidos que sustentam e dão corpo para a vida de Wiki. A consistência dos acontecimentos norteadores de sua vida está ligada, de forma intrínseca, às suas escolhas e aos seus caminhos percorridos. O sujeito dessa pesquisa, decidiu dar movimento e significado a sua existência, ao invés de ficar estático em casa e aguardar tempos melhores. A vida é movida por escolhas e Wiksendeles preferiu o caminho que o emergisse como sujeito dono de seu destino.

Durante o processo de construção dessa pesquisa, nós buscamos mergulhar no dia a dia de Wiksendeles. É essencial estarmos pertos do sujeito para que o desenvolvimento da pesquisa tenha um embasamento mais consistente. Cada detalhe vislumbrado durante as narrativas, assim como as vozes de seus familiares, trouxe interpretações contundentes para melhor compreendermos a história de Wiksendeles.

Quando decidimos as estratégias para construir esse trabalho, levamos em consideração a significativa participação efetiva de Wiksendeles nas decisões de sua vida. O protagonismo já enraizado nele, foi usado como potencialização para recriação das diversas interpretações dele mesmo, na sua própria visão de sujeito surdo. Apesar de

Wiki saber quais os caminhos a seguir em sua existência, se torna evidente enxergar em si mesmo o quanto é capaz de ir, ainda mais longe, como sujeito e como ser humano.

Eu, Adriano Pinheiro, faço parte de seu núcleo familiar, pois sou casado com a prima de Wiksendeles, Gabrielly Santos. Hoje estou ainda mais presente em seu cotidiano. Nesse primeiro momento, na construção deste capítulo, fizemos uma viagem para a cidade de Campo Grande/RN¹². Fomos para o Sítio Campanha, lugar onde grande parte da família de Wiksendeles se originou e até hoje reside. Pessoas simples e humildes e com um grande senso de humor. Acolhem qualquer pessoa com carinho e atenção. No sítio, fomos para a casa do irmão de minha sogra, Azenilda Maria da Conceição, mais conhecida como “Nilda”. A casa onde ficamos é de Antonio Jorismar, conhecido como Jóris, rapaz dotado de uma simplicidade peculiar, mesma simplicidade observada em sua casa, feita de “taipa”, construída com muito esforço por seus outros irmãos, há alguns anos. Nessa viagem, fomos eu, minha esposa, minha filha, assim como “Nilda” minha sogra e tia de Wiki, uma das irmãs dele, chamada Wnara e o seu pai. É evidente que foram outros membros da família, entre primos, tios e tias de Wiksendeles. A casa em que ficamos, quando fomos para o Sítio Campanha em Campo Grande/RN, era pequena, na frente dela foram colocadas estacas fincadas no chão, cobertas por uma lona, improvisando uma cobertura. As redes foram armadas nessas estacas para acomodar todas as pessoas hóspedes da casa.

Foto 17. Casa de Jorismar, Sítio Campanha, Campo Grande /RN



Fonte: arquivo pessoal, 2017.

¹² Campo Grande se situa a 55 km a Sul-Oeste de Assu a maior cidade nos arredores. Situado a 92 metros de altitude, de Campo Grande tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 5° 51' 50" Sul, Longitude: 37° 18' 36" Oeste. Vizinho dos municípios de Janduís, Triunfo Potiguar e Jucurutu, Pesquisado em; <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-campo-grande.html>

Esse contato com Wiksendeles, durante essa viagem, foi essencial para interação e entendimento do seu mundo. Participei de alguns encontros familiares em sua casa em Mossoró – ocasião na qual estavam presentes parte de sua comunidade surda, seus amigos e seus familiares – no entanto, essa viagem ao Sítio Campanha teve uma característica especial, porque Wiki estava envolvido, desde o primeiro dia de suas narrativas e dava para perceber como ele estava à vontade a falar sobre si. Na minha percepção, ele estava de maneira leve, pois se encontrava entre pessoas as quais amava e um “mundo”, um espaço em que ele se sentia bem. Nesse momento me lembrei de Geertz (1989, p.149):

O pensamento humano é rematadamente social: social em sua origem, em suas funções, social em suas formas, social em suas aplicações. Fundamentalmente, é uma atividade pública — seu habitat natural é o pátio da casa, o local do mercado e a praça da cidade. As implicações desse fato para a análise antropológica da cultura [...]

Esse trecho de Geertz (1989) passa o entendimento de que o meio em que o indivíduo está inserido e do qual ele faz parte definem para o grau de significação que o lugar tem para o sujeito. Apesar de não estar no meio de pessoas com surdez, Wiksendeles encontrava-se em um espaço com muito sentido para ele. O sítio fazia parte de sua infância e esse contato, mais uma vez, trazia à tona seu passado. A sua pertença estava ali de presente. Suas memórias retomaram seu pensamento naquele instante.

Wiki se via criança, correndo, brincando. Estava andando mais uma vez entre aqueles caminhos que cortavam os arbustos e se entrelaçavam por entre as árvores de seriguela e de pés de manga, onde, por vezes, paravam Wiksendeles, sua irmã e seus primos e primas para descansar de uma caminhada que começava antes do almoço e terminava ao entardecer. Wiki sorria enquanto brincava de “baladeira¹³” com seus primos, mirando nas latas jogadas no chão para ver quem as acertava mais. Eu assistia aquele instante, lisonjeado. Estava com minha câmera em mãos, como de forma costumeira, leve para registrar essas ocasiões, esses momentos únicos. Fiz como meu pai “Tatá¹⁴” também fazia ao andar registrando momentos entre família com sua câmera. Às vezes, até instantes os quais podíamos considerar irrelevantes eram

¹³ Pequena forquilha de madeira, com elástico, para atirar pedras; estilingue; atiradeira. Pesquisado em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/baladeira/>

¹⁴ José Pedro de Andrade, “Tatá”, meu pai. Apelido que trouxe desde sua infância.

documentados por papai. Ele nos dizia que quando crescêssemos, serviria para recordar aqueles instantes, tudo lembraria nossa história. Aprendi isso com ele.

A cada dia que se passa na minha vida, tenho mais certeza de que meu pai estava certo em relação a guardar momentos que serviriam no futuro para nós mesmos. Cada instante passado perto de Wiki é aproveitado por cada segundo. É muito valioso estar próximo a ele. Eu aprendo a cada instante, pois a experiência de vida que Wiksendeles me passa, costumo registrar, em especial, de duas formas: na mente e na lente de minha câmera.

O sítio Campanha, em Campo Grande/RN, foi um local muito especial para a infância de Wiki. Minha sogra Nilda, também tia de Wiksendeles, é natural dessa cidade. Ela conta que, aos feriados ou fins de semana, Wiki viajava para o sítio e aproveitava intensamente cada momento, brincando com seus primos. Wiksendeles se sentia livre, passava maior parte do tempo se “deliciando” daqueles momentos no sítio e longe do movimento do meio urbano da cidade de Mossoró. Sem contar que ele só saía de casa para ir para aula, para o médico ou se fosse realmente necessário. Por causa da surdez, sua família o resguardava de certos lugares, por ele não ser compreendido ou mesmo repreendido pelas outras pessoas que não eram de seu convívio.

Wiki era superprotegido pela família, de modo que quando saía de casa precisava da companhia de alguém de sua família, fossem as irmãs, os pais e até os tios. Entendo ser um reflexo natural, pois quando um membro da família é portador alguma deficiência, cria-se por parte da família um tipo de “redoma” protetora em volta pessoa com deficiência, como maneira de protegê-lo do mundo externo. É importante lembrar que depois de Wiksendeles conhecer a LIBRAS e por consequência se libertar das “amarras” protetoras dos seus familiares, iniciou o seu processo de reestruturação de sua personalidade, baseado em uma nova postura perante a sociedade. Isso acarretado por uma mentalidade que visava a construção de um novo ser. Um indivíduo protagonista de sua vida e que, daquele momento em diante, reescreveria uma nova história e um novo caminho.

Faz necessário frisar que Wiksendeles conheceu a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em um momento decisivo de sua vida. Ainda criança, sua mãe, Maria Clara, na ânsia de lutar por inserção na sociedade e no direito de Wiki estudar, ouviu a primeira vez a palavra LIBRAS. Esse primeiro contato com a Língua Brasileira de Sinais aconteceu no Centro Estadual de Capacitação de Educadores ao Surdo – CAS. Wiksendeles, de maneira imediata, percebeu ali, como o seu lugar. Deu seus primeiros

passos para modificar a sua relação com o meio social, através de uma participação ativa, onde fez emergir no seu íntimo a vontade de crescer como um indivíduo conhecedor do seu papel no meio social. O período “pós-Libras” significou uma nova página em sua vida, um observar de um outro horizonte. Daquele momento em diante, jurou para seu próprio íntimo de jamais desistir de lutar por dias melhores.

Foto 18. Wiksendeles brincando com a “baladeira”.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

A tia de Wiksendeles, Nilda, narrou um período da infância de Wiki, em que auxiliou em sua criação. Nilda morou alguns anos com a mãe de Wiksendeles. O pai de “Wiki” é irmão de Nilda. Esse período foi onde minha sogra teve um contato mais significativo na vida de seu sobrinho. Essa tia, que é a minha sogra, contou-me sobre a infância de Wiki como sujeito com surdez. Relatou a grande dificuldade com que seus pais lidavam e também não tinham ideia de como se comportar diante de um filho com a deficiência auditiva. Os pais se comunicavam com Wiki através de gestos, pois os interlocutores não tinham conhecimento da LIBRAS e assim se estendeu até mais ou menos os sete anos de idade de Wiksendeles. Desse momento em diante, são anos decisivos na vida de Wiki. Surgem, nesse meio, seus primeiros contatos com a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, o que ia marcar sua vida daquele momento em diante. Sinalizou a base inicial para o entendimento de Wiksendeles em relação a ele como sujeito. Wiki não mais se vitimizou ou se julgou incapaz. A condição de se entender foi essencial para que pudesse reorganizar os seus sonhos e partir para um novo olhar em relação ao mundo que o rodeia e observa. A LIBRAS significou um novo início da luta

na vida de Wiki e que trouxe a capacidade de compreensão de mundo necessária na infância e ainda é na vida adulta.

Durante a entrevista concedida por Wiksendeles em minha casa, com o acompanhamento da intérprete de LIBRAS Rita Amaro, a narrativa reconstruiu a sua enriquecedora história de vida. Antes de adentrarmos na vida de Wiksendeles, quero abrir um parêntese para mencionar, quão indispensável é a presença de Rita de Cássia Araújo Amaro, como uma peça fundamental nas sessões de narrativas (auto)biográficas. Rita Amaro foi aluna do mestrado da Faculdade de Educação – FE, através do Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, assim como orientanda da Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. O trabalho desenvolvido por Rita é intitulado; *Programa Libras nas Escolas: (Auto)Biografia, Escrita de Si e do Outro em Espaços Formativos*”.

A nossa pesquisa prescindia de um profissional e intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) durante as sessões de narrativas, assim como a contribuição de uma Mestra em Educação, logo selecionamos Rita Amaro com experiência nos espaços educacionais e a larga experiência na comunicação com os surdos. Uma colaboração substancial na construção do momento das sessões de narrativas de Wiki. Dessa maneira, fazendo o uso da Lei Brasileira de Inclusão, 13.146/15, como via de acesso entre o sujeito da pesquisa e os construtores desse trabalho, pode-se entender melhor a vida do outro, do sujeito pesquisado. Esse olhar mais cauteloso que tivemos em entender o universo surdo foi possível pelo intermédio da LBI nos dando todo aporte legítimo de como devemos seguir diante da sociedade, sobretudo acerca das questões de inclusão.

Desde o início, quando entrei em contato com Rita Amaro e falei do nosso projeto de pesquisa, em nenhum instante se demonstrou alheia ao trabalho, pelo contrário, se dispôs desde o momento que soube sobre esta pesquisa **“Processo de Inclusão do Cinema: Narrativas (auto)biográficas de um Surdo da cidade de Mossoró-RN**. No primeiro instante que soube do tema se doou a essa presente pesquisa. Rita Amaro exerceu a função de coordenadora pedagógica, por anos, no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS/Mossoró. Mesmo sem estar à frente do CAS, continua engajada, até os dias de hoje, no processo de inclusão do surdo na sociedade.

É imprescindível abrir um parêntese em relação ao trabalho desenvolvido no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS –

Mossoró, serviço prestado a cidade há exatos treze anos. É essencial ressaltarmos que a instituição hoje está sob a diretoria de Lucivanda Braga Lima, pessoa há dez anos a frente da instituição e faz um trabalho significativo no CAS. A instituição tem como um dos objetivos centrais, promover o sucesso educacional de pessoas surdas, com vista na sua inserção no mundo social e do trabalho, desenvolvendo a capacidade do indivíduo em emergir como ser capaz de tomar o rumo de sua vida em sociedade.

A luta do CAS pela inclusão, que perpassa um pouco mais de uma década, hoje expande seu alcance de luta. Parcerias são determinantes para a atual fase que vive o CAS. Parcerias como o Colégio Diocesano, através da Faculdade Diocesana, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, com a participação da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN/UERN. Esse programa de extensão, tem a sua frente a Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, professora do curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da UERN.

A professora Ana Lúcia está à frente de diversas atividades de inclusão e inserção do sujeito com deficiência na sociedade, tais como palestras e atividades que fomentam a participação das pessoas com deficiência. É também orientadora do Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação POSEDUC/UERN, onde orientou trabalhos de dissertações significativos na área de inclusão, ensino e formação do indivíduo. Destaco pela importância de suas ações na cidade de Mossoró. Atividades conjuntas com outras instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. Parcerias como essa que, no presente momento histórico do CAS, só vem a somar para as melhorias e expansão do trabalho da instituição.

Há diversas pessoas na cidade de Mossoró que, como a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, desenvolvem um trabalho no âmbito da inclusão. Desse modo, destacamos a pessoa de Rita Amaro e seu amor pela causa das pessoas com surdez. É evidente e perceptível o seu respeito pela comunidade surda, da mesma maneira que o sentimento é recíproco por parte da comunidade. A pesquisa se torna mais contundente, quando o intérprete nos traz as suas concepções do que os surdos dizem. Dessa maneira, diante da relevância do trabalho de Quadros (2006, p.183) analisamos:

Os intérpretes de língua de sinais são ouvintes que podem, também, transitar entre as culturas surdas e ouvintes. Dependendo de sua competência profissional, as identidades dos intérpretes podem tomar formas híbridas, identificando a alteridade surda. A partir desse

reconhecimento e entendimento profundo do outro, o intérprete consegue realizar com mais competência o processo de tradução.

Diante da afirmação de Quadros (2006), percebemos como Rita Amaro, intérprete de LIBRAS, consegue ingressar com sensibilidade no universo do outro. O Surdo, da mesma forma, compreende que Rita consegue essa interpretação mediada por uma confiança mútua entre os surdos e intérprete, elemento essencial durante o trabalho de interpretar a comunicação das pessoas com surdez. Da mesma forma, o conhecimento dos dois mundos (ouvintes e não ouvintes) é primordial para interlocução entre ambos universos. O intérprete é a via de acesso entre a comunicação entre surdos e ouvintes. O elo de ligação que “separará”, de uma forma ou de outra, um possível entendimento entre sociedade e surdos. Contudo, é crucial compreendermos que o primeiro passo para que ocorra o entendimento entre surdos e ouvintes é o conhecer e o entender do mundo do outro. O despertar de uma cultura de altruísmo e de um olhar sensível entre nós e o “outro”. Rita Amaro é um exemplo vivo que a luta pela causa da inserção do surdo é mais que válida. É lutar por nós mesmos, trazer à tona a vida e histórias de pessoas que, por vezes, estão à margem da sociedade por simples falta de conhecimento sobre inclusão.

Quando Wiksendeles e Rita vieram até a minha casa, Cristian Resende de Queiroz Pôrto, também surdo, amigo de ambos, os acompanhou. Ele é um dos surdos, que está engajado na luta e caminhada da pessoa surda na cidade de Mossoró. Antes da entrevista, Wiksendeles enfatizou a importância de sua presença, assim como a de Jorge William Xavier Monteiro em outros momentos. Jorge também é um de seus grandes amigos na luta pelos direitos da comunidade surda. Cristian e Jorge serão citados no decorrer do trabalho como pessoas essenciais para a expansão e difusão das atividades de caráter inclusivo na sociedade de Mossoró/RN. Tanto Jorge quanto Cristian são professores de LIBRAS nos cursos oferecidos pelo CAS – Mossoró. Também dão aulas de Língua Brasileira de Sinais em escolas onde existem alunos surdos matriculados, onde dão aula nestas, quinzenalmente.

A pesquisa tem como foco a vida de Wiksendeles com a utilização do método (auto)biográfico. Com esta metodologia, acreditamos ser a mais adequada quando o foco da pesquisa busca entender a vida de um sujeito. Quando a professora Dra. Ana Lúcia Aguiar trouxe ao meu conhecimento, durante as aulas em caráter especial de Narrativas (Auto)biográficas, pude me identificar como sujeito com história

significativa e capaz de emergir com relevância no meio social. O método germinou em mim uma semente capaz de enfatizar essa autoafirmação que antes não conseguia encontrar, ao mesmo tempo em que possibilitou a minha (auto) formação.

A visão que eu tinha da vida, se modificou e deu espaço a outro eu, mais emergente e capaz de transformar a história de vida que carrego. Diante disso, foquei na pesquisa e busquei entender a vida de Wiksendeles, tal qual fiz comigo. A essencialidade de sua infância, medos, enfrentamentos, descobertas até sua vida adulta. Desse modo, enxergamos no método (auto)biográfico, dentre outros, o mais adequado para aprofundar e buscar, na vida do sujeito, interpretações que estão adormecidas e trazidas à tona com o método (auto)biográfico de pesquisa.

A história de Wiksendeles de Souza Santos se torna relevante para toda a comunidade surda, frente à importância baseada na história de vida do sujeito e que se assemelha a outras tantas histórias de vidas de outros surdos, ainda aguardando serem contadas. A história de Wiki se torna o espelho de histórias de vida de outros surdos. Os dramas passados na infância, a busca por respostas diante da condição de não poder ouvir, o olhar da sociedade em relação ao surdo, a procura da inserção do sujeito surdo como indivíduo participativo, o contato com a Língua Brasileira de Sinais, tudo isso contribui para o entendimento de si. Mesmo com diferentes histórias contadas de vários outros surdos, Wiksendeles representa, nesse momento, o exemplo para outros sujeitos na mesma condição que ele.

Foto 19. Wiksendeles durante a entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Quando Wiki sentou na cadeira a minha frente, a primeira pergunta que lhe fiz foi referente à primeira lembrança dele quando criança e como era o contato com sua família. Wiksendeles sentou à frente da câmera decidido a dar entrevista e falar de sua vida com a maior satisfação. Posso afirmar que com mais de treze anos de cinegrafista de televisão não havia visto um olhar daquela maneira. Ele não estava só com vontade de estar ali, estava seguro e decidido. Senti isso, desde quando se sentou à frente da câmera. Apesar da confiança, após a minha primeira pergunta, ele olhou para Rita com atenção e com o olhar vidrado na intérprete, Wiksendeles respondeu:

Existia muito pouco contato. Ele não lembrava de muita coisa quando criança. Quando foi adquirindo um certo entendimento, observava quando as pessoas falavam com ele através de gestos. Ficava prestando atenção a simbologia desses gestos a sua frente.

Eu complementei a pergunta, interessado em saber como ele fazia para pedir alguma coisa a seus pais ou seus irmãos. Ele disse que a maioria das coisas não entendia. As pessoas falavam todo o tempo e Wiksendeles não tinha noção alguma do que se tratava, mesmo assim, com o tempo, foi se valendo de seus próprios gestos específicos para se comunicar com seus familiares e pessoas mais próximas. Não conhecia a língua portuguesa, nem as palavras e quando a família lhe pedia alguma coisa, Wiksendeles não conseguia entender o que eles falavam. Ele lembra que era muito difícil, por causa de sua surdez, usava símbolos e gestos, porém a comunicação era muito falha e não dava para acontecer de maneira “limpa”, existia ruído e isso dificultou esses primeiros momentos de sua infância. Mesmo com as dificuldades, seus pais decidiram levá-lo à escola. E foi o que eles fizeram. Wiksendeles entrou na escola e lá existiam dez surdos. Os professores usavam gestos e desenhos como forma de se comunicarem com as pessoas com surdez, as quais não conhecia as palavras do português, justamente, pela dificuldade na comunicação. Segundo Quadros (2006, p.39):

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (Lei nº 9394/96), prescreve que as crianças “portadoras de necessidades educativas especiais” devem ter sua escolaridade atendida, fundamentalmente, pela escola regular, de modo a promover sua integração/inclusão.

É patente que a referida Lei nº 9394/96 garante a participação da pessoa surda na escola, de maneira que o inclua na sociedade, na interação com os ouvintes, no entanto, na prática, apesar da garantia dessa inclusão estar embasada na lei, ainda existe muito o que percorrer, pois é necessário discussão e mais conhecimento sobre o assunto inclusão. Hoje existe certa valorização da inclusão e um conhecimento razoável da importância de LIBRAS e sua utilização nas escolas, bem como o reconhecimento por parte dos profissionais da educação dessa língua que caracteriza a mais importante para o surdo. A lei Brasileira de Inclusão é reconhecida como a língua mãe das pessoas com deficiência pela Lei 10.436/02. No Art. 1º que reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.

Na época de infância de Wiksendeles, era difícil profissionais capacitados com a língua de sinais. A prova disso foi o retorno de Wiki à escola, um ano depois, onde percebeu a ausência de vários surdos, pois todos haviam sido transferidos ou saíram da escola. Os surdos haviam se evadido da escola por falta de estrutura e inclusão. Faltavam professores capacitados e não existiam tantos intérpretes naquele período. As políticas de inclusão de pessoas com deficiência engatinhavam e apesar de existirem alguns avanços, ainda eram insuficientes, longe do ideal. Ficou mais difícil ainda, porque só ele, sem os outros surdos, a comunicação era ainda mais difícil. Wiksendeles, não conseguia entender as palavras, seus colegas de sala tentavam ensinar a ele, os professores tentavam, mas era em vão.

Sua irmã mais velha, Wigna, soube que havia um lugar de atendimento especial, na cidade de Mossoró. Era a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE. A mãe de Wiki explicou que o filho era surdo e soube da especialidade exclusiva daquela escola para excepcionais. Lá na APAE, explicaram que lá era escola para outros tipos de deficiência, síndrome de Down, deficiência mental não era para os surdos. Existia uma escola própria para surdos e logo a sua mãe tratou de levá-lo. Chegando lá, conheceu a escola específica para surdos. Foram recebidos de forma bem atenciosa. Alguns surdos já tinham um conhecimento da língua de sinais, como Niáscara Valesca do Nascimento Souza¹⁵, que o levou para as salas de aulas para interagir com outros surdos. Ele não

¹⁵ Possui mestrado em Ambiente, Tecnologia e Sociedade pela Ufersa, graduação em Letras/LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010). Especialista em Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Atualmente é professora efetiva da Universidade Federal Rural do Semiárido Ufersa - Campus Caraúbas, onde trabalha no curso Letras

conhecia ninguém e de início ficou com receio, ficava a todo momento junto a mãe, não a soltava por nada. Quando ela saía de perto, ele ficava desesperado para saber onde ela estava. Foi de fato uma adaptação difícil que levaria um pouco de tempo para as coisas se encaixarem.

Naquele momento de Wiksendeles, com sete anos de idade, sua vida obteve uma nova perspectiva. A sua aproximação com a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, abriu para ele um novo horizonte, um novo olhar que o modificaria, de forma considerável. O entendimento dos acontecimentos ao seu redor, segundo ele, começou a ter um novo significado, outro entendimento. A figura que se apresentava acompanhada de gestos representativos, a sua frente, propostos pela LIBRAS, deu-lhe, aos poucos, o entendimento de mundo.

Essa descoberta, fez com que a sua aceitação, como indivíduo surdo, fosse melhor compreendida. A busca para compreender a si mesmo estava, de fato, bem encaminhada, mas ele sabia que o processo estava apenas no começo. Ele precisava entender quem era, para entender qual seu papel no mundo. Wiki via que em uma sociedade com maioria ouvintes, sua missão era mais difícil. Mas com o que ele contava para ajudá-lo estava ali a sua frente e sendo construída: a comunidade surda. Assim como também tinha a seu favor as comunidades de outras deficiências, as quais ele entendeu a necessidade de elas estarem unidas, inclusive, aos ouvintes. Esses precisavam entender a relevância da inclusão. E quanto mais ouvintes compreenderem que o mundo é igual para todos, um dia, a realidade vai mudar e o mundo, de fato, será para todos. Posso dizer, com toda convicção, que essa “energia revolucionária” de Wiksendeles pela inclusão, contagiou e ganhou mais um “soldado” para lutar nessa batalha da vida: eu.

Desde que Wiksendeles notou em si a capacidade de enfrentamento do mundo ao seu redor, sua visão de possibilidades ampliou-se. O que causou nele esse crescimento tem a ver com o estado de consciência adquirido por anos de luta em busca de um espaço na sociedade. Em particular, surpreendeu-me a vitalidade a qual Wiksendeles obteve durante sua história de vida até aqui. Algumas pessoas as quais conheço, do meu convívio, teriam desistido, enfatizo que nenhum deles tem deficiência. Wiksendeles não é apenas um exemplo entre os surdos, é uma lição a ser seguida como ser humano.

Enxergo em Wiki um pouco de mim e vejo termos outras características em comum. As dificuldades por que passei na vida, com meus pais e irmãos, em momentos de carência financeira, nunca foram motivo de desistência, apesar de tudo. Meus pais sempre foram realistas e não escondiam de nós os problemas por quais passávamos. Vejo essa mesma força em Wiksendeles e nas pessoas de sua família, apesar da deficiência auditiva, nunca desistiram. O mundo está posto em nossa frente, as nossas escolhas determinarão os nossos caminhos. Em Freire (1996, p. 46), notamos que os acontecimentos não estão inertes, pois são processos que continuam a transformar-se e permanece em movimento.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

Diante da afirmação de Freire, suas palavras mostram como a intervenção do indivíduo é essencial para a transformação do mundo ao seu redor. Busca interpretá-lo através da capacidade de pensar dentro de uma subjetividade imprescindível, inerente ao ser humano. A capacidade de mudança talvez seja mais determinante que a adaptação. O entendimento do nosso íntimo nos dá o pensamento libertador responsável por nos mover aonde vamos. Esse caráter adquirido por Wiksendeles partiu da sua capacitação para enfrentar o mundo baseado no autoconhecimento, decorrente da instrução através da LIBRAS. Entendeu que cada indivíduo tem o seu próprio universo e que o caminho percorrido na história de vida resulta do entendimento do próprio eu.

Na infância, quando Wiki não era compreendido por seus pais, o sentimento era de revolta, porque não sabia como lidar com a situação. Do mesmo modo, não entendia o que seus pais diziam e isso trazia dúvidas e incertezas relevantes na cabeça de uma criança e um sujeito em desenvolvimento.

Ser um surdo em uma sociedade em que o “normal” é ser um ouvinte se torna uma realidade dura de aceitar e uma condição fora da compreensão de um sujeito surdo que não sabia lidar com essa imposição de sociedade. Quando Wiki conheceu uma língua específica para surdo, a Língua Brasileira de Sinais, pôde entender o seu mundo, de maneira que se comunicava com seus iguais, os surdos. Ao mesmo tempo, conseguia

interpretar o mundo dos ouvintes, visto que para cada coisa, elemento ou pessoa que existia, a LIBRAS tinha seu significado, seu símbolo equivalente à realidade do mundo dos ouvintes e traduzido para seu universo surdo.

Frente a isso, Quadros (2006, p. 191) enfatiza a relevância de que os ouvintes precisam compreender o universo surdo, assim como o surdo, na sua especificidade, interpreta a sociedade dos ouvintes:

Por toda a nossa infância e adolescência, fomos motivados para a objetivação moderna que visa a moldar o indivíduo de acordo com o modelo ideológico da normalidade, razão pela qual não conseguíamos desenvolver o *ser surdo* em toda a sua plenitude. Assim controlados, fomos forçados a seguir a “normalização” ouvintista, ou seja, nós tínhamos que ser um modelo cópia de ouvintes, sendo duramente educados no oralismo. [...] As especificidades do *ser surdo* não são fantasiadas, inventadas, são frutos de uma experiência, das lutas que marcam nossa história, das resistências, do discurso, do contra-discurso. Essas especificidades decorrem de marcas culturais a que se submetem os surdos, quando na sua passagem para o *ser surdo*.

Neste trecho de Quadros (2006), entendemos que não é possível respeitar o surdo, sem nos colocarmos no lugar do “outro” surdo, assim como não é concebível fazer com que os surdos nos entendam omitindo suas especificidades. É essencial buscar nas diferenças a riqueza da diversidade de inúmeras interpretações entre o universo surdo e o mundo dos ouvintes. Essa linha tênue que liga os dois mundos é a ponte de interlocução de um entendimento mais justo e satisfatório para uma sociedade de iguais.

A descoberta de Wiksendeles de Souza Santos, de um novo olhar de si, perpassou momentos conturbados e determinantes na construção de uma nova postura perante a sociedade. O sujeito notou que precisava mudar a forma de enxergar o mundo. Suas dores, seus anseios, suas dúvidas, passaram a ter outro sentido quando Wiki mergulhou no seu próprio mundo. As respostas para inúmeras indagações sobre sua história de vida transformaram-se em interpretações observadas sob óticas diferentes. Conseguiu ver outras concepções, saídas alternativas para o caminhar de sua vida, mesmo com a sociedade sem mostrar a forma de Wiksendeles desejar. Para uma pessoa com deficiência, não parece tão simples viver como se nada estivesse acontecendo. Ser diferente em um meio social que cria padrões de indivíduos e, por vezes, tendem a não enxergar pessoas que fogem a paradigmas ditos normais, torna-se árduo. Mas o autoconhecimento de si constrói valores necessários para compreender o mundo

complexo a nossa volta.

Não creio que consigamos direcionar um caminho sem antes saber aonde vamos chegar. Os rumos da vida são traçados através de perspectivas pré-estabelecidas, baseados no que fomos no passado e no que somos no presente. Desse modo, no momento em que Wiksendeles aceitou a sua condição de surdo frente à sociedade, reconheceu também a sua pertença. De onde veio, como é e para onde vai. Tudo passou a ter sentido em sua vida, após o aprofundamento em sua Língua Brasileira de Sinais, como também a inserção na comunidade surda, que representa seu mundo, seus iguais. Após Wiksendeles se aceitar como surdo, suas dores atormentadoras pararam de machucar e passaram a ter significado na sua vida. As marcas da vida não existem para expor que fomos feridos, e sim para evidenciar a necessidade delas para o nosso aprendizado. Nós somos, no presente, tudo aquilo que um dia passamos. As dores machucam, embora nos torne fortes. Wiki é forte, no entanto não consigo enxergar essa força sem cada dificuldade passada em sua vida. Sem tudo que Wiksendeles passou desde sua infância, sua história de vida seria outra.

2.2 Barreiras atitudinais no seio familiar vencidas pela capacidade de autoconhecimento do indivíduo.

Nesse momento do trabalho, serão abordadas as barreiras atitudinais existentes no seio familiar e como elas foram vencidas como de forma paulatina pelo esclarecimento da própria família. A Lei Brasileira de Inclusão - LBI, Nº 13.146/15 norteará o desenvolvimento deste tópico. A referida lei foi criada em 06 de julho de 2015, entrou em vigor dia 02 de janeiro de 2016 e significa um avanço na construção de uma consciência de inclusão. Hoje, ela é o mais significativo dispositivo de inserção para pessoa com deficiência, onde podemos estabelecer uma cultura de inclusão e derrubar barreiras ainda existentes em nossa sociedade. No mesmo tom, percebemos na referida lei a capacidade de transformar a realidade das pessoas com deficiência, no que se refere ao despertar de uma consciência do indivíduo. Desse modo, enxergamos a possibilidade de a lei ser o caminho norteador e transformador da realidade do sujeito com deficiência.

A LBI dispõe dos direitos das pessoas com deficiência, proporcionando-lhes a visibilidade e fazendo-lhes cidadãos participativas do meio social, mesmo com suas limitações. No decorrer da entrevista concedida por Wiksendeles, percebemos como o

conhecimento dele, como pessoa com deficiência surda sobre a referenciada lei, deu o suporte para ele enfrentar os desafios diante da sociedade. O próprio direito de ir e vir em espaços públicos como qualquer outra pessoa deve ser aplicado. Entender o processo de acesso do sujeito surdo ao cinema, também, é foco desta pesquisa e missão diária daqueles que almejam a igualdade de direitos na sociedade.

Nas diversas conversas com o sujeito desta pesquisa, ele enfatizou a importância de entidades como o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS e a Associação de Surdos de Mossoró - ASMO, como forma de esclarecimentos para pessoas com deficiência auditivas, assim como também para o próprio seio familiar. Amparados por esses órgãos, há uma ajuda significativa para um crescimento pessoal. Sujeitos com surdez que antes viviam em seus lares, sem interação com outras pessoas, vistos como indivíduos sem “capacidade” por sua deficiência, se tornarão capazes de serem protagonistas de sua história. De fato, essa exclusão precisa estar ultrapassada.

Wiksendeles, diversas vezes, falou sobre o tratamento por parte de sua família, com relação ao fato dele não emitir uma só palavra oralizada. Algumas vezes, apanhava do seu pai ou de sua mãe, porque não falava. Ambos achavam que ele não falava porque não desejava. Seus pais não entendiam o que ocorria com o filho, justamente, por falta de uma informação sobre a surdez e a possibilidade de estarem de frente a alguém que tinha uma deficiência. Tais circunstâncias embasam esse tópico e tem como proposta discutir sobre essas barreiras atitudinais no seio familiar, que apresentam entraves para o desenvolvimento de um sujeito, com sentimentos, capacidades e inteligência para enfrentar a vida, igual a qualquer indivíduo. Neste tópico, além da LBI, Quadros (2006) e (2007) norteará o estudo sobre o universo da surdez.

A transformação na vida de Wiksendeles, depois do seu contato com a Língua Brasileiras de Sinais (LIBRAS), deu um novo rumo para sua vida. Os sentidos, as representações, as interpretações do mundo que antes o rodeava, foram tomando outros rumos, outras formas. Com o passar do tempo, Wiki compreendeu, segundo suas narrativas, sobre a falta de uma comunicação entre a sociedade e ele na condição de surdo. Assim, percebeu como tudo decorria de uma ausência de conhecimento sobre inclusão de ambas as partes: Wiksendeles e a sociedade. A busca por inclusão é uma responsabilidade do meio social como um todo e não só dos surdos ou apenas dos ouvintes. Há uma construção recíproca. O primeiro entendimento de Wiki sobre ampliar a inserção do surdo, como sendo primordial para um melhoramento da comunicação, foi

a família. Serviu de “ensaio” de como projetar um futuro entre Wiksendeles e a sociedade. Wiki diz em sua narrativa que o estudo da LIBRAS melhorou sua vida de maneira considerável. Em destaque, esboça sobre a interação com a comunidade surda.

Com relação ao aprendizado, em Libras, as características os detalhes... Os surdos... com a comunidade surda, eu consegui aprender e me relacionar e eles me orientaram. [...] Na época que comecei a participar da comunidade surda, eu não entendia nada era uma pessoa inocente e eles me ensinaram o caminho para eu seguir em frente... Essa dependência da minha mãe, eles me orientaram em relação a essa dependência e não é necessário. Que eu crie e tenha minhas próprias responsabilidades. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Nas palavras de Wiksendeles, percebemos o quanto há independência em suas escolhas. Um indivíduo capaz de direcionar o seu caminho, sem que seus familiares decidissem o que fosse de exclusiva responsabilidade dele. Dentro da comunidade surda, ele não aprendia apenas a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, mas trabalhava a autonomia do sujeito, a busca de um outro olhar do indivíduo, uma nova maneira de interpretar o próprio eu. Assim como a capacidade de mudança do ser humano, de acordo com as transformações que a vida lhe apresenta.

A amplitude do olhar de Wiksendeles em relação a sociedade se tornou mais compreensiva diante do outro (ouvinte). Essa compreensão foi trabalhada no decorrer do tempo, o ajudou a encontrar uma melhor saída para uma convivência amistosa e com menos atrito como o mundo externo. Antes da LIBRAS, ele via o indivíduo ouvinte, mas não o compreendia. Isso dificultava sua vida, porque a interpretação errada do que não entendia, fazia os ouvintes construírem uma aversão em relação às pessoas com deficiência. E isso ainda acontece? Como então podemos começar a mudar o mundo ao nosso redor? Talvez seja mudar a nós mesmos primeiro.

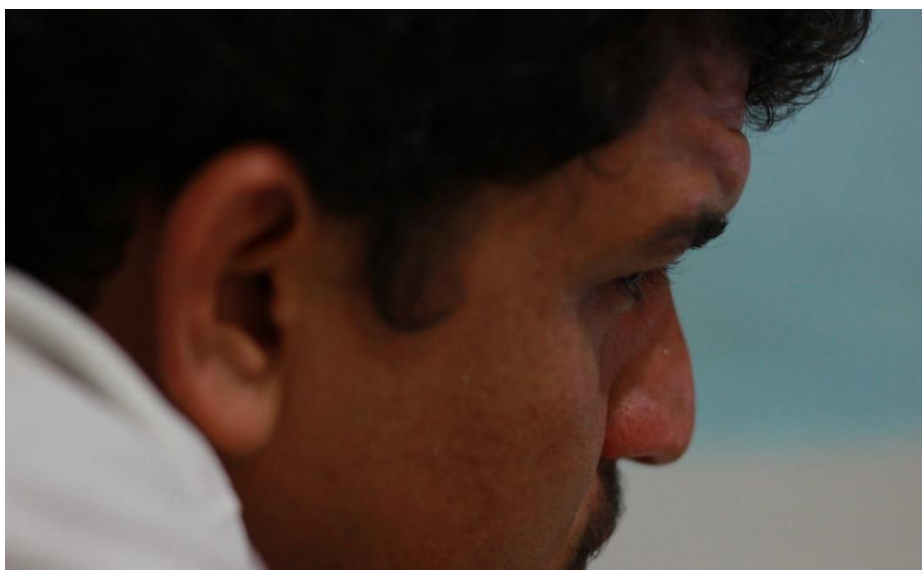
Wiksendeles, em suas narrativas, enfatizou o quanto tinha um temperamento forte. A não compreensão das pessoas ao seu redor o angustiava, do mesmo modo que não era compreendido. Durante as narrativas da irmã mais velha de Wiksendeles, Wigna de Souza Santos, há um relato do comportamento de Wiki antes do conhecimento da LIBRAS e sua inserção na comunidade surda.

Ele gritava muito, era uma criança agitada, agressiva, justamente por não ser compreendida. A gente hoje sabe, eu sei, claramente, que era por isso. Por que ele hoje é outra pessoa. Wiksendeles chega e você

não vê uma zoada¹⁶, não tem nem um barulho, nada. Totalmente no silêncio, só fala nos sinais. [...] Comparando quando ele era criança e não tinha contato com LIBRAS, era muito diferente, não dá nem pra medir. (Narrativa de Wigna de Souza Santos Mossoró/RN, 26/08/2018)

Na entrevista de Wiki, ele enfatizou que o estudo da LIBRAS o ajudou a se comunicar melhor com as outras pessoas surdas, da mesma forma com que foi com as pessoas ouvintes e na escola, com os seus colegas e com os professores. O próprio domínio da Língua Portuguesa, disciplina pré-requisito na Educação Básica, foi fundamental para ele, enquanto indivíduo com deficiência auditiva. Isso o trouxe, de maneira significativa, para usufruir, por exemplo, das mídias sociais, nas quais não seria possível sem um entendimento de sua segunda língua mãe, o português, e atrelada a sua primeira língua mãe, a LIBRAS. Sem o entendimento de ambas as línguas, não seria possível sua inclusão e participação cidadã nas tecnologias de nossa atualidade.

Foto 20. Wiksendeles em contato com as mídias sociais.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Antes de aprofundar no estudo da língua de sinais, Wiksendeles sentiu dificuldades na escola e na comunicação com os colegas e, em especial, com o professor. Havia uma incompatibilidade entre o professor e ele, em decorrência de uma carência no ensino, a respeito da inclusão do surdo na escola.

¹⁶ Zoada = Barulho; confusão.

Pesquisa em: <https://www.terra.com.br/diversao/dicionario-de-nordestines,f2bd421a2df4a310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.htm>,

A questão das disciplinas o professor ensinar e como fazer para aprender eu ia para uma escola pela manhã no quarto, quinto ano. No quarto ano mais ou menos. Alguns sinais, o professor não sabia. O professor só falava, falava na sala de aula e eu não entendia nada. Como? A comunicação não existia eu só copiava, copiava, copiava e respondia. Eu não respondia nada! Nenhuma atividade. Zero. E ficava preocupado como fazer isso. Mas antes sabia que tinha a escola especial e me mandavam ir, então eu e ia. Lá eu tinha essa adaptação, explicavam as disciplinas, fazia essa adaptação e eu consegui entender. Ficava mais claro a disciplina de ciências, história e geografia, inglês e várias outras disciplinas. O português era muito difícil eu não conhecia quase nada. A palavras eu não conhecia. Diziam vá responde! E eu: não sei! Me explique! E eu dizia não conheço. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos – Mossoró/RN, 22/07/2018)

Wiksendeles cursou todo o Ensino Fundamental e Médio na escola “regular”, junto com os ouvintes e ao mesmo tempo frequentava a escola especializada para surdos. Diante desse fato, houve uma evolução no entendimento de mundo, quando estava inserido no universo da comunidade surda. Entretanto, na escola em que frequentava, junto aos ouvintes, continuava o esforço para entender as disciplinas convencionais como matemática, português, história, entre outras. Ele relatou o quanto copiava na escola e nada lhe servia, pois na hora de responder, não sabia. A Língua Brasileira de Sinais o ajudava muito, porém era necessário que os professores soubessem LIBRAS ou que, pelo o menos, houvesse a presença de um intérprete de LIBRAS na sala de aula. Infelizmente, isso não era realidade. Wiksendeles concluiu o Ensino Médio sem intérprete. A escola especializada o ajudou a entender as disciplinas da escola regular. Inglês, matemática, história, geografia, ciência, todas elas passaram a ter mais sentido. A matéria com mais dificuldade era língua portuguesa, uma vez que Wiki não conhecia as palavras. Durante sua escolarização, o sujeito desse trabalho não teve intérprete e isso dificultou seu término do segundo grau, aos vinte e quatro anos, no ano de 2010.

Eu tentava dizer as palavras a imagem com o sinal e ficava difícil. [...] Se fosse a imagem e fazem libras eu entendia, mas a questão de português, não ia comunicação era muito difícil para mim. Mas eu fui entendendo, algumas palavras eu fui aprendendo, o sinal delas também, mas tudo não. Isso foi um atraso também porque eu comecei tarde no ensino médio e isso dificultou muito. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Durante a entrevista, perguntei a Wiksendeles como era a sua comunicação com sua família antes e depois do estudo da língua de sinais. Ele falou que a Língua Brasileira de Sinais foi essencial para sua vida e o desenvolvimento pessoal dele, entretanto com relação a sua família, não mudou muita coisa. Eles não aprenderam LIBRAS, assim, continuaram a se comunicar com ele através de gestos. Luzia, irmã mais nova de Wiksendeles, sabe um pouco de LIBRAS e estuda para ser intérprete. Wnara, outra irmã dele, sabe algumas coisas em LIBRAS, ainda que não seja o suficiente, e também conhece um pouco de Datilologia¹⁷. Nem o pai nem a mãe sabem os sinais da língua. Mesmo pedindo para que os pais estudem a Língua Brasileiras de Sinais, eles não querem, usam apenas gestos enquanto se comunicam. Apesar disso, Wiksendeles respeita a decisão de seus pais e mesmo assim, os ama, de maneira incondicional.

Mesmo diante do não aprofundamento da família no estudo de LIBRAS, ele continua até hoje a estudar junto à comunidade surda e vê como uma obrigação a busca do seu próprio caminho para construir sua independência. Se no passado sua família dava-lhe suporte e o protegia, no presente, percebeu sua necessidade de alçar voos mais altos e não queria vê-lo dependente das pessoas de sua família. É um adulto e de agora em diante precisaria assumir todas as suas responsabilidades. Os pais de Wiksendeles, Maria Clara e Antônio dos Santos (mais conhecido como “Costela”), em alguns momentos, disseram que, por ser surdo, ele não precisava estudar, todavia Wiki foi enfático e insistiu na ideia de fazer faculdade, continuar seus estudos. Os pais cederam e viram o quanto Wiksendeles queria. Hoje, o incentivam a continuar no estudo e fazer o que mais gosta em busca de seu espaço na sociedade, como crescer enquanto ser humano e enfrentar, de cabeça erguida, cada adversidade.

Posto isso, vemos a procura de Wiki pelo seu empoderamento como sujeito. Quando ele define seu ideal de buscar seu caminho e sua liberdade, vemos um indivíduo maduro comprometido com seu presente e em busca de seu futuro. É como tivesse despertado para sair de uma condição de oprimido a qual, há muito tempo, a sociedade definiu como o lugar onde deviam estar as pessoas com deficiência. Quando perguntei a ele o que esperava da sociedade em relação aos surdos, respondeu de imediato o quanto queria espaço, compreensão e respeito. Pediu que vissem, nas pessoas surdas, a possibilidade de poder ser o que quiserem. Wiksendeles disse o quanto sonha com uma

¹⁷ Comunicação através de sinais feitos com os dedos, p.ex., o alfabeto manual de surdos-mudos; quirologia.

sociedade sem preconceito com surdos, sem antes pensarem que os surdos são incapazes de fazerem coisas especiais. Se quiser ser professor de LIBRAS, deixem que nos transformemos em professores. E quando fomos muitos de nós vencedores e presentes em diversas áreas, que a sociedade reconheça que estava errada e nos dê o respeito que toda a comunidade surda mereça. Referente a essa libertação de uma condição de oprimido, Freire (1987, p.16) explica:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas, pelas práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.

Freire (1987) levanta a discussão da luta pela libertação do ser oprimido diante da violência do opressor. Pergunta quem conhece melhor a dor da opressão de que os próprios oprimidos. Entendemos que quem melhor conhece os efeitos de opressores, são os subjugados. Estes necessitam de um despertar para sair da condição de oprimidos. Pedem ajuda. E quem os auxilia é o mesmo a tomar suas dores, a compreender o quanto sofrem e, acima de tudo, a lutar por sua liberdade tão sonhada e esperançosa. Vai além de um simples ato de caridade, é uma prova de amor ao próximo. Entender a dor do outro e colocar-se em seu lugar, sem pedir nada em troca, somente um sorriso diante do despertar de uma consciência por sua própria liberdade.

Wiksendeles, durante o processo de entrevista, disse que o preconceito não devia existir, muito menos a diferenciação entre surdos e ouvintes, pois considera ambos iguais ao mesmo tempo e que cada indivíduo carece de sua limitação e essa limitação particular de cada um independe se somos surdos ou ouvintes.

Na sua própria família, existiam “amarras” que o impediam de sair daquela condição passiva e sem autonomia de sua própria vida. O caminho de Wiksendeles foi traçado através de etapas. A primeira delas seria sair das “asas protetoras” de sua própria casa, ocasionadas por seus parentes, os quais, de início, o viam como um indivíduo sem capacidade de enfrentar a sociedade e o preconceito com pessoas com deficiência, no caso dele, a surdez. Com o tempo, a busca de sua autoformação, através do seu estudo de LIBRAS e a proximidade com a comunidade surda, fizeram com que

ele enxergasse um novo “eu”, até então nunca visto. Essa reprodução de uma nova realidade de si acarretou em uma nova visão, uma nova versão de Wiksendeles. Mais forte, bem preparado para enfrentar uma sociedade que, por consequência do tempo e das novas práticas sociais, precisava mudar, bem como precisa ainda.

Foto 21. Wiksendeles e seu pai, Antônio dos Santos, “Costela”.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

O que Wiki busca na sociedade é nada mais nada menos que direitos iguais adquiridos e garantidos por uma lei. Na foto acima, durante uma viagem em família ao Sítio Campanha, Wiksendeles se demonstra como um indivíduo altamente capacitado para viver entre nós e interagir como qualquer uma pessoa. Na foto, não enxergamos diferenças, nem limitações, além de haver uma nítida interação entre ele e seu pai. Amor, afeto, comunicação, entendimento. A capacidade de ambos é igual, pai e filho na construção de uma tenda a frente da casa de um familiar, para diminuir a intensidade do sol escaldante do sertão.

Durante décadas, foram traçados, em gradação, caminhos que seriam o “corpo” formado por todos os anseios de uma comunidade surda, clamantes há muito tempo por um espaço igualitário na sociedade. Como podemos perceber a realidade de nossa sociedade? Apesar de apresentar um meio social com falhas, na inclusão do sujeito com deficiência, é notório os progressos visíveis na abertura da discussão sobre a inclusão. Não é interessante afirmar ou acusar a sociedade por não aceitar as pessoas com deficiência, por capricho. A discussão sobre inclusão, apesar de ser um tema que está presente há muito tempo na sociedade brasileira, está sendo debatido hoje com mais

consistência, após a implementação efetiva da Lei Brasileira de Inclusão (LBI). No seu capítulo I, nas disposições gerais, segue um trecho sobre os direitos da pessoa com deficiência:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

Dentro desse contexto, a data de 22 de dezembro de 2005 entrou para a história do nosso país como um marco positivo na luta pelos direitos de cidadania dos surdos no Brasil. Aconteceu a regulamentação da Lei nº 10.436 (conhecida também como a “Lei de Libras”). As diversas funcionalidades da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Lei de Libras são garantias às pessoas com deficiência auditiva, de modo que faça valer os seus direitos e que trabalhe o processo de inclusão desses indivíduos.

Em Quadros (2006, p.02) vemos:

O decreto 5.626 que prevê a inserção da língua de sinais como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e como disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional. Prevê também a formação de profissionais surdos e ouvintes para o ensino da língua de sinais, assim como a formação e avaliação dos Intérpretes e Tradutores de Libras, entre outras diversas e importantes ações.

Diante desse nosso contexto brasileiro atual, com a existência da Lei Brasileira de Inclusão, percebemos novos caminhos para realidade da pessoa surda, assim como a de Wiksendeles. A Lei trás dispositivos de inserção do indivíduo na sociedade e do mesmo modo, o conhecimento de Wiki com relação a LBI trouxe a possibilidade de sair dos “laços protetores” no seio de sua família e dos “muros” criados por eles e pelo próprio Wiksendeles, de que não seria capaz de ir além das paredes de sua casa. Quando Wiki conheceu a língua de sinais, reorganizou suas ideias e a qualidade de sua comunicação com o mundo dos ouvintes. Esse fato trouxe benefício imediato para uma nova qualidade de vida para ele, logo, com a LBI instituída, solidificou um caminho, que antes não era rígido. A Lei 13.146/15 representou um divisor de águas entre um Wiksendeles “aprisionado” por barreiras e outro Wiki que, agora, rompia os muros sólidos cheios de preconceitos criados por uma sociedade. Uma ruptura a qual o

primeiro passo se deu quando ele compreendeu o aprisionamento dentro dele. Ocorreu uma libertação mental.

Wiksendeles de Souza Santos é um indivíduo ativo na causa da inclusão. O estudo da LIBRAS e o seu ingresso no processo de autoconhecimento teve início a partir dos seus sete anos de idade. O mundo que ele começou a enxergar, a datar desse período de sua infância, lhe trouxe benefícios consideráveis, tanto para entender a si, quanto para entender qual era a sua posição dentro do contexto social apresentado diante de seus olhos. Iniciou um novo projeto de vida pela frente, com base em uma conjuntura, que mesmo amparada pela lei, esbarrava na não aplicação dessa mesma lei. Esse novo projeto de vida descende da esperança frente às mudanças da sociedade. Assim, hoje se discute, de forma mais abrangente, a inclusão. Tem, a frente desse projeto, o sonho de estudar, ter um curso superior. Pedagogia, Letras Libras, Educação Física. Diversos desejos permeiam seus sentidos.

Quando Wiksendeles concluiu o Ensino Médio, não teve intérprete na sala de aula durante todo tempo que estudou. Se não fosse o suporte dado pelas instituições CAS e ASMO para a manutenção da relação indivíduo e meio social, não tinha sido possível sua reorganização do seu “eu” para o enfrentamento do mundo. Primeiro de tudo, o estudo da LIBRAS, a relação com outras pessoas surdas e a busca de entender a si mesmo o ajudaram a se “localizar” como componente ativo de uma família, onde antes tinha uma representatividade “tímida”, talvez reprimida por uma superproteção por parte de seus familiares. Afirmções pré-estabelecidas determinadas por uma sociedade que precisa acompanhar as mudanças e não ache que as pessoas com deficiência não precisam ter relações interpessoais, nem estudar e nem trabalhar.

Wiksendeles conquista o seu espaço, pouco a pouco. Saiu do seio da família, ao emergir como um indivíduo, capaz de conquistar o seu espaço na vida social. Ao contrário do pensamento da família, galgou um caminho, se libertou do “aprisionamento” pessoal. Enxergou a si mesmo de maneira diferente, pensou de outra forma e começou a criar um mundo o qual todos o olhassem de maneira diferente. Daquele momento em diante, Wiki estava mudado, as coisas que o circundavam tomavam forma, era a mudança essencial capaz de transformar aquele garotinho, que não largava a mão de sua mãe, em um homem em busca de outra interpretação de vida e de si mesmo.

Foto 22. Wiksendeles na construção de uma barraca. Sítio Campanha, Campo Grande/RN



Fonte: arquivo pessoal. 2018

Durante a viagem que fizemos para o Sítio Campanha, em Campo Grande/RN, percebi o quanto aquele lugar fazia sentido para Wiksendeles. Notei como ele estava à vontade, de tal maneira, que eu não observava qualquer diferença entre ele e todos os ouvintes ali presentes. Ele se mostrava leve, solto, como eu nunca o vira antes. Essas horas as quais passamos mais próximos me fizeram enxergar outro Wiki. Tão vivo e ativo. Quando convivemos com as pessoas de maneira mais próxima, como estive com Wiksendeles nessa viagem, começamos a captar detalhes não vistos em outros momentos.

Mesmo casado com Gabrielly Santos, sua prima, e considerado um membro da família, me convenci que a convivência é definida por níveis de aproximação e percepção construídas na convivência e vivência com as pessoas. Achei que o conhecia bem, porém, não o suficiente, pois não podia defini-lo como uma imagem limitada e acabada que tinha em minha mente. Isso é um erro. Notei que cada indivíduo cresce a cada instante, a cada dia. E erramos quando insinuamos, de maneira pretenciosa, que conhecemos o suficiente alguém. Wiksendeles é tão inacabado quanto qualquer um de nós. É um ser em constante evolução.

Estamos no ano 2018 e Wiksendeles ingressou na faculdade. Hoje cursa Ciência e Tecnologia (CeT) na Universidade Federal Rural Semiárido – (UFERSA). Apesar de considerar um curso difícil, pela existência de muitas disciplinas com cálculos, não fala em desistir nenhum instante. Além disso, ele está cada vez mais decidido em ser professor de LIBRAS. Durante a entrevista cedida em minha residência, mostrou-se

preocupado com a causa da inclusão dos surdos, em específico, crianças e adolescentes surdos. Ensinar aos mais jovens como eles devem se comportar diante desse enfrentamento com a sociedade e viver de maneira amistosa, sem choques entre surdos e ouvintes. Durante as narrativas, Wiksendeles expressou seus desejos para o futuro e o que espera da sociedade:

Dizer o quê sobre o futuro né. Sobre mim. Sobre estudar, fazer uma faculdade ou trabalho. Aprender libras, fazer uma Pedagogia, Letras me fazer algum estágio. Eu aprendi com surdos que me ajudaram. Com relação a isso, eu vou fazendo isso, também, com os outros surdos, mas jovens, né! Orientando fazendo essa ponte, essa ligação. Minha família fala, alguns dizem; não é necessário estudar, porque você não precisa. Então eu vou, eu vou. E sei que é um sacrifício, mas eu vou tentar. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Wiksendeles se mostra otimista quanto ao futuro. Embora tenha sido difícil na infância e adolescência, conseguiu o equilíbrio necessário para essa nova fase de sua vida. No seu rosto, prevalece uma tranquilidade adquirida com os anos de aprendizado. O aprofundamento no estudo de LIBRAS o deixou mais tranquilo. Contornou uma serenidade sobre seu caráter e isso foi um ponto determinante como responsável pela transformação de vida de Wiki. Um novo homem, com novos sonhos e reais perspectivas. Deixou para trás o que não lhe servia e trouxe consigo os dias de luta que valeram a pena, cada segundo vivido.

Wiksendeles se vê como um sujeito capaz de passar adiante o que antes lhe foi ensinado. Nos anos de infância, quando outros surdos o ajudaram a se erguer e emergir como indivíduo com importância histórica, percebe que é capaz de ajudar outros surdos na condição semelhante à dele, em sua infância. Wiksendeles agora na condição de “professor” em relação aos novos surdos. Se enxerga como um elo de ligação entre ele e os outros surdos que precisam do seu apoio, ainda mais com relação ao enfrentamento com a sociedade e a realidade. Wiki tem consciência que buscará a saída para agregar ambos os lados, mostrar que o caminho da inclusão é apaziguar as diferenças e não enaltecer a vaidade e o orgulho.

A relação entre professor e alunos surdos mostra-se como uma possibilidade de troca de experiências ou mesmo a transferência de vivência do mais velho para o mais novo. Quadros (2007) propõe uma discussão acerca do que ela denomina processo identificatório estabelecido na relação de ensino e aprendizagem entre professor e

alunos surdos, partindo para uma ressignificação do próprio conceito modelo. Wiksendeles é uma das ferramentas no todo desse processo, porque demonstra a inquietação necessária para seguir adiante. A luta por inclusão é diária e não se pode desfalecer sequer um minuto. Wiki percebeu o quanto significou sua insistência e enfrentamento do mundo de cabeça erguida. Seus percalços serviram de fortalecimento do seu ser para seguir adiante sem desfalecer. A sua experiência de vida é enriquecedora, sobretudo, seus conhecimentos, adquiridos de suas vivências e isso deve ser repassado adiante para outros sujeitos que tem uma deficiência de surdez.

Apesar da realidade de Wiksendeles ser outra, de um contexto distinto da realidade dos surdos de hoje, no que se refere a estrutura, escola, suporte de intérprete de LIBRAS, por exemplo, alguns obstáculos permanecem ainda no presente e precisam ser superados. Wiki venceu batalhas em sua época de criança, no entanto outras permanecem no contexto da atual da sociedade. Entendemos, perante as suas narrativas, que sua força é quase que inesgotável. Wiksendeles não descansa um só minuto, porque sabe que a batalha apenas começou. O que os surdos conseguiram no passado recente e são assegurados até os dias de hoje foi fruto de luta, de busca constante por direitos que não podem cessar nem um momento. É necessário dar continuidade ao trabalho de maneira ininterrupta, pois direitos são conquistados com muito suor e luta, com algum tempo para se estabelecerem. Se acreditarmos que é suficiente o estágio a que chegamos, de uma inclusão mais justa, podemos estagnar e, em alguns casos, retroceder. Não podemos permitir o retrocesso acontecer.

Diante dos acontecimentos relatados da história de vida do sujeito dessa pesquisa, percebemos quando ocorreu o rompimento das “amarras” as quais o “prendiam” a sua família. A superproteção existente por parte dos familiares causou, de início, uma estagnação no processo de crescimento de Wiksendeles, referente ao desenvolvimento como indivíduo surdo. Despertar e compreender, de maneira autônoma, a forma como deve ser sua postura para o enfrentamento com o mundo, contribuirá para o desenvolvimento individual. De fato, o seu autoconhecimento fez com que esse indivíduo saísse da condição de oprimido, pelo fato de ser surdo ou perante o meio social que o condicionava a não ser maior que ele podia.

O estudo de LIBRAS e a aproximação de Wiksendeles com a comunidade surda, o fez pensar diferente. Entre seus semelhantes, Wiki aprendeu que não podia ficar em casa esperando que um dia sua condição melhorasse diante da sociedade. Precisava lutar de maneira conjunta com as outras pessoas surdas por condições de vida melhores.

Novas ideias surgiram na cabeça de Wiksendeles como ser pensante, ativo e capaz. A criança que existiu um dia, insegura e cheia de medo, já não se encontra mais, pois ele está diferente. Transformou-se em um homem cheio de metas e sonhos. A deficiência auditiva responsável um dia, em seu estado de consciência, por lhe excluir da sociedade, foi a mesma força responsável por reivindicar seu direito de ser parte da sociedade. Os momentos distintos vividos por Wiki, na infância e na vida adulta, se definem por um estado de consciência.

Quando criança, a surdez se apresentou como um problema, no entanto, no momento do seu desenvolvimento e autoconhecimento, a mesma surdez significou a energia para o objeto desse estudo seguir adiante. Seus parentes foram convencidos de suas certezas e puderam descobrir o quanto o sujeito de nossa pesquisa é capaz, forte e determinado. Ao redor, todos mudaram seu pensamento, já que Wiksendeles provou aos seus familiares do que ele era capaz. Agora, Wiki se sentia parte do mundo, como sempre foi, apenas não havia despertado ainda para isso. As barreiras no seio familiar que antes lhe prendiam, se tornaram parte de sua força para o impulsionar como sujeito. Wiki, o mundo agora é todo seu.

2.3 Busca do autoconhecimento a partir da (auto)biografia: a descoberta do eu.

Nesta seção, o método (auto)biográfico será utilizado com o objetivo de esclarecer o sujeito, com base nas suas histórias de vida. A aceitação do “eu” trabalhará o protagonismo do indivíduo. O sujeito entenderá sua história de vida, focada na sua libertação das amarras, por vezes, criadas dentro de si. Quando o ser humano acha que não é capaz, fica em um estado de acomodação e justamente esse ponto do despertar será focado neste momento do trabalho. Cada descoberta do nosso íntimo é necessária para criar uma projeção do nosso presente e reorganizá-lo de acordo com as nossas necessidades. A funcionalidade de nossa vida depende de nossa capacidade de autoconhecimento como um agente norteador. O tópico terceiro está focado no “eu”, na reconstrução de um novo presente, com a abertura de nossas possibilidades onde representa o recomeço, assim como entendimento de quem somos e o que propomos ser de hoje em diante. Uma nova versão de nós mesmos. Teremos como base Josso (2010) na procura do “eu” e as nossas experiências existenciais, na comunhão de nossa vida singular com o plural.

Quando somos crianças, a única coisa pairada sobre nossa mente é a leveza do

brincar. Seja em casa, na rua ou no vizinho. O mundo o qual conhecemos é basicamente limitado, de modo que fora de nosso convívio, pais, irmãos e brincadeiras, perdemos certo controle das coisas. E quando isso acontece, chamamos por nossos pais, os únicos naquele momento aptos para nos amparar. Afirmando isso de maneira empírica e baseado no que eu, Adriano, convivi com meus pais e irmãos. Eu brinquei muito, durante a minha infância. Podia não ter brinquedos, mas tinha os meus irmãos e uma criatividade que nunca me deixara na mão, assim como outras crianças. Não saía muito de casa, meus pais não permitiam. Éramos bem “caseiros”, com a justificativa do meu pai, a todo momento, dizendo que não precisávamos sair muito para brincar, pois eu tinha irmãos suficientes para interagir e se divertir.

Quando o tempo passou e nós fomos crescendo, meu pai continuou a nos criar perto dele. Não queria ver nossa saída de casa. Ao crescermos, saímos, trabalhamos, constituímos família, vivíamos com nossos problemas e afazeres, mas todos os dias que podíamos, fazíamos uma visita “lá em casa” (casa de nossos pais). Casa onde crescemos e aprendemos os fundamentos iniciais de nossa vida. O que era certo, errado, como enfrentar as dificuldades e mesmo assim estarmos unidos sempre.

Esta explanação acerca de mim, demonstra a importância do meu conhecimento próprio de uma vida. Conhecer como as coisas aconteceram, na minha história, durante a infância, nos dá um suporte de entendimento dos acontecimentos e do meu presente. O que hoje conheço da minha história, extraí de minhas lembranças de vida. Estas memórias estavam desorganizadas em minha cabeça, mas estavam ali escondidas, em algum canto, e aguardavam o momento certo de virem à tona. E esse momento surgiu quando conheci a pesquisa (auto)biográfica. O que eu compreendo de minha trajetória, depois desse método de pesquisa, dá-me um suporte consistente para o meu entendimento presente das ocasiões de minha história. Antes, eu lembrava de detalhes, sabia que tinha acontecido, entretanto, através do método (auto)biográfico, passei a interpretar as minhas histórias e isso tem um peso considerável nas escolhas durante o decorrer da vida de um sujeito.

A nossa proposta nesse momento do trabalho é compreender a vida de Wiksendeles de Souza Santos, utilizando o mesmo método (auto)biográfico. Na própria construção da entrevista, usando as filmagens, com foco na vida de “Wiki” e “mergulhando” em sua história, construímos uma visão ampla de sua trajetória. O modo que a pesquisa se aplica vai além disso, visto que as interpretações das variantes da história do sujeito são o ponto chave para acarretar a construção do corpo do trabalho e

objetivo a ser alcançado nessa pesquisa.

Josso (2010) fala da importância da pesquisa nos relatos de vida do sujeito, centrados na formação como objetivo de evidenciar, questionar heranças, continuidades e rupturas. E desta maneira, o método (auto)biográfico torna-se essencial para interpretação de um sujeito subjetivo. Segundo Josso (2010, p.27):

As subjetividades expressas são confrontadas com sua frequente inadequação para uma compreensão que libera a criatividade de nossos textos em mutação. O trabalho sobre essas subjetividades singular plural torna-se uma das prioridades da formação, em geral, e do trabalho dos relatos de vida em particular.

Quando Wiksendeles sentou em minha frente para me conceder sua narrativa de vida, eu tinha uma noção de quais seriam as perguntas que iria lhe fazer, embora em contrapartida não tivesse ideia de quais seria suas respostas. Essa incerteza me amedrontou, porque uma coisa é falar de si e interpretar nossa vida, outra é conhecer a história do outro e tentar buscar interpretação de uma vida que não é a sua. Mesmo assim, fui adiante. Wiksendeles estava seguro. Ele é muito firme em suas palavras. O estudo de LIBRAS desde os seus sete anos, o modificou como ser humano, deu-lhe suporte e fez de sua deficiência a força para enfrentar as adversidades. Facilitou até para encontrar um equilíbrio entre sua deficiência auditiva e a realidade do mundo. A subjetividade do sujeito aqui pesquisado, nos fez buscar a escrita de um texto, como diz Josso (2010): criativo e em mutação. Do decorrer da narrativa, ocorreram algumas situações inusitadas no sentido da relação entre nós, instrumentos da pesquisa e construtores da dissertação, e Wiksendeles, sujeito central desse trabalho. O método (auto)biográfico nos aproximou, ainda mais, no sentido que nos propiciou momentos, até então, jamais explorados pelos, quase, quinze anos de amizade. Explicarei o porquê:

Quando eu, Adriano Pinheiro, entrei no primeiro módulo do curso de Libras, no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, há pouco mais de quatro anos, objetivei uma melhor compreensão do mundo dos surdos. Via como uma obrigação de cada um de nós, buscar por ferramentas capazes de diminuir a margem de distância que separava os surdos de nós. Para ser mais específico, Wiksendeles se comunicava através de sinais e eu não sabia quase nada em LIBRAS. O pouco que eu conhecia foi o próprio Wiki que tinha me ensinado. Terminei o módulo e me afastei do referido curso, não fiz o segundo módulo e não dei continuidade ao estudo. Quando Rita Amaro, a intérprete, veio traduzir em LIBRAS durante a narrativa

de Wiksendeles, veio à tona o quão é essencial a continuidade do estudo da língua de sinais. No dia a dia, falei da minha maneira, através de sinais com “Wiki”, mas nada que se comparasse a importância da interpretação de Rita dado a fala dele. Cada palavra, cada gesto, expressão, sentimento, que sem saber a língua não poderemos jamais ter a mínima noção. Eu olho para Wiksendeles com uma vontade de dizer mais e ele entender, de maneira clara, o que eu quero falar.

Foto 23. Confraternização. Primeiro módulo de Libras.



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Esse desejo de melhor entender o universo do surdo fez com que eu, dois anos atrás, procurasse me qualificar, como profissional da Educação e como um indivíduo consciente do meu papel cidadão. Busquei estudar a Língua Brasileira de Sinais e tornar minha relação com as pessoas surdas, inclusive com Wiksendeles, mais justa e inclusiva. Hoje vi o quanto foi importante a iniciativa de ter decidido, junto a alguns amigos professores, ter iniciado o primeiro módulo do referido curso. O meu estreitamento na relação com as pessoas surdas se tornou, com o passar do tempo, mais significativa. Mesmo não dando continuidade aos seguintes módulos do curso de LIBRAS, me via incorporado no mundo das pessoas surdas e com maior engajamento na luta pela igualdade deles perante a sociedade. Quanto mais adentrava na vida de Wiksendeles, maior era a satisfação e respeito por ele, por sua família e seus amigos da comunidade surda da cidade de Mossoró/RN.

A bandeira a qual os surdos levantaram pela inclusão, era minha também. Essa aproximação com o sujeito da pesquisa e da comunidade surda, de certo modo,

melhorou o direcionamento da pesquisa. Os caminhos percorridos até idealizarmos a entrevista do sujeito da pesquisa foram baseados no aprofundamento obtido em seu universo familiar e da comunidade surda. Aconteceu de maneira natural. Aos poucos, chegamos e, de maneira gradativa, entramos na pertença de Wiksendeles. Sentimos a confiança dele em nós e isso facilitou a construção de sua narrativa de vida para a elaboração da pesquisa.

Em um certo momento da narrativa, enquanto Wiksendeles respondia às minhas perguntas, ele parou, respirou e olhou para mim. Naquele meio tempo, desfrutei da presença de Rita, intérprete de LIBRAS, e aproveitei para dizer o significado de estar, naquele momento, desenvolvendo aquele trabalho. O que significava estar fazendo aquela dissertação com uma pessoa tão especial para mim. Falei para “Wiki” que desde que eu o conheci, comecei a me modificar por dentro. Meu senso de igualdade já existente desde outrora, florescia ainda por motivo da luta pela inclusão. E cada momento que fazia parte do ciclo de amigos da comunidade surda estava mais inteirado com a causa.

Há um certo ponto da narrativa, relatei a Wiksendeles que nós ouvintes não somos mais importantes que os surdos, somos iguais perante a sociedade, temos nossas limitações e isso é específico de cada sujeito. Daquele dia em diante, poderia contar comigo sempre, pois a minha ideia de justiça – a que me acompanha desde minha infância, com base na minha família – é o que me fez solidário a olhar para comunidade surda e levantar essa bandeira, a procura de igualdade, respeito e inclusão.

Posso afirmar o quanto foi especial a sua expressão de agradecimento, os sinais que Wiksendeles fez para mim de gratidão. Eu e Wiki ficamos emocionados pelo simples fato de podermos dizer um ao outro palavras simples que falamos todos os dias, mas que por vezes, uma sociedade deixa de entender o outro, porque não procura conhecer seu mundo. No meu caso, porque me incluo, preciso estar dentro inteirado com Libras e ela fazer parte da minha vida, não só em um módulo de sala de aula, mas para fazer valer todos os dias. E o mínimo a ser feito para a comunidade surda e sua inclusão.

Outro momento especial da entrevista de Wiksendeles está ligado também com a importância da língua de sinais para os surdos e as pessoas ouvintes. Em diversos momentos, ele enfatizou a importância do conhecimento da LIBRAS dentro da família em especial. Se Língua Brasileira de Sinais fosse falada no seu meio familiar, muita coisa, de fato, seria mais fácil. A comunicação seria mais clara, objetiva e

compreensiva, ainda mais para Wiksendeles. Muitas histórias de nossa vida estão atreladas a histórias contadas por nossos, familiares mais velhos, irmãos, tios, avós e nossos pais. É de grande valia um repasse oral de nossa história, guardado na memória deles e que nos é emprestada para sabermos o que aconteceu na nossa infância ou mesmo antes de nossa existência. Essas informações são necessárias para conhecimento e entendimento de nossa história de vida.

Diante disso, como é possível Wiksendeles saber detalhes de sua história, se a sua família não conhece a comunicação por sinais? Como poderia saber seus momentos de infância que não lembra e precisa de um auxílio dos seus pais para complementar suas memórias? Como seria possível esse repasse de histórias e vivências com uma comunicação mais clara?

Durante a entrevista de Wiksendeles, um fato curioso aconteceu e tem ligação com a importância da LIBRAS na comunicação com o surdo. Em certo momento da entrevista, fizemos um pequeno intervalo para tomarmos água, ao mesmo tempo em que acertávamos alguns pontos que seriam abordados como escolha do próprio entrevistado. Ele então narrou um fato que aconteceu durante um aniversário de uma amiga surda, ocorrido em sua casa. Estavam presentes seus pais, seus amigos, irmãs e Rita Amaro, intérprete de LIBRAS e amiga da comunidade surda. Wiksendeles falou que Rita Amaro chegou para ele, detalhou sobre sua infância e disse: “Wiki, você sabia que sua mãe disse que antes de Wiki, não tinha sido Wiki?”. Nisso, ele, surpreso, se perguntou: “A primeira filha foi Wigna, a segunda Wnara e no caso o terceiro filho não tinha sido eu... Eu achava que tinha sido eu!”.

Na verdade, Wiki tinha sido o quarto filho. Ele perguntou a seus pais se esse fato era verdade, pois ele não sabia e queria entender como tinha acontecido. Então a mãe dele começou a explicar que teve outro filho, irmão de Wiki, e faleceu com seis meses de idade. Ele se chamava Wignemberg. Assustado, ele então perguntou: “Como pode isso, porque ninguém havia me falado antes? E minha família não me contou?”. Na hora que soube deste ocorrido, ele se emocionou e ficou se perguntando:

Cadê o irmão “pra” eu brincar, me comunicar com ele, interagir com ele? Eu fiquei muito sentido com isso... Se ela (mamãe) soubesse Libras, mas precisou de um intérprete pra me dizer, precisou de Rita. E depois de vários anos, atrasado, muito tempo depois. E isso não tive como explicar, ficou gravado na minha memória... Até hoje eu lembro desse irmão, que eu tive que eu não conheci... Por que eu gostaria de ter tido essa relação com ele, mais isso aconteceu, eu lembro, sonho...

Por que minha mãe, não me falou... Aí ele adoeceu e foi para Natal fazer o tratamento, para ver se melhorava, mas não ele faleceu com seis meses de idade... Mais depois ficou grávida de mim! Aí eu fui o último filho, no caso não fui o terceiro, mais o quarto. Aí fui saber disso agora. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Na verdade, faz alguns anos que Wiksendeles, soube desse fato, da existência de um irmão que sua mãe teve antes dele e não conheceu. Durante a entrevista, enfatizou a importância da comunicação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para os surdos. E mostra que sociedade necessita do entendimento da língua de sinais e sua importância da inclusão. A própria família precisa buscar o conhecimento de Libras para que haja uma inclusão. Essa inclusão, de início, surgirá no núcleo familiar para, depois, buscar a inclusão de maneira macro, no seio da sociedade. Wiksendeles queria todos fluentes em LIBRAS na sua família, no entanto, segundo ele, “Libras não existe na família”. Mas o que importa para ele é o amor pela sua família e esse amor está acima de tudo.

Foto 24. Wiksendeles, com sua prima, Gabrielly e sua tia, Azenilda.



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Hoje, quando eu olho para trás, vejo como não imaginava o quanto meu passado ia ter relação com meu presente. Ao referenciar o primeiro capítulo deste trabalho de pesquisa, no sétimo parágrafo da introdução do capítulo primeiro “*Conhecer a Mim: Narrativas (Auto)Biográficas de Uma Vida*”, trago a representação de minha tia Kika

¹⁸, que fez parte de minha vida, sobretudo da minha infância. Foi uma entre todas as referências de educação que tive. Mesmo com sua deficiência auditiva, criou-me com respeito e amor ao ajudar a formar meu caráter.

Faz três anos de sua morte e sinto sua presença, seu cheiro, seu olhar, sua voz fanhosa pedindo-me um beijo. Olhava para ela e entendia que, apesar de sua deficiência, ela era feliz e transparecia isso. Quando conheci Wiksendeles, Kika ainda estava viva, porém não chegaram a se conhecer, suas complicações de saúde não a deixaram sair de casa. Mas eu considero como o fator determinante para não ter ocorrido esse encontro a minha falta de sensibilidade de fazer uma leitura de minha existência, interpretando que a vida não colocou por acaso Kika e Wiksendeles na minha história. Os acontecimentos têm um propósito, estão interligados, tudo tem um significado divino. De fato, não posso fazer algo por minha tia em vida, mas farei em memória, em respeito e por amor. Ela fez sua passagem, porém Deus me apresentou com outra família, outra oportunidade. Ao conhecer minha atual esposa, Gabrielly Santos, tive a grata satisfação de ganhar outro irmão, uma nova oportunidade de fazer por outra pessoa com surdez. Wiksendeles é sobrinho de minha sogra e primo de minha esposa. Uma nova família, uma outra oportunidade que jamais deixarei escapar.

A interpretação feita diante desse fato é que Wiki precisou de uma interpretação de LIBRAS para pedir emprestado o conhecimento de seus pais sobre sua história de vida. Um surdo que entende a língua de sinais, sua “língua mãe”, reconhecida pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, mas mesmo assim se comunica com sua família através de gestos que não é LIBRAS. Vejo, diante disso, o quanto é indispensável a aplicação da metodologia (auto)biográfica. De modo que, através desta metodologia, o sujeito pode aprofundar-se em sua vida e suas memórias. Pode buscar, através da refutação de suas memórias passadas, o entendimento mais claro de sua vida. A possibilidade de Wiksendeles assistir às entrevistas nas quais parentes poderão esclarecer, por meio do intérprete presente, o que seus familiares falaram e os detalhes de vida os quais ele não sabe e passará a conhecer, será essencial para uma interpretação de sua própria vida. Diante disso, Josso (2010, p.31) expõe:

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite, portanto, colocar em dia, progressivamente, o ser-sujeito

¹⁸ Maria Pinheiro da Silva, “Kika”. Amada tia. A primeira pessoa com deficiência auditiva que conheci na vida. Referência da introdução do primeiro capítulo dessa dissertação.

de formação, vê-lo tomar forma psicossomática,¹⁹ psicológica, sociológica, emocional, cultural, política e espiritualmente num sábio e singular entrelaçamento formando assim um motivo único. A consciência do ser sujeito de sua história, mediante as todos os ajustamentos que foi preciso fazer, permite dimensionar o desafio de toda formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser em devir, e a sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem, ou as que se possam imaginar.

De fato, a importância do método (auto)biográfico, na descoberta de um novo olhar com objetivo de interpretar um novo “eu” traz consigo diversas outras multiplicidades do ser-indivíduo. Da mesma forma que durante o primeiro capítulo desta pesquisa, pude perceber uma profunda transformação na minha visão em relação ao meu passado. A história de minha vida, guardada em minha mente e julgada como verdade absoluta, foi “dissolvida” quase por completa. Não porque não fossem verdade minhas experiências durante todos esses anos, e sim porque talvez fossem mal interpretadas. Uma leitura de uma vida que mais parecia ser contada ou lembrada sem um sentimento mais profundo. Tantas práticas eu vivi com meus irmãos, com meus pais e não passava de histórias passando de boca em boca.

A história oral é muito mais séria e complexa do que se possa imaginar. Ela é o “trampolim” inicial de uma pesquisa científica. Quando minha avó contava uma história de sua época, eu costumava prestar atenção com o olhar vidrado em cada detalhe. Aquelas memórias descritas por minha avó eram com tanto afinho e veracidade que me enchia o coração de emoção. Uma sensação tão grande que parecia não caber no peito. O fato de ser ou não verdade não é questionada pela pesquisa (auto)biográfica. Ela veio para interpretar os fatos e não questionar a verdade daquilo dito. Mais importante que a veracidades dos fatos, estão as histórias contadas de geração a geração e ainda são. Assim, posso citar um exemplo: a impotência de indivíduos denominados “Griots²⁰”, que sua origem descende da África, são indivíduos responsáveis por contar histórias para seus descendentes através da história oral.

O método (auto)biográfico trabalha a busca dos acontecimentos passados e suas histórias de vida. A procura de entendimentos e de novas concepções de si, no decorrer

¹⁹ Ciência interdisciplinar que gera diversas especialidades da medicina e da psicologia, para estudar os efeitos de fatores sociais e psicológicos sobre processos orgânicos do corpo e sobre o bem-estar das pessoas.

²⁰ É como são chamados, em alguns povos da África, os contadores de histórias. Possuem uma função especial que é a de narrar as tradições e os acontecimentos de um povo. O costume de sentar-se embaixo de árvores ou ao redor de fogueiras para ouvir as histórias e os cantos, existem os **griots** músicos e os **griots** contadores de histórias, perdura até hoje.

do caminho, nós descobrimos um novo “eu”. Agora, com uma interpretação diferente do que antes tinha, podemos reestruturar novas definições do nosso presente. A purgação de um passado inacabado dá ao sujeito a possibilidade de fortalecer o seu íntimo e compreender que cada um de nós somos o presente que foi construído no passado. Não podemos desvincular as memórias de dor, porém podemos dar outro significado para essas cicatrizes, de maneira que administramos com autonomia nossas fraquezas.

Wiksendeles de Souza Santos torna-se protagonista de sua história a cada instante. O menino que temia soltar a mão de sua mãe agora consegue seguir sozinho. Caminha com seus próprios pés e quer ir mais longe. O indivíduo que possui uma deficiência não quer ser visto com “pena” ou ser diminuído. Ele quer respeito, quer ser visto como normal perante a sociedade. Ele buscou sua emancipação através do autoconhecimento através do estudo de LIBRAS, assim como teve a ajuda da comunidade surda. Seus objetivos de vida estão mais claros do que nunca, quer ser para outros surdos o que forma com ele quando começou a estudar seu autoconhecimento. Que ser professor de Libras, auxiliar outras pessoas com surdez e fazer com que outros surdos consigam se libertar de seu estado de opressão. Wiki quer que outros surdos se identifiquem com ele. Quer ver o que os surdos têm em comum, para ser enfatizado, seja sua língua, seus gestos, sua cultura, é necessário se fortalecer juntos, na soma. Tudo isso faz parte de sua alteridade da concepção do ser normal, do estar vivo e que quer caminhar até mais longe.

Diante da necessidade da representação da alteridade surda, ao abordar a relevância ao enfatizar sua pertença, trazemos um trecho de Quadros (2017, p.88):

[...]do conceito identificação na educação e, sobretudo, no que tange os Estudos Surdos, o entendimento de um espaço preexistente a partir do qual se tece um novo olhar para o processo de identificação. É nesse espaço que o professor expõe sua cultura, sua língua de sinais, sua identidade e sua alteridade, revelando para o aluno muito do seu próprio processo formativo. ao se identificar com o professor de modo não linear, ou seja, apenas em determinados e específicos momentos, vai construir o seu jeito de ser, sua subjetividade, e de modo distinto, singular. Transfigura-se o professor, portanto, em um elemento de identificação, não num molde, do qual o aluno deve sair à sua imagem e semelhança [...]

Como podemos trabalhar a alteridade do sujeito sem levar em conta o entendimento do universo das pessoas com deficiência? Questões como essa passam a

ter sentido quando observamos a relevância do estudo antropológico. Em uma sociedade capitalista e hierarquizada, foi necessário interpretar as diferentes ramificações sociais, para explicar mais sobre diversas culturas. Diante dessa abordagem, trazemos uma passagem do autor Strauss (2011, p. 59), na qual fala da relevância que o estudo antropológico trouxe para história social:

Na perspectiva, mesmo utópica, a antropologia encontraria a sua mais alta justificação, já que as formas de vida e de pensamento, que ela estuda, já não teriam apenas um interesse histórico e comparativo: Elas nos tornariam mais presentes, uma chance permanente do homem, que as observações e análises da antropologia têm como missão salvaguardar.

“O mundo precisa mudar” (STRAUSS, 2011) e os tempos são outros. A antropologia veio como um de seus objetivos, de interpretar as culturas, as diversidades. Qual objetivo da sociedade se não for caminhar junto com o outro? Outro questionamento, envolvendo o caráter desse estudo: O que pensar diante de uma sociedade que não constrói um discurso que esteja na pauta inclusão? A construção de um mundo mais justo, não está no caminhar sozinho, mas na união das forças. As diferenças de costumes, culturas e indivíduos com suas especificidades tornam o estudo antropológico indispensável para qualquer indivíduo pesquisador que pensa em enfrentar uma pesquisa de cunho interpretativo. No caso desse trabalho, buscar a compreensão do sujeito surdo que, apesar de ter suas diferenças, vive na mesma sociedade com os mesmos direitos das pessoas ouvintes.

Wiksendeles, assim como outras pessoas com deficiência, luta de forma incansável, todos os dias. A sua inserção na comunidade em que faz parte, o abraçou como tinha que ser. Sua origem, seus laços, os objetivos em comuns traçam um caminho comum a todos as pessoas surdas, embora a luta não seja e nem deva ser apenas dos surdos. Nós vivemos para construir o bem comum a todos os cidadãos, surdos, ouvintes, deficientes visuais, deficientes físicos, pessoas com síndrome de Down, cada um tem a sua importância na soma do corpo social. Não podemos descansar um só minuto, o mundo pode ser melhor, a sociedade, pode ser melhor, mas depende de nós.

Diante dessa busca por um mundo melhor, peço licença para contar aqui uma pequena história. Aconteceu durante o ano de 1976, dentro de um contexto político de Guerra Fria, a pequena Ilha da Jamaica, sofria com acirramentos partidários locais, ao

mesmo tempo, influência e pressão da política externa. Fazia duas décadas de sua independência do Reino Unido e o futuro do país era incerto. O cantor Bob Marley (1945-1981) foi convidado para fazer um show pela paz em Kingnton, Jamaica, com objetivo de acalmar os ânimos. Ele e sua família sofreram um atentado dia 3 de dezembro, mesmo assim, ninguém morreu. Dois dias depois do atentado, dia 5 de dezembro, Bob Marley fez o show. Quando questionado sobre por qual razão resolveu subir ao palco, mesmo ferido, respondeu: "As pessoas que estão tentando fazer este mundo pior não tiram nenhum dia de folga. Como eu posso?" Diante dessa frase de Marley, não podemos jamais tirar folga também. O mundo, a sociedade, as pessoas vivem como se não houvesse diferenças, como se não existisse uma força contrária ao bem. O diálogo sobre essas diferenças existentes no mundo entre as pessoas só vai deixar de ser barreira quando lutarmos por igualdade.

A vida de nosso sujeito pesquisado é uma luta diária desde que nasceu. A sua autoafirmação, seus desejos, o caminho que quer trilhar, dependem de sua força para continuar, mas também de pessoas que lutem por sua causa igualitária. Não podemos perder um só minuto de luta. Os passos são diários, as vitórias conquistadas são frutos de inquietações perante a necessidade de garantir seus direitos. Foi indispensável o estudo dele mesmo como sujeito. Ter ideia de seus direitos como pessoa surda, não seria possível sem conhecer a si mesmo. Wiksendeles se reinventou como sujeito e para isso precisou reingressar ao seu passado, à sua infância, base formadora de todo ser humano. Lá experimentou dores, sofrimentos, alegrias, encontros e desencontros. Buscou interpretar o que aconteceu de fato. Esse retorno só foi possível com a pesquisa (auto)biográfica, adotado como meio de retornar aonde iniciou toda a base de sua história de vida.

Ao fazermos referência a HALBWACHS (1990), vemos a significância da pesquisa (auto)biográfica no resgate da memória individual de Wiksendeles. Ao mesmo tempo em que buscamos, no passado, refutar suas lembranças, a (auto)biografia mostra-nos que ao retornar a infância de Wiki, através das suas narrativas, nos deparamos com um passado reconstruído com as lembranças coletivas de seus familiares, assim como da sociedade. Segundo Halbwachs (1990, p. 54), "um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros". Essa reconstrução da sua história de vida fez Wiksendeles despertar para seu autoconhecimento e descobrir um novo eu. Essa nova chance de recomeçar abre outros caminhos a sua frente. São possibilidades que o farão seguir com passos seguros e com

esperança de novos tempos. O sujeito é inacabado e pode ser reinventado quantas vezes for necessário, diante das mudanças que a vida apresenta. Como o vento que hora ou outra muda seu sentido. Assim é a vida, assim deve ser o sujeito, condicionado por mudanças.

2.4 O despertar do sujeito da condição de oprimido: primeiro enfrentamento do mundo.

Este momento do trabalho será desenvolvido com o objetivo de fazer com que o sujeito entenda como ele vive, por vezes, na condição de oprimido, tanto pelo mundo que o rodeia quanto pela projeção criada em sua mente. Nessa projeção, ele não seria um sujeito protagonista de sua história. Dentro do protagonismo do sujeito, utilizaremos Freire (1987) despertando do estado de opressão em que o sujeito vive. O autor trabalha o despertar do sujeito crítico existente em cada um de nós, muitas vezes, adormecido por causa de uma imposição natural de uma sociedade opressora. Isso ocorre de maneira corriqueira e, na maioria das situações, está interligada a um formato de sociedade o qual os mais poderosos subjugam os menos favorecidos. Trago esse pensamento de Freire (1987), da sua obra *Pedagogia do Oprimido*, para a realidade da inclusão. Acontece semelhante na questão da inclusão de pessoas com deficiência na nossa sociedade. Há uma imposição nítida de opressores que oprimem pessoas com deficiência condicionando-os a não acreditarem que são capazes de emergir como um sujeito protagonista e dono de sua vida.

Freire (1987) ainda demonstra que o sujeito pode ter consciência de sua importância social, por meio de um esclarecimento do mundo ao seu redor. Isso ocorre através da educação, da leitura e da busca pelo saber, tão enfatizada por Freire (1987). A educação, segundo ele, é libertadora e, nessa lógica, procuramos desenvolver a construção deste tópico. Munir a pessoa com deficiência por meio do esclarecimento de seus direitos e deveres é partir para um novo olhar sobre o seu papel na sociedade. A educação é a arma de que todos nós precisamos.

Não seria de nos admirarmos se a escola, por vezes, fosse condicionada a praticar uma educação que direcionasse o nosso modo de pensar. E, de fato, isso acontece. Brandão (1985) nos traz uma abordagem significativa quanto ao nosso repensar de uma educação inclusiva na sociedade. Seu pensamento está em consonância com as ideias e práticas de Paulo Freire, que durante a sua vida dedicou cada minuto a

uma prática que liberta e exercita o pensamento, a criticidade e a opinião do indivíduo.

Em Freire (1967, p.42), quanto a educação e a falta de liberdade, o autor faz uma abordagem relevante quanto ao tema:

“[...] Por isso, toda vez que se suprime a liberdade, fica ele um ser meramente ajustado ou acomodado. E é por isso que, minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora.”

A educação não só norteia a vida de cada um de nós, como nos faz conhecedores de suas práticas inclusivas. A educação nos permite ampliar a visão de tudo ao nosso redor. O distanciamento das práticas educacionais nos afasta de nós mesmos e de um enfrentamento do mundo ora opressor. Esse é um dos pontos centrais da educação como uma prática libertadora. Perceber, entender e recriar o seu próprio mundo.

Assim, Freire (1967, p.43) acrescenta, no que se refere à educação e liberdade de pensamento no enfrentamento com o mundo real:

“[...] A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em ternos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas.”

De frente ao pensamento de Freire (1967), podemos fazer uma correlação com o nosso sujeito da pesquisa, Wiksendeles. A relação sujeito e realidade é determinante para o desenvolver do ser humano. Enquanto Wiki não tinha relação direta com o mundo real, no sentido do caminhar fora de sua “bolha protetora” criado até mesmo pela família, seu desenvolvimento como indivíduo capaz e criador de suas próprias possibilidades ficou adormecido. Entretanto, no momento da decisão de sair da condição passiva, iniciou um processo natural de reconstituir seus caminhos através da sua reeducação. Diante disso, com o ingresso de Wiki na educação, um trecho de sua narrativa demonstra como é essencial a busca pelo aprender.

Estudava na Escola Maria Estela, lá no Alto de São Manoel e estudava lá junto com Jorge, nessa escola, era sempre nós dois juntos. Mais Jorge foi embora para Natal e eu fiquei só. [...], mas na escola, eu conseguia, fazia na escola especial e na outra com os ouvintes, ia nas duas escolas sempre, estudava de manhã na escola e a tarde ia pra outra. Fui pra essa escola especial, ia e vinha e as notas forma melhorando. Depois eu me mudei sai dessa escola Maria Estela e fui estudar no supletivo e Jorge foi junto também, por que é Educação Jovens e Adultos e é mais rápido. E terminei o ensino médio, não tinha intérprete, só os alunos ouvintes que faziam essa socialização essa interação, junto comigo, e eles me ajudava. Tinham cinco surdos, mas alguns faltavam, mas eu continuei fui aprovado e terminei o ensino médio. Mas nunca tive apoio de um intérprete. O professor falava e eu não entendia, aí perguntava a um ouvinte e ele me explicava através de gestos e essa interação eu usava e eu ensina a datilologia, alguns sinais em libras e eles me ensinavam com elação a Português. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Nessa passagem da narrativa do sujeito, percebemos o quanto teve relevância a sua interação na escola com outras pessoas e ouvintes. A percepção de mundo se expandiu e promoveu uma ruptura a qual o “prendia” em seu mundo e o aproximou da sociedade, mesmo em alguns momentos, de duras realidades, mas que estava disposto e enfrentar cada adversidade. A educação é necessária e naquele instante da vida de Wiki, norteou seu caminho e abriu seus olhos para uma nova forma de enxergar o mundo que o circundava. Sua condição de vida antes desse momento de buscar se educar, se capacitar, Wiksendeles estava condicionado, apenas, ao que ele conhecia como mundo, seu lar.

Dentro desse contexto de se educar e buscar seu melhoramento pessoal perante o meio social, percebemos que ao mesmo tempo em que essa estrutura de sociedade ensina, pode também usar métodos norteadores da educação do indivíduo. O autor Brandão (1985) alerta para uma educação nas mãos das classes dominantes e faz com que cada direcionamento das ideias esteja em consonância com o pensamento e interesses daqueles interessados em dominar e oprimir.

Em Brandão (1985, p. 45), é exposto o pensamento quanto ao poder da educação fora do alcance do povo e a mercê dos dominantes:

“[...] Se a educação é determinada fora do poder de controle comunitário dos seus praticantes, educandos e educadores diretos, por

que participar dela, da educação que existe no sistema escolar criado e controlado por um sistema político dominante? Se na sociedade desigual ela reproduz e consagra a desigualdade social, deixando no limite inferior de seu mundo os que são para ficar no limite inferior do mundo do trabalho (os operários e filhos de operários), e permitindo que minorias reduzidas cheguem ao seu limite superior, por que acreditar ainda na educação? Se ela pensa e faz pensarem o oposto do que é, na prática do seu dia a dia, por que não forçar o poder de pensar e colocar em prática uma outra educação? [...] A resposta mais simples é: "porque a educação é inevitável".

A Educação não pode ser vista como um mero instrumento de aprendizagem. É preciso, segundo Brandão (1985), dessacralizá-la, ou melhor, desmistificá-la e entender que “determinados tipos de homens criam determinados tipos de educação, para que, depois, ela recrie determinados tipos de homens.” A dominação que a educação pode exercer na sociedade precisa ser “desmascarada.” Os próprios indivíduos dotados de uma educação que liberte sua maneira de pensar, que recrie e perpetue uma aprendizagem agregadora e inclusiva, onde todos possam fazer o usufruto de seus benefícios. Uma educação de todos para todos.

A libertação deste sujeito observado através da educação é notória quando ele assume a responsabilidade de se qualificar como sujeito, assim como qualquer outra pessoa. A posição de Wiki na condição de surdo lhe exigiu o mesmo empenho, como qualquer outro cidadão, em buscar ajuda para sua autonomia. Os esforços que sua família fez, para que ele estudasse e não desistisse de frequentar a escola, significou o primeiro impulso para o entendimento do qual ele podia protagonizar sua vida, seu caminho e escolhas. Sua mãe segurou a sua mão até o dia em que ele despertou e decidiu se desprender dessa dependência da família e conseguiu caminhar com as suas próprias pernas.

Hoje o estudo de si fez com que Wiksendeles vislumbrasse uma determinação interior útil para definir quem ele era e o que esperava de seu futuro, e para isso entendeu que seu presente é mais importante que qualquer coisa. Percebe-se isso na sua vontade inesgotável de viver. Cada nascer do dia germina uma nova oportunidade de aprendizado, novas interpretações, diferentes compreensões de nós mesmos e do mundo. A história pode ser reescrita. Os fatos são determinações específicas de cada momento. As narrativas de uma vida são inconclusas e se assim não fosse este trabalho de pesquisa não havia começado e nem existiria e nada viria depois dele. A prova dessa afirmação é a força que Wiksendeles teve para ir de encontro a certas distorções da sociedade, que de alguma forma exclui a pessoa surda. Quando perguntamos, em suas

narrativas, se ele sofreu preconceito, Wiki expõe seu pensamento sobre o preconceito existente na sociedade, mais ainda quando se trata do surdo estudar e se capacitar:

Em relação ao preconceito é muito difícil falar sobre isso, né... Preconceito em relação a mim? Eles vêm que eu tenho, mas... Aí falam: “Ah... Ele é surdo, não sabe de nada, é burro” ... Não... Eu no futuro eu quero ser professor, quero ter uma profissão... Aí vão pedir desculpas. E vão perceber isso depois. Aí eu não falo nada, eu não respondo nada. Alguns surdos, alguns ouvintes a gente considera como iguais... Então não é necessário ter preconceito. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Qual seria o verdadeiro papel de nós homens e mulheres para um melhoramento real da sociedade? Qual educação devemos almejar? Que mundo desejamos? O que podemos fazer para iniciar um processo humanizado capaz de propiciar uma conscientização nas pessoas e objetive o bem comum?

Quando temos consciência de uma luta, cuja bandeira nós levantamos é porque, de algum jeito, nos despertamos sobre algo que consideramos errado, ou mesmo, não julgamos correto. O certo e o errado podem ser subjetivo ou relativo, mas nem sempre. Porque quando as escolhas de uma sociedade, o modelo representativo em que se vive, o seu conjunto de leis estão, de alguma maneira, burlando o direito do outro, algo pode não estar em consonância com a igualdade comum entre os cidadãos e isso talvez seja um problema.

A sociedade nos apresenta paradigmas os quais carecem de ser quebrados, pois às vezes, vão de encontro a ideia de igualdade. O exemplo disso encontramos nas manifestações sociais que, por vezes, demonstram uma falta de informação da sociedade, quanto ao estudo e conhecimento da deficiência. Nesse caso, é necessário conhecer para entender a falta de inclusão. Não podemos afirmar que não existe inclusão, seria um erro da nossa parte e um tanto quanto taxativo. Da mesma forma, não podemos afirmar que há inclusão em toda sociedade. A luta existe, a sociedade está transformando os seus valores de maneira positiva e isso é evidente, porém não é o suficiente ainda.

A inclusão das pessoas com deficiência auditiva, na nossa sociedade, aos poucos se mostra efetiva, mesmo que em passos gradativos. A Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/15 mostrou-se com certo avanço, um ponto positivo o qual garante, por lei, a inserção de todos os deficientes na sociedade. Mas esse não é o ponto chave da questão. Quando uma lei existe e nós não temos o conhecimento da mesma, não há a concepção

do direito de maneira efetiva, pois os direitos passam despercebido diante do cidadão. O ponto inicial deve ser: acordar para entender o estado de consciência em que cada um de nós vive na sociedade. Quem somos? Onde estamos? E para onde vamos? As coisas vão acontecendo ao nosso redor e se ficarmos imóveis, somos fadados a ficarmos para trás. O que eu quero dizer com isso? Podemos estar, nesse instante, em um estado de opressão. E se estamos, precisamos, com urgência, acordar para outro estado de consciência: O despertar. Acordar é só o começo da revolução.

Frente a essas questões acima discutidas, no sentido de consciência humana para sua libertação pessoal de uma condição inumana, Freire (1987, p.16) nos traz à ideia dessa condição desumana:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também ainda que forma diferença nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoa, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem “injusta que gera violência dos opressores e está, ser o menos.

Nossa pesquisa busca o entendimento da vida de um sujeito surdo diante de uma sociedade em processo de mudança e amadurecimento no que se refere à inclusão. Da mesma natureza, conseguimos detectar a evolução do sujeito. Este progresso partiu do ponto em que Wiksendeles entendeu o seu papel como sujeito social, com seus desejos, seus objetivos e a vontade de ser protagonista de sua vida. Durante sua narrativa, é possível perceber que a vida de Wiki antes do estudo da Língua Brasileira de Sinais era condicionada a uma satisfação a sua condição humilde de existência. A família, ao descobrir a sua deficiência, permaneceu por anos conformada, por entender que a vida de uma pessoa com surdez não passava de aceitar aquela condição inativa de sobrevivência. Quando Freire (1987) nos mostra que existe uma relação de oprimido e opressor e que o segundo subjuga o primeiro, acordamos para um modelo que demonstra veracidade na sua comprovação. Ao mergulharmos em *Pedagogia do Oprimido*, obra de Paulo Freire (1987), vemos como, de fato, existem relações entre a condição de oprimido social e a opressão vivenciada pelas pessoas com deficiência.

Podemos fazer uma leitura e entender que são os mesmos oprimidos, apenas em condições e desdobramentos diferentes, de acordo com suas especificidades.

A condição de oprimido está relacionada à sua origem e de como é a sua representatividade de “importância” na sociedade. É difícil existir um oprimido vindo das camadas mais abastadas da sociedade. Isso acontece devido ter tudo a ver com a “diferenciação” social de onde cada indivíduo descende. A origem de Wiksendeles é humilde, sua família é do interior do Estado do Rio Grande do Norte, Campo Grande. Sua infância está, de maneira íntima, ligada à zona rural, no Sítio Campanha, lugar de seus pais, tios, primos e irmãos. Lugar de sua pertença, de suas características, de sua cultura. Assim, sua gênese se entrelaça com várias outras, na verdade, milhares de família do Brasil nas mesmas condições e de origem simples e humilde.

Foto 25. Sítio Campanha, Campo Grande /RN



Fonte: Arquivo pessoal, (2018)

É importante notar o quanto toda história de vida de um sujeito se estabelece em conjuntos de laços de parentescos ou de proximidades entre pessoas de origem semelhante. Wiksendeles nasceu em Mossoró e reside até hoje na mesma cidade, porém jamais perdeu o vínculo com seu passado e a ligação que existe com o Sítio Campanha. O empoderamento do sujeito parte da consciência que ele tem dele mesmo. De onde viemos define quem somos. Para onde vamos é uma incógnita. Depende do que traçamos para nós mesmos. De fato, não podemos despertar para um novo eu, se não conhecermos a nossa premissa, responsável em gerar toda a formação de um estado de consciência que representa nossa percepção de nós mesmos e do mundo ao redor.

Wiksendeles passou a entender o seu mundo, no instante em que decidiu estudar e descobrir quem ele é. Tomou a decisão de não se vitimizar diante da sociedade, mesmo sabendo das dificuldades diante de si. Seu conhecimento em Libras, a sua interação entre pessoas surdas, com deficiência semelhante à dele, lhe deu o suporte para compreender o quanto precisava modificar sua postura como ser participativo na esfera social, com objetivos e caminhos com suas especificidades.

Durante suas narrativas de vida, observei o quanto em cada palavras que dizia trazia à tona dores, batalhas, vitórias e fortalecimento do seu íntimo. Sua trajetória passou a ter mais sentido a cada narrativa dos acontecimentos de sua vida. Wiksendeles reconhece a legitimidade dos acontecimentos da infância como necessários para a reconstrução de sua personalidade e de sua autonomia. A família, os amigos, as entidades, como O Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS, Associação de Surdos de Mossoró - ASMO, são fatores determinantes para a sua autoformação.

Wiki se tornou um adulto forjado nas adversidades da vida, determinado e um sujeito altruísta. Qualidades de alguém disposto a encarar os desafios manifestados na vida. Desde criança, se viu forçado a entender o mundo dos ouvintes, mesmo sendo incompreendido, diante de uma sociedade que necessita estar aberta à discussão cada vez mais acerca das questões sobre inclusão. Com o passar do tempo, tomou a decisão de estudar, aprender a se capacitar, ao invés de se lamentar a cada dia de sua deficiência e esperar que o mundo tomasse a decisão por ele. Uma pessoa surda frente à uma sociedade que impõe e cria barreiras, em alguns por falta de conhecimento.

Quando é levantada a discussão sobre a condição de oprimido nos sujeitos, trazemos, como exemplo, a interpretação dessa ideia à vida de Wiksendeles. Fazemos isso, porque Freire (1987) nos mostra como cada um deve estar ciente de nossa posição na sociedade. Daí compreendemos o modo como indivíduo começa a entender que somos mais do que o nosso lugar de origem nos define e é hora de abrir os olhos, de levantar e seguir outros rumos. A obra de Paulo Freire *Pedagogia do Oprimido* se torna uma “cartilha de libertação pessoal”, quando percebemos aquilo que ele nos mostra sobre as estruturas sociais em que nós estamos condicionados, nos prende e repreende nossa capacidade real de falar ou expressar o que sentimos. Dessa maneira, expressa Freire (1987, p. 17):

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida.

Diante da afirmação acima, de fato vemos que Wiksendeles buscou no seu estudo de libertação, através da Libras, e o direcionou para seguir outro rumo na sua vida. Entendeu, dentro da comunidade surda, que cada um deles é um pouco da luta para uma libertação propriamente dita. Quando, em suas palavras, Wiki afirmou que se não fosse o estudo aprofundado de LIBRAS, junto com a comunidade, a sua família o teria deixado dentro de casa, sem condição alguma de poder trabalhar a sua liberdade individual. O estudo de si mesmo foi necessário, porque através do autoconhecimento, surgem as necessidades de suprir o que lhe faltou em algum instante da vida. As lembranças não teriam tanto sentido no presente se, o olhar não fosse através das interpretações de nós mesmos. Como chegamos até aqui sem interpretar nossas memórias? Somos aquilo que fazemos a nós mesmos e aos outros. Nenhuma decisão tomada em algum lugar, lá na infância, foi tomada de maneira isolada, nem mesmo no nosso íntimo. Somos o conjunto de fatos e sentimentos que decidimos ser desde a formação de uma personalidade.

Nosso protagonismo surge da necessidade de nossa libertação. Caminhamos até certo ponto de mãos dadas como nossos pais, e uma hora é preciso andarmos com a nossas próprias pernas. Wiksendeles optou por essa decisão. Entendeu que ele, agora na condição de adulto, podia prosseguir sozinho. Ele decidiu ter essa condição. Durante a entrevista em minha casa, no processo metodológico (auto)biográfico, ele falou que quando estava no estágio de reconhecer a Libras, não saía de casa sozinho, sem que fosse alguma de suas irmãs ou mesmo seus pais. Até mesmo quando ia se encontrar com a comunidade surda, no CAS ou na ASMO, e demorava um pouco, todos ficavam preocupados, ligavam para várias casas de amigos dele. Aos poucos, Wiki foi quebrando essas barreiras no seio da família e construiu uma nova postura de um jovem mais autônomo, um indivíduo que tomou o controle de sua vida e de suas decisões.

Wiksendeles entrou para o time de futebol de salão, representando a Associação de Surdos de Mossoró. Com o time, viajou para competir em algumas cidades pelo

estado do Rio Grande do Norte e em outros estados como a Paraíba. Engajado na inclusão dos surdos na luta pelo espaço nos esportes, assim como em outros meios que denotem a sua representatividade.

Foto 26. Time de Futsal da Associação de Surdos de Mossoró



Fonte: Arquivo pessoal de Wikisendeles, 2005

No processo o qual Wiki foi se desvinculando do período anterior ao estudo de Libras, ficou cada vez mais claro que seu novo caminho estava dando-lhe abertura e oportunidades de enfrentar um mundo diferente daquele o qual ele conhecia durante grande parte de sua infância. Esse enfrentamento de outra versão de Wiki, naquele momento da sociedade, modificaria seu mundo de maneira efetiva. Quando ele percebeu que precisaria escolher entre ficar em casa, viver estático e de enxergar outro mundo e sair a procura de novos caminhos para sua jornada, decidiu pela segunda opção. O trabalho da comunidade surda expandiu sua mente e seus horizontes. Wiki, não mais se permitiria a condição de passivo diante da sociedade. Ele agora busca os espaços que a vida lhe permite. Se não existe espaço ele cria. Os seus vários desejos de terminar sua faculdade de ciências da computação. Sua vontade de ser professor de Libras nas escolas, ajudando a outros surdos e ensinar o valor e a importância da Libras aos ouvintes.

Foto 27. Aula do curso de LIBRAS, no CAS Mossoró atividades da comunidade surda.



Fonte: Arquivo pessoal de Wikisendeles, 2017.

Wiki participou do processo de libertação, através do estudo de Libras e de seu autoconhecimento. Viu-se no outro “eu”, tendo em vista como ele tornou-se forte, corajoso, destemido. Considera ele mesmo o dono de seu destino. É protagonista de sua história de vida. Não conseguiu sozinho, é evidente, ninguém se liberta sozinho, mas sim em comunhão e de mãos dadas, como coloca Freire (1987). Agora quer auxiliar outros surdos. Quer mostrar o caminho e o entendimento da libertação. Fazer outros acordarem desse estado de opressão em que vivem. Assim sendo, completo com Freire (1987, p. 22):

A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos. Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua “promoção”. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmos, na luta por sua redenção.

Coragem. Posso intitulá-la como a palavra chave até aqui. Quando acordamos de um sonho, nada é mais doloroso que a realidade. A dor do despertar nos perturba. Incomoda nossa mente e nos dá uma ideia de estarmos perdidos no meio do nada. É como retirar o tubo de oxigênio e respirar em um planeta o qual não conhecemos. Primeiro, o desespero toma conta de nós, no entanto, à medida em que sentimos o ar

entrar nos nossos pulmões, temos a percepção de estarmos vivos e bem. Seria uma espécie de adaptação, uns segundos, minutos, horas ou dias. A aceitação depende de cada um, se processa mais lento ou mais rápido. É a nossa capacidade de adaptação em relação do meio social. A consciência, depois de algum tempo, nos deixa revoltados, porque quem não a tem vive de maneira mais conformada. É fácil viver em um país onde nós lutamos para ser ou viver o que a sociedade, cheia de modelo, nos predetermina? Posso afirmar o que eu penso. Prefiro ser alguém que tenha uma liberdade de pensamento, para pensar, entender e agir.

Em suas narrativas, o sujeito demonstrou estar sempre decidido a buscar traçar seus próprios passos. Relembrou os primeiros momentos que chegou para sua família e falou que precisava sair sozinho de casa. No primeiro momento, representou um choque para seus familiares, mas que foi necessário para que trabalhasse ou seu protagonismo como sujeito.

Eu sonhava, eu buscava sair sozinho... Os outros surdos diziam; “Não precisa de moto-taxi não vá sozinho, tentar, com os outros surdos, com amigos.” Eu vou tentar, vou perguntar a minha mãe. “Mãe eu quero acabar de ir de moto-taxi, eu quero tentar ir junto com um amigo. Deixe eu tentar, eu quero tentar... E aí eu fui aprendendo os lugares e me acostumei. E agora já sei, agradeço e ia sozinho. [...] Depois, na Associação dos Surdos, tinha algumas viagens, minha mãe: “Não, não” ... Ficava preocupada. Eu dizia dá, dá, não se preocupe não. Minha irmã Wnara também, ficava preocupada. Calma eu vou de ônibus e passo mensagem no celular. Chegava lá passava mensagem. Foi lá pra Maceió – AL, foi a minha primeira viagem que fiz sozinho. Andei passeei, encontrei com surdos de lá, amigos surdos daqui que me chamavam pra passear. Voltava pra Mossoró, aí mamãe: “Ah entendi... É necessário que ele vá sozinho”. Depois ela liberou deixou, eu criei responsabilidade. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Até aqui o que foi abordado foi o choque do despertar da condição de oprimido. Segundo Freire (1987), uns dos momentos mais difíceis da ruptura do estado de opressão. A descoberta de um mundo em que existe a relação de oprimido-opressor e aquele que oprime determina e define o estado em que cada indivíduo oprimido deve ser e continuar intacto no mesmo lugar de sempre, sem acordar, sem sentir, ou seguir adiante. Mas o autor alerta que desse momento em diante o indivíduo pode seguir adiante. Buscar um novo caminho com base na descoberta de um novo “eu”. É o despertar de um novo indivíduo, agora, com uma recente interpretação de si. Agora esse

ser pode buscar seu lugar ao sol, seu espaço tão sonhado na sociedade e que se tornou realidade, por seu esforço, suas lutas e pelo seu modo de pensar diferente.

Wiksendeles, um indivíduo único com seus sonhos, vontades e paixões. Figura central desse trabalho. Exemplo de vida que carrega consigo os sonhos de toda uma comunidade surda, que por anos luta por dias melhores. Aprendeu a se redescobrir com o passar dos anos. Fez surgir um novo homem, um sujeito dotado de ideias e objetivos úteis para fazê-lo construir novos caminhos. A libertação de um espírito sonhador, o qual ele mesmo decidiu soltar, deixar que ir. Agora que ele sabe qual seu lugar na sociedade, chegou a hora do enfrentamento perante essa nova definição de construção do meio social. A decisão de sair de sua condição de oprimido, não só por parte da sociedade, mas também do que pensava de si, deu lugar a vontade de ser maior, de mudar o que estava ao redor do mundo de Wiksendeles. Em suas narrativas, enfatizou a necessidade de quanto estava certo em relação a se libertar de amarras que, por vezes, o próprio núcleo familiar, lhe proporcionara. Diante disso destacou:

Eu sei que minha família percebeu que eu tenho razão. A minha família diz: “É necessário que ele cresça, que ele se quiser ser professor de libras vá, a responsabilidade é dele”. Eles me deixaram e eu agradeço. Agradeço a minha família por ter feito isso. [...] Esse é o futuro para minha vida. Eu quero sempre estar presente com minha família e também com a comunidade surda e a sociedade (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

A vida de Wiksendeles não para de se movimentar, é uma constante escada rolante. A sua família tem, agora, o desejo de que ele seja o que planejou ser, um soldado pela causa da inclusão. Se formar no seu curso superior de Ciência da Computação, ser professor de Libras e ajudar novos surdos a enfrentar os percalços que a sociedade impõe. Quer se inserir em todos os lugares, escola, faculdade, praças teatro e cinema. Sua surdez não o faz inferior a ninguém, mas diferente, apenas. Durante toda a entrevista que ele nos cedeu para o desenvolvimento deste capítulo, nos emocionou a todo instante. Nos motiva ainda mais a continuar e dar as pistas de que estamos nos caminhos corretos para inclusão e que darão as respostas para uma interpretação múltipla de uma comunidade surda, porém inacabado, frente um mundo de inconsistências e complexidade. Mas o importante é que o sujeito não desistiu, nem desfaleceu um só minuto. Eu pude conhecê-lo um pouco mais dele e ele de mim. Entrevistei com o auxílio de uma Intérprete de Libras, o que nos propiciou a

comunicação mais clara entre nós. O respeito que já existia aumentou ainda mais. A vontade de lutar pela inclusão só cresce a cada dia. Wiki me ensina com uma simplicidade de uma criança, mas com a convicção de um homem cheio de ideais e de objetivos que o tornam, a cada dia, o protagonista de sua vida. Que reivindica por justiça e que clama por inclusão a cada nascer de um novo dia.

CAPÍTULO 3

PROCESSO DE INCLUSÃO DO SURDO NO CINEMA: AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA AUXILIAR NA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA



Uma boa história que existe no seu mundo pode não ser a preferida da audiência. Então eu só faço o melhor que eu posso.

Steven Spielberg

O capítulo terá o objetivo de entendermos como ocorre esse processo de inclusão do surdo no cinema. Seus anseios e perspectivas que vão construir uma visão mais detalhada de seu percurso de vida e a busca de seu lazer até o cinema. No estudo, teremos o método (auto)biográfico como ferramenta auxiliar da pesquisa. A explanação desse momento surgiu a partir da interação com o sujeito da pesquisa, ator principal desse trabalho, Wiksendeles de Sousa Santos. Desde o dia em que conversamos a primeira vez sobre filmes, percebi como Wiki era amante da sétima arte, assim como eu. Os vários comentários e análises sobre filmes, os quais descobrimos gostos em comum, tornou-se indispensável o tema cinema em nossos encontros e conversas.

Por outro lado, diante da apreciação de Wiksendeles pela arte cinematográfica, existia uma dificuldade por parte da exibição dos filmes, referente à acessibilidade das pessoas com surdez. Frente a esse desejo de interpretar esses pontos a serem compreendidos, nos anseios de “Wiki”, esse trabalho busca **“compreender, a partir de narrativas (auto)biográficas, o processo de inclusão de surdos, no cinema, na cidade de Mossoró-RN”**. Isto posto, é relevante frisar que a busca por uma interpretação, ou mesmo apurar o olhar sobre o esse tema, requer uma caminhada pautada na pesquisa (auto)biográfica, baseada na história de vida do sujeito e depurar através de um olhar empírico e sensível, as mais diversas interpretações na multiplicidade da historiografia de um indivíduo com importância e legitimidade no espaço social.

No capítulo, não será tratado o desenvolver de apenas uma visão sobre o processo de inclusão de um surdo no cinema, a comunidade está também envolvida nesse trabalho de dissertação o qual nos propomos a apresentar. A luta é ampliada a todas as pessoas surdas as quais passam por esse processo de inclusão. A sociedade impõe limitações para qualquer cidadão, ouvintes e não ouvintes. Entender o que pode ser feito para que a inclusão desses surdos seja realidade e como ela pode ocorrer de forma mais igualitária depende de esforços mútuos entre os sujeitos envolvidos. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/16, em seu Art. 3º, no inciso I, a acessibilidade é:

Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso

coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

Segundo a LBI, esse conjunto de acepções que a torna legítima, se forem asseguradas, significam a garantia de caminhos próprios para fomentar a inclusão de um indivíduo na sociedade. A falta de conhecimento, do lado da sociedade, no quesito inclusão, por falta de discussão mais ampla no meio social, torna mais distante uma realidade mais acessível para todos os que compõe o todo social. As pessoas com deficiências existem, precisam ser enxergadas para além do sentido literal da palavra, sentido amplo, para serem vistas, compreendidas e interpretadas. Indivíduos com deficiência são e estão. Ocupam lugar no espaço/tempo e têm sua significância perante a vida e diante da sociedade.

Ao iniciar este capítulo com epígrafe retirada de uma fala do diretor de cinema Steven Spielberg, afirmamos o quanto cada história de vida tem seu valor. Diante de um mundo onde o cinema, por vezes, traz referência de história fictícias para entreter as pessoas, não podemos desconsiderar as historiografias de pessoas comuns. Sujeitos simples de um lugar simples, de histórias modestas, porém carregadas de valores, sentimentos e ensinamentos. São heróis ainda fora dos roteiros escritos. Assim como Wiki, sujeito dessa pesquisa, buscamos a voz de um jovem, que clama por ser ouvido. Apesar de não podermos escutar o som de sua voz, podemos ver o que ele fala com o coração, corpo e mente. A vida de Wiki não é roteiro de filme. Não, ainda. Mas quem sabe?

A história pulsa, transmite emoção, sensação, vigor, comédia, tragédia, ódio amor. A história, além de tudo que a torna real, não é entendida, se não for interpretada. Posso ler um livro, páginas e mais páginas, palavras que se interligam em uma lógica, coesão e coerência. Esse amontoado de elementos nos dá o entendimento de uma escrita. Quantas vezes é necessário a leitura de um mesmo livro para compreendermos o que ele quer dizer? Posso ler hoje um autor e entender o que ele quer dizer. Três meses depois, lendo o mesmo escritor, posso desconstruir o que eu li antes e mudar os meus conceitos? Suponho que seja possível.

Vou dar um exemplo real de minha vida. Meu pai, certa vez, se aproximou enquanto eu construía uma maquete de uma escola de meu bairro, para um trabalho de um amigo meu, e perguntou-me se aquele trabalho o qual eu fazia seria pago. Respondi que não. Ele balançou a cabeça demonstrando que tinha entendido e disse: “Faça um

trabalho bem feito, viu! Essa maquete é de graça, mas faça bem feito, porque a qualidade do seu trabalho está aí”. Eu olhei para papai, dei um sorriso, balancei a cabeça e concordei com aquela orientação, logo continuei a fazer a maquete. Quando o meu amigo veio buscá-la ficou impressionado com a qualidade do trabalho. No outro dia, veio me dizer que todos na escola ficaram maravilhados com a maquete.

Algum tempo depois, muitas pessoas me procuraram para fazer trabalhos semelhantes para seus projetos de ciências. Em outros momentos de minha vida, fiz trabalhos de desenho, cartazes e pinturas e meu pai repetia a mesma frase, para que eu continuasse com a mesma qualidade, independente de fazer por dinheiro ou não. Essa frase dele repetida em vários períodos de minha história de vida, fazia todo o sentido, embora ganhasse uma nova conotação em diferentes épocas de minha existência. Quando criança, essa frase soava como responsabilidade. Quando era adolescente para a fase jovem, a ouvia como uma orientação a seguir. Na idade adulta, hoje, ao lembrar dessas palavras, as vejo como ensinamento, depois de olhar para minha história e interpretar o que o meu pai queria me dizer. Era um livro o qual ele me mostrava todas as vezes em que considerava ser pertinente.

Depois de anos de experiência, passei a compreender que nenhuma leitura de nossa vida faz sentido, se nós não interpretarmos os fatos. A (auto)biografia surgiu no momento presente de minha vida para enfatizar como é essencial a compreensão do mundo ao nosso redor. Sem as interpretações, uma biografia talvez não passe de uma leitura. Por esse motivo, estamos aqui, firmes para encararmos os desafios e caminhos de uma pesquisa.

Sendo eu, um aspirante em pesquisa (auto)biográfica, vejo uma transformação pessoal das minhas diversas visões sobre o ser humano, o que me dá uma ideia mais densa do meu propósito a caminho do bem, afim de fazer projetar um indivíduo, entre muitos, e fazê-lo seguir sua história de importância indispensável. Wiksendeles me ensina a cada dia a não ser apenas mais um. Ele me mostra força, empenho e uma garra inesgotável, aliados a atributos os quais refuto em mim com mais constância.

No que diz respeito à utilização do audiovisual no auxílio das narrativas que serão produzidas, essa ferramenta trará um melhor desenvolvimento para a documentação das narrativas feitas com os sujeitos da pesquisa. O uso da filmagem, nos dias atuais, é utilizado de maneira indispensável na documentação de narrativas e histórias de vida. Também demonstra a importância da utilização dessa técnica na pesquisa (auto)biográfica, durante a concepção das entrevistas, assim como ajuda, na

interpretação dos sujeitos na hora da produção da escrita da dissertação.

Quando percebi o quanto o audiovisual é indispensável para pesquisa? Quando meu pai me mostrou a necessidade de documentar o mundo ao nosso redor, através de foto ou filmagens. Ele tinha uma mania inexorável de filmar os mais simples instantes do cotidiano ao seu redor e mostrar que aquela filmagem serviria para as gerações futuras. Falava que era para nós assistirmos quando adultos ou mostrar aos nossos filhos. Apesar de eu só ter uma noção da significação do audiovisual para a vida histórica do ser humano, através da pesquisa (auto)biográfica e do entendimento da imprescindibilidade do auxílio do audiovisual para o fomento do estudo e da pesquisa.

Trazemos para esse momento do trabalho uma tomada de consciência em relação a relevância ao documentar momentos e narrativas de vida, através da captação de imagens em vídeo. Objetivamos demonstrar o quão necessário é a reconstrução de instantes vividos. O olhar, o cuidado que devemos ter na reconstituição dos fatos necessitam estar mais próximos das narrativas contadas pelo indivíduo ou objeto da pesquisa.

A interpretação de cada evento relatado deve estar carregada de sentimento puro de espontaneidade por parte do indivíduo central da pesquisa, nesse caso, Wiksendeles de Souza Santos. Do mesmo modo, uma vez que não buscamos uma verdade, procuramos também entender a vida de Wiki através da história de vida dele contada em suas narrativas. O audiovisual vem, nesse momento, como ferramenta auxiliar da documentação das narrativas, através de filmagens. Assim, como outras maneiras de documentação dos fatos descritos, com exemplo da transcrição oral, por meio de um gravador de voz, as filmagens trouxeram para esse trabalho resultados satisfatórios no que diz respeito a veracidade dos fatos acontecidos, logo as expressões, gestos e movimentos favoreceram a descrição mais fiel nas narrativas de Wiksendeles. Além de tudo, ao se tratar de uma pessoa com deficiência auditiva e com a não articulação da fala, deste modo, as filmagens foram determinantes na transposição para as linhas traçadas nesse texto e neste trabalho. É evidente que da mesma maneira agradecemos ao auxílio indispensável da intérprete de LIBRAS, Rita Amaro, responsável por nos conceder uma interpretação para um entendimento da vida de Wiksendeles através de suas narrativas de vida.

Percebemos a junção entre dois elementos primordiais nesse trabalho de dissertação: a) o audiovisual, de maneira como torna-se imprescindível à filmagem das narrativas, com som, imagem e gestos; b) a interpretação das narrativas através da

Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Durante o desenvolver desse trabalho, percebemos que as respostas para as perguntas do nosso problema de pesquisa podem estar no método usado na consumação dessa pesquisa ação. Como? No momento em que procuramos entender como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema e percebemos, no mesmo instante, durante as filmagens das narrativas, a nossa preocupação em entender o que Wiksendeles dizia. Essa nossa inquietação em busca de entender as dificuldades de Wiki frente a sociedade e de seu acesso ao cinema, nos fez buscar meios mais eficazes na captação das narrativas e que nos fizesse entender que queremos para os outros o que gostaríamos que fizessem por nós. No caminho onde procura por respostas que não temos, precisamos ser a própria resposta, nos nossos gestos, atos, discursos e ações, é isso que as pessoas com deficiência esperam de nós e da sociedade como um todo.

3.1 Relação passado e presente: trajetória cinematográfica de um surdo.

Na vida, é natural a busca dos sentidos para nortear nosso presente. Nada que projetamos para a frente, em nossa caminhada, pode estar desassociada ao nosso passado. Lá está contido tudo por que passamos, vivemos e deixamos para trás, da mesma maneira, existem acontecimentos os quais decidimos carregar para nossa realidade presente. Lembranças que ficam para trás e lembranças que trazemos. Como podemos explicar essa seletividade? A resposta não é tão fácil assim. Eu, pelo menos, na minha “regressão” ao passado, através da pesquisa (auto)biográfica, mergulhei sem medo até minha infância. Foi preciso, logo tomei fôlego, fechei meus olhos e decidi que necessitava voltar para encontrar comigo mesmo e trazer à tona memórias, até então esquecidas, ou porque não dizer, guardadas de propósito.

O passado, as vezes, dói. Essa dor é um sentimento necessário para nos curar de sequelas do nosso presente ou nos ensinar, pelo menos, a conviver com as cicatrizes. Atrevo-me a dizer: isso talvez seja viver. Será que nós somos felizes sem dias tristes? Sem nos orgulharmos dos erros não repetidos?

Neste tópico do trabalho, será desenvolvido a história do sujeito surdo com base em sua história de vida. Será feita uma relação da infância do sujeito, através de suas memórias de vida, e mostrado o reflexo desses acontecimentos no seu presente. Durante as entrevistas, acompanhadas por filmagem, será aqui documentado, cada vivência como forma de purgar as ocorrências de sua história. O termo utilizado, trajetória

cinematográfica, fará uma alusão ao cinema para ressaltar a história de vida do sujeito. Um filme ainda não contado. Narrar a história de Wiksendeles aqui nessas linhas como se fosse um tipo de construção de um roteiro de filme. É um script²¹ pronto de uma história de vida real e inacabada que não tem fim, e sim continuação. O inacabado.

Durante as entrevistas com os membros da família de Wiksendeles, conseguimos perceber cada sujeito como um personagem essencial em sua vida. As histórias contadas por cada um deles giram em torno de Wiksendeles, ao mostrar, um indivíduo resiliente perante a vida, segundo palavras de sua irmã mais velha, Wigna de Souza Santos. Cada trecho narrado por eles é como um quebra-cabeças, que aos poucos, dá forma a uma história construída a partir de pedaços de memória contadas por seus familiares. Nosso objetivo é unir esses trechos de vida e costurar um ao outro como pedaços de “tecidos mentais” guardados na memória de cada um de seus familiares, mãe, pai, irmãs. Voltar à infância de Wiksendeles a partir da sua história contada por pessoas de sua família, nos dá veracidade aos acontecimentos e traz para o trabalho sua realidade erguida na base histórica familiar.

Halbwachs (1990, p.62) pontua a importância de reconstrução da infância como forma de entendimento do presente. Um retorno aos primeiros anos de nossa existência clareia os nossos passos no presente e explica um pouco para nós, quem fomos e o que somos. Frente a relevância de nossa infância para nossa reconstrução de história de vida, Halbwachs (1990) afirma:

Mas pode-se distinguir realmente de um lado uma memória sem quadros, ou não disporia para classificar suas lembranças senão palavras da linguagem e de algumas noções emprestadas da vida prática, e de outro lado um quadro histórico coletivo, sem memória, isto é, que não seria construído, reconstruído e conservado dentro das memórias individuais? Não cremos. Desde que a criança ultrapasse a etapa da vida puramente sensitiva, desde que ela se interesse pela significação da imagem e dos quadros que percebe, podemos dizer que ela pensa em comum com os outros, e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoas e diversas correntes de pensamento coletivo.

Trazemos à tona nessa dissertação um semelhante direcionamento baseado no

²¹ O termo é uma redução da palavra inglesa *manuscript*, que significa “manuscrito”, “escrito à mão”. O *script* é o roteiro onde estão escritas todas as informações sobre os espetáculos audiovisuais (teatro, novelas, filmes e outros programas de rádio ou televisão). É um texto narrativo que contém informações para os atores ou apresentadores.

olhar individual e coletivo da reconstrução histórica trabalhada por Halbwachs. A contribuição do autor dá-nos a noção de que não existe uma memória exclusiva e nossa que não faça parte da memória coletiva. Desse modo, através da pesquisa (auto)biográfica, há uma tentativa de reconstruir esse passado e, buscar na infância, as respostas que trarão novos olhares para o presente de Wiki, assim como contribuímos para um entendimento dele consigo mesmo. São as interpretações de uma vida os movimentos vivos da história de um indivíduo.

A primeira pessoa entrevistada dentre os familiares foi Wigna de Souza Santos, irmã mais velha de Wiksendeles. As entrevistas seguiram um padrão, no sentido de dar uma melhor fluidez da narração de cada história. Como fizemos? Wiksendeles estava presente em todas as entrevistas, pois a narração de seus parentes era traduzida para ele através de Rita Amaro, a intérprete de LIBRAS²². A tradução era simultânea para que Wiki, como sujeito da pesquisa, pudesse conhecer a sua história com mais detalhes, uma vez que ocorrera com ele a dificuldade de entender melhor o que ocorria ao seu redor, desde sua infância até a vida adulta. Foi indispensável a presença de Rita Amaro durante as narrativas dos familiares envolvidos, já que sua presença trouxe clareza aos momentos de conversa com o sujeito da pesquisa. Rita permaneceu ao meu lado enquanto eu filmava as narrativas. Wiki a minha frente. As perguntas feitas durante as seções de narrativas foram dirigidas à intérprete Rita e direcionadas ao sujeito objeto da pesquisa. Wiksendeles respondia em LIBRAS, logo Rita traduzia a fala de Wiki para o português. O microfone captava a voz da intérprete. Rita Amaro fazia a interpretação das narrativas do sujeito enquanto a câmera focava nas expressões de Wiksendeles de Souza Santos e dos sinais em LIBRAS.

É relevante ressaltar, antes de adentrarmos nas narrativas dos familiares do sujeito da pesquisa, que Wigna de Souza Santos, irmã de Wiksendeles, foi a única entre os narradores, que não foi acompanhada pela intérprete Rita Amaro. A irmã mais velha de Wiki, Wigna, mora Ubajara, interior do estado do Ceará e estava prestes a viajar. A intérprete de Libras não estava presente ainda no local da entrevista, casa de Wiksendeles e, por isso, ele não acompanhou a entrevista de sua irmã, pelo menos de maneira simultânea. Alguns dias depois das filmagens das narrativas, convidei Rita e Wiksendeles para assistirmos à entrevista de Wigna. Rita traduziu, em LIBRAS, as palavras de sua irmã, para assim ele não ficar alheio no decorrer do trabalho de

²² Referência ao segundo capítulo dessa Dissertação, sobre as narrativas de Wiksendeles de Souza Santos, traduzidas por Rita de Cássia Araújo Amaro, intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

reconstrução de sua história. Como Wiki não esteve presente no instante da gravação da narrativa da irmã mais velha, Wigna, foi necessário assistir às gravações narradas por ela em outro momento, porque era essencial que Wiksendeles conhecesse sua história na interpretação da irmã.

Wigna Souza Santos é a irmã mais velha de Wiksendeles. Quando a perguntamos sobre a primeira coisa a qual lembrava de seu irmão, Wigna respondeu:

Eu não lembro dele quando era bebê... Lembro quando ele era maiorzinho... Como eu sou a mais velha, o que eu me lembro é que a gente sempre teve muita dificuldade com ele, justamente por falta de conhecer o problema dele e não sabíamos como lidar com a surdez dele. (Narrativa de Wigna de Souza Santos, Mossoró/RN, 26/08/2018)

Wigna relatou que por conta da surdez do irmão, existiam muitos conflitos. Quando Wiksendeles queria algo, as pessoas não tinham ideia do que seria, pois não tinham compreensão das expressões do mesmo. Dentro desse contexto, houve dificuldade na primeira infância. Durante as narrativas, fizemos perguntas semelhantes a cada um dos parentes para compararmos as diversas lembranças e visões com a entrevista de Wiksendeles, o primeiro encontro da pesquisa. Desse modo, pudemos ter uma ideia mais sólida do que girou em torno dos acontecimentos e que nos proporcionasse uma melhor compreensão da infância do nosso sujeito da pesquisa. Uma das perguntas que fizemos foi: *qual tinha sido a primeira lembrança que cada familiar teve de Wiksendeles*. Fizemos para o pai, mãe e suas irmãs, as pessoas do seu convívio familiar e que foram a base para o desenvolvimento de Wiki até sua fase adulta. Assim também fiz no primeiro capítulo desse trabalho, ao retornar à minha história de vida e a minha infância que parecia perdida e esquecida em algum lugar no passado.

Diante disso, podemos trazer a relevância do pensamento de Halbwachs (1990, p. 71) para enfatizar a infância vivida:

É esse passado vivido, bem mais do que o passado aprendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória. Se no início ela não distinguiu, esse quadro e os estados de consciência que ali desenrolaram, é bem verdade que pouco a pouco, a separação do seu pequeno mundo interior e a sociedade que a envolve si operará em seu espírito.

Como disse Halbwachs (1990), a ênfase dada a história vivida, seria um meio de entender o nosso autoconhecimento. A reconstrução do passado de Wikisendeles está

ligado às pessoas que fizeram parte de sua história na infância e ainda fazem na vida adulta. Wigna Souza, a irmã mais velha e Wnara Souza, a irmã do meio, responderam de maneira semelhante à nossa primeira pergunta, quando iniciamos a entrevista.

Qual a primeira lembrança de Wiksendeles? Wigna Souza respondeu que não lembrava dele quando bebê, mas que na sua memória estão guardadas as dificuldades por que todos da família passaram para se comunicar com o irmão com deficiência auditiva. Em uma época sem tanto suporte para pessoas surdas, conseguiram contornar muitas dificuldades. Com a luta incansável da matriarca da família, Maria Clara Silva, mãe de Wiki, buscou todos os meios possíveis para que ele estudasse. As irmãs já estudavam e a mãe procurou os mais diversos lugares dentro da cidade de Mossoró onde dessem suporte necessário para o filho estudar.

Como foi dito durante a narrativa de Wiki no segundo capítulo desse trabalho, no tópico **2.1 Entendendo-se a si mesmo como sujeito surdo**, no vigésimo parágrafo, Wiksendeles, de início, tentou ir para a APAE, mas lá orientaram que existia um local, específico para surdo, o CAS. A mãe de Wiki de pronto o levou a escola especializada para pessoas surdas. Wigna faz um parâmetro e compara uma mudança significativa no comportamento do irmão, à medida que aprendia os sinais em LIBRAS, como por exemplo, mãe, pai, irmã, trazia esse aprendizado para dentro de casa e dessa maneira a comunicação fluía com mais precisão. A família percebeu como antes do estudo da Língua Brasileira de Sinais Wiksendeles apresentava muita agressividade por não ser compreendido pela família. Esse problema também acontecia no colégio, onde nos primeiros anos de estudo apresentou uma rejeição significativa que o fez criar, de início, uma aversão a escola. Segundo Wigna, o processo evolutivo, apesar de ser considerável após Wiki entrar na escola, não foi tão fácil até chegar à fase adulta. O caminho foi árduo de muita luta e força de vontade por parte da família e em particular de Wiksendeles.

A construção de uma emancipação pessoal ocorreu ao longo do tempo, até que Wiki resolveu a tomar frente de sua vida, suas escolhas e caminhos. Passou a perceber sua capacidade de fazer tudo o que desejasse. No início, essa postura de autonomia assustou a família e, aos poucos, entendiam o quanto essa independência era benéfica fazendo-lhe muito bem e se tornando uma das coisas importantes de sua vida, das quais ele jamais abriria mão.

Foto 28. Entrevista com Wigna de Souza Santos, irmã de Wiksendeles



Fonte. Arquivo pessoal, 2018

O desprendimento de Wiksendeles da superproteção de sua família, aos poucos, deixava de existir. No decorrer do tempo, aconteceu essa ruptura e seus parentes “perdiam” o controle sobre o irmão, no sentido de estarem quase sempre a medir o espaço e a liberdade de Wiki. Por outro lado, Wiksendeles se enxergava como indivíduo autônomo capaz de resolver os seus problemas, seguir seu caminho e escolher sua direção na estrada da vida. Naquele momento, nada era mais reconfortante, como sair de casa e ir para escola sem o acompanhamento da irmã, Wnara.

A mãe de Wiksendeles, durante a entrevista, nos contou que desde quando soube da notícia da deficiência do filho, nunca desistiu de fazer todo o possível para dar todo suporte necessário ao filho. Quando a mãe descobriu a surdez dele ainda bebê, jamais desistiu de lutar o filho ser inserido na sociedade. A mãe era costureira de profissão e fazia diversos trabalhos quase todos os dias. Quando Wiki estava dormindo, o barulho da máquina de costura não o incomodava. Dormia da maneira tranquila, diferente de suas outras irmãs quando eram pequenas. Quando Wiki tinha uns três meses de idade, sua mãe observou e percebeu que tinha algum problema com o filho. O colocava na rede e ele apenas a observava. Percebeu que Wiksendeles não apresentava estímulos em relação aos sons, música, barulhos e a voz. Ao mesmo tempo que não saía nenhum som articulado da boca de Wiki. Quando procurou seu marido, Antônio, pai de Wiksendeles, relatou o que suspeitava e disse: “‘Antoin’, esse menino é ‘moco’, ele não escuta não!”

De início o pai não acreditou, porém algum tempo depois, percebeu que sua esposa, Maria, tinha razão em relação a falta de audição de Wiksendeles. Algum tempo

depois, Maria Clara marcou uma consulta com o médico para ter exatidão do que havia com o filho e comprovou sua suspeita. A médica confirmou que Wiki não tinha a língua presa e diagnosticou, de fato, que apresentara surdez total.

Durante as narrativas de Maria Clara, perguntei qual era a idade de Wikisendeles quando foi levado à médica e assim descoberta a sua surdez. A mãe de Wiki não soube precisar a idade de seu filho, pois disse que foi há muito tempo e não lembrava bem. Maria Clara olhou para mim, sorriu e enquanto pressionava a testa com os dedos, falou: “Faz tempo, tô esquecida. Não me lembro mais não”.

Wiksendeles, naquele momento de descoberta sobre a surdez, iniciara uma trajetória de vida atípica e cheia de desafios para uma criança que, apesar de todas as adversidades, demonstrou a cada instante o quanto queria vencer na vida. Maria relatou como foi difícil, porém ela tentou enfrentar a situação e o problema de seu filho com resignação e enxergar aquela especificidade com naturalidade e força para enfrentar. Como ela reafirmou várias vezes durante a entrevista: entre os filhos dela não existia diferença. Wigna e Wnara também comungavam da mesma posição de sua mãe. Trataram de encarar a deficiência de seu irmão, Wiki, como um estímulo para que ele jamais desistisse de encarar a dificuldade, pela falta da audição. A vida para Wiksendeles vai além dos sons. Ver, sentir, ter percepção das coisas ao seu redor suprem a “falta”, do que ele, na verdade, nunca precisou. A significação dos sons, em determinados casos, é relativa.

Foto 29. Wiksendeles, sua mãe Maria Clara e sua irmã Wnara Souza, durante as entrevistas.



Fonte: Arquivo pessoal. 2018

A vida é construída por vários momentos e o entendimento destes diversos

períodos é primordial para compreendermos a nossa vida. A conexão existente entre o passado e o presente do sujeito da pesquisa, o conhecimento adquirido a partir de suas vivências, lhe dará a possibilidade de se conectar com o seu presente. Isso não seria possível sem o método (auto)biográfico, pois este, ao adentrar na vida do sujeito através de um olhar subjetivo, cria um leque de possibilidades e interpretação de uma vida antes não enxergada. A realidade vivida está ligada de maneira intrínseca com as nossas vivências e sem o nosso passado, sem as nossas memórias de infância, o que somos hoje não faria sentido algum. O filme da vida de Wiksendeles foi e está sendo escrito. Sua mãe, suas irmãs, seu pai. São alicerces de sua formação, educação e formação. Seu meio, o entendimento de si a construção e o entendimento de sua identidade. Aquilo que ele viveu no passado torna o seu presente palpável.

Segundo Josso (2010 p25), “[...] é importante a tomada de consciência da questão identitária. [Deve ser concebida como um processo permanente de identificação, diferenciação e de definição de si]”. A autora demonstra como é essencial a identidade do sujeito e sua pertença para o entendimento de sua vida presente. A autora, em sua visão, busca compreender o sujeito e com o nosso foco dessa pesquisa, pretendemos também entender esse indivíduo no seu acesso ao cinema e por consequência, compreender, quais caminho devemos seguir na pesquisa.

No caminhar do descobrir do sujeito, percorremos a nuances de sua trajetória, assim como acompanhamos seus passos e seu dia a dia. No decorrer do período da pesquisa, adentramos em momentos de intimidade de Wiksendeles. Ainda ao enfatizar Josso (2010), com a relevância da identidade do sujeito, nos deparamos com instantes de confraternização entre amigos e familiares. Esse cotidiano de Wiki nos dá a interpretação de que, como um indivíduo social, se insere de modo natural nos mais diversos espaços do meio social. Isso acontece por sua força e autoestima trabalhadas ao longo de anos, com objetivo de crescer como ser humano e se fazer presente na participação ativa no contexto social.

Foto 30. Wiksendeles, durante a festa de sua sobrinha, Alice, com amigos surdos.



Fonte. Arquivo pessoal, 2018

Falar de uma problemática de pesquisa e entender o porquê de escolhermos esmiuçar determinada temática. O problema segue, no meu entendimento particular, de perguntas que ainda não obtiveram respostas, ou no nosso caso, na pesquisa (auto)biográfica, sem interpretações. Respostas são exatas, estáticas, são definidas. Interpretações são intermináveis, refutáveis, insurgentes. Remete a mais e mais. Dessa maneira, quando escolhemos compreender o processo de inclusão do surdo no cinema, entendemos que a história de Wiksendeles é o próprio percurso até as salas de cinema.

A tentativa de reconstrução autêntica de sua vida é a busca de extrair no seu passado as significações do seu presente. Entender as suas dificuldades quando se depara com a falta de acessibilidade no cinema é defrontar-se com ele mesmo, com a sociedade e com sua trajetória de vida e pertença. É buscar seus direitos e dos demais sujeitos surdos. A luta é ampla e atinge toda a sociedade e a todos nós. É uma bandeira a qual a sociedade precisa levantar. Nessa mesma batalha por inclusão devemos usar as mesmas armas utilizadas pelos sujeitos surdos.

A inserção das pessoas com surdez deve estar em consonância com seu mundo, assim, são utilizadas ferramentas prioridades para seu protagonismo. Sua maneira de viver e agir diante da sociedade devem ser levadas em consideração, já que não podemos compreender o seu mundo sem nos colocarmos no lugar deles. O exemplo disso é a sua comunicação e sua língua, itens indispensáveis em seu dia a dia. A sua língua oficial é a LIBRAS, de acordo com a Lei de Libras 10. 436/02. Essa é

fundamental para os surdos se comunicarem entre si e com o mundo dos ouvintes. Dessa maneira, se faz necessário o nosso esforço para entendermos como a Língua Brasileira de Sinais é tão essencial para compreendermos que a inclusão não será possível se for um desejo unilateral. Entendemos que a inserção das pessoas com surdez deve existir da ânsia de ambos os lados, surdos e ouvintes, ao caminhar para uma mesma direção e com um olhar centrado à mesma altura, olho no olho. É dessa maneira que entendemos as especificidades do outro e respeitamos como iguais de direitos e oportunidades.

Foto 31. Datilologia ou Libras do nome Wiksendeles.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A ordem das fotos acima demonstra a sequência em *frames*²³, do nome Wiksendeles na comunicação em LIBRAS. Wiki expõe, através de gestos, como se escreve seu nome, pela comunicação na língua dos surdos. É evidente que os símbolos da linguagem de sinais não surtirão efeito relevante sem os cidadãos se modificarem e não compreenderem que, na inclusão, somos todos nós e não uma parcela da sociedade. Não se pode desejar o melhoramento da inclusão sem que aja a participação de cada indivíduo componente da sociedade. A mudança parte de uma consciência social iniciada por um conhecimento adquirido pelas inúmeras discussões necessárias. Desse

²³ Quadro de vídeo ou frames por segundo, é cada uma das imagens fixas de um produto audiovisual.

modo, após um processo de construção de consciência sobre inclusão, partimos para um momento de ressignificar cada símbolo disposto a nossa volta. LIBRAS corresponde à língua mãe dos surdos e quando entendemos e respeitamos esse valor, condicionamos o direito de as pessoas com deficiência terem a participação inclusiva na sociedade.

Durante a entrevista com os familiares de Wiksendeles, quando fizemos a mesma pergunta sobre a primeira lembrança que tinham dele, percebemos que as respostas foram semelhantes. Tanto sua mãe, pai e irmãs, responderam que tinham pouca lembrança de quando ele era bebê. Mesmo sua mãe reconheceu certa dificuldade de lembranças desse período. Em como não quisesse lembrar. Isso fica nítido quando percebemos dor nas lembranças que são tocadas, remexidas, trazidas à tona para um novo enfrentamento. Na (auto)biografia denominamos purgação. Seria a capacidade de retornar ao passado e, através de regressão ao que está lá atrás, encarar os acontecimentos dolorosos como forma de responder e entender acepções do presente. Wigna e Wnara se recordam de Wiksendeles já em uma idade mais avançada, quando já estava no período entre quatro e cinco anos, prestes a estudar.

Quando vimos as entrevistas dos familiares de Wiksendeles, é perceptível uma concordância entre cada membro da família no que se refere a uma visão do que Wiksendeles representava antes e depois do estudo da LIBRAS. Qual o comportamento dele antes e depois do conhecimento da Língua Brasileira de Sinais? O irmão era mal compreendido, pois Wnara relata que era muito difícil a relação com um indivíduo surdo dentro de casa. O comportamento dele antes era agressivo. As discussões eram constantes. A falta de entendimento e de conhecimento por parte da família em relação a surdez dele propiciava um ambiente de conflitos. Wiksendeles queria dizer algo, tinha desejos, gesticulava, mas ninguém o compreendia. Rasgava os cadernos da escola, esperneava no chão, se recolhia, se escondia para não ir para o colégio. A insistência de sua família em deixá-lo na escola, fez com que Wiki fosse se acostumando com o ambiente escolar e também interagindo mais com seus colegas. Ao intensificar o estudo da LIBRAS, a sua visão de mundo foi se abrangendo. Os conflitos familiares, aos poucos, diminuía. O silêncio dentro de casa tornava-se comum, de modo que nem percebiam quando Wiki estava em casa. Os sons e as agitações de Wiksendeles foram dando lugar a uma gradativa mudança de comportamento. Segundo Wigna, sua irmã, a cada instante que o irmão aprendia a LIBRAS, ensinava entre os familiares. E os gestos, os quais usavam em casa, mediante a um convívio prático, e adaptado a uma necessidade eminente, deu lugar a verdadeira simbologia de gestos e expressões, que

realmente estava dentro da significação da Língua Brasileira de Sinais.

Seria equívoco, se na compreensão do processo de inclusão do surdo no cinema, não mostrássemos a trajetória de Wiksendeles, como o sujeito central dessa pesquisa. Buscar entender o motivo do cinema apresentar pendências no quesito inclusão, traz à tona a pesquisa. Cria um viés necessário à nossa atenção. Quando uma pessoa com deficiência auditiva, que naturalmente já busca o seu espaço na sociedade e enfrenta obstáculos, se depara com uma lacuna a qual o distancia de um desejo particular, acredito ser obrigação nossa como cidadão, sociedade, de propiciar a melhor maneira de buscar igualdade entre nós ouvintes e os não ouvintes.

Nós usufruímos dos espaços sociais, vamos a festas, ao teatro, ao cinema, a diversos lugares e todos esses ambientes também são direitos garantidos por lei para as pessoas com surdez. A nossa luta é fazer com que esses direitos sejam assegurados. E vendo a realidade desse sujeito, temos o privilégio de reescrever o roteiro do filme de sua trajetória, de maneira interpretativa, já que sua história de vida, o próprio Wiki já escreveu. Cada possibilidade emergente em sua frente é agarrada e vira mais uma página da vida deste sujeito. Qual será então nossa missão como pesquisadores, diante de uma história que oferece significação à nossa existência? Arrisco dizer que é conhecer, entender, assumir a luta. Afinal, ninguém pode soltar a mão do outro. Somos todos iguais.

Aqui o tópico propôs trazer momentos do início da vida de Wiksendeles de Souza Santos. Essa busca à sua origem nos fez ter uma ideia consistente de sua formação como cidadão. A pesquisa (auto)biográfica mergulhou no ambiente familiar do sujeito da pesquisa. Como ele pôde sobressair das dificuldades exigentes desde seu nascimento? Dores, traumas, enfrentamentos e superações intrínsecos a todos os seres humanos. Do mesmo modo, acontece na vida da pessoa com deficiência, tendo suas barreiras e dificuldades em escala maior, como foi demonstrado no decorrer deste tópico.

Quando eu fecho os meus olhos e imagino os acontecimentos da vida do nosso sujeito, meu íntimo se enche dos mais diversos sentimentos. Emocionei-me e ainda me emociono, quando lembro de suas narrativas ricas em detalhes e carregadas de força, insistência e fé. Não consigo, de forma alguma, desvincular o que ouvi nas narrativas de Wiksendeles e seus familiares e não fazer alusão às concepções que compõem a minha vida. *A surdez e o cinema são partes de mim.*

A vida de Wiki é minha vida também. As dores dele são minhas dores. As

angústias, as dificuldades, as superações, as assumo como minha realidade, pois se não tiver conectado a tudo isso, não posso ser digno de construir essa dissertação, nem de “pegar” emprestado suas narrativas para compor esse trabalho. Quando eu observo o que Wiki passou, compreendo a dívida com esse sujeito surdo e também com meu passado.

A minha tia Kika, Maria Pinheiro da Silva, era surda e não tive chance de ajudá-la e lutar por suas causas. Não fiz o que eu realmente desejava por falta de consciência de inclusão em uma época em que a sociedade não discutia e as leis não eram, de fato, inclusivas. O social, a minha família e eu envoltos de uma camada formada por uma mistura de ignorância, desinformação e conformismo. Essa é minha interpretação dos fatos. Dessa forma, eu enxergo a minha relação da minha história de vida e a de Wiksendeles. Por Kika, por mim, por Wiksendeles, pela comunidade surda, pela inclusão. A cada palavra escrita aqui, comprometo-me em ser o ouvinte colocado no lugar do outro surdo. Desenvolvo a cada momento o altruísmo necessário para manter a chama da inclusão acesa. É um exercício diário buscado todos os dias. Antes de conhecer a professora Ana Lúcia Aguiar, muita coisa me afligia.

A disciplina de História nos mostra fatos, caminhos, possibilidades e acontecimentos históricos capazes de transformar de maneira profunda e diante disso, não sabermos controlar. Essa força parece ser maior que nós. Após o momento em que a professora Ana Lúcia, em uma de suas primeiras aulas, me apresentou o método (auto)biográfico, vi o que me angustiava. Ela falou: “...muita coisa me inquietava na vida, porque procurei a verdade dos fatos, mas quando entendi que devemos procurar interpretações, me acalmei...” Desse momento em diante, fui reconstruindo meus conceitos, minha visão das pessoas e do mundo que me rodeava. Percebi que agora estaria preparado para trilhar um novo caminho na vida e poder ajudar a narrar a história cinematográfica de Wiksendeles.

Eu tenho uma impulsividade no meu íntimo em que tudo o que eu vejo, redireciono para o conceito de cinema. Não consigo explicar até que ponto isso é bom ou ruim, mas sei que é instintivo e por vezes mais forte que eu. Quando propus esse tema à professora Ana Lúcia, com mescla sobre surdez, cinema e inclusão, ao mesmo tempo, interliguei Kika, Wiksendeles, Ana Lúcia e eu. O passado, o presente desses indivíduos citados, não são agora só uma realidade efêmera, mas laços interligados para sempre. No caminhar, afim de entender o processo de inclusão do surdo no cinema, percebemos o valor da história cinematográfica de um surdo. Construímos um roteiro, o

mais belo de todos.

Como escrever várias linhas sobre um trabalho que conta a vida de um sujeito, sem que interliguemos diversos pontos que se relacionam e compõe os fatos? O passado é refutado com objetivo de encontrar lá atrás elementos para produzir uma imagem do presente. O que fica guardado em nossa memória são todos os acontecimentos ocorridos na nossa história e seguem arquivados em nossa mente. Os arquivos que juntamos, em relação ao passado do nosso sujeito da pesquisa, são indispensáveis para a reconstrução de sua história vivida. É preciso correlacionar o que aconteceu no passado de Wiksendeles com a realidade de seu futuro.

Da mesma maneira que se torna indispensável confrontar com o passado de meu “eu”, com relação ao que existe em comum com a história de Wiki. Ao unir todas as particularidades de duas existências, ainda somamos com a vida de minha professora, doutora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que, assim como eu, se identifica e participa dessa árdua reconstrução de vida de Wiksendeles de Souza Santos, por ela ser aqui na cidade de Mossoró-RN, um símbolo da luta por inclusão.

A trajetória de construção das linhas desse trabalho representa a união de diversas forças e que tem como objetivo comum contar a história de Wiksendeles e como ocorre a partir da pesquisa (auto)biográficas o processo de inclusão do surdo no cinema na cidade de Mossoró/RN. Na busca por esse entendimento, compreendo que a história de Wiksendeles, em toda a sua trajetória, é vislumbrada como uma historiografia que comunga e representa milhares de centenas de pessoas as quais passam pelos mesmos anseios. Os diversos surdos que se enxergam na história de Wiksendeles, estão representados nessa pesquisa pelo sujeito principal desse trabalho. O mergulhar nessa trajetória de vida do sujeito surdo está em construção, no decorrer do caminho e abre diversas possibilidades para entendermos o processo de inclusão dos surdos no cinema.

Apesar da Lei 13.146/15, no seu Art. 3º, inciso primeiro, garantir a acessibilidade, autonomia, aos espaços sociais, assim como acesso a comunicação, ambientes como o cinema apresentam deficiências no quesito inclusão. A lei existe, mas na prática não acontece como está prescrito na própria lei. Trazer à tona discussões sobre a inclusão de surdos nas salas de cinema, por si só reabre novos debates sobre as questões, por vezes, adormecidas na sociedade, entre as quais, o direito dos surdos de acessarem o cinema. Embora a lei exista e garanta a inserção dos surdos nas salas de cinema, a sociedade ouvinte tende a tratar de maneira alheia as questões relacionadas à

inclusão, seja deficiência física, visual ou surda. Essa dissertação reabre a discutirmos sobre o assunto inclusão, pelo simples fato de abordar o tema surdez e como ocorre o processo de inclusão desses sujeitos.

Na tentativa de entendermos como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema, deparamo-nos, através das narrativas (auto)biográficas de Wiksendeles, com as etapas de sua história de vida desde de sua infância até o presente momento. Assim, construímos uma trajetória significativa de compreensões e resultados levados em conta para quem tem surdez. Os diversos momentos descritos nessas linhas da dissertação, na busca de entender o sujeito, ganham outro sentido, porque na necessidade de entendermos o processo de inclusão do surdo no cinema, criamos uma trajetória descrita da vida e história do sujeito. O caminho traçado é o início do processo de entendimento. Permitam-me aqui usar uma metáfora: como, então, caminhar pelo deserto até chegar a montanha sem deixar rastros na areia? Trago aqui, para complementar, as palavras de minha professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar: “O bom da viagem é a viagem”. A cada dia que passa, essa frase faz mais sentido em minha vida. Ensina-me que o durante, o caminho é tão importante quanto à chegada.

O roteiro de vida de Wiksendeles parte de sua infância onde percebemos os acontecimentos mais marcantes de sua memória. As escolhas decorrentes das dores por que passou, foram determinadas pelas escolhas as quais selecionou e onde decidiu que caminho seguir. O fortalecimento de sua personalidade ocorreu do amadurecimento do seu íntimo em relação à sociedade que ainda apresenta sinais de exceção das pessoas com deficiência. Quando olhamos para Wiki, enxergamos um sujeito forte e destemido e ficamos a imaginar em qual momento de sua vida conseguiu dar a volta por cima.

Durante a trajetória descrita na sua história, passamos a compreender quando tudo mudou na sua postura diante do mundo. Wiksendeles buscou um entendimento diferente da sociedade, do contrário do que pensava antes, onde a sociedade não o aceitaria como indivíduo participativo. Apesar de existir, em algumas situações, exclusão social, Wiksendeles preferiu mudar para uma postura defensiva e reconstruir, na cabeça das pessoas ouvintes, uma nova visão das pessoas surdas. Wiksendeles em suas narrativas demonstrou que optou por não se importar com o que as pessoas pensavam dele por ser surdo: “eu não falo nada, eu não digo nada, alguns surdos e ouvintes a gente considera como iguais... Então, não é necessário ter preconceito!”. Diante dessa postura, Wiki demonstra-se indiferente quanto ao preconceito da sociedade e escolhe ter uma compostura diferente de tentar agregar ao invés de separar os surdos e

os ouvintes. Sua trajetória de vida, ou cinematográfica, vai tomando corpo e significação.

O sentido de cada busca, nessas linhas do trabalho, tece uma teia mais resistente de interpretações, pois ao caminhar em busca de entender o objetivo dessa dissertação criam-se novos roteiros de possibilidades e que aspiram por outros olhares com direcionamento a outros objetivos.

3.2 A Lei Brasileira de Inclusão é um bem necessário: chão, caminho, esperança.

A infância de Wiksendeles não foi fácil. Sua busca por adaptações diante de uma realidade que pouco se conhecia sobre inclusão, o tornou forte. Criou nele próprio uma autoafirmação fazendo-o levantar a cabeça e seguir adiante. Ou se erguia em face às dificuldades ou permanecia a esperar por uma mudança que talvez não viesse nunca.

O mergulho na vida de Wiksendeles, propiciado por essa pesquisa, nos permitiu estar além de uma visão individual do sujeito. Não é só uma interpretação, abrange todos aqueles com a deficiência auditiva. Atinge cada um que se identifica com a causa da inclusão. Alcança todas as pessoas sensibilizadas pelas questões de afeto, respeito e igualdade. Esses sentimentos, afirmo, impulsionam o desejo de nos aprofundarmos nessa pesquisa. Nada é tão prazeroso do que sentir o amor pelo próximo o respeito pelas diferenças.

Cada colocação desse trabalho me transforma em uma pessoa melhor. Não afirmo isso com pretensão alguma e reitero com o meu coração cheio de alegria contagiante. De modo algum, algo deve ser feito sem a entrega de corpo, alma e essência. Quando decidi me adentrar na vida desse sujeito surdo, não procurei compreender apenas sua realidade, mas também as conexões presentes entre Wiksendeles e minha história de vida. Procuro na vida de Wiksendeles o que eu não encontrei em minha tia Kika, mulher surda que perdeu sua audição de maneira gradativa em decorrência de um sarampo na infância. O meu passado o qual tem ligação com uma pessoa com deficiência, tem fortes referências com a história de meu presente com Wiksendeles.

A relação passado e presente apresenta correlação, pois em ambos os momentos me relatei com pessoas surdas, em contextos históricos distintos, porém com igual deficiência. Em sua história, busco também a minha. Somos tudo aquilo que sentimos por alguém. Cada momento capaz de nos sensibilizar, seja na rua, na TV, em casa, com

os amigos, também faz parte de nós. Somos os outros, enquanto os outros são parte de nós. Absolutamente, não vivemos sozinhos. Somos coletivos, somos convivência, experiências, história viva de outras pessoas e elas somos nós. As interpretações não fazem sentido se as histórias de vida não existirem.

Durante o percurso de vida da pessoa com deficiência, no início desse século até os dias atuais, percebemos modificações com objetivo de readaptação do surdo na sociedade. As pessoas que tinham algum tipo de deficiência não eram bem assistidas na sociedade. Por vezes, eram mantidos por seus familiares distantes da interação com o meio social. As pessoas com deficiência eram resguardadas pela família de possíveis demonstrações de preconceito por parte das pessoas.

Brandenburg e Lückmeie (2013, p.176), em seu artigo, demonstram uma realidade comum, diante de como eram vistas e tratadas as pessoas com alguma deficiência.

[...] As informações mais antigas sobre pessoas com alguma deficiência que se tem conhecimento aconteceram na idade média. Neste período aconteceram muitas matanças, perseguições e horrores com pessoas que nasciam com alguma deficiência. Nesta época na Grécia Antiga as pessoas idealizavam o corpo perfeito de um homem e de uma mulher, como perfeitos, saudáveis e fortes, igualando-se ao corpo de deusas e deuses, assim como também a de guerreiros. Hoje quando falamos sobre inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, ainda vem a ideia de castigo ou de consequência de algo errado, pois essas informações são atribuídas à Bíblia por muitas pessoas.

Com o passar do tempo, é evidente como novas formas de garantias de direito de pessoas com deficiência se adequaram a uma realidade e época. No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão – LBI 13.146/15 surge como expressão significativa na garantia das pessoas com deficiência. É essencial o estudo desta Lei para pessoas com deficiências e primordial para comunidade surda, frente a uma sociedade com pouco esclarecimento sobre a causa da inclusão. Assim, é de igual importância para nós mesmos que não temos algum tipo de deficiência, pois a mesma lei é de caráter igualitário e inclui todos as pessoas com deficiência na sociedade e de fato é papel cidadão. A Lei Brasileira de Inclusão é uma forma de proteção de seus direitos, um chão para pisar com mais solidez e um caminho para percorrer. Uma esperança para toda a comunidade surda, visto que significa a garantia de seus direitos, isto apadrinhado por lei.

Durante a década de 1990, minha tia Kika tentou inúmeras vezes dar entrada em sua aposentadoria, mesmo por intervenção judicial, porém jamais logrou êxito. A realidade do Brasil nos anos 1980 e 1990 estava engatinhando e só viria demonstrar sinais de melhora nos anos 2000. No artigo intitulado “A Educação Especial no Brasil – da Exclusão à Inclusão Escolar”²⁴, de Mantoan (2011, p.06), a autora expõe a realidade do Brasil da década de 1960 até a atual realidade do país:

A evolução dos serviços de educação especial caminhou de uma fase inicial, eminentemente assistencial, visando apenas ao bem-estar da pessoa com deficiência para uma segunda, em que foram priorizados os aspectos médico e psicológico. Em seguida, chegou às instituições de educação escolar e, depois, à integração da educação especial no sistema geral de ensino. Hoje, finalmente, choca-se com a proposta de inclusão total e incondicional desses alunos nas salas de aula do ensino regular.

É essencial entender como se processou a história da inclusão, antes da atual legislação da Lei de Brasileira de Inclusão (LBI), nº 13.143/15. Para compreender a realidade de trinta anos atrás, podemos estabelecer parâmetros que devem ser levados em conta para se entender o nosso presente e contextualizar a realidade de minha tia Kika e o presente sujeito da pesquisa Wiksendeles de Souza Santos.

Na LBI, é importante afirmar sobre a igualdade de direito, entre outros, esse é um ponto determinante na inclusão do indivíduo com deficiência:

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

Nesse trecho da LBI, percebe-se não só a afirmação dos direitos das pessoas

²⁴ Este artigo trata das fases pelas quais a educação especial brasileira está evoluindo, partindo-se da exclusão dos alunos com deficiência em instituições especializadas de cunho eminentemente terapêutico até chegarmos aos dias de hoje, em que esta modalidade educacional está se chocando com as propostas de uma escola para todos, única, aberta às diferenças e, em consequência, inclusiva. O caminho percorrido é focado do ponto de vista dos documentos legais, dos planos e políticas educacionais. Finalizamos destacando a formação dos professores e apresentamos alguns indicadores pelos quais estamos avaliando os benefícios da inclusão, nas escolas brasileiras, por meio de investigações dos pesquisadores do LEPED/ Unicamp São Paulo/Brasil. Link. <http://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/mantoan.pdf>

como deficiente referente à liberdade, mas também demonstra que essa liberdade precisa ser garantida por adaptações, para que ocorra a garantia de direito a essa autonomia. Essa mesma autonomia, contextualizamos para nossa realidade local, na cidade de Mossoró/RN. Por alguns anos, é notório um significativo avanço nas discussões sobre as políticas de inclusão, assim como, da mesma forma, há um debate mais presente da LBI em algumas instituições da cidade. Diante disso, resalto a importância da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN que desenvolve um trabalho de inclusão em Mossoró, com ações que discutem a inclusão de alunos com deficiência e outras atuações em diversos locais da nossa cidade. À frente deste trabalho, está a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN. Uma diretoria de políticas e ações inclusivas em busca do desenvolvimento da inclusão de estudantes com deficiência, a quebra de barreiras e promoção da acessibilidade no âmbito da universidade, fundamentais na formação de recursos humanos, políticas no contexto educacional e áreas diversas dos conhecimentos com o apreço na coletividade das ações. Quem está à frente desse trabalho é a professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, que desenvolve um significativo trabalho, não só em Mossoró, como também em várias cidades circunvizinhas de nosso município.

A DAIN, oficialmente foi criada pela Resolução nº 2/2008 do Conselho Universitário - CONSUNI, de 18 de abril de 2008, em 2010, passa a Diretoria, através da Resolução Nº 31/2010-CD, posteriormente, a ser Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), através da Resolução nº 5/2015-CD e por meio da Resolução Nº 04/2016-CD foi mantida sua natureza de órgão suplementar, ratificando sua denominação e aprovando seu organograma como Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). A DAIN gira em torno das Legislações Nacionais e Internacionais de Educações especiais, além de criar um entrelaçamento entre diferentes entidades: a Pró-reitora de Ensino de Graduação – PROEG, a Pró-reitora de Pesquisa – PROPEG e a Pró-reitora de Extensão – PROEX. Ordem de Advogados do Brasil (OAB) Subseção de Mossoró – RN, Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Associação dos Deficientes Visuais – ADVIM, O Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, Associação de Surdos de Mossoró – ASMO, e com objetivo de aplicar técnicas e metodologias no campo de ensino da educação especial e na promoção de perpetuar a discussão sobre a inclusão de pessoas com deficiência.

A Lei Brasileira de Inclusão no âmbito local é bem discutida em órgãos como

Ordens de Advogados do Brasil – OAB, Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Universidade Federal Rural do Semiárido – UFERSA, entre outros. Estas ações são possíveis graças ao relevante trabalho da DAIN, na cidade de Mossoró, expandido o debate acerca das questões dos direitos das pessoas com deficiência.

É interessante ressaltar a relevância da luta da UERN no quesito inclusão décadas anteriores às leis que validaram o direito das pessoas com deficiência. Na década de 90, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, acontece o início das discussões sobre a política de atendimento que contempla as pessoas com deficiência, a partir da criação da Disciplina de Educação Especial com 60 horas-aula, no ano de 1996, pelo Departamento de Educação da Faculdade de Educação do Campus Central da UERN, em cumprimento à Portaria 1.793/1994 do Ministério da Educação – MEC. Esta mesma disciplina também foi oferecida em caráter especial aos professores das Escolas Públicas. Em Educação Física é ministrada a disciplina Educação Física Especial com 30 horas-aula, bem como uma disciplina de Educação Especial no Curso de Filosofia.

Em cumprimento ao que dispõe o § 2º do artigo 5 da Lei 8.112/1990 e o Decreto 3.298/1999, a UERN vem inserindo em seus concursos públicos o percentual mínimo previsto na legislação de 5% das vagas destinadas a candidatos com necessidades especiais, pois a UERN já absorvia em seus quadros servidores técnico-administrativos e professores com deficiência.

No ano de 2000, foi criada a Comissão Especial para a quebra de barreiras arquitetônicas, que resultou em um projeto de acessibilidade com apoio da Coordenadoria de Educação Especial – CORDE/Natal – RN. Desde 2003, a UERN informa à Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – SESU/MEC o número de alunos com Necessidades Especiais e, nesse mesmo ano, realizou um Cursinho Pré-Vestibular preparatório para ingresso de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (surdos e cegos) na instituição, tendo como proponente a Pró-reitora de Extensão, coordenado pela prof.^a Maria Vera Lúcia Fernandes Lopes e executado por alunos e professores da Faculdade de Ciências Naturais – FANAT; Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – FAFIC e Faculdade de Letras e Artes – FALA e parcerias com a Secretaria de Educação e Cultura do RN e o Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró – CADV.

Em dezembro de 2004, com o nome de Núcleo de Assistência à Educação Inclusiva (NAEIN), no dia 6 de junho de 2005, foi modificado e passou a ser chamado de Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre pessoas com Necessidades Especiais (NEPAE). Todavia, a administração superior, por entender a necessidade de cumprimento da Portaria nº 3.284, de 7/11/03, e mais recentemente ao Decreto nº 5.296, de 2/12/04, e demais legislações pertinentes à inclusão, se propõe a criar a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN.

Frente a isso, instituiu-se a Lei Nº 9.696, de 25 de fevereiro de 2013, que dispõe sobre a reserva de 5% das vagas para pessoas portadoras necessidades especiais nos cursos de graduação oferecidos pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Além da Lei Nº 9.697, de 25 de fevereiro de 2013, que dispõe sobre a classificação da visão monocular como deficiência visual. Tais legislações ampliam o acesso de pessoas com deficiência à UERN, elevando, de modo efetivo, a responsabilidade da instituição de promover e garantir o acesso adequado e seguro às instalações da Universidade.

Diante das necessidades, a criação da DAIN significou a centralização das discussões e ações sobre o tema no âmbito da UERN, como também fomentou a participação constante da UERN em eventos, ministrando os conhecimentos no campo da inclusão para instituição acadêmica e para a sociedade. A UERN, por intermédio da DAIN, nos últimos anos, veio promover a perpetuação e promoção da Educação Inclusiva no acesso à educação, contemplando assim a acessibilidade com qualidade, o desempenho da vida acadêmica dos discentes em todas as suas dimensões do saber, do ensino, da pesquisa e da extensão. Assim como percebemos a efetivação do suporte às pessoas com deficiência, através das adequações indispensáveis a todos que utilizam os equipamentos arquitetônicos e urbanísticos das unidades da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Foto 32. Ações da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN



Fonte: arquivo pessoal - 2017

O trabalho desenvolvido pela DAIN traz significativos benefícios para a cidade de Mossoró. Wiksendeles, sujeito dessa pesquisa, é parceiro desse projeto e é uma das provas vivas da participação desse departamento de ações inclusivas no município. Wiksendeles vê na DAIN mais uma possibilidade de ações que contribuem para a inclusão na cidade. Mais uma força, no que diz respeito à atuação da Lei Brasileira de Inclusão. Durante as narrativas, o sujeito expõe a importância da DAIN para inclusão e como um benefício para a sociedade:

A UERN e a DAIN são importantes para a inclusão, devido ao apoio e acompanhamento às pessoas com deficiências na sua trajetória acadêmica, incentivando a sua participação em eventos e valorizando a história de vida de cada pessoa como um ser autônomo e capaz de resolver situações preparando-os para a vida dentro e fora dos muros da universidade. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos, Mossoró/RN, 22/07/2018)

Diante de uma sociedade coexistente com uma lei inclusiva e tudo englobado na inserção do sujeito com deficiência, assim como a acessibilidade e o respeito pela sinalização, as ações só farão sentido se seus artigos e incisos forem garantidos e respeitados. Se isso não acontecer na prática, estamos todos falhando como cidadão que busca uma sociedade justa e igualitária. Precisamos compreender a eficácia da lei diante

de um contexto social, ainda distante de um entendimento satisfatório do quesito inclusão. A busca contínua por inclusão se faz necessária para que tenhamos uma realidade sólida e um presente mais comprometido na causa das pessoas com deficiência.

Adentrando ainda nas questões de garantias regidas por lei, durante a entrevista da Wnara Souza Santos, irmã de Wiksendeles, a mesma narra um episódio o qual ela presenciou junto ao seu irmão. Aconteceu em Campo Grande – RN, quando eles dois foram à uma festa privada que houvera naquela cidade. Durante o mês julho, a família se reunia para a festa da padroeira da cidade. Wnara e Wiksendeles foram a uma dessas festas. Wnara lembra que ao entrar com o seu irmão, foram barrados pelo segurança. Não entendeu o porquê e decorrente disso, iniciou uma confusão entre Wnara e o segurança, pois ela dizia que se tratava de uma lei municipal e que dava gratuidade para seu irmão, já que tinha entrado com Wiki no mesmo local em outras ocasiões.

Wnara lembra do seu equívoco, devido a referida lei ser do município de Mossoró: “Lei Nº 1404/2000. Torna gratuito o acesso aos deficientes físicos, visuais, auditivos, mentais e orgânicos em eventos sócio culturais, esportivos e nos transportes coletivos no âmbito do município de Mossoró e das outras providências.” No entanto, a lei era municipal e Wnara não sabia. Reconheceu que faltou conhecimento por parte dela em relação a lei. Após algum tempo de confusão com o porteiro, resolveu comprar a senha de entrada da festa, já que Wiksendeles tinha a carteira de estudante. Apesar de ter entrado na festa, depois de todo desgaste da confusão, não conseguiu se divertir. A festa tinha acabado para Wnara naquele dia, ela perdera a vontade de se divertir. O fato mexeu muito com Wnara. Chorou durante toda festa. Alguns dias depois, quando voltou para Mossoró, foi à Promotoria Pública e denunciou. Lá explicaram que se tratava de uma lei municipal exclusiva e, por isso, não era extensiva a outras cidades.

A lei a qual Wnara se referia é a Lei Nº. 1.404/2000, na qual se torna gratuito o acesso de pessoas com deficiência física, auditiva, mental e orgânicos à eventos socioculturais, esportivos e nos transportes coletivos no âmbito do Município de Mossoró e de outras providências.

Foto 33. Wnara de Souza Santos, irmã de Wiksendeles, durante sua narrativa



Fonte: arquivo pessoal, 2018

Diante desse acontecido, Wnara relata ter sido a primeira vez, de verdade, onde sentiu a diferença em relação a sociedade. A maneira que trataram seu irmão pesou e sentiu na pele a dor de ser uma pessoa surda. Na escola, Wiksendeles passou por momentos difíceis de adaptação. Até ele conseguir se acostumar com seus colegas de escola, durou um tempo. Com o passar dos anos e muita luta, persistência é que as coisas passaram a se encaixar. Embora o episódio da festa em Campo Grande, tenha sido, para Wnara, um sentimento de verdadeiro preconceito. Wnara jurou que ia lutar mais a cada dia pela igualdade de seu irmão. A consciência dela aprimorava ainda mais com seu estudo. Sua independência estava sendo construída com base na sua persistência, pois naquele momento decidiu erguer a cabeça e continuar. Wiki escolheu enfrentar as adversidades, mesmo que o caminho se apresentasse contrário aos seus ideais.

Diante dessa decisão de Wiksendeles, em se erguer para enfrentar as adversidades da vida social, trazemos Quadros (2007, p.192), onde aborda um trecho o qual faço referência ao momento em que Wiki tem o enfrentamento com o meio social:

Por toda a nossa infância e adolescência, fomos motivados para a objetivação moderna que visa a moldar o indivíduo de acordo com o modelo ideológico da normalidade, razão pela qual não conseguíamos desenvolver o *ser surdo* em toda a sua plenitude. Assim controlados, fomos forçados a seguir a “normalização” ouvintista, ou seja, nós tínhamos que ser um modelo cópia de ouvintes, sendo duramente educados no oralismo. Somente depois, ao entrarmos na fase adulta, que eclodimos todo o nosso *ser surdo* ao depararmos com os nossos pares surdos. Então, todo o controle a que nos submetíamos, aos

poucos foi nos levando à inconformidade da obrigação de copiar ouvintes e assim estabelecemos um conjunto de práticas capazes de motivar a nossa subjetivação pela experiência de *ser surdo*.

A autonomia do indivíduo surdo é um desprendimento natural. Quando se depara com a adversidade, o sentimento de dever de lutar cria uma nova força dentro de si. Como foi dito no trecho acima, em Quadros (2007), o surdo se depara com uma sociedade de ouvintes em que, o não ouvinte, quase por obrigação, precisa se dispor a se adaptar ao mundo do ouvinte e não o contrário: meio social se adequar ao surdo. As primeiras dificuldades de Wiksendeles surgiram ainda na infância em casa, no ambiente familiar, e depois, na escola. Todavia, essas adversidades o fizeram levantar a cabeça e enfrentar com paciência e sabedoria os caminhos que a vida lhe impôs. Não é fácil crescer como Wiki cresceu. Sua família esteve junto, nas lutas diárias, e buscaram o melhor para que o Wiksendeles fosse capaz de controlar o seu próprio destino e escolhas.

Durante as narrativas, é possível perceber esse fortalecimento do sujeito perante sua família. Toda família conseguiu se reerguer e crescer junto a Wiki como indivíduos sociais e participativos na vida do seu ente querido. Entendo que é o pertencimento que aflora e faz com que cada membro da família se torne, de maneira inevitável, parte dele. O papel da família é indispensável para a luta e para o caminho a seguir. É notório como o método (auto)biográfico conseguiu adentrar na vida de Wiki e fazer com que narrasse fatos significativos de sua vida, memórias ficadas para trás e não trazidas à tona pelos relatos de suas histórias. No decorrer das perguntas feitas ao sujeito da pesquisa, foi perceptível um movimento ascendente, pela confiança em si mesmo e pela autonomia do próprio sujeito.

Foto 34. Wiksendeles em família. Segundo dia das narrativas.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Diante das três palavras que são subtítulos desse tópico: *Chão*, *caminho*, *esperança*, podemos entender ou compreender como na história de um indivíduo e suas narrativas de vida, cada detalhe faz sentido. Cada palavra dos membros da família, gesto, olhar, sorriso, toque. A profunda abstinência de uma vontade que nunca cessa, a de lutar e vencer cada obstáculo. Wiksendeles precisou daquela base familiar para ter suporte e se fortalecer. Isso é notado nos relatos de sua infância, quando demonstra a insistência de sua mãe em colocá-lo na escola, a qualquer custo. Esses momentos foram narrados por sua mãe e veremos mais adiante. A mãe de Wiki com sua capacidade de não desistir, fortaleceu o caminho e o chão onde o filho ia pisar. Na fase de criança, diante das adversidades, conseguiu superá-las e ser um jovem forte e cheio de garra para enfrentar a vida. Cresceu mais um pouco e percebeu que era a hora de pisar no chão com firmeza.

Quando trazemos como parte do título, *chão*, percebemos um fortalecimento do indivíduo condicionado por uma base familiar, que lhe deu uma sustentação sólida. A própria origem da família no sertão da cidade de Campo Grande – RN, foi mais um dos suportes que o qualificaram como um jovem simples de antecedência humilde, sempre inserido no mesmo lugar de onde vieram seus pais. Esse fato o habilita como um sujeito igual aos outros, sem distinção. De modo que sua deficiência não o impediu de fazer as mesmas coisas e buscar semelhantes objetivos de vida como o ouvinte. O chão de sustentação de Wiksendeles representa um caminho construído com suor e dificuldades,

mas que não se absteve de empenhar-se a cada etapa de sua história de vida, como se fosse a última oportunidade, a esperança que nunca cessa e não pode morrer.

É necessário relatar que durante o processo de escrita desse terceiro capítulo, participei do estágio de docência no primeiro período do curso de Pedagogia, na disciplina de Antropologia, da Faculdade de Educação – FE na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Participaram do estágio de docência junto comigo, as colegas mestrandas, Francinilda Honorato dos Santos e Silvana Maria de Lima Holanda, a quais prezo uma grande estima. A aula foi ministrada pela Professora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Nesta oportunidade, os alunos e alunas do curso estavam responsáveis para escolherem um livro de Literatura de Cordel para criarem uma peça de teatro. Na ocasião convidamos o cordelista Antônio Francisco e o, também, escritor e cordelista Crispiniano Neto para recitarem e falarem sobre o processo de construção de um cordel. A experiência da presença de ambos foi uma riqueza indescritível. Resultou em nós uma vontade incontável de escrever. Diante disso, ao voltar para casa, após a aula desse mesmo dia, sentei para escrever e ainda sob efeito da aula dos poetas, atrevi-me a escrever poemas, por influência dos poetas.

Relato aqui, como o estágio de docência propiciou um enriquecimento da minha capacidade de produzir, assim como a concepção de um trabalho requer uma construção mútua, onde não existe um produzir apenas unilateral e interno. As possibilidades externas, como ajuda de amigos de mestrado, alunos da licenciatura, professores orientadores, gente comum, que com sua mais sutil participação, se torna grande e significativa, pois nada se realiza de um trabalho científico sozinho. Da mesma maneira, a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/15 no Art. 1º traz que “assegura e promove, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”. Assim, inclusão e cidadania da pessoa com deficiência engloba a participação desse sujeito no espaço social.

No momento da minha participação do estágio, enxerguei a possibilidade de trazer para a dissertação a soma dessa experiência vivida que ao mesmo instante enaltece as palavras que compõem o subtítulo desse tópico, *Chão, Caminho, Esperança* e que está de forma intrínseca relacionada à momentos essenciais da história de vida de Wiksendeles.

Os versos a seguir estão intitulados *Chão, Caminho e Esperança*. Cada um referente a parte do subtítulo desse tópico. Ouso aqui deixá-los nessas linhas:

Chão

O chão... Nada seria possível sem o chão.
 Sem o nascimento, o ser criança, sem o pão
 A família, a base, a compensação, os laços, a força, a emoção.
 Nada seria possível, se não tivesse onde pisar, sem ensino, sem formação
 Mesmo que possamos voar, alçar voos, flutuar,
 mas ao retornar à terra da imensidão,
 nada seria possível, se na volta, não houvesse o chão...

Caminho

A direção para onde precisamos seguir,
 não posso desistir do caminho.
 A aurora anuncia a chegada do novo dia,
 de joelhos, de pé, um carinho.
 A vida, o nascer, o crescer, o florescer, o viver,
 nunca esmorecer, se fazer de coitadinho.
 Não importa o que chegue a sua frente,
 de repente, subitamente, leve, baixinho.
 Não importa o que neguem, esfreguem,
 deleguem, acima de tudo siga o caminho...

Esperança

Esperança... ela sempre está de pé e nunca cansa.
 À sombra da mangueira, descansa, espanta, folha balança.
 As veredas do sítio, poeira, canseira, porteira,
 menino na ladeira se lança.
 Cheio de vida, não escuta o assobio do vento,
 mas vê quando a folha balança.
 Nas serras do sertão o astro maior se deita,
 enquanto ele nascer, nasce esperança.

Foto 35. Sítio campanha. Campo Grande -RN



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

De fato, esse mergulho feito na história de vida de Wiksendeles estreitou minha relação com o sujeito da pesquisa. Sua pertença, a casa onde viveu sua infância, o sítio, a sombra do pé de manga, ar puro do sertão, fizeram-me estar mais próximo dele. Como relatei nos três poemas que tive a pretensão de escrever, assumi parte da vida de Wiki. A foto acima representa os três poemas que fiz: o chão, o caminho, a esperança. Wiki jamais deixou de estar conectado com sua origem. Apesar de usar a tecnologia dos celulares na palma de sua mão, de maneira facilitadora para sua comunicação com as outras pessoas, famílias e outros sujeitos surdos, não abriu mão de estar, a todo momento, ligado às suas origens.

Os problemas do sujeito na infância, a luta de seus pais, suas dores assumidas, também, por suas irmãs, solidificaram o chão abaixo dos seus pés e facilitaram a sua caminhada na nova fase de vida. Quando sua mãe Maria Clara saiu de casa em busca de escolas para o seu filho estudar, não mediu esforços e nem abriu mão para procurar sempre o melhor para Wiksendeles. A insistência da mãe foi determinante para que Wiki herdasse essa vontade de seguir em frente.

Familiares mais próximos comentavam que por Wiksendeles ser surdo, não deveria sair de casa. Nem precisava dirigir, ir ao supermercado, nem ir à escola, devia ficar dentro de casa e viver de benefício governamental até o fim de sua vida. Ao contrário disso, sua mãe Maria escolheu fazer o oposto e lutou pelo filho, da mesma forma que fez pelas outras filhas. Ela via a grande capacidade de Wiksendeles em aprender as coisas, a sua autonomia a florava a cada dia e não podia mais parar.

O estudo da Língua de Sinais deu outra conotação de mundo para o Wiki, uma diferente interpretação das coisas. O mundo não era seu inimigo, nem as pessoas, porém a falta de conhecimento sobre inclusão era um dos maiores problemas dos surdos na sociedade. Não se luta contra coisas e pessoas, mas sim, contra conceitos inacabados e distorcidos de um “padrão de vida perfeito” que algum dia foi imposto por alguém e se tornou verdade. A luta é contra pensamentos errôneos e baseado nestes pensamentos, pessoas também erram, não porque querem errar, mas porque acham que estão certas, pois aprenderam um dia que tudo que foge de um padrão é um erro, um estorvo, uma aberração. Wiksendeles optou pela continuação de seu percurso de vida, sem interrupções, sem lamentos e mágoas. Independente de preconceitos que encontrem no meio da trajetória, enxergou o futuro com fé e esperança. Entendo que a esperança não é a última a morrer, na verdade, é o princípio de uma nova fase de sua vida.

Desde quando o sujeito em questão conheceu a LIBRAS, sua visão de mundo

modificou-se de tal maneira que percebeu o quanto existem transformações necessárias para seu mundo e de outras pessoas com deficiência, sejam surdos, pessoas com deficiência física, intelectual, de visão, no intuito de estarem diante de uma sociedade mais igualitária. Quando trazemos a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), percebemos o quanto uma lei, defensora dos interesses das pessoas com deficiência, deixaria valer os direitos determinados por nossa Constituição.

Nesses trechos a seguir, notamos na LBI a disposição da atuação da lei na defesa dos interesses das pessoas com deficiência:

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.

A cada dia, o sujeito estreita mais seus laços com a sociedade, ao deixar para trás um passado de mágoas e de acontecimentos de sua infância. Ao estudar Libras e se aprofundar na Lei Brasileira de Inclusão afim de conhecer seus direitos, a sua inclusão será mais pacificadora. Entender-se a si mesmo como um indivíduo determinante dentro do todo social, anula as diferenças entre surdos e ouvintes, pois compreende a uma melhor explicação e diálogo com o outro.

Na citação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), continua a explanação dos direitos garantidos e não permitirá nenhum tipo de desigualdade dos indivíduos perante a lei:

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

A garantia da Lei Brasileira de Inclusão – LBI, no Art. 4º citado acima, mostra de maneira clara, os direitos das pessoas com deficiência em relação a igualdade perante a sociedade. A lei rege a proposta de representar crime qualquer forma de discriminação

com as pessoas com deficiência. Segundo a LBI, em qualquer espaço onde estiver ou frequentar uma pessoa com deficiência está passível a liberdade de ir e vir, em qualquer ambiente, sem que sofra qualquer tipo de violação de seus direitos garantidos por lei.

Ao direcionar para o sujeito da pesquisa, isso significa que Wiksendeles, pode gozar de sua liberdade em qualquer ambiente social, inclusive nas salas de cinema, que representa a nossa busca por compreender a inclusão do surdo ao vislumbrar a sétima arte. O mesmo artigo ainda enfatiza o usufruto do cinema pelas pessoas com deficiência com a presença das ferramentas necessárias para comportar cada deficiência, no caso as tecnologias assistivas.

Diante dessa nova realidade constitucional, a pessoa com deficiência vê a possibilidade de um melhoramento nas suas condições de vida e nos direitos garantidos em usufruir dos mesmos lugares das pessoas ditas normais, assim como gozar da mesma liberdade fundamental. Wiksendeles, ao buscar sua autonomia, precisou se libertar de “amarras” que o “aprisionavam” no seu próprio eu, no ambiente de sua casa, na escola e na vida. Estudar em escolas especializadas para surdos, como o Centro de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS), serviram não só para conhecer sua Língua mãe, a LIBRAS, mas também adquirir a capacidade de questionar o mundo e as coisas em seu entorno. Isso foi determinante para a construção de um novo Wiksendeles, mais corajoso, destemido e comprometido com a luta e a causa das pessoas com deficiência, em destaque, as pessoas com surdes.

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) é vista como uma nova fase de esperança para as pessoas com deficiência, em comparação a uma realidade anterior de trinta anos atrás, nas décadas de 1980 e 1990. Nesse período, as leis destinadas às pessoas com deficiências, engatinhavam, porém demonstravam sinais de um processo de renovação e reestruturação, como podemos ver em Mori e Sarder (2015, p.11):

Existem dois documentos legais além da Constituição Federal de 1988, que deram a estrutura e as condições necessárias para que a educação de surdos tomasse o formato que tem hoje. A partir da Constituição Brasileira de 1988, nosso país iniciou sua prática democrática em todos os âmbitos, níveis e situações da sociedade. A democracia ficou mais concreta e também na área da educação especial e nos movimentos surdos passou a ocorrer uma maior participação de todos, com o interesse e do apoio de todos a tornar a acessibilidade e a inclusão uma realidade. Isto se refere às próprias pessoas com deficiência. Eles mesmos “arregaçam as mangas” e vão discutir suas possibilidades, seus sonhos e direitos.

De fato, diante desse momento da história do Brasil, nos anos 1980 e 1990, havia uma iniciação da luta pela inclusão, garantida pela nossa constituição e, no decorrer das últimas décadas, tomou corpo e hoje se torna uma realidade através da Lei Brasileira de Inclusão (LBI). No transcorrer desses anos, a luta pela igualdade das pessoas com deficiência perante a sociedade tornou-se intensa, não só para criar condições e leis de inclusão, mas também formas de garantir essas leis. Existem e precisam ser cumpridas. Muitas famílias, em um passado recente, lutaram para garantir esses direitos iguais. Não ocorreu do dia para noite, foram anos intensos de luta e insistência. Como podemos ver em Montoan (2011, p.5), houve e ainda há um movimento levantado pelos pais das pessoas com deficiência, ao buscar parceria com a sociedade civil e o governo, pelos poderes públicos municipais estaduais e na esfera federal. Esse fato deve ser levado em consideração, pois esse movimento de pais foi responsável por criar mais de mil Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), há alguns anos.

A concretização das leis que fortaleceram a luta das pessoas com deficiência, são, de fato, uma nova esperança para que dias melhores estejam por vir. Nosso passado recente está repleto de lutas em relação a inclusão social que ainda não cessaram e não podem acabar. Quando observamos a luta de Wiksendeles de Souza Santos por uma sociedade mais igual, sem disparidades entre grupos, percebemos que estamos no caminho certo. Nada consegue pará-lo nesse sentido. Com sua persistência e sua serenidade, ele caminha sem agressividade ou violência ao aguardar ansioso o momento em que todos serão tratados com igualdade e justiça. A esperança que nunca cessa e sempre será um novo recomeço. Essa é a verdadeira luta pela inclusão.

Durante os primeiros anos da vida de Wiki, as dificuldades de poder ingressar na escola, de interagir com outras pessoas surdas e não ouvintes, a própria relação com seus familiares e obstáculos na comunicação, denota um período da vida de Wiksendeles, que não conhecia a Libras. Isso fez com que ele não tivesse consciência do que acontecia a sua volta. Após expandir seus conhecimentos em Libras, durante a infância e adolescência, permitiu um novo direcionamento para sua vida.

A representatividade de outro olhar em relação a si mesmo acarretou em uma forma vigorosa de encarar a seu enfrentamento com a sociedade. A comunidade surda, a qual, se inseriu, o norteou de como agir, e ao mesmo tempo, dar-lhe lidar com as adversidades da vida. No Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, Wiksendeles encontrou entre iguais a capacidade de reverter situações,

quem antes sem conhecimento de causa, considerava um problema em sua vida. Mas o estudo sobre Libras e o conhecimento mais aprofundado da Lei Brasileira de Inclusão – LBI, 13.146/16 transformou suas dificuldades em especificidades e com isso percebeu que o erro em sua cabeça era a interpretação dos acontecimentos de sua história de vida.

Agora, com uma língua capaz de permitir uma comunicação sem ruído, a Lei de Libras 10.436/02 propiciava condições de o indivíduo surdo se inserir na sociedade. Quando essa lei passou a existir, coube naquele momento criar as condições de uma adaptação mais favorável com o meio social e em relação de surdos e ouvintes. Apesar de perceber um melhoramento em sua vida como pessoa com surdez, no quesito inclusão, ainda havia inúmeros obstáculos a vencer, pois a luta permanece. Mesmo amparado por lei, Wiksendeles tem plena coincidência de que mesmo com a LBI a seu favor, os direitos das pessoas com deficiência não estão de forma plena garantidos. As barreiras arquitetônicas e atitudinais ainda se fazem presente no seu dia a dia e na sociedade. Sua missão de vida é permanecer na luta diária e sem desfalecer um só instante.

Desde a inserção de Wiki na comunidade surda, em busca de um norteamento para sua vida, os outros surdos já inseridos antes dele comunidade o ampararam e fizeram com que se tornasse um rapaz mais comedido e sensato para o enfrentamento do meio social. Isso se deu pelo processo de autoconhecimento de si. Da mesma maneira, Wiksendeles passa adiante os seus ensinamentos a outros surdos mais jovens, os quais se encontram nas mesmas condições em que ele esteve um dia. Para Wiksendeles, o despertar de consciência que aconteceu em sua vida, partiu do conhecimento de si, depois adquiriu uma postura distinta frente ao que considerava problema. Esse aperfeiçoamento diário é decorrente de uma construção inacabada do ser humano e que Wiki entende ser essencial para uma mudança de postura, de acordo com os enfrentamentos diários na sociedade. A lei Brasileira de Inclusão garante o direito à inclusão da pessoa surda, porém a sua participação efetiva, de cada surdo, depende de cada um de nós e de uma luta diária perante a possibilidade de a lei não ser cumprida. Toda a sociedade é responsável.

3.3 Uma tela expandida a sua frente: dura realidade, mera ficção.

É necessário abrir uns parênteses nesse momento do trabalho. Quando o tópico propõe: *uma tela expandida a sua frente: dura realidade, mera ficção*, enfatizo a

relevância de colocar em foco a vida de Wiksendeles perante a duas possibilidades que se deve levar em consideração. A dura realidade em que se apresenta diante de sua vida, são as várias questões que envolvem a inclusão dele na sociedade. Apesar da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) trazer em seu bojo um aparato de pontos sobre o direito de participação da pessoa com deficiência, existem questões distintas que surgem da vontade incontável de sonhar com um mundo melhor. Esse sonho e essa ficção trazem consigo sentimentos utópicos que exprimem a nossa vontade de que a inclusão seja eminente e súbita e que não passe pela burocracia cruel da falta de conhecimento, por falta de informação. Desse modo, esse presente tópico é um prosseguimento do tópico anterior que traz a Lei Brasileira de Inclusão - LBI como a esperança concreta da representação das pessoas com deficiência na sociedade.

A vida se desenrola a nossa frente como uma estrada em reta a qual não podemos enxergar, na maioria das vezes, mas que, de uma forma ou de outra chegará em algum lugar. Os caminhos vão surgindo e as nossas escolhas são propiciadas por um amontoado de acontecimentos que nos ligam há algum lugar no tempo que ficou para trás. Nosso passado nos dá uma ideia do que poderemos fazer no presente. O futuro não nos pertence ainda. Está em algum ponto à frente. Não temos o controle do que virá, porque não aconteceu. O passado também não podemos mudar, porém nós temos uma vantagem sobre ele, sabemos o que aconteceu.

Conhecemos as escolhas que se foram, umas, julgamos corretas outras não. O importante mesmo é conhecê-lo, refutá-lo, compreender que somos munidos de acontecimentos que nos fazem ser o que somos hoje. O domínio o qual podemos ter de nosso presente é possível. O sujeito errado de antes, não poderá errar de novo. As palavras ditas, as não ditas, as que magoaram, as que afagaram. Nós somos interpretações de nós mesmos. Como prosseguir na vida, sem carregar o passado junto? Creio que não seja possível. Por que somos formados de autocríticas. Mesmo que não reconheçamos isso, a vida nos apresenta por meio de seus artifícios mais naturais. Se você agrediu alguém com suas palavras, o presente se encarregará de mostrar a você a sua própria face.

Eu, Adriano Pinheiro de Andrade, passei por situações as quais não tinha ideia de como me afetaram. Quando criança, a timidez estava presente em todos os momentos da minha vida. Quando eu comecei a me adentrar na pesquisa (auto)biográfica, iniciei uma observação das coisas das quais eu fazia na minha infância. Como eu tive muitos irmãos mais velhos, tudo que fazia ou tinha que resolver, pedia para meus irmãos

fazerem para mim. Desde uma simples ponta de lápis em um apontador a um pedido mais complexo. Percebi que deleguei tanto as coisas a outros que era preciso resolver e eu não sabia como. Eu cresci retraído, acuado esperando sempre que alguém fosse por mim ou fizesse no meu lugar. Isso afetou meu desenvolvimento, de maneira considerável, tanto que compreendi que minha timidez está ligada a uma negação de enfrentamento das situações do meu cotidiano. Esse esmorecimento perante a vida me rendeu algumas oportunidades perdidas. Eu via um mundo fictício, tão colorido e fácil que, em determinado período de minha vida, causou uma dificuldade de romper esses paradigmas pessoais. Enxerguei que a realidade é muito dura e, às vezes, em branco e preto.

Foto 36. Árvore, Sítio Campanha – Campo Grande / RN



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Em certo momento naquele passeio no sítio Campanha, em que todos estavam conversando na casa dos familiares de Wiksendeles, eu me afastei um pouco, com minha câmera fotográfica nas mãos, como de costume. Comecei a perceber várias imagens e sons da natureza. Por um instante, dei mais importância ao que eu ouvia, ao vento, ao canto dos pássaros, ao balanço das folhas das árvores ao bater umas nas outras. Notei, há uns dez metros a minha frente, uma árvore. Resolvi me aproximar. Ela tinha poucas folhas, porém bastantes galhos. Fazia pouca sombra ou quase nenhuma. Aproximei-me e fiquei embaixo dessa árvore. Creio que era um pé de jurema, pois não conheço bem. Olhei para cima e a imagem que vi era linda. Entrelaçado de galhos vazados, devido as poucas folhas. Por trás, um imenso céu azul, com retoques de nuvens com uma mistura de branco e cinza. Olhei-as por alguns instantes. Fechei os

olhos e resolvi ouvir apenas os sons da natureza. Abri os olhos de novo, passei a alça da câmera por cima de minha cabeça e a pendurei no pescoço. Com minhas mãos, tapei meus ouvidos e me concentrei apenas na imagem. Peguei a câmera, apontei para cima e fotografei a árvore.

A foto é a número 36, no Sítio Campanha, em Campo Grande/RN. Lembrei de Wiksendeles e me coloquei, naquele momento, no lugar dele, no lugar do outro. O mais interessante é que a câmera estava no modo monocromático²⁵, onde a foto sai em branco e preto. A imagem em cores, só eu tenho e está em um dos lugares mais seguros do mundo, minha memória. Essa imagem jamais esquecerei.

Na pesquisa (auto)biográfica, podemos interpretar algumas coisas com exatidão dos detalhes, outras não. Permanece conosco e nunca mais as esqueceremos e mesmo que tentemos descrever será inútil. O que posso entender é que nessa vasta experiência do mundo dos surdos e da pesquisa, tive que entrelaçar minha história de vida a história de Wiksendeles. Precisei sentir o que ele sentiu. Fazer as coisas as quais ele costuma fazer e experimentar como vive. Isso foi primordial para a pesquisa e para mim como ser humano, além de ser essencial para a construção das linhas desse trabalho.

Ao fazer alusão de minhas palavras à ressignificação com o sujeito da pesquisa, sigo uma lógica de relacionar a minha história e minha pertença com a vida dele. Não podemos desenvolver um trabalho usando a pesquisa (auto)biográfica, sem que façamos essa correlação.

Ao observamos a trajetória de Wiksendeles, é perceptível ver o quanto driblou os obstáculos emergidos em sua caminhada. Ao trazermos a importância do método (auto)biográfico e dar auxílio e entendimento à história de vida do sujeito, podemos traçar uma diferença entre uma realidade que propõe na LBI e a outra realidade que se detecta uma sociedade que desconhece a inclusão. Essas duas realidades subsistem e precisamos compreender ambas, para um maior entendimento de como seria uma sociedade mais justa e mais inclusiva. A Lei Brasileira de Inclusão – LBI nº 13.146/15 partiu de um momento em que muito se discutiam as desigualdades na sociedade em relação a inclusão das pessoas com deficiência. Os anos 1980 e 1990 foram décadas que existiam leis inclusivas, mas que ainda engatinhavam e estavam em construção.

Nesse contexto, fazemos um recorte nesse momento da história dos anos 1980 e

²⁵ Adjetivo. Monocromático, que apresenta uma só cor; monocolor, monocromático. "pinturas m."

o que afirma Mantoan (2011, p.9):

A Constituição Brasileira de 1988, no Capítulo III, Da Educação, da Cultura e do Desporto, Artigo 205 prescreve: “A educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. Em seu Artigo 208, prevê: ...” o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de...” atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Enquanto, no Brasil, acontecia esse processo de aparelhamento dos direitos da pessoa com deficiência, parte de nós estava alheia à essas mudanças. Eram tempos difíceis e conturbados de nossa economia. O Brasil saía de um processo traumático de ditadura e a maioria das pessoas estavam preocupadas mesmo com a sua perspectiva de dias melhores, através de um eminente período democrático e com esperança de equilíbrio na economia.

Dentro deste contexto, trago mais uma vez o exemplo na minha família, a minha tia Maria Pinheira da Silva (Kika). Com sua deficiência em decorrência de um sarampo na infância, ela precisou se adaptar a uma sociedade que não estava, ainda, preparada para lidar com pessoas surdas, pois a inclusão, não estava no processo de discussão, havia naquele momento um ensaio do que seria a ser mais tarde a luta mais consistente sobre inclusão de pessoas com deficiência. Mesmo frente a adversidades, minha tia desenvolveu uma habilidade de leitura labial, como forma de se inserir no meio familiar, no trabalho e no contato com as pessoas. Teve que partir dela uma postura que se adaptasse a uma sociedade que não estava adaptada a ela.

Com a aprovação da LBI, as condições de direitos entre as pessoas com deficiência e sem deficiência, foram trazidas à tona como, ao tentar minimizar a desigualdades entre os indivíduos na sociedade.

Para demonstrar a relevância da Lei Brasileira de Inclusão, vejamos o que diz esse recorte:

Art. 8º É dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à sexualidade, à paternidade e à maternidade, à alimentação, à habitação, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à previdência social, à habilitação e à reabilitação, ao transporte, à acessibilidade, à cultura, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à informação, à comunicação, aos avanços científicos e tecnológicos, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros decorrentes da Constituição Federal, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas

com Deficiência e seu Protocolo Facultativo e das leis e de outras normas que garantam seu bem-estar pessoal, social e econômico.

Diante do artigo oitavo, ao contemplar um recorte da lei, percebemos como as pessoas com deficiência são amparados perante a lei. Percebe-se que a evolução ocorreu a passos lentos. O exemplo disso são as regras para atendimento prioritário para pessoas com deficiência. Apesar de ser definida no ano 2000, a Lei 10.436 da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS só foi considerada uma língua oficial do Brasil em 2002. É perceptível avanços, se compararmos com a primeira referência a inclusão na nossa Constituição de 1988. Nesse primeiro momento, a constituição descrevia alguns deveres básicos do Estado, como oferecer transporte acessível, uma educação especializada no ensino regular e garantir a proteção e bem-estar das pessoas com deficiência. Outro avanço do Estatuto da pessoa com Deficiência foi alterar outras leis, como a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT e o Código eleitoral, com objetivo de deixá-las em concordância com a Convenção Internacional da ONU.

Mesmo com a existência de uma lei, é necessária uma ampla discussão sobre a inclusão. A garantia existe, entretanto não podemos relaxar um só minuto nas questões envolvidas com a inclusão de cada um indivíduo com deficiência no nosso meio social. Devemos ser sentinelas de nossos direitos estabelecidos por lei e fazer com que aquelas pessoas que desconhecem o direito do surdo, por exemplo, passem a inteirar-se e fiquem cientes, de que os surdos têm direitos de ir e vir para participarem da vida social sem restrições, retaliações, exclusão e preconceitos. Apesar de toda reconstrução de uma visão da nossa sociedade em relação ao surdo, é preciso que sejamos mais enfáticos na afirmação constante dos direitos dos surdos.

A realidade de Wiksendeles sempre foi dura, desde quando criança. A não compreensão de seus desejos e do que queria se expressar tornou difícil um momento de sua infância que Wiki precisava de apoio. A família fez tudo aquilo que estava ao seu alcance. A descoberta da sua deficiência e a procura por uma saída daquele problema o qual Wiksendeles enfrentaria pelo resto de sua vida foi se definindo com o passar dos anos. As centenas de vezes em que sua mãe, Maria, saiu de casa à procura de explicações e suportes para sua deficiência, mais tarde valeu a pena. Maria jamais desistiu de buscar uma educação para seu filho, mesmo sabendo que Wiksendeles não escutava, como a maioria das crianças. Maria foi buscar as ferramentas necessária para enfrentar cada obstáculo sem desfalecer, porque sabia que seu filho precisava dela no

momento inicial de sua vida. Como sua mãe enfatizou diversas vezes em sua entrevista, relata que não existe distinção entre Wiksendeles e as irmãs:

Mas “num” tem diferença de jeito nenhum. Eu “mermo” não tenho diferença entre Wiksendeles, mais Wnara e Wigna. É a “merma” coisa. A diferença que tem é que eu não sei traduzir as “coisas”. Eu faço, “marron meno²⁶”, assim (gesticula as mãos). As vezes mostro a ele o que é. A dificuldade é essa mais, passa. Ele faz a cena, tem cena que eu sei... E assim vai! (Narrativa de Maria Clara mãe de Wiksendeles. Mossoró/RN, 26/08/2018)

Essa postura da mãe significou que o tempo a qualificou para enfrentar a sociedade e romper com os velhos conceitos de que surdo não pode sair de casa, nem estudar e trabalhar, que deve ficar em casa. Wiksendeles é aprova viva que sua mãe estava certa, pois ele cresceu, se desenvolveu, qualificou-se, estudou e ainda o faz. A vida foi, e ainda é, dura com pessoas com deficiência. Wiksendeles sabe disso, não se incomoda e nem descansa um só instante. Mesmo tendo consciência de que vai encontrar barreiras. Obstáculos não o intimidam. Serão só mais alguns percalços que Wiki fará coleção no mural de sua vida. A *dura realidade*, ponto do subtópico desse tópico. Uma realidade que apesar de difícil fez com que o sujeito e sua família não desfalecessem e desistissem de sonhar com uma vida de inclusão e igualdade que sempre sonharam desde a infância de Wiki. Esses vários momentos citados aqui, decorrentes de suas narrativas e de sua história de vida, se demonstram como uma força interminável de vencer e fazer com que a utopia de um desejo intérmino de inclusão, se transforme em uma verdade social, de que um dia seremos todos iguais, perante a vida.

²⁶ Expressão que quer dizer mais ou menos, variação de nossa língua portuguesa e atrelada ao sotaque regional nordestino.

Foto 37. Momento de afeto e carinho de Wiksendeles com sua mãe.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

A realidade é dura eu sei. Nós que nascemos em famílias humildes, sabemos como é difícil enfrentar as adversidades. Refiro-me a mim e a Wiksendeles. Jamais posso falar de minha pessoa nas linhas desse trabalho, sem citar Wiksendeles. Ambos estamos encarnados e entrelaçados nas histórias escritas aqui. As narrativas dele, contadas por ele e por sua família trazem à tona minha infância, através de Kika, minha amada tia. Eu estou com todas as pessoas surdas nessas linhas, a que fez parte do meu passado, Kika e o do meu presente, Wiksendeles. Eu sinto, no íntimo, cada momento sofrido por Wiki e cada instante em que foi feliz. Durante as entrevistas, chorei diversas vezes. Quem é que não chora, da maneira a qual me envolvi? Entrei na vida dele! Eu, aspirante a pesquisador, mexi com memórias do outro. Memórias que a mim foram emprestadas para que eu pudesse desenvolver a minha visão interpretativa do vasto e belo mundo de um surdo. A oportunidade que tive de estar presente no passado de Wiksendeles jamais será esquecida.

Quando surgiu a ideia de falar sobre vida dele, não tinha noção do que eu ia encontrar. Falei para Wiki o meu desejo de contar sua história. Quando sentamos a primeira vez para começarmos o trabalho, encontrei em cima de uma mesa, milhares de peças de um quebra-cabeça. Para eu poder montar coloquei no chão porque há espaço para juntar tantas peças. Fiz isso antes comigo, depois com Wiksendeles. É interessante que para que nós possamos montar um quebra-cabeças de muitas peças, precisamos nos afastar, para melhor termos a compreensão de como realmente está ficando. Vamos lá,

colocamos uma peça, saímos, subimos em um local mais alto e, de lá do alto, podemos perceber a forma da figura. Um distanciamento é necessário para, com mais propriedade, reconhecer e entender o objeto que se está estudando. Diante desse distanciamento do objeto de estudo, encontramos uma afirmação de Freire (1987, p.7):

A consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que tem o homem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes. É a presença que tem o poder de presentificar: não é representação, mas condição de apresentação. É um comportar-se do homem frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano. Absorvido pelo meio natural, responde a estímulos; e o coito de suas respostas mede-se por sua maior ou menor adaptação: naturaliza-se.

Quando me dispus estudar a minha vida, não tinha ideia de como faria isso. De maneira que me perguntava como estudar algo que eu sabia? Durante o processo de autoconhecimento, descobri o quanto estava errado. As histórias e narrativas contadas por minha professora Ana Lúcia Aguiar, nas suas diversas viagens de pesquisa, me encantavam de tal maneira, que mesmo sabendo da legitimidade da pesquisa (auto)biográfica, nunca me achei capaz de adentrar nessa metodologia. Ao me inserir no mundo da pesquisa (auto)biográfica percebi o quanto significativo a eficácia do método, de modo que o estudo interliga a relação existente entre o passado vivido e o presente, no estágio de desenvolvimento. O entendimento de nosso passado nos esclarece como estamos e como nos recriamos para uma melhoria onde ressignifique nossa vida. Da mesma maneira, eu fiz com as narrativas de vida de Wiksendeles. Nesse momento de reflexão desse parágrafo, estabeleço um enfoque entre Wiksendeles e eu. *A tela expandida a minha frente* e a mesma tela expandida a frente de Wiki.

A alusão que faço à tela do cinema é a imagem inicial de um filme, onde o roteiro foi construído no decorrer de uma vida e de nossa infância. Agora é o momento de transformar-se em filme. E isso só foi possível através da pesquisa (auto)biográfica. Olhar para o passado, narrar os acontecimentos, criar um roteiro da vida, para filmar e transformar em um filme. Diante dessa afirmação, qual seria a mera ficção, subtítulo do tópico? A vida, talvez, não fosse uma utopia, mas a verdade consumida pela vontade interior de que toda nossa existência necessita de um sonho, como ponto principal, para um dia se tornar real.

Será que sonhar com um mundo melhor é uma ficção? Vivemos em um mundo real com desigualdades concretas, distantes de uma existência pacífica. Jamais vou

desistir de lutar. Não justifica dizer a todo instante que a humanidade é inviável. Muitos indivíduos, no decorrer da história, nos mostraram o quanto é possível o amor vencer o ódio, assim como as palavras podem vencer as armas. Somos capazes de realizar coisas incríveis, quando acreditamos em nós mesmos. Mas como podemos perceber que somos capazes?

Eu, em particular, tive alguém que acreditou em mim, quando eu já não acreditava mais. Minha professora, minha orientadora, minha outra mãe. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Acreditou e mim, fez com que eu acreditasse, e de fato, agora acredito. E estamos juntos acreditando em Wiksendeles de Souza Santos. Um indivíduo surdo, sonhador, com expectativa de um mundo melhor, mais satisfatório e com mais inclusão de pessoas com deficiência. Uma busca de um sonho, não alusivo a uma utopia, mas ligado de maneira intrínseca a uma realidade palpável, e que, de fato, pudesse ocorrer para todas as pessoas com deficiência em nossa sociedade. Nós buscamos na sua história de vida as várias interpretações que darão margem a outros surdos de buscarem sua autonomia e seus direitos.

O indivíduo na luta, de fato, deve acreditar que a fé que o move deve ser maior que a vontade de desistir. Perante isso, trago uma frase de um homem que lutou e acreditou que a paz sempre prevalece sobre a guerra: Gândhi.

“O homem se torna muitas vezes o que ele próprio acredita que é. Se insisto em repetir para mim mesmo que não posso fazer uma determinada coisa, é possível que acabe me tornando realmente incapaz de fazê-la. Ao contrário, se tenho a convicção de que posso fazê-la, certamente adquirirei a capacidade de realizá-la, mesmo que não a tenha no começo.” Mahátma Gândhi (1869-1948)

A interpretação que eu faço da citação de Ghandi, exprime a ideia de que as coisas que compõem a nossa história de vida, são determinadas por escolhas. Os caminhos que traçamos para nós são definidos pelo “sim” e pelo “não” que vivem em constante conflito em nosso íntimo. A repetição de palavras que nos limitam perante a vida são responsabilidades nossas. Eu posso afirmar que eu o fiz em várias passagens de minha infância e até chegar à vida adulta. Os “nãos” que insistimos dar a nós mesmos, delimita o espaço que nos rodeia. Freia a capacidade de caminharmos. Reforça a falsa ideia de que só podemos chegar até certo ponto. Quando acordamos e percebemos que o tempo foi perdido, corremos desesperados com a convicção de que já é tarde demais.

Isso nos entristece de maneira profunda, então temos duas opções; permanecer parado sem estímulos ou seguir com as sequelas e conviver com as dores. Afirmo: não é tarde demais. Enquanto tiver sopro de vida, há chance para nós. Nós podemos fazer o que quisermos fazer. Se tivermos anos, meses, dias, horas, faremos o melhor que podemos. O fim não existe, enquanto não for o fim. A certeza que temos é o hoje, e o hoje eu quero tentar. Porque sempre podemos recomeçar, se quisermos.

Foto 38. Wiksendeles durante a sessão de entrevistas.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018

Passos

Eu posso ver o seu caminhar.
 Ele vem por entre os arbustos, pisando sobre as folhas secas.
 O sujeito não escuta o vento uivando por entre as árvores, com seus galhos espessos.
 Os raios do sol estão a cair no final do dia, anunciando a noite, mas ele não teme a escuridão, pois está dotado de fé.
 A fé divina que está com ele, porque acredita em si mesmo e tudo que ele toca se transforma em esperança.

A tela expandida à sua frente explicita o mote inicial que faz uma alusão a um recorte de uma vida, representado pela tela do cinema. A ficção do filme dá lugar a realidade da história de vida do sujeito, Wiksendeles. Como uma espécie de filme real com objetivo de mostrar sua história para a sociedade, na representatividade alegórica da tela do cinema. O tamanho “gigante” da tela faz menção ao tamanho da sua vida. Um indivíduo capaz de trilhar seu caminho e ser o autor de sua história de vida. É o personagem principal com margem para outros surdos iguais a ele. Fomos buscar sua vida no passado para significar seu presente. Nada seremos senão um amontoado de

memórias desorganizadas, se nós não costurarmos nosso passado. Nele, estão algumas explicações do que somos, do que nos tornamos e a oportunidade de reconstruir a nós mesmos. Esse, talvez seja o propósito cíclico da nossa vida. Aprender com o passado para melhoramento do presente. Quando tivermos a ideia de que estamos perdidos, olhemos para trás e encontramos muitas respostas que procuramos.

Nessa busca infinda de respostas para seguirmos adiante na pesquisa, nós pesquisadores dessa dissertação, nos deparamos com um sujeito central desse trabalho, com inúmeras inquietações. No decorrer das narrativas contadas por Wiksendeles, o caminhos de entender o processo de inclusão do surdo no cinema, perpassa por uma trajetória que não se resume apenas no tema dessa dissertação, mas abrange um longo percurso de uma vida cheio de desejos de uma sociedade inclusiva, que depende não apenas dos surdos, nem das outras pessoas com deficiência, mas de cada um de nós que compõe o todo social. A tela que se expande a frente de Wiksendeles apresenta uma sociedade que restringe uma parcela das pessoas e, por vezes, exclui algumas outras. Apesar do melhoramento que houve, no decorrer dos anos, no quesito inclusão Wiksendeles não descansa um só minuto e continua o seu processo de crescimento como indivíduo que luta para ser percebido e emergir como dono de seu destino.

A mera ficção, colocado como subtópico, não era pra existir. Se fosse uma sociedade que tivesse há mais tempo olhado com mais sensibilidade para as pessoas com deficiência, a realidade tinha se tornado mais agregadora. Quando proponho o termo *ficção* presente e um *filme*, faço alusão a um sonho, como algo que parece inalcançável. Quero demonstrar o quanto é difícil para sociedade despertar da vaidade construída por um padrão imposto a tudo que é diferente. As pessoas com deficiência mostraram força ao longo do tempo, diante de uma sociedade que demonstrou certa resistência a sua participação como indivíduos com direitos de participação no meio social.

Ao fazer uma relação com a história de força da pessoa surda, Mori e Sander (2015, p.14) afirmam:

A despeito das atrocidades do oralismo no manejo de estratégias oficiais para impedir o uso da língua de sinais, usando os mais diferentes métodos de ensinar a falar impostos aos alunos surdos sob pressão moral e política, o povo surdo usou de táticas dissimuladas para a sua sobrevivência. A avalanche do oralismo dos cem anos passou, deixando para trás o espólio traumático que os surdos mais velhos ainda mantêm. É como se uma guerra tivesse acabado há

tempo, mas que ainda encontra eco nas mentes conturbadas, cujas lembranças que restaram vão esmaecendo-se com o passar do tempo. O povo surdo vingou! As táticas de sobrevivência eram os sinais utilizados nos corredores e no pátio da escola, quando nenhum professor ouvinte estava fiscalizando. Por debaixo das carteiras, quando o professor estava de costas para a turma, sem a sua percepção, os alunos surdos de modo disfarçado se comunicavam com as mãos, numa prova de cumplicidade e de identidade entre eles.

Houve resistência das pessoas surdas ao longo do tempo e isso é perceptível com a citação acima. O que ocorre é que durante os passar dos anos, a sociedade defendeu a ideia de que sabia o que era melhor para as pessoas surdas. A imposição delas ao oralismo foi uma tentativa de que os surdos se adaptassem a uma sociedade de ouvintes e não ao contrário. As pessoas surdas são dotadas de especificidades que os interligam. Demorou algum tempo para sociedade entender que o universo surdo circunda da maneira específica, inerente ao seu espaço. As pessoas surdas, não necessitam oralizar palavras, as quais, na maioria dos casos, nunca escutaram. É como se fosse uma imposição dos ouvintes para que os surdos se adaptassem a sua realidade.

Durante a infância de Wiksendeles, ocorreu algo semelhante por parte de sua família, quando seus pais exigiram que usasse o aparelho auricular. Ele não aguentava de tanto barulho que o aparelho fazia, quando seus pais não estavam por perto, retirava do ouvido, pois os barulhos externos eram ensurdecadores. Quando Wiki entrou no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS, e iniciou seu estudo em Libras, decidiu não usar de forma definitiva. Com o tempo, explicou aos seus familiares que não era preciso e convenceu que o meio de comunicação entre as pessoas surdas era a LIBRAS.

A força das pessoas surdas, ao longo do tempo, se fez necessária, isso foi mostrado pela história de luta deles no nosso país. Frente a uma realidade social adversa e um contexto hostil, cresceram as possibilidades de terreno propício para germinar uma semente que há tempos foi plantada no passado do Brasil. A história de luta dos surdos remete ao tempo do império, no ano de 1857, quando, segundo Strobel (2008, p. 9, apud Mori e Sander (2015, p.9), “deduz-se que o imperador D. Pedro II se interessou pela educação dos surdos devido ao seu genro, o Príncipe Luís Gastão de Orléans, (o Conde d’Eu), marido de sua segunda filha, a princesa Isabel, ser parcialmente surdo”. Contudo, não se tem confirmação desse fato.

Percebe-se, com passar do tempo, que a capacidade das pessoas com surdez em lutar por sua participação na sociedade vem de muitas décadas de insistência. Ao

mesmo tempo que fazemos um parâmetro do que era a realidade surda e qual a real situação atual, vemos uma melhora considerável. Nota-se que em diversos momentos históricos, diferentes personagens enfrentaram as adversidades impostas por sua época. Hoje, a dura realidade das pessoas surdas onde Wiksendeles está inserido de maneira alguma pode sobrelevar o sonho infinito de uma sociedade mais inclusiva. A tela que se expande a sua frente construída de incertezas não deve se tornar barreiras que o impeçam de ascender na vida. Wiki, o protagonista de sua história de vida, é também um dos protagonistas da inclusão de toda uma sociedade surda.

Durante as narrativas de Wiksendeles, deixou claro como é obstinado perante aos acontecimentos de sua vida. A reconstrução de suas memórias nos deu a ideia de como se fortaleceu como sujeito capaz de direcionar sua própria vida. A tela do seu filme que se expande a sua frente é o recorde de uma vida que enxergamos através do que Wiki nos relatou por meio de suas narrativas. Apesar de ser recortado, a tela é gigante e reconstrói a vida de Wiksendeles através de seus vínculos históricos: passado e presente. Quando enquadrarmos a câmera, temos um ângulo de visão do sujeito da pesquisa. Ao reenquadrarmos, temos outro ângulo. Construímos várias interpretações de um só sujeito e mesmo assim não conseguimos captar o todo. Pois o todo, é provável que só o próprio sujeito o conheça. A tela expandida representa o filme que ainda estar por vir. O caminho interminável que ainda estar por vir no seu futuro.

Apesar da realidade que se apresenta em sua caminhada, por meio de obstáculos, Wiksendeles ainda tem a força do seu eu. Da ideia que acredita ser possível moldar os aspectos reais da vida. As trilhas inconsistentes em que se apresentam, não desfalece aquele que se fortaleceu desde de sua infância, a ferro e fogo. A realidade é a fusão dos lapsos concretos de nossas escolhas e das decisões divinas. Como não dotamos de competência transcendental, nos sobra as escolhas que definirão onde devemos chegar, que é uma aptidão dos seres humanos.

Ainda que escolhamos nosso caminho, entendo que exista uma linha tênue entre nossa realidade e nossos sonhos. Ainda afirmo que a ficção está inserida nos sonhos que almejamos e parecem estar distantes. Então, até que ponto um é sonho e o outro é ficção? Como afirmamos que nossos sonhos são impossíveis, se muitos de nós achamos que sonhar é ficcional. Ambos se assemelham, porém são bem diferentes. A exemplo, podemos sonhar em viajar o mundo e apesar de ser difícil, não é impossível. É necessário que não tratemos nossos sonhos como ficção. De modo que esse último é um termo usado para designar uma narrativa imaginária. O sonho é uma palavra que

exprime o ato de dormir e sonhar, porém usamos no dia a dia para definir nossas vontades e desejos. Precisamos estar em constante sintonia com nossos objetivos, para que não percamos a capacidade de realizar o que nós sonhamos.

Wiksendeles sonha com um mundo melhor e uma sociedade mais justa para a inclusão das pessoas com deficiência. Em nenhum momento de sua vida, trata seu objetivo como algo inalcançável. Encara da maneira mais lógica possível. Em outras épocas, as pessoas com surdez jamais imaginaram, um dia, estarem inseridos na sociedade. Frequentar lugares a que todos possam ir e interagir com outras pessoas. Acharam um dia que jamais iam estudar e hoje é uma realidade em nossa sociedade. Wiki passou inúmeras dificuldades em sua trajetória de vida, e ainda passa. Nos seus relatos de vida nos demonstrou o quanto se supera a cada dia. Na tela expandida que dá conotação de sua vida, Wiksendeles jamais tratará seus sonhos como uma simples e mera ficção. A luta continua.

3.4 Do *plongée*²⁷ ao *contra-plongée*²⁸: o melhor filme de sua vida

Wiksendeles de Souza Santos. O conheço há quase quinze anos e mesmo assim quando nos encontramos para conversar, descubro detalhes de sua vida. Os instantes que passo ao seu lado me encham de esperança por dias melhores. Porque a força interior que possui expande para todos os lados e atinge todos que estão ao seu redor. Não é exagero de minha parte. Wiki é gigante.

Não posso negar o quanto eu cresci durante o desenvolver desse projeto dissertativo. Um velho sonho desde quando eu ingressei na universidade. Um historiador contestador, crítico e ácido perante os excessos do sistema capitalista. Jamais imaginei estudar um mestrado, porque nunca acreditei que conseguiria. Era muito distante, para eu acreditar que fosse verdade. Estava perdido, vagando por aí, desde que eu me formei no ano 2006. Adiei o sonho de lecionar por outro sonho, o de filmar, trabalhar na área de televisão. Esse gosto herdei de meu velho, amado e eterno pai. Não deixei os estudos para trás, os deixei conservados dentro de um cubo de gelo,

²⁷ Plongée significa mergulho em francês, é também conhecido como Câmera Alta, é o termo usado para definir um tipo de enquadramento em que a câmera filma o foco principal da cena de cima para baixo, situando o espectador em uma posição mais acima do objeto, olhamos a imagem como se estivéssemos mais altos, olhando

²⁸ O *contra-plongée*, é como o nome sugere, o contrário do plano anterior, neste a câmera filma o objeto de baixo para cima, situando o espectador abaixo do objeto e engrandecendo ele na tela, isso gera uma sensação de grandiosidade e superioridade do que está sendo filmado em relação ao observador.

assim como um mamute, grande e valioso.

No ano de 2014, senti aquela necessidade de retornar aos estudos, pois havia uma lacuna de quase dez anos. Entrei em um curso de aperfeiçoamento na Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA. Aos poucos, retornava aos estudos, de maneira lenta, mas era algo valioso. O retorno significativo aconteceu de maneira efetiva, quando a Faculdade de Educação, ofertou vagas para aluno especial de mestrado, através do Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC. Passei na seleção, através de uma carta de intenção e lá nas disciplinas cursadas, conheci a verdadeira pessoa responsável por eu estar no mestrado hoje, a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Antes que eu pudesse acreditar como o mestrado era impossível, Ana me fez crer que tudo era possível. Cursei duas disciplinas em dois semestres. E no ano de 2017 ingressei no mestrado. E quando pensei no projeto para o mestrado, juntei tudo aquilo que soava mais forte dentro de mim: a surdez e o cinema. Neste momento, a professora Ana Lúcia deu-me todo o suporte para a pesquisa, seu vasto conhecimento, a pesquisa (auto)biográfica e a temática, inclusão. Depois que eu uni esses elementos, confesso, que eu nunca serei a mesma pessoa.

Foto 39. Cinegrafia, minha outra paixão.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Como afirmei, um dos elementos primordiais da construção dessa pesquisa de mestrado é o cinema. Trago para o trabalho a experiência que tenho como cinegrafista e isso considero um ponto positivo, de maneira que durante as seções de narrativas,

direciono a captação das imagens com uma certa propriedade. Acredito ser um fator de significativa ajuda para auxiliar na construção da dissertação, principalmente na gravação das narrativas, como trazemos no objetivo proposto nessa dissertação que é entender o processo de inclusão dos surdos no cinema.

Ao tentar nesse ponto da dissertação, ao adentrarmos em uma das problemáticas de nosso trabalho, retomo a entrevista com Wiksendeles, onde o questionei de como fazia para ir ao cinema assistir a filmes. Wiki sorriu, balançou a cabeça e me respondeu que era muito difícil a situação em que os surdos vivem hoje, quando vão assistir a filmes no cinema. Os filmes estrangeiros, que antes tinham legendas, dão espaço a cada dia, às dublagens. Isso era comum nos filmes de sessão da tarde e nas séries de canais aberto. Mas intensificou dos anos 1990 para cá. Essa afirmação faço, porque eu acompanho o cinema há bastante tempo, desde criança. Wiksendeles afirma que mesmo assim vai ao cinema, mesmo com esse “boom” de dublagem. Pelo contexto do desenrolar das cenas e as expressões dos personagens, estabelece uma lógica e de modo perspicaz, tenta compreender os filmes. Poucos filmes têm legendas, mas ressalta que as legendas não garantem a inclusão dos surdos.

Wiki ainda conhece as palavras e sabe ler, outros surdos não, desse modo é importante que tenha a janela de LIBRAS para propiciar a inclusão nas salas de cinema. Sua irmã Wnara relatou que ele sempre gostou muito de TV e cinema. No início, quando ia ao cinema tentava entender o que acontecia. Quando se aprofundava no estudo de Libras e aprendeu a ler ficou mais acessível a sua compressão, pois, segundo Wikisendeles, “isso é identidade surda, isso é cultura surda”, afirma.

Foto 40. Wiksendeles, sessão de entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Na foto acima, Wiksendeles conversou comigo, em uma de suas narrativas preliminares, em minha casa. Na conversa, ele criticou os filmes que não vinham com legendas e, por causa disso, deixou de ir ao cinema por meses, porque nas suas tentativas de ir ao cinema, dos filmes que entraram em cartaz, nenhum deles veio legendado. Esse fato o entristeceu, pois se considera um amante do cinema e foi burlado de exercer seu direito ao entretenimento, assim como qualquer cidadão. Diante desse acontecimento, em uma de nossas pesquisas encontramos no Blog Diário de Bordo. Neste blog, o especialista em cinema Pablo Villaça²⁹ relatou a questão de filmes no cinema sem as legendas e em uma matéria que escreveu, criticou o crescimento de dublagens nos filmes.

Durante o lançamento do filme *Planeta dos Macacos: A origem*, a Fox anunciou que o filme ia lançar mais cópias dubladas que legendadas. Ele considerou absurdo, por que, além dos filmes com legendas vir com o som original da montagem, desprezava o exercício da leitura. A classificação do filme era “12”, com tentativa de justificar as dublagens, porém afirmou que não era pelo público jovem, mas pela simples preguiça de ler. Esses espectadores preferem a comodidade de assistir a um filme que não os faça obrigar a praticar o que aprenderam na alfabetização: ler.

A história de vida de Wiksendeles se mistura com a poesia do cinema. Os relatos aqui expostos, os acontecimentos dele e de sua família, transformam-se no mais belo roteiro. Remete ao passado toda a narrativa de luta, seu nascimento, sua época de criança, as dificuldades na falta de comunicação com sua família e amigos, a descoberta da Libras. A existência de Wiksendeles pode ser vista como um ângulo de cinema, outra habilidade que Deus me concedeu e que meu pai me direcionou. A paixão que tenho pelo cinema, assim como Wiki, me propiciou a ter a liberdade de enxergar essa dissertação como um roteiro de uma vida, repleta de acontecimentos específicos ricos em detalhes. Faço uma alusão da vida do sujeito com um filme, dando um caráter poético ao trabalho.

A sua trajetória de vida até ao cinema, com a tentativa de compreendermos o seu acesso às salas de projeção, vão além da tela de 16:9 mm³⁰. O caminhar nesse trajeto nos permite enxergar a beleza de um filme que está escrito nessas linhas simétricas dessas palavras. A própria Lei da Instrução Normativa nº 128/2016 regulamenta o

²⁹ <http://diariodebordo.cinemaemcena.com.br/?p=436>. Blog Diário a Bordo, filiado ao Cinema em Casa.

³⁰ É a proporção da televisão de alta definição, adotada como padrão HDTV desde os anos 1980, e a partir de 2003 também encontrada em muitos monitores de computador. É a extensão da tela nas salas de cinema.

provimento de recursos de acessibilidade visual e auditiva nos seguimentos de distribuição no cinema. Ao mesmo tempo em que as salas de exibição deverão dispor de tecnologia assistiva: Legendagem³¹, legendagem descritiva³², audiodescrição³³ e janela de LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais. Tais modalidades deverão permitir o acesso individual ao conteúdo especial. Isso demonstra a inclusão nas salas de cinema. Desse modo, assim como devemos estar sempre vigilantes em relação a Lei Brasileira de Inclusão - LBI, devemos garantir a Instrução Normativa 128/2016 que garante a acessibilidade dos surdos nas salas de cinema.

Na poesia do cinema, permito-me a representar a história de Wiksendeles, sobre qual faço uma alusão a termos do cinema. Quando iniciamos esse trabalho doeime por inteiro nessa pesquisa. Os anos nos quais fiquei isento, mesmo que inconsciente, da responsabilidade de dar um melhor suporte a minha tia Kika, tive outra oportunidade com Wiki. Mergulhei na sua vida como nunca fiz na história de alguém. Foram dias de experiências marcantes e profundas os quais levarei, dentro de mim, pelo resto de minha vida. Eu fiz, como falamos no cinema, um marcante plongée.

Foto 41. Sítio Campanha. Lugar de infância.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

³¹ No cinema, televisão e jogos eletrônicos, as legendas são o texto que acompanha uma imagem, conferindo-lhe um significado ou esclarecimento. Seu maior uso é na tradução de textos e diálogos de filmes, acompanhando o mesmo em sobreposição, normalmente na zona inferior da película

³² Legendagem descritiva (que indica, para surdos, ruídos e sons importantes para a construção da narrativa)

³³ Audiodescrição é uma faixa narrativa adicional para pessoas com deficiência visual, intelectual, dislexia e idosos, consumidores de meios de comunicação visual, onde se incluem a televisão, o cinema, a dança, a ópera e as artes visuais.

O termo *plongée* é de origem francesa e quer dizer “mergulho”. No cinema, consiste no ângulo em que a câmera filma o objeto de cima para baixo, e dessa forma, capta toda sua dimensão. Seria um mergulho na vida e na realidade do outro. Uma busca constante na interpretação de sua história de vida, da mesma forma, que a vida de outros, que compõem a comunidade surda de cidade de Mossoró.

Sobre esse mergulho, agradeço a Wiksendeles e sua família, sem essa permissão não seria possível ir até onde eu pude. Não tenho ideia até onde eu adentrei, mas posso afirmar que me marcou no corpo e na alma. As histórias mais alegres e mais emocionantes. Mais humildes e ao mesmo tempo edificantes. Que transcende a matéria. Não tenho palavras para definir o mundo desse sujeito, do amigo, do irmão. Um rapaz que a cada encontro me ensinou um pouco mais. Quando mergulhei, encontrei um menino, um homem, um gigante. Lá me reconciliei comigo mesmo, me encontrei com Kika e chorei. Chorei muito. Pude fazer com Wiki o que não fiz por minha tia e nem lutei, não pude, não consegui. Lá, bem no fundo, olhei para o alto e o ângulo era íngreme. Wiki estava maior, mais firme e sólido. Assim, como usamos também no linguajar cinematográfico, usei o *contra-plongée*. Olhando nesse ponto de vista, engrandeci ainda mais a importância de Wiksendeles.

O *contra-plongée* seria o inverso. Capta o objeto de baixo para cima, que é usado no cinema para engrandecer os personagens, que é objetivo dessa pesquisa. Emergir, fazê-lo protagonista de sua historiografia frente à sociedade, dando projeção a sua história de vida. Este tópico propõe fazer uma alusão à vida e à infância do sujeito, com o termo *contra-plongée*, que o analisa de baixo para cima, crescimento até a vida adulta, assim como a possibilidade de recriação do sujeito, dia após dia, como ser inacabado. A pesquisa, após esses três capítulos, não pode parar, ela permanece em movimento. Esse estudo é uma parte de um mundo que pode ser desvendado, reinventado, mais e mais. O uso desse termo, engrandece o personagem. Wiki chegou a esse momento da dissertação ainda maior e mais forte.

O que aprendi? Diante de uma bela história, o que pode ser dito?

Às margens de meus quarenta e três anos, vivi alguns momentos que me fizeram ser o que eu sou hoje. As quatro décadas as quais atravessei em minha história de vida, estão carregadas de experiências que são minha bagagem para onde quer que eu vá. Meu pai, minha mãe, irmãos, minha avó, minha querida tia Kika. Todos são elementos determinantes na minha longa jornada. Quase meio século de muitas narrativas que não

couberam aqui nesse trabalho e fazem parte de outros momentos e de outras dissertações.

Há um ano e meio de pesquisa, aprendi tanto quanto os meus quarenta anos de existência. O exercício de um trabalho (auto)biográfico segue uma metodologia, porém não se amarra a uma modelo cartesiano que impõe regras determinadas a serem seguidas e metas a serem atingidas. Não procuramos aqui, respostas e posicionamentos acabados. Vislumbramos a beleza de uma narrativa histórica de um sujeito que, até então, não passava de indivíduo comum. Wiki veio do povo, da raiz de uma família humilde detentora de uma história, talvez, tão significativa quanto um personagem mítico, ícone de nossa História. Wiksendeles veio de uma condição de oprimido, de um sistema que o subjuga, que o faz ser o que a sociedade opressora determina. Diante dessa condição, escolheu sair de casa, ganhar a rua, pegar a estrada, vencer o mundo, tentar alcançar o que disseram que ele não alcançava.

As dores sentidas e que a vida bate, não passam hoje de cicatrizes de uma luta vencida por Wiki todos os dias. Wiksendeles tem serenidade no olhar, uma calma que nos tira o sossego, um sorriso de quem ironiza os problemas e que os contorna a cada nascer do Sol. Também não teme a noite, porque ela não dura para sempre e nem cessa por muito tempo. Adversidades são companheiras de luta, são aprovações que nos deixa fortes, cada vez que elas se vão. E isso Wiki trata com uma naturalidade tão sutil que nos enche de esperanças por dias melhores.

A sua (auto)biografia trouxe sua infância, por vezes esquecidas e que, através das narrativas de seus familiares, foram ressignificadas em um contexto real do presente. A purgação com que Wiksendeles se deparou foi reveladora em alguns aspectos, mas ele não se abateu e de maneira nenhuma ficou cabisbaixo. Na minha interpretação, tudo o deixou ainda mais forte. Suas memórias, vivências e descobertas reorganizaram o seu presente. Cada novo detalhe de sua vida que seus familiares contavam, abstraía e tornava uma recente memória que guardava em sua caixa de memória. O autoconhecimento define os caminhos da vida e corrige aquilo que não podemos mais insistir em ser.

Foto 42. Sítio Campanha. Zona Rural de Campo Grande-RN



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Cada foto registrada nesse processo de construção da dissertação, fez com que o trabalho pudesse reconstruir o mundo do sujeito com detalhes. Cada lugar, cada cor, cada contraste, ajudou a reconstruir o passado e as narrativas foram essenciais para criar imagens de um tempo de criança, que viveu e que eu não conheci. A foto em destaque mostra lugares em que Wiki brincou em sua infância. E a partir dela pude recriar imagens em minha mente de um momento histórico o qual eu não presenciei. E essa é uma das inúmeras funções das imagens, das filmagens que foram utilizadas desde o início desse trabalho. A captação das imagens foi essencial para uma produção mais consistente do corpo do texto. O detalhamento que podemos perceber de cada familiar que nos deu entrevista foi significativo para uma riqueza de detalhes. O audiovisual chegou para fomentar, mais ainda, a força de um trabalho de cunho (auto)biográfico, somando com as fotos, a gravação em áudio e o velho e eficaz caderninho de anotações.

Quando me deparei com as imagens as quais filmei, salvas em meu computador, ao chegar em casa, percebi o quanto aqueles foto-filmes me auxiliarem a recriar cada cena em minha mente e transpor para o texto. Quando Wiksendeles me falou sobre as brincadeiras de pique-esconde que brincavam quando criança e ao olhar para as paisagens do Sítio Campanha recriei, em minha cabeça, cada cena que Wiki e seus familiares relataram em suas narrativas.

Ao chegar ao sítio, ainda no carro, contemplava a paisagens e os caminhos que Wiki pisou em sua época de criança. Em certo momento, Gabrielly, minha esposa e prima de Wiksendeles, apontou para um pé de juá e relatou que era o mesmo que eles

brincaram na infância. Continuava lá, uma sombra enorme, na qual descansavam, após um dia inteiro de brincadeiras. Apesar de algumas casas a mais, o Sítio Campanha, continuava com a mesma essência. As pessoas humildes, acolhedores e cheias de histórias para contar. A foto 42 demonstra muito mais de que uma imagem, representa uma parte da vida de Wiksendeles que nunca vivi. Trouxe à tona as cores, o cheiro e a vida em cores do sujeito da pesquisa.

Wiksendeles pisou firme em uma base sólida, caracterizada por um suporte familiar consistente de um chão forte que não afunda, como areia movediça. Mas sustenta o peso de um indivíduo cheio de objetivos e sonhos. Como não olhar para trás em sua vida e não ver o quanto você tinha deixado no passado. Vezes por esquecimento, outras por querer esquecer ou porque ficou escondido. A tela que se forma em sua frente e repleta da projeção do passado, recria imagens que estavam guardadas dentro de latas de rolos de filmes antigos. Esse mergulho de corpo e alma no passado, nos projeta para um lugar antes inexplorado para mim. Aprendi a ser mais paciente, de fechar os olhos e identificar melhor os sentidos. Sentir o vento na minha pele, perceber melhor os cheiros que estão por todos os cantos. Aprendi que entre sorrir e chorar, existe uma linha tênue e que um pode estar quando se procura o outro.

É o último tópico do terceiro capítulo, portanto representa o fechamento de mais um ciclo e sua vida. E isso não remete o fim de uma pesquisa, é o fim deste capítulo. É outra fase de sua vida. O conhecimento de si é inacabado. Wiksendeles compreende a importância dele como ser único e responsável por elementos para uma vida feliz, através do seu autoconhecimento.

Ao fazer uma retrospectiva desse trabalho de dissertação, pudemos perceber o quanto é essencial mergulharmos no nosso passado histórico. De maneira definitiva, deixo aqui a afirmação que não é possível compreender nosso presente, sem trazermos a nossa base, que remete aos tempos de infância. Tudo que somos está no passado. Cada teoria que defendemos, cada conceito de vida e ética que consumamos são decorrentes de um despertar para o nosso passado.

Somos hoje aquilo ensinado lá atrás por nossos pais, irmãos, tios e avós. O que lemos, o que assistimos, as escolhas as quais fizemos, os amigos de escola, os professores tão amados por nós. Cada um desses sujeitos que, de uma forma ou de outra, fez parte de nossa história, são fragmentos de nós. De maneira que, quando os encontramos, depois de muito tempo, relembramos momentos que nem lembravam mais, mas mesmo assim os fazem sorrir. Agradecemos a esses indivíduos por terem

feito tanto sentido em nossas vidas. Eles nos olham e mesmo sem saber o que fizeram de bom, agradecem e percebem como tudo realizado na vida, volta de alguma forma para nós, de bom ou ruim.

A minha formação de vida se constituiu não apenas por meus familiares, mas pelas escolhas e caminhos trilhados até aqui. Errei muito e, por esse motivo, sou a pessoa que me transformei no presente. Ao me equivocar, percebi o quanto pude reparar algumas falhas cometidas e considero isso uma das coisas mais louváveis de um ser humano. Ter a capacidade de autocritica, de enxergar o que errou, faz de cada um de nós um vencedor. Porém alerta que esse movimento é constante, diário. Nós perdemos um dia, para ganharmos outro. Nosso passado está repleto de equívocos e isso é natural. Erros nos fazem crescer, aprendemos com eles.

Qual seria a graça de contar uma história com percursos felizes, no início, meio e fim? Pelo menos na minha vida, posso afirmar que não foi assim. Graças a Deus! Quero que ela continue cheia de obstáculos e desafios. Isso me motiva a ir mais longe. As dificuldades nos fazem fortes, nos transformam, de tal maneira que jamais voltamos ao estágio mental do momento anterior ao problema. Depois de cada obstáculo por que passamos, estamos um pouco mais diferentes. As transformações do nosso “eu” são inevitáveis, cabe a nós guiarmos da melhor maneira para um aprendizado.

Em qual momento percebi como o passado é mais relevante que eu imaginava? Quando adentrei na minha história de vida norteado pelo estudo (auto)biográfico. A relevância do método é incontestável. Não seria possível enxergar a minha vida sem a aplicação desse método de pesquisa. Nenhum outro método, ao meu ver, conseguiria chegar às interpretações alcançadas por mim. As aulas inusitadas da professora Ana Lúcia, carregadas de sentimentos de amor e dotadas de uma prioridade incalculável na busca do saber, me atingiram em cheio. A energia atípica de seus argumentos, os movimentos corporais comedidos. A sua fala sempre argumentada, norteada pela paixão Freiriana, contagiou a mim, de tal maneira, que jamais sairá de dentro do meu ser. A mania de Ana em colecionar pessoas, de ouvir pessoas, de acreditar que nós somos capazes. Perto de Ana Lúcia, as coisas parecem fáceis, do maior obstáculo ao menor dos problemas. Perto de Ana, pareço ser maior do que acho que sou. Sobretudo, compreendo, que Ana Lúcia está há anos luz de minha compreensão do que é conhecimento. Sua simplicidade é tamanha que quando estamos juntos a Ana, parecemos crianças prontas a reaprender sempre algo novo.

No trajeto da pesquisa (auto)biográfica, a Prof.^a Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar

apresentou-me autores que fomentaram a pesquisa desde o início, dando a ideia de concepção de cultura, onde mergulha na vida de um sujeito, conhece suas vivências e costumes. Trazemos Geertz (1989) para nos amparar nessa concepção. A interpretação de cultura trazidas pelo autor, nos dá parâmetro para nortear a pesquisa, no sentido de compreender o universo do outro, ainda desconhecido para nós. Assim fizemos com o sujeito da pesquisa Wiksendeles de Souza Santos, ao ingressar no mundo da pessoa com surdez e compreender como é ser o outro. Entender seus desafios, acompanhar seus passos e se sentir como um sujeito surdo. Após essa assimilação do meio das pessoas com surdez e um pertencimento, validado por eles em relação a nós, pudemos, então, nos sentirmos mais à vontade no meio da comunidade surda afim de desenvolver um trabalho com mais afinco, ao mesmo tempo, em que fazemos uso da teoria da antropologia interpretativa, a qual, significou um dos pontos essenciais para o entendimento da cultura surda.

Ao enfatizar o estudo com o conceito de memória do sujeito, trazemos para pesquisa Halbwachs (1990), pois a relevância desse autor para memória, reconstrói nossa ideia de que a história em memória do sujeito é muito mais que lembranças guardadas. Halbwachs (1990) afirma que a memória individual existe sempre e a partir de uma memória coletiva e as lembranças são construídas com base em um grupo específico. As ideias, reflexões, desejos, paixões, sentimentos que, de maneira geral, afirmamos nos pertencer, na verdade, são inspiradas em um grupo. O autor ainda pontua a possibilidade de recriar representações do passado, a partir de uma vivência em grupo. Essa leitura de Halbwachs (1990) trouxe para a pesquisa uma compreensão ampla de reconstrução de memória, pois compreende a essência de memória e fez com que definisse uma pesquisa com cautela em relação ao mergulho das memórias do outro. O cuidado em perceber as especificidades de Wiksendeles, durante a pesquisa e interpretar para entender seu mundo, nos deu as indicações de que a dissertação tomava o rumo nos moldes de uma pesquisa (auto)biográfica, onde juízo de valor é sobreposto pela interpretação, com base nas memórias do sujeito.

Ainda com foco na importância das narrativas de vida, expomos a incontestável visão de Josso (2010), com relação a relevância das narrativas do sujeito centradas na formação ao longo da vida. A trajetória que se desenha no debruçar da história de vida do sujeito dessa pesquisa é observado no desenrolar dos acontecimentos de sua vida. Nesse processo de observar a trajetória de Wiki, revelam-se sentidos múltiplos que, segundo Josso (2010), é de uma existencialidade singular-plural. Ocorre da reflexão a

partir na descrição da formação de si. O entendimento que pudemos ter de Wiksendeles, foi baseado nessa observação nas narrativas de vida centradas em sua história. Cada característica de sua historiografia passou a ter sentido e reconstruída nessa dissertação como forma de interpretação dos fatos com base na vida de Wiksendeles, sujeito central do trabalho.

Ao observar cada processo dessa dissertação, na tentativa de reconstruir a vida de um indivíduo, enxergamos autores entrelaçados com a história de vida do sujeito dessa pesquisa. Como foi citado, cada autor contribuiu com seu pensamento para a pesquisa e trouxe uma visão científica ao trabalho, assim como a comprovação de suas teorias, com base na história de Wiki. Da mesma forma, ao buscar o entendimento de como ocorreu o processo de emancipação do sujeito, buscamos Freire (1987) e percebemos onde iniciou o processo de Wiksendeles se libertar da condição de oprimido. A luta do sujeito para emergir, se deu início ainda na infância, quando decidiu estudar e se capacitar para sair da condição passiva em que vivia em sociedade. O caminhar foi doloroso e, mesmo que tenha se erguido no trajeto até aqui, a vida deixou sequelas em Wiki, da mesma forma que em cada um de nós também permanecem várias marcas.

A possibilidade que o sujeito dessa pesquisa teve em crescer foi responsabilidade de uma escolha própria. O despertar para um novo recomeço requer reconhecimento do que fomos para que o presente tenha sentido. É preciso que continue a caminhada e persista para recriar a si mesmo, todas as vezes em que se fizer necessário. Quando Wiksendeles demonstra que há muitos sonhos para alcançar em relação ao melhoramento da inclusão, permanece a chama da revolução sempre acesa e isso é característica de Wiki.

Ao interpretar até aqui os acontecimentos da vida de Wiksendeles, entendemos que cada momento reescrito em cada capítulo dessa dissertação, representa um novo olhar que nasce em nós em relação a luta por inclusão. As descobertas pessoais de Wiksendeles ao longo de sua trajetória de vida, o fez emergir como sujeito participativo das escolhas por que passou a decidir em sua existência. O presente foi definido por um conjunto de acontecimentos traumáticos, reveladores e que fortaleceram o íntimo do sujeito da pesquisa. Perpassaram as palavras de cada autor aqui citado, para comprovação de suas memórias como base essencial para a interpretação de sua vida presente. A trajetória aqui descrita enfatizou a história de várias outras pessoas surdas que, assim como Wiki, são detentoras dos mesmos desejos em relação a uma sociedade

mais igualitária para quem tem surdez.

A Lei Brasileira de Inclusão – LBI, nº 13. 146/16 é, na nossa atual sociedade, a representação da garantia das pessoas surdas no meio social e da nação brasileira. Ao trazermos a LBI para pesquisa, pudemos nortear os nossos estudos com clareza, assim como o entendimento sobre a realidade dos direitos surdos. As garantias de acessibilidades da Lei Brasileira de Inclusão trazem, em seu bojo, prerrogativas que devem inserir, sem restrições, a participação das pessoas com deficiência em todos os espaços sociais. Da mesma maneira, em relação às pessoas com deficiência, quando devem garantir a participação delas no espaço dos cinemas: *Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços [...], [...] informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público.*

Ainda no inciso terceiro, deparamo-nos com uma proposta clara, quando se fala na participação das pessoas com deficiência no cinema:

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social;

Percebemos uma passagem expressiva na Lei Brasileira de Inclusão – LBI. Ao trazer a discussão de inclusão, quanto a participação das pessoas com deficiência em salas de cinema, a Lei 13. 146/16 diz que às pessoas com deficiência, frequentadores de ambientes áudio visuais, deve ser garantido as tecnologias assistivas, ferramentas de auxílio para quem possui deficiência.

Durante a construção dessa pesquisa de dissertação, buscamos meios que enfatizassem a participação e inclusão dos surdos nas salas de cinema. O objetivo do nosso trabalho é saber como ocorre o processo de inclusão de surdos no cinema na cidade de Mossoró/RN. E diante disso, adentarmos na vida de Wiksendeles para nos colocarmos no lugar do outro da pesquisa. Deparamo-nos com avanços no quesito inclusão, como já vimos nos parágrafos anteriores. Assim como podemos citar a Instrução Normativa 128/16, regulamentadas pela Agência Nacional de Cinema – ANCINE. De acordo com a Instrução Normativa, as salas de exibição de cinema ou

comercial devem possuir a chamada tecnologia assistiva, o que possibilita a utilização dos recursos de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Ao trazer o sujeito da pesquisa para a discussão sobre o tema proposto dessa dissertação de *como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema*, compreendemos que apesar de todos os avanços de trinta anos para cá, ocorre uma carência da presença de tecnologias assistivas nas salas de cinema, sobretudo de Mossoró/RN. Isso tudo mesmo as leis estando em consonância com a causa da inclusão e compromissadas com a melhor inserção das pessoas com deficiência. Quando perguntamos a Wiksendeles, durante as sessões de narrativas, como acontece quando ele vai, na condição de sujeito surdo, ao cinema, Wiki narra:

No filme, como isso acontece, né? Eu vou, me sento, eu vejo a tela do cinema, mas não tem legenda. E aí, como fica pra mim? Eu fico pensando e imaginando, fico calado..., mas a legenda é importante é necessário que tenha essa legenda, usar legenda para que eu possa ver, fazer a junção da imagem com a palavra, a legenda que tem lá no filme. Que a imagem eu percebo, a questão da movimentação, aí eu faço essa associação e consigo entender o filme. Algum contexto, pela expressão. Mas tem que também, as frases, as palavras, as legendas ficam mais fácil. Mas no Brasil não tem, nos filmes brasileiros não tem legendas. Mas é necessário que tenha pela deficiência que temos, é necessário. Aqui em Mossoró, por exemplo, Rio Grande do Norte, alguns surdos, se vão para o cinema...Alguns deles nunca estudou, não teve escolaridade e não conhece as palavras, mesmo tendo legendas fica difícil pra ele. É necessário que tenha a janelinha, aí fica fácil pra ele, assim. Isso é identidade surda! Isso é cultura surda! É necessário que se quebre, essa limitação, essa barreira. (Narrativa de Wiksendeles de Souza Santos. Mossoró/RN, 22/07/2018).

Diante da afirmação de Wiksendeles, faço uma retrospectiva de toda história de vida que foi contada até aqui. As palavras do sujeito, citadas no trecho acima, não tem um sentido isolado. Há todo um contexto que deve ser considerado. O momento presente do sujeito da pesquisa é uma projeção de tudo que Wiki viveu até agora. A história de vida contada através das linhas dessa dissertação traça um caminho que foi percorrido e que formaram novas versões de um “eu”. Para cada momento vivido, uma nova versão de si mesmo surgiu. De fato, não é admissível entendermos um tema de dissertação fazendo um recorte isolado de todo um contexto que existe baseado nas histórias de várias pessoas, Wiksendeles, seus familiares, seus amigos surdos, a sociedade. A compreensão do todo é indispensável para compreensão de um tema nesse

caso: *“Processo de Inclusão no Cinema: Narrativas (auto)biográficas de um surdo na cidade de Mossoró/RN”*. A pergunta podia ser direta e isolada para Wiksendeles: Como ocorre a sua Inclusão no Cinema? E Wiki podia responder de forma direta. Mas isso não é pesquisa científica. Não existe um recorte de um problema de pesquisa sem contextualização. A vida e a história contada de um sujeito trazem toda a interpretação de um tema proposto.

As palavras de Wiksendeles sobre o que diz em relação ao acesso dele ao cinema não são apenas dele. São as palavras de toda uma comunidade surda que clama por justiça social. A inclusão dos surdos no cinema abrange a inclusão dos surdos na sociedade. A discussão não é só de inserção no cinema é uma busca infinita pelos direitos sociais já garantidos por lei. Perante os fatos narrados até esse momento do trabalho, vimos uma trajetória de encontros e desencontros, pessoas que em momentos distintos da sua vida, lutaram pela causa da inclusão. Assim como a mãe de Wiki, Maria Clara, suas irmãs Wigna Souza, Wnara Souza, Luzia, seus amigos surdos, Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Os direitos dos surdos se modificaram e se aprimoraram na sociedade decorrente de necessidades das pessoas surdas, assim como a luta pelos direitos, por pessoas que nunca cessaram as batalhas. Em suas palavras, retiradas de suas narrativas de vida, Wiksendeles faz uma interpretação de sua realidade surda com a realidade das salas do cinema. Apesar de todos os avanços, que de décadas para cá se aprimoraram em relação a inclusão das pessoas surdas, Wiki enxerga barreiras atitudinais. De modo que tanto a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, 13. 146/15 quanto a Instrução Normativa 128/16 estão em consonância e garantem o direito do surdo na inserção no cinema. Mesmo diante das leis que garantem a inclusão, notamos que filmes estrangeiros vêm sendo cada vez mais dublados, pois há uma indústria de entretenimento que enfatiza a popularização das dublagens dos filmes.

Segundo Wiki, os filmes nacionais não tem legendas, por se tratar de falarmos Português, porém entendemos que a inclusão deve estar acima de qualquer interesse capitalista e os surdos têm direitos garantidos na participação efetiva da sociedade. Com todo aparato de leis que trabalham a inclusão, como a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, 13. 146/15 e a Instrução Normativa 128/16, como então não ocorre a inserção do sujeito surdo no cinema? Segundo a minha interpretação das palavras de Wiksendeles, a resposta é porque talvez não exista uma cultura surda na sociedade, apesar de existir dentro da comunidade surda. No cinema, devem existir ferramentas de inclusão em

todas as tecnologias assistivas: Legendas, legendas descritivas, audiodescrição e janela de Libras. Todas as ferramentas de inclusão do cinema são necessárias e existem na nossa tecnologia atual. São realidades concretas e não estão em fase de teste. Existem e funcionam. Então, como podemos entender a não utilização dessas ferramentas nas salas de cinema? Talvez pelos mesmos motivos da existência de diversas outras tecnologias que estão em experimento e provaram sua eficácia como carros movidos a água ou mesmo o investimento massivo nas tecnologias de energia renováveis.

Aqui deixo em aberto as palavras de Wiksendeles de Souza Santos, diante das narrativas de sua história de vida. Não são palavras finais, porque as histórias de nossas vidas são inacabadas e jamais chegam ao fim. São palavras que deixam em aberto para outros, também passíveis de luta. Enfim, concedo a possibilidade de ecoar até os confins do horizonte, a voz do sujeito que fala com o coração e que, durante meses de pesquisa, ensinou-me a ser outra versão do mim. O sujeito que o brilho do olhar transparece mais do que as palavras não ditas: “[...] isso é identidade surda! Isso é cultura surda! É necessário que se quebre essa limitação, essa barreira.”

Diante da poesia da vida, enxerguei-me com mais profundidade na história de Wiksendeles de Souza Santos. Os momentos em que mais me encontrei decorreram de instantes vividos e narrados pelo sujeito dessa pesquisa. O resgate do passado de Wiki fez com que renascesse outro sujeito surdo do seu íntimo, assim como ressurgiu um outro “eu” mais sensível na causa da inclusão. Penso que é em oportunidades como essa que podemos compreender a vida do outro. Não existe, em minha opinião, possibilidade de entender o mundo das pessoas com deficiência sem a experiência de vivenciar outra história. Somos a nossa história, mas também parte da historicidade de outras pessoas. O conjunto de lembranças do outro, em algum momento, se entrelaça às nossas memórias. Peguei emprestado as lembranças de Wiksendeles, assim como doe a minha história para compor parte desse trabalho de pesquisa. Sou um pouco dessa história e as memórias de Wiki são parte das minhas lembranças agora.

Nesses momentos derradeiros dessa história interminável, surgiu uma cena concebida de uma mente amante de histórias e proporcionada pela vida de um sujeito com uma história invejável de luta, renascimento, coragem, perseverança e esperança. A cena finalizada nessa dissertação é resultado do amor pela inclusão e a paixão pelo cinema. Eis o surgimento da cena de um filme baseado em um sujeito da vida real que se torna voz de uma comunidade inteira, sem sair de sua garganta, mas do coração.

Fechei os meus olhos e não pude deixar de pensar em todo o processo de

construção de uma narrativa tão cheia de vida. Lutas que se formam e batalhas que ainda estão por vir. E dentro do imaginário de um mundo o qual eu não compartilhei com Wiksendeles. O imaginei quando era criança, recriei um momento fictício, mas que está carregado de vários fragmentos de sua história.

Uma casa, uma criança surda, uma mãe cheia de esperança de um mundo melhor para seu filho. O sertão. Era ao entardecer, cheiro de chuva no ar. Um sonho, um pé de mangueira, um momento que imaginei e que amaria ter vivido. Uma cena de um filme. O filme mais especial de todos:

O menino

CENA 1 - A casa, a mangueira.

- Bom dia!

Ele abriu seus olhos, levantou-se em direção a luz do sol que saía em uma fresta da porta. Alguém lá fora bateu palmas, ele não ouviu. Mas sabia que tinha alguém lá, pois deu para ver a sombra de alguém por baixo da porta. Sentiu cheiro de flores. O vento espalhou folhas secas do outono pela cumeeira da casa. Sua pele arrepiou-se por causa da brisa fria. Ele se aproximou da porta virou o trinco e abriu. Era sua mãe sorrindo. Deu-lhe um beijo na testa e cumprimentou com um bom dia. Ele retribuiu o beijo e caminhou até lá fora e sentou à sombra de uma mangueira. Respirou bem fundo e fechou os olhos. Abriu os olhos de novo, observou um arame no chão, pegou-o e, no tronco da mangueira, escreveu uma frase: "mamãe, essa é o melhor filme da minha vida"...

A HISTÓRIA DE UM FILME SEM OS CRÉDITOS FINAIS

Quando caminhamos por um longo percurso na vida, esperamos por um dia chegarmos a algum lugar. Os objetivos, outrora traçados durante uma trajetória, são como a esperança de que cada desejo nosso seja realizado. Porém a ideia de que é necessário atingirmos determinados propósitos em nossa caminhada, às vezes, pode ser relativo. Um trabalho como este, desenvolvido a partir da história de um sujeito surdo, está repleto de surpresas pelo caminho percorrido. Não apenas na vida de Wiksendeles, mas na construção por parte de nós, idealizadores da presente dissertação. A noção que tínhamos do tema desse trabalho foi elaborado de uma leitura inicial do processo de inclusão de um surdo no cinema, estabelecidos em nossa cabeça. Ao adentrarmos no ambiente de Wiki, percebemos que a ideia inicial de compreender como ocorre a inclusão de um surdo no cinema estava repleto de outras significações e ao longo da pesquisa ganhou dimensões de caráter múltiplos. Os objetivos determinados antes da pesquisa foram alcançados, como também, abriu-se um leque de possibilidades de entender a inserção do surdo não só no cinema, como também em toda a esfera que circunda a vida de Wiksendeles.

Tudo começou quando propusemos como tema saber como ocorre o “processo de inclusão do surdo no cinema, através de narrativas (auto)biográficas de um surdo na cidade de Mossoró/RN. Diante disso, surge o problema da pesquisa “como ocorre o processo de inclusão de surdos no cinema na cidade de Mossoró/RN”. Desse modo, com base em diversas conversas com o sujeito da pesquisa, surgiu a ideia inicial do projeto de pesquisa. Porém a possibilidade de realizar o meu pensamento de falar sobre a vida de um sujeito surdo, só foi possível quando conheci a metodologia (auto)biográficas, durante as aulas da professora Dra. Ana Lúcia de Oliveira Aguiar, nas disciplinas em caráter especial do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC. A concretização da pesquisa, os direcionamentos a seguir, o embasamento teórico, as orientações da professora Ana Lúcia, foram e são elementos essenciais, indispensáveis para tornar possível a efetivação da presente pesquisa.

Temas surgem de inquietações nossas perante a vida, não de uma invenção de nossa cabeça. Buscamos tudo aquilo presente para nos inquietar e nos afrontar. As respostas procuradas não são apenas metas desejadas, são interpretações de realidades, que por vezes, deixamos passar de maneira despercebida ou por não termos coragem o suficiente para enfrentar o desconhecido.

A metodologia (auto)biográfica foi a ferramenta usada nessa dissertação com responsabilidade de nos dar as interpretações de histórias ainda não ditas. Sabia que ao iniciar o processo de construção desse trabalho, a mesma metodologia utilizada para mergulhar na vida do sujeito dessa pesquisa, também ia ser aplicada em mim, como forma de esmiuçar as diversas interpretações de minha história até chegar no momento de minha vida adulta na missão de desenvolver esse trabalho.

Eu, historiador de formação acadêmica, vi-me “perdido”, no decorrer de alguns anos após o término do curso de história em 2006. Segui um caminho diferente do desejado, o qual, me formei para atuar como professor. De início, ao entrar na área de televisão, vi necessidade de trabalhar e de me sustentar, depois se tornou um grande prazer, me embrenhar no mundo da cinegrafia, amor herdado por meu pai, um grande amante do cinema. Na minha infância, lembro-me de cada detalhe de papai com a câmera na mão. Filmava o nosso cotidiano com um objetivo de registrar e eternizar momentos os quais pareciam irrelevantes, todavia eram momentos com muito valor para os filhos, pois os instantes ficaram imortalizados.

Eu tinha a impressão de que a minha paixão pelo cinema, desde quando eu era criança, teria uma utilidade em algum momento de minha vida. Os filmes os quais assisti, nortearam muitas de minhas escolhas, inclusive o desejo de ser historiador. O filme Indiana Jones, despertou a minha vontade de me tornar arqueólogo e, anos depois, ingressei no curso de História.

O que realmente quero dizer, ao explanar nesse derradeiro momento do trabalho, é que toda busca em compreender como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema na cidade de Mossoró/RN está interligada com minha vida e a história de Wiksendeles.

Assim, é possível enfatizar que a metodologia (auto)biográfica me esclareceu que nada em nossa vida é por acaso. Cada qualidade adquirida na nossa existência, talento ou dom são ferramentas presenteadas por Deus e que nós carregamos desde nosso nascimento, para vão ser utilizadas, cedo ou mais tarde em nossa formação, vivência e caminhada. De fato, no decorrer da construção dessa dissertação cada qualidade, talento ou falha carregada são elementos utilizados para nortear minhas escolhas e caminhos a seguir durante a concepção do presente trabalho.

Ao me reportar para o período anterior a esse trabalho, é imprescindível detalhar que a concepção dessa dissertação não seria possível, sem a base de sustentação, o que considero indispensável para tornar tudo realidade: a professora Ana Lúcia de Oliveira

Aguar. Quando me vi perdido e sem rumo anos após ao meu término do curso de História, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Faculdade de Educação – FE. Fazia alguns anos de desejo de retomar meus estudos e a oportunidade surgiu na abertura de vagas em caráter especial de mestrado do referido programa. Quando conquistei uma vaga para cursar, como aluno especial, me deparei com a disciplina *Memória, Formação e Pesquisa (Auto)Biográfica*, no Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC) da UERN.

Durante as aulas da disciplina em caráter especial, a professora Dra. Ana Lúcia Aguiar, trouxe à tona discussões fervorosas e relevantes que me incitaram a pensar de maneira profunda sobre vários aspectos da vida. Em história, estudamos sobre os diversos elementos essenciais para os fatos históricos, vestígios documentais, escritos e orais, no entanto a metodologia (auto)biográfica se mostrou muito mais complexa do que as primeiras noções que vimos na faculdade. A professora Ana Lúcia, com sua experiência de causa e seu profundo conhecimento nessa área de pesquisa, me concedeu vários outros olhares diante de um vasto horizonte. Esse fato foi determinante na construção de uma ideia inicial para criar o tema proposto para esse presente trabalho.

Quando me reporto à construção da dissertação e os caminhos do trabalho até aqui, percebo que Ana Lúcia Oliveira Aguiar trabalhou em mim, a vontade de ir mais longe, a capacidade de poder acreditar em mim de novo. Mesmo anterior ao meu ingresso no mestrado. Eu me via na condição de opressor de mim mesmo, logo era oprimido dos meus próprios sentimentos e a professora Ana, fez-me despertar de um estado de estagnação em que me encontrava. Esse fato foi determinante para o início desse novo “eu” e a busca de uma fase, rumo à concepção dessa dissertação.

O início de cada novo projeto vem, na maioria das vezes, carregado de histórias e acontecimentos para contar. As narrativas responsáveis pela construção desse trabalho, vão além de minha história e a de Wiksendeles, sujeito da pesquisa. São as histórias de nossos pais, da família, dos amigos, dos parentes de Wiki, de pessoas com surdez que vivem em torno de Wiksendeles, toda comunidade surda. Todas essas diferentes e múltiplas histórias formam a narrativa dessa dissertação. Nenhum fato aqui descrito existe de forma isolada. As interligações dos acontecimentos múltiplos, das diversas narrativas, fazem cada detalhe existente aqui estabelecer sentido. Esses entrelaçamentos de caminhos foram a base nas histórias de vida do sujeito dessa dissertação e isso se realizou ao longo das páginas desse trabalho.

As interpretações das histórias de vida formam a base para o entendimento que, por vezes, se perdem no caminho. A (auto)biografia traz à tona as ressignificações de cada detalhe histórico que um dia, por algum motivo, ficou lá no passado esquecido. Cabe a cada um retroceder no tempo e recriar o elo entre o passado e o presente e, assim, perceber que nada somos hoje, sem o que fomos ontem.

No primeiro capítulo dessa dissertação, intitulado como **conhecer a mim: narrativas (auto)biográficas de uma vida**, mergulhei sem medo no interior de minha própria vida. Decidi buscar as outras partes de mim espalhadas em fotos, filmagens, e história oral e pude reorganizar e compreender, de forma nítida, minha história. Não me recordo o quanto aprendi ao retornar ao meu passado, com tanto afinho, através da metodologia (auto)biográfica. Deparei-me com duras realidades, partes de mim, e com acontecimentos que me deram nitidez a pensamentos perdidos no escuro de minha memória. Não importa o quanto fiz de errado ou quantos acertos foram significativos, interessa que todos os caminhos por onde trilhei e segui fazem parte do mesmo “eu”.

Aqui, o que se torna relevante é a capacidade de compreender os acontecimentos de minha vida através das interpretações de mim mesmo e do mundo ao redor. As minhas irmãs e irmãos, minha avó, minha mãe, pai, minha saudosa e amada tia Maria Pinheiro (Kika), a primeira pessoa com surdez que conheci na vida. Minha tia amou e deu carinho como se fosse uma outra mãe. Kika é o elo entre minha pesquisa e Wiksendeles. Ambos interligados pela mesma limitação, porém em tempos diferentes e realidades específicas.

Nesse primeiro momento, redescobri e compreendi o que condicionou a formação de minha personalidade e caráter. A minha aproximação de elementos que me fizeram ingressar no mundo da arte, mesmo de forma empírica. Os primeiros desenhos, a iniciação em leituras de revistas em quadrinhos, os acordes de guitarra os quais aprendi na adolescência, o amor pelo cinema herdados do meu pai, a sétima arte, motivo de meus anseios em retratar imagens através de uma lente. Cada momento da vida com suas peculiaridades, embora pertencentes à história de uma mesma pessoa: eu.

Através dos múltiplos momentos que reafirmam quem eu sou no presente, pude ter uma visão “refinada” daquilo que foi responsável por minha formação como indivíduo. As vicissitudes da vida que me tornaram esse ser humano que aqui estou, com falhas e qualidades, condicionaram um aprimoramento de uma visão macro do meu novo eu. Reitero que apesar de ter sido esclarecedor conhecer a mim, da forma que eu me vi, durante a construção desse trabalho, a reconstrução do meu “eu”, foi tão dolorosa

que, durante a escrita dessas linhas, emocionei-me inúmeras vezes, de modo que abandonava, por minutos ou horas a produção do texto dessa dissertação.

O meu autoconhecimento proporcionado pela pesquisa (auto)biográfica, auxiliou-me para enxergar diferentes perspectivas de minha existência. Minha tia Kika, primeira pessoa surda que conheci, ensinou-me que a vida nos impõe barreiras e, mesmo assim, não podemos desistir de nenhuma adversidade. Hoje, entendo com mais eficácia o que minha tia queria dizer, pois lutou de maneira incansável para viver em uma sociedade a qual a inclusão estava longe da situação ideal para as pessoas com deficiência. Não se popularizava elementos efetivos que propiciassem a inserção da pessoa com deficiência nos anos 1980 e 1990.

Existia, de fato, diversas discussões sobre a inclusão surda, entre elas, o uso do oralismo e o surgimento dos primeiros sinais. Na Constituição Brasileira de 1988, o Brasil deu início às práticas democráticas no âmbito da educação especial e nos movimentos de surdos. Isso ocorreu com a participação de todos, com o interesse em apoiar a inclusão e tornar a acessibilidade inclusiva uma realidade. Os próprios surdos “arregaçam as mangas” e resolveram discutir suas possibilidades, seus sonhos e direitos perante a sociedade.

Essas informações sobre inclusão surda não chegavam a nós com tanta frequência como nos dias atuais. Durante minha infância, existiam outros problemas no país os quais nos desviaram a atenção. Naquele momento histórico, o Brasil recém-saído de uma Ditadura Militar, uma inflação instaurada por uma instabilidade econômica, diante de um ensaio tímido de um período democrático, ainda sem rumo definido. Todos esses fatos nos afastaram de nós mesmos, assim como o “problema” de surdez de minha tia Kika.

Ainda nesse primeiro capítulo, onde redescubro minha realidade histórica sobre o contexto em que vivia a minha tia, percebo que as adversidades por que toda minha família passou no decorrer dos anos, se fortaleceu em mim um senso de justiça que carregaria pelo resto de minha vida. Esse fato se deu, por minha capacidade de compreender o “outro”.

Primeiro ocorreu na minha família, onde aprendi a respeitar as várias opiniões de muitos irmãos, frente aos ensinamentos dos meus pais, de respeitar o outro e partilhar o que tínhamos entre todos, sem benefício de um ou outro.

Segundo essa afirmação de autojustiça em mim, foi enfatizada pela pesquisa (auto)biográfica, quando voltei às minhas memórias e enxerguei que o ambiente

familiar que me rodeava, me ensinou compartilhar tudo que tinha, pois diante de tantos irmãos, compreendi que um ambiente justo e harmônico resulta de nossa capacidade de entender e respeitar o universo do outro com senso de igualdade e equidade.

No segundo capítulo, **Surdo, memórias, vivências e descobertas. A (auto)biografia como instrumento de autoconhecimento e inclusão**, mergulhei na vida do sujeito da pesquisa, Wiksendeles de Souza Santos. Utilizei a metodologia (auto)biográfica, da mesma forma que fiz comigo no primeiro capítulo dessa pesquisa. Caminhei em um território até então desconhecido por mim. Mesmo tendo o conhecimento de parte de sua vida, por termos uma amizade de quase quinze anos, seu mundo e suas vivências, se demonstraram um universo significativo e profundo de uma história sobre surdez, lutas, vitória e superação. Apesar de conhecer, por anos, Wiksendeles, não tinha ideia do que ia encontrar no decorrer da pesquisa. Via uma perspectiva de atingir objetivos consideráveis, porque achei que conhecia Wiki o suficiente e, por isso, detinha um modesto controle de direcionar a pesquisa no seu curso correto. Descobri o meu engano. Wiksendeles era maior do que eu imaginei. O que conhecia dele era “insuficiente”, modesto e superficial. Assim posso afirmar, eu ainda não o conhecia de verdade.

Não basta conhecer os desígnios da pesquisa e a vida do sujeito apenas. Jamais saberemos de forma real a vida de um sujeito o observando de fora. Do exterior não conheceremos o núcleo, nem mesmo a vida, se não adentrarmos no ambiente do sujeito. A observação não será completa sem a vivência. Ao observamos uma fruta, por exemplo, saberemos que aquilo, à nossa frente, é uma maçã e que é vermelha, mas sem nos deliciarmos e sem a provarmos, não teremos ideia se ela é doce. De fato, é imprescindível adentrar no ambiente do sujeito, respirar e experimentar cada sensação de sua pertença, dessa forma, nós da pesquisa o fizemos. Mergulhamos com todo o corpo e mente no universo de Wiksendeles. A confiança que nos foi dada por parte de Wiki significou a autorização de viajarmos em suas histórias de vida e pegamos emprestado cada memória narrada pelo sujeito surdo, indivíduo central da pesquisa. Esse momento inicial, que marcou nosso primeiro passo no terreno do mundo de Wiksendeles, significou a validação de que a pesquisa estava no rumo certo.

A aplicação do método (auto)biográfico, durante as narrativas de Wiksendeles, foi essencial para compreender momentos de sua vida que não conhecia ainda. A oportunidade de Intérprete de Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, Rita de Cássia Araújo Amaro, estar presente durante as sessões de narrativas, proporcionou a

Wiksendeles a oportunidade de conhecer sua história mais a fundo. De modo que, a presença de Wiki, também, durante as narrativas de seus familiares, rendeu inesquecíveis detalhes de sua infância e vivências antes não conhecido por não ter uma comunicação em Libras com a família. Nesse momento, a intérprete Rita Amaro, repassou para Wiki, em Libras a história narrada por seus familiares de diversos momentos da trajetória de vida de Wiksendeles.

Instantes, como esse, marcaram o processo de autoconhecimento de Wiksendeles, através de narrativas de vida, proporcionado pelo método (auto)biográfico. A ideia que Wiki tinha em sua mente de alguns momentos de sua trajetória, foram modificados e ampliaram o conhecimento de um outro “eu”. Mesmo tendo conhecimento da trajetória de sua vida, se deparou com instantes ímpares, como por exemplo detalhes de quando era um bebê, contados com muita emoção por Maria Clara, mãe de Wiksendeles.

Essas reconstruções das memórias do sujeito dessa pesquisa foram reestruturadas a partir de outras lembranças de um grupo específico, no caso do sujeito da pesquisa, sua família. O que Wiksendeles conhece como sua história na verdade, baseia-se no conjunto de lembranças de outras pessoas. Sem essas histórias, a reconstituição dos fatos de um indivíduo fica incompletas. Durante as narrativas de Wiki, os fatos os quais relatou foram confirmados por suas irmãs e pais, no decorrer de narrativas sobre Wiksendeles. Porém nem todos os relatos dos membros de sua família era do conhecimento de Wiki. O exemplo dessa afirmação, está na história que a mãe de Wiksendeles contou sobre as fugas da escola, por não querer estudar na escola das pessoas ouvintes, fato que Wiki desconhecia até presenciar as narrativas de seus familiares.

Neste capítulo, observamos o crescimento do sujeito da pesquisa, no que se refere, ao rompimento das amarras entre Wiksendeles e sua família. A superproteção por parte dos pais e irmãs se anulou no momento em que Wiki conheceu a Libras e estudou em busca do seu autoconhecimento. Percebeu que era capaz de caminhar com seus próprios pés na direção escolhida por um sujeito que traçava uma nova postura em relação a sociedade e a ele mesmo. O entendimento de si mesmo, o despertou para a condição distinta, daquela vivida na sua infância, sem perspectiva alguma de uma convivência pacífica entre um surdo e a sociedade ao se redor. O despertar de Wiksendeles da condição de oprimido possibilitou a ascensão de um sujeito em busca de uma realidade, com concepção voltada para esperança de dias melhores, agora com

uma postura firme condicionada por um pensamento otimista de um sujeito surdo frente a sociedade.

O estado de opressão que existia, tanto da sociedade quanto do sujeito da pesquisa em relação a si mesmo, foi sendo anulado no decorrer do tempo por causa do seu autoconhecimento que, aos poucos, dava lugar a sua confiança em si mesmo para o enfrentamento do mundo que o rodeia. A vida que Wiksendeles escolheu, fez surgir uma nova versão do seu “eu”, pois percebeu que ele era o único capaz de libertar a si próprio de uma condição de oprimido e isso, no decorrer desse trabalho, é notório. A escolha de se ter outra postura, em relação à sociedade, foi o início da descoberta de que era capaz de mudar o mundo ao seu redor. Wiksendeles conseguiu mudar e agora quer um mundo ideal para uma convivência pacífica, com igualdade, equidade e justiça.

No terceiro capítulo **Processo de inclusão do surdo no cinema: audiovisual, como ferramenta auxiliar na pesquisa (auto)biográfica**, buscamos compreender como ocorreu o processo da inclusão do sujeito surdo no cinema, auxiliado pela pesquisa (auto)biográfica, metodologia utilizada e definida como norteador dos fatos narrados até aqui nessa dissertação.

Durante o desenvolver do capítulo, trabalhamos, de maneira mais efetiva, o tema proposto nessa pesquisa, de como ocorre o processo de inclusão do sujeito surdo no cinema. Houve a preocupação de contextualizar cada momento vivido e retratado aqui por Wiksendeles, sujeito dessa pesquisa. Por isso retornamos à infância de Wiki para entendermos o início de sua vida e sua trajetória até o presente. No caminho percorrido, compreendemos as interpretações de uma vida que nas “estranhas” de suas memórias, estariam as respostas para decisões tomadas que mudaram, em definitivo, o percurso de vida. No trajeto do trabalho, percebemos a relevância das memórias de Wiki, as vezes esquecida, como compreensão de si mesmo, ainda mais, ao se tratar da infância, a premissa de todos nós seres sociais. É essencial a história coletiva, para reconstruirmos a nossa história de vida. Durante as narrativas das irmãs de Wiksendeles e seus pais, percebemos quão se tornaram relevantes as informações citadas por familiares para reconstrução das memórias de Wiki. A soma das lembranças de Wiksendeles e a das memórias relatadas por sua família contribuíram para chegarmos a uma consonância histórica da vida do sujeito dessa pesquisa.

No terceiro capítulo, também explanamos a relevância da Lei Brasileira de Inclusão, Nº 13. 146/15, onde sua existência nos dias atuais, serve de garantia para a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade. Apesar de existir a lei, devemos, dia

após dia, lutar pela garantia da efetivação da LBI. A disseminação da informação sobre inclusão deve se perpetuar, de modo, a expandir a discussão sobre inclusão e conscientizar a sociedade do seu papel cidadão. Além disso, o capítulo trouxe um breve relato histórico do Brasil em relação a inclusão, onde na constituição de 1988, aborda em seu **Art. 3º**. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: (...) “IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.” E no **Art. 5º**. “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Enfim, durante a construção dessa pesquisa de dissertação, buscamos meios que enfatizassem a participação e inclusão dos surdos nas salas de cinema. O objetivo geral do nosso trabalho é saber como ocorre o *processo de inclusão de surdos no cinema na cidade de Mossoró/RN*. E diante disso, mergulhamos na vida de Wiksendeles para nos colocarmos no lugar do outro da pesquisa. Usamos a metodologia (auto)biográfica para adentrarmos no universo do sujeito da pesquisa. Dessa maneira, compreender o contexto em que vive o indivíduo central da pesquisa, Wiksendeles.

No decorrer da trajetória, nos deparamos com avanços significativos no quesito inclusão. A Lei Brasileira de Inclusão traz todo um aparato de normas que regulamentam o direito de acessibilidade do indivíduo com uma deficiência. Logo no seu **Art. 1º** vem “assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.” Logo, como podemos citar a Instrução Normativa 128/16, regulamentadas pela Agência Nacional de Cinema – ANCINE, onde as salas de exibição de cinema ou comercial devem possuir a chamada tecnologia assistiva, que possibilita à utilização dos recursos de legendagem, legendagem descritiva, audiodescrição e LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

Trouxemos o sujeito da pesquisa para a discussão sobre o tema proposto dessa dissertação de *como ocorre o processo de inclusão do surdo no cinema*. Compreendemos que apesar de todos os avanços que aconteceram ao longo de três décadas, Wiksendeles entende que, mesmo em consonância com leis com a causa da inclusão e compromissadas com a melhor inserção das pessoas com deficiência, ocorre uma carência da presença de tecnologias assistivas nas salas de cinema, sobretudo de Mossoró/RN. Esse fato denota uma realidade um tanto quanto controversa, já que a LBI

garante a participação, sem discriminação ou restrição, de todas as pessoas com deficiência nas salas de cinema, inclusive, os surdos. Apesar de compreendermos que há uma falta de tecnologias assistivas no ambiente do cinema, fato limitador na participação dos surdos nesse espaço, tivemos que construir todo um contexto, como forma de compreendermos o comportamento um sujeito surdo diante da falta de inserção nas salas de projeção. As diversas conversas que tive com Wiksendeles sobre o tema, perpetuou o sentimento de inquietação em mim, semelhante o que o sujeito da pesquisa sentiu, do mesmo modo, ocorre com a comunidade surda como um todo. Percebemos que frente a essa realidade devemos lutar para efetivar o que já está pressuposto em nossa Lei 13.146/15. Fazer valer cada direito enfatizado na construção da lei e baseada em uma realidade inclusiva na sociedade e na inserção dos surdos na sala do cinema. A discussão deve ser contínua e evidenciada a cada dia.

Wiksendeles, em suas narrativas finais, faz um apelo para que nós coloquemos a mão em nossa consciência em relação à inclusão do surdo no cinema e o direito de as pessoas surdas frequentarem a sétima arte. Atenta para que nos cinemas do Brasil e da cidade de Mossoró/RN existam salas com versão legendadas para filmes estrangeiros, para facilitar a presença dos surdos no cinema, dos mesmo modo é necessário que além de legendas, tenha a presença da janela de Libras, porque alguns surdos nunca foram a escola e não sabem ler, dessa maneira, a janela de Libras será mais uma ferramenta agregadora que remete a inclusão.

Como podemos perceber, a LBI é dotada de articulações explícitas ao exhibir as ferramentas que condicionem a presença das pessoas surdas no cinema. Percebe-se, de maneira clara, que apesar da garantia amparada na lei, as pessoas com deficiência auditiva, sofrem restrições quanto a sua participação no direito de estar no ambiente do cinema. Dessa maneira, compreendemos que há uma nítida ação comportamental por parte da sociedade ou o que definimos como barreira atitudinais. Estas barreiras que reforçam a ideia de que a sociedade deve expandir seu olhar, também para as pessoas com deficiência e compreender que o meio em que vivemos existe para todos e não, apenas para uma parcela de pessoas.

No passado recente existiam espaços exclusivos para pessoas com surdez, onde eram separados das outras pessoas, como um tipo de saída para que se pudesse trabalhar as especificidades surdas e dessa maneira era possível inseri-los em sociedade. Poderíamos então imaginar que, uma das saídas fosse construir cinemas, apenas para surdos? Creio que não. Jamais a resposta para a inclusão do surdo no cinema pode ser

compreendida na prática do separatismo. O mais sensato, talvez, fosse a existência de salas de cinema que contemplasse as diversas ferramentas de inclusão de uma só vez. Dispositivos, presentes em nossa realidade e garantidos por Lei e reforçados pela tecnologia eminente que se renova sempre.

A busca em compreender o processo de inclusão do surdo no cinema transcende os limites das paredes da sala de cinema. É um entendimento amplo de todo o contexto e vida de um sujeito surdo que nesse trabalho se torna a representação de toda uma comunidade surda. Perceber que, no decorrer de sua existência, fazemos diversas interpretações de recortes de sua vida, responsáveis por fazer clarear em nossas mentes que todo objetivo foi traçado ao iniciar essa pesquisa decorre de múltiplas questões que envolve o sujeito surdo até se deparar com a realidade de inserção no cinema. Nada em absoluto, pode ser visto como um simples recorte. É necessário ver todo o contexto. compreender o processo de inclusão do surdo no cinema, estar no início da vida do sujeito surdo, desde seu nascimento. Ultrapassa as questões estruturais e comportamentais da sociedade. Parte de nós e da capacidade de entendimento e aceitação do outro. Talvez esse seja o primeiro passo.

Diante de todo contexto dessa dissertação, entre encontros e desencontros, memórias, reconstrução do passado, trajetórias e ressignificações e interpretações, almejo dias melhores. A esperança, a fé, a luta devem caminhar juntas por um objetivo comum que contribua para uma sociedade justa e igualitária entre os seres humanos, sem distinções e que um dia as páginas dessa dissertação sirvam de trampolim para a construção de uma sociedade melhor e de convivência mútua entre todos da sociedade. Valeu ter vivenciado cada momento dessa história que, a partir de hoje faço parte por toda a eternidade. A vida é muito mais do que podemos ver. Está além de nossa zona de conforto. Reside na capacidade de autoanálise e de uma visão crítica de nós mesmos. Quando encontrarmos em nós o que esperamos do outro, será o início de um caminho em que teremos que percorrer de maneira contínua, pois tudo é inacabado. A ideia de que chegaremos a um estágio supremo de equilíbrio entre todos os indivíduos em sociedade, pode ser utópico, mas que dia após dia podemos vislumbrar um mundo de uma convivência satisfatória, amparada na justiça e no incansável sonho de tornar a sociedade uma realidade para equidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. L.O. **Memória identidade na trajetória dos órfãos de pau de colher: acontecimentos, pessoas e lugares. Artigo.** 2012 – Disponível em: www.uvanet.br/historiar/index.php/1/article/download/65/51. Acesso em: 10 janeiro. 2018.

AMARAL.M.H D. **Análise de Obras Cinematográficas para Compreender as Concepções de Professores sobre o Aluno com Deficiência.** 2015 – CAPES

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação.** Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994

BRANDENBURG, L. E. LÜCKMEIER, C. **A História da Inclusão X Exclusão Social na perspectiva da Educação Inclusiva.** Anais do Congresso Estadual de Teologia. São Leopoldo: EST, v. 1, 2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BRASIL. Senado Federal. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência:** Nº 13.146/15. Brasília, 2015.

COSTA, F.M.P. **Narrativas da inclusão de um aluno autista: as crianças e seus modos de fazer inclusivos no contexto escolar.** 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – UERN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

DUARTE, E. F. **O uso da tecnologia assistiva na inclusão de alunos surdos um olhar sobre a realidade de uma escola pública do município de Mossoró/RN.** 2015 – Dissertação (mestrado em educação) – UERN, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

FERREIRA, L. M. P. **Tradução Audiovisual: Legendagem para surdos; Legendagem -Televisão – Portugal.** 2014. - CAPES

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Coletivo Sabotagem. Ano da Digitalização: 2002. Ano da Publicação Original: 1996

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

JOSSO, M. C. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação PUCRS, v.30, n.3, p.413-438, set-dez. 2007

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/ CFAP, 2008. p. 37-50.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A antropologia diante dos problemas do mundo moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér (org.). **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, A. K. **Pessoa Do Tema: A abordagem processual da escrita na composição de legendas**. 2014 - CAPES.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **Narrativa autobiográfica: uma prática reflexiva na formação docente**. (trabalho publicado nos anais do II Colóquio Nacional da Afirse – UNB – set/2003) Universidade Federal do Rio Grande do Norte-Brasil. Disponível em: MC Passeggi - II COLÓQUIO NACIONAL DA AFIRSE. Anais... Brasília: ... 2003. Acesso em: 15 set. 2015

PUC – RIO fonte - https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16105/16105_4.PDF

QUADROS, Ronice Müller. **Estudos surdos I**. [Petrópolis, RJ]: Arara Azul, 2006.

QUADROS, Ronice Müller. **Estudos surdos II**. [Petrópolis, RJ]: Arara Azul, 2007

QUADROS, Ronice Müller. **Estudos surdos III**. [Petrópolis, RJ]: Arara Azul, 2008.

SOUZA, C. P. **A videobiografia como dispositivo de pesquisa-ação-formação: uma prática educativa com adolescentes abrigados**. 2014 – UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Editora Vozes. – Petrópolis: 1974.

SOLINGO, Rosaura. **O construtivismo é uma aventura criadora da liberdade**
Entrevista Disponível em: < : <https://youtu.be/1K4WlrJirzU>> Acesso em 24 de janeiro de 2018.

VILAÇA, Sergio Henrique Carvalho. **Inclusão audiovisual através do cinema de animação**. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2006.